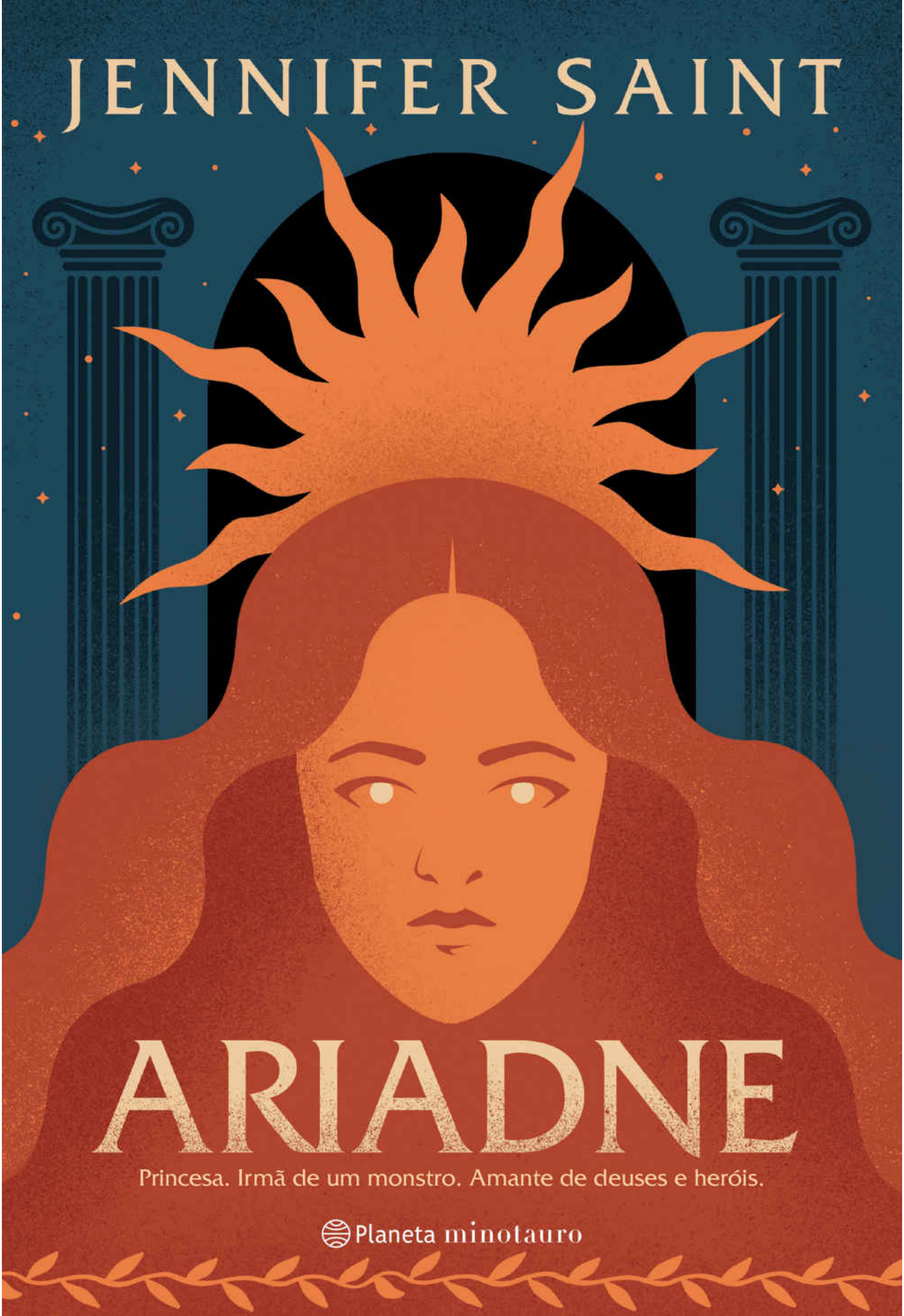
JENNIFER SAINT



ARIADNE

Princesa. Irmã de um monstro. Amante de deuses e heróis.

Planeta minotauro

ARIADNE

JENNIFER SAINT

ARIADNE

Tradução
Fernanda Cosenza

Planeta minotauro

Copyright © Jennifer Saint, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Fernanda Cosenza
Todos os direitos reservados.
Título original: *Ariadne*

Preparação: Bárbara Parente
Revisão: Maitê Zickuhr e Bianca Oliveira
Diagramação e projeto gráfico: Vivian Valli
Capa: Joanna O'Neill
Adaptação de capa: Beatriz Borges
Imagem de capa: cabelo: © Alpha-C/Getty Images; pilastras: © VikiVector/ Getty Images; raios de sol: © Tamiris6/Getty Images; rosto: © jujustr/ Getty Images; videiras: © Masha Minaeva/Shutterstock.com
Adaptação Para Ebook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Saint, Jennifer
Ariadne [livro eletrônico] / Jennifer Saint; tradução de Fernanda Cosenza. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
ePUB

ISBN 978-65-5535-836-0 (e-book)
Título original: *Ariadne*

1. Ficção inglesa 2. Ariadne (Personagem fictício) 3. Mitologia grega I. Título II. Cosenza, Fernanda

22-4500 CDD 823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção inglesa

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Para Ted e Joseph.
Espero que saibam que seus sonhos
podem mesmo se tornar realidade.

“Para Atenas avanças a bordo da nau veloz;
À multidão curiosa, narra os feitos com tua voz.
Como foi que derrotaste o híbrido prodígio,
Besta e homem dizimados com o teu artifício.
Descreve o Labirinto e como escapaste no fim,
conquistando a liberdade auxiliado por mim.”

— carta de Ariadne para Teseu
Cartas das Heroínas, de Ovídio

Prólogo

Contarei a história de um homem honrado.

O homem honrado da história é o rei Minos de Creta, que partiu para travar uma grande guerra contra Atenas. O conflito era em retaliação pela morte de seu filho, Androgeu, o poderoso atleta que tinha se sagrado vencedor nos Jogos Panatenaicos, mas acabara destroçado por um touro enfurecido numa colina erma da cidade. Minos, que responsabilizava os atenienses pela perda do filho vitorioso, tinha sede de uma punição sangrenta por terem falhado em proteger o garoto da besta selvagem.

A caminho de infligir toda sua ira ao povo de Atenas, Minos parou para destruir o reino de Mégara, como uma demonstração de força. O rei de Mégara, Niso, era muito conhecido pela invencibilidade, mas sua fama não foi páreo para o poderoso Minos, que cortou a mecha de cabelo carmesim da qual provinha a força dele. Desprovido daquele cacho vermelho-sangue, o homem indefeso foi morto pelo triunfante Minos.

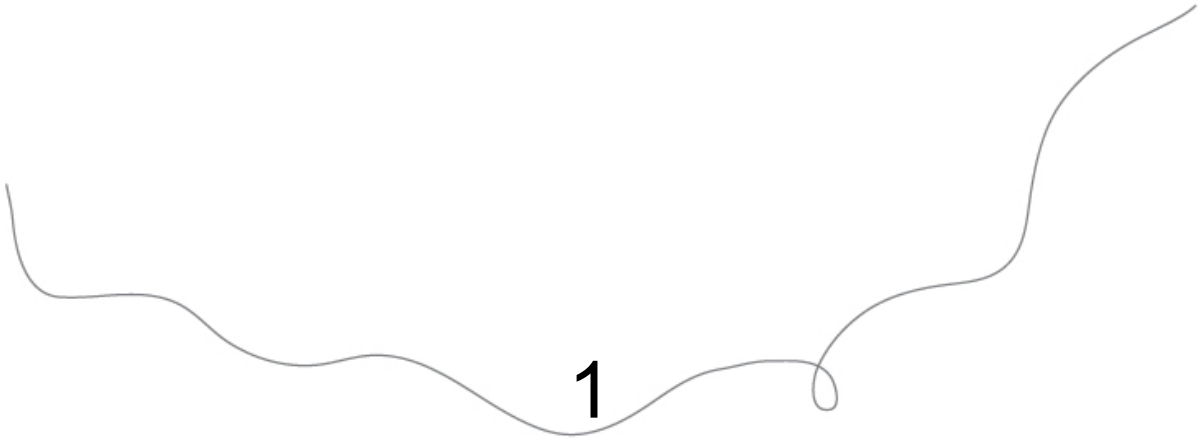
Como ele sabia que deveria cortar o cabelo de Niso? Minos me relatou com animação que a filha do rei, a bela princesa Cila, havia se apaixonado perdidamente por ele. Enquanto ela sussurrava doces juras de amor em seus ouvidos receptivos, dizendo que

abriria mão com prazer de seu lar e sua família em troca do amor dele, deixou escapar a chave para a ruína do pai.

Claro que Minos tinha razão para ficar revoltado com aquela falta de decência e devoção filial, por isso, depois que todo o reino sucumbiu ao golpe de seu machado sangrento, ele amarrou a garota apaixonada à popa do navio e a arrastou devotamente até sua sepultura nas águas, enquanto ela gritava e maldizia a própria crença no amor.

Ela havia traído o pai e seu reino, ele me contou, ainda radiante com o brilho da vitória ao retornar da conquista de Atenas. E de que serviria para o meu pai, o rei Minos de Creta, uma filha traidora?

PARTE I



1

Eu sou Ariadne, princesa de Creta, embora a minha história nos leve para muito longe da costa rochosa de onde vim. Meu pai, Minos, gostava de me contar essa história, de como sua conduta moral irrepreensível lhe rendera a conquista de Mégara, a subserviência de Atenas e a chance de ilustrar com clareza seu discernimento impecável.

Diz a lenda que, no instante do afogamento, Cila se transformou em uma gaivota. Em vez de ser libertada daquele destino cruel, ela passou a ser perseguida de modo implacável pela águia rajada de carmesim, empenhada em se vingar por toda a eternidade. Eu não duvido de que houvesse verdade nisso, pois os deuses sempre gostaram de um espetáculo prolongado de sofrimento.

Mas, quando eu pensava em Cila, via aquela garota ingênua e humana lutando para respirar entre a espuma das ondas agitadas, no rastro da embarcação de meu pai. Eu a via sendo puxada para

baixo no tumulto das águas, não apenas pelas correntes de ferro com que meu pai a prendera, mas também pelo peso da terrível verdade de que ela havia sacrificado tudo que conhecia por um amor tão efêmero e transitório quanto os arco-íris que cintilavam sobre os respingos do mar.

Sei que os esforços sangrentos de meu pai não se limitaram a Cila ou Niso. Ele cobrava um preço terrível pela paz de Atenas. Zeus, o governante feroz e todo-poderoso dos deuses, que apreciava a força nos mortais, favoreceu seu protegido Minos com a dádiva de uma praga que varreu Atenas numa tempestade de doença, agonia, morte e pesar. Os gritos deviam ter preenchido o ar à medida que as mães viam os filhos adoecerem e morrerem diante de seus olhos, os soldados desabavam nos campos de batalha, e a poderosa cidade – cuja força provinha, como em todas as outras cidades, da fraca carne humana – começou a afundar sob as pilhas de cadáveres que a praga de meu pai gerava. Não tiveram outra escolha a não ser ceder às exigências dele.

No entanto, não era riqueza nem poder o que Minos queria de Atenas. Era um tributo – sete rapazes e sete donzelas atenienses, que todos os anos atravessavam as ondas até Creta para saciar o apetite da monstruosidade que ameaçara cobrir minha família de vergonha, mas que, em vez disso, havia nos elevado ao patamar de lendas. O rugido da criatura fazia o piso de nosso palácio estremecer quando a época da refeição anual se aproximava, mesmo estando ela escondida muito abaixo do solo, no centro de um labirinto mantido na penumbra, tão vertiginoso que ninguém que entrasse nele era capaz de encontrar o caminho de volta para a luz do sol.

Um labirinto cujo segredo só eu conhecia.

Um labirinto que abrigava ao mesmo tempo a maior humilhação e o maior trunfo de Minos.

Meu irmão, o Minotauro.

Quando eu era criança, os caminhos e as curvas do palácio de Cnossos exerciam em mim um fascínio infinito. Eu serpenteava pela assombrosa variedade de cômodos, deslizando a palma da mão pelas paredes lisas e vermelhas enquanto vagava pelos corredores sinuosos. Meus dedos traçavam o contorno do lábris – o machado de lâmina dupla gravado em cada uma das pedras. Descobri mais tarde que, para Minos, o lábris representava o poder de Zeus usado para evocar o trovão, uma poderosa demonstração de autoridade. Aos meus olhos, enquanto eu corria pelo labirinto de meu lar, ele parecia uma borboleta. E era na borboleta que eu pensava ao emergir do casulo penumbroso do interior do palácio para o amplo e glorioso pátio banhado de sol. No centro havia um enorme círculo polido e brilhante, e foi ali que passei as horas mais felizes da minha juventude. Girando e ziguezagueando num balé hipnótico, criando uma tapeçaria invisível com os pés pelo chão daquela minha pista de dança: um milagre de madeira entalhada, uma proeza magnífica de Dédalo, o renomado artesão. Embora, evidentemente, essa não fosse se tornar a mais famosa de suas invenções.

Eu o observara durante a construção daquele piso; uma garota ansiosa, espiando por cima do ombro dele com impaciência para ver o projeto concluído, sem perceber que estava testemunhando a arte

de um inventor cuja fama se espalharia por toda a Grécia. Talvez até mesmo pelo resto do mundo, embora eu não soubesse muito sobre o mundo – na verdade, eu pouco sabia sobre qualquer coisa além dos muros de nosso palácio. Ainda que mais de dez anos tenham se passado, quando me lembro de Dédalo, vejo um homem jovem cheio de energia e de fogo criativo. Enquanto eu o via trabalhar, ele me contava como tinha aprendido seu ofício ao viajar por muitos lugares, até seu talento extraordinário chamar a atenção de meu pai, que lhe oferecera uma bela compensação para mantê-lo ali. Dédalo havia estado em toda parte, e eu absorvia cada uma de suas palavras quando ele descrevia a areia escaldante dos desertos egípcios ou os reinos inacreditavelmente distantes de Ilíria e Núbia. Embora eu visse os navios partindo da costa de Creta, com seus mastros e velas construídos sob a supervisão habilidosa de Dédalo, podia apenas imaginar qual seria a sensação de cruzar o oceano a bordo de um deles, de sentir as tábuas de madeira estalando sob meus pés enquanto as ondas assobiavam e se chocavam contra o casco.

Nosso palácio era cheio das criações de Dédalo. As estátuas que ele esculpia pareciam tão vivas que, não fossem as correntes que as mantinham presas às paredes, talvez saíssem andando por aí. Seus primorosos cordões de finos elos dourados brilhavam no pescoço e nos pulsos de minha mãe. Um dia, percebendo meu olhar de cobiça, ele me presenteou com um delicado pingente de ouro – duas abelhas entrelaçadas em volta de um pequenino favo de mel. Quando a joia reluzia ao sol, tão opulenta e lustrosa, eu achava que as minúsculas gotas de mel iriam derreter e escorrer no calor.

— Para você, Ariadne. — Ele sempre falava comigo num tom sério, e eu gostava disso.

Não me sentia uma criança chata, a filha que jamais comandaria uma frota de navios ou conquistaria um reino, e que por isso era de pouco interesse ou utilidade para Minos. Se Dédalo fazia aquilo apenas para me agradar eu nunca soube, mas sempre tive a sensação de que conversávamos de igual para igual.

Peguei o pingente com um ar curioso, virando-o entre os dedos, maravilhada com sua beleza.

— Por que abelhas? — perguntei.

Dédalo virou as palmas da mão para cima e deu de ombros, sorrindo.

— Por que não abelhas? — disse ele. — As abelhas são queridas por todos os deuses. Foram elas que alimentaram com seu mel o jovem Zeus escondido na caverna, enquanto ele ficava forte o bastante para derrotar os poderosos Titãs. As abelhas produzem o mel que Dioniso mistura com seu vinho para adoçá-lo e torná-lo irresistível. Dizem que até o monstruoso Cérbero, guardião do Submundo, pode ser domado com um bolo de mel! Com esse pingente no pescoço, você será capaz de dobrar qualquer um à sua vontade.

Nem precisei perguntar quem eu precisaria dobrar à minha vontade. Toda Creta se sujeitava ao juízo implacável de Minos. Eu sabia que nem o enxame mais poderoso de abelhas seria suficiente para demovê-lo o mínimo que fosse, mas ainda assim fiquei encantada com o presente e passei a usá-lo o tempo todo. Ele reluzia orgulhosamente em meu pescoço quando fomos ao casamento de Dédalo, um banquete abundante oferecido por meu pai, que estava muito satisfeito pela união de Dédalo com uma filha de Creta. Mais uma ligação para mantê-lo ali, permitindo que Minos

se gabasse de seu aclamado inventor. Com a morte da esposa durante o parto do filho, menos de um ano após o casamento, Dédalo encontrou consolo no bebê, Ícaro, e eu adorava vê-lo embalando o menino nos braços, mostrando à criança distraída as flores, os pássaros e as muitas maravilhas do palácio. Fascinada por ele, minha irmã mais nova, Fedra, o seguia com o passinho cambaleante, e quando eu me cansava de desviá-la dos tantos perigos que pudesse encontrar pelo caminho, deixava Dédalo com os dois e voltava para o amplo círculo da minha pista de dança.

No começo, minha mãe, Pasífae, dançava comigo; na verdade, foi ela que me ensinou. Não as sequências de passos formais; em vez disso, ela me ofereceu a dádiva de criar formas fluidas e sinuosas a partir de movimentos loucos e caóticos. Eu ficava observando como ela se lançava à música, um frenesi gracioso, e fazia igual. Ela transformava aquilo numa brincadeira para mim, enumerando constelações para que eu as traçasse com os pés sobre o piso, formações estelares sobre as quais ela tecia tanto histórias quanto passos de dança.

— Órion! — dizia ela, e eu começava a pular freneticamente de uma posição a outra, imaginando os pontos de luz que formavam o caçador condenado no céu. — Ártemis o colocou ali para que pudesse olhar para ele todas as noites — confidenciou ela quando nos jogamos no chão juntas para recuperar o fôlego. — Ártemis era uma deusa virgem, defensora fervorosa de sua castidade — Pasífae me explicou. — Mas ela favorecia Órion, um homem mortal, companheiro de caça cuja habilidade quase se igualava à dela.

Posição perigosa para um humano. Os deuses podiam até apreciar as habilidades dos mortais na caça, na música ou na

tecelagem, mas estavam sempre vigilantes quanto à arrogância, e ai do homem cujo talento se aproximasse daquele dos deuses. Se havia uma coisa que os imortais não toleravam era a inferioridade em relação a quem quer que fosse.

— Decidido a rivalizar com a habilidade prodigiosa de Ártemis, Órion ficou desesperado para impressioná-la — continuou minha mãe. Lançou um olhar para onde Fedra e Ícaro estavam brincando, no limiar do piso de madeira. Os dois eram inseparáveis na maior parte do tempo, e Fedra ficava extasiada com a chance de ser a irmã mais velha para variar, tendo alguém menor a quem pudesse dar ordens. Percebendo que eles estavam entretidos com a brincadeira e não prestavam atenção em nossa conversa, Pasífae retomou a história. — Talvez na esperança de fazê-la quebrar seu voto celibatário, ele acreditava que conquistaria a admiração dela matando um número suficiente de criaturas. Então os dois vieram até aqui, até Creta, para uma grande caçada. Dia após dia, abateram os animais da ilha e dispuseram os corpos em pilhas altas como montanhas para atestar sua proeza. Mas Gaia, a mãe de todas as coisas, foi despertada de seus sonhos tranquilos pelo sangue que encharcava o solo, e ficou horrorizada com a carnificina que Órion estava empenhado em realizar com sua adorada deusa. Gaia temia que ele de fato aniquilasse todos os seres vivos, como se gabava a Ártemis que faria, embriagado pelo próprio frenesi. Então Gaia evocou, de sua câmara subterrânea secreta, uma de suas criações: o escorpião colossal, que ela lançou em direção ao orgulhoso Órion. Ninguém nunca vira uma criatura daquelas. O exoesqueleto cintilava como obsidiana polida. Cada uma das enormes garras em forma de pinça tinha o tamanho de um homem adulto, e o rabo ameaçador

que se curvava em direção ao céu sem nuvens bloqueava a luz de Hélio, lançando uma sombra escura e monstruosa à frente.

Eu estremecia ouvindo a descrição da besta lendária, fechando os olhos bem apertados ao imaginá-la assomando diante de mim, de uma feiura e crueldade inimagináveis.

— Órion não teve medo — continuou Pasífae. — Ou pelo menos não demonstrou. Mesmo assim, não era páreo para o monstro, e Ártemis não interveio para livrá-lo das garras do poderoso escorpião… — Aqui ela fez uma pausa, e seu silêncio pintou uma imagem mais vívida dos esforços inúteis de Órion do que as palavras jamais poderiam ter feito. Retomou a história depois de um instante em que pude ver a vida sendo arrancada dele, por fim subjugado e exposto em sua fraqueza humana, extenuado pelas tentativas de se manter tanto tempo no nível dos deuses tendo uma constituição mortal. — Ártemis lamentou a perda do companheiro, por isso recolheu os resquícios do corpo dele que haviam se espalhado por Creta e os colocou no céu para queimarem na escuridão, assim ela poderia olhar para ele todas as noites quando saísse com seu arco de prata, sozinha, mantendo intactas a própria virtude e supremacia.

Havia muitas histórias como essa. O céu noturno parecia abarrotado de mortais que tiveram contato com deuses e que agora ardiam para o mundo lá embaixo como exemplos do que os imortais eram capazes de fazer. Naquela época, minha mãe mergulhava nessas narrativas da mesma forma que na dança, com um desprendimento selvagem, antes de perceber que esses prazeres inocentes seriam tomados como evidências de seu excessivo descontrole. Não tinham ainda começado a acusá-la de ser devassa, pouco feminina ou ter sentimentos anormais, então ela dançava

comigo sem reservas, enquanto Fedra e Ícaro brincavam juntos, absortos num jogo qualquer, num mundo que eles mesmos criavam. O único julgamento que tínhamos a temer era a racionalidade fria e insensível de meu pai. Mas podíamos dançar juntas, mãe e filha, para afastar o medo.

Quando me tornei moça, porém, eu já dançava sozinha. O barulho de meus pés batendo na madeira brilhante criava um ritmo no qual eu me perdia, uma dança espiralada capaz de me consumir. Mesmo sem música, o som abafava os rugidos distantes ribombando sob os nossos pés e o ruído de cascos imensos movendo-se muito abaixo do solo, no centro da construção que havia consolidado definitivamente a fama de Dédalo. Eu esticava bem os braços para cima, em direção ao céu tranquilo, e durante aquela dança esquecia os horrores que viviam lá embaixo.

Isso nos leva a outra história, uma que Minos não gostava de contar. De um tempo no início de seu reinado, quando, sendo um de três irmãos que rivalizavam entre si, estava desesperado para provar seu valor. Ele pediu a Posêidon que lhe mandasse um touro magnífico e jurou de pés juntos que sacrificaria o animal para honrar o deus dos mares, garantindo assim, de uma só vez, tanto a boa vontade de Posêidon quanto a própria autoridade em Creta.

Posêidon enviou-lhe o touro, o aval divino que legitimava o governo de Minos sobre Creta, mas sua beleza era tanta que meu pai achou que poderia enganar o deus, sacrificando outro animal, bem inferior, para ficar com o touro cretense para si. Insultado e enfurecido por ter sido desafiado, o deus dos mares planejou sua vingança.

Minha mãe, Pasífae, é uma das filhas de Hélio, o grande deus do sol. Diferente do fulgor escaldante de meu avô, ela irradiava uma suave cintilância dourada. Eu me lembro dos raios delicados de seus olhos num tom peculiar de bronze, do calor veranil de seu abraço e do clarão liquefeito de sua risada. Nos dias da minha infância em que ela ainda olhava para mim, e não através de mim. Ela infundia o mundo com seu brilho; antes de se tornar uma placa translúcida de vidro que refratava a luz, mas que jamais voltou a derramar seus preciosos raios luminosos. Antes de pagar o preço pela injúria do marido.

Coberto de sal e de pequenos crustáceos, Posêidon se ergueu das profundezas do oceano com um poderoso jato salgado de fúria. Direcionou a polidez prateada de sua vingança não a Minos, o homem que tentara enganá-lo e desonrá-lo, mas à minha mãe, a rainha de Creta, instilando nela uma paixão ensandecida pelo touro. O desejo a tornou astuta e traiçoeira, e, tomada por uma luxúria animalesca, ela persuadiu o desavisado Dédalo a criar uma vaca de madeira tão convincente que o touro se enganou e montou, ao mesmo tempo, nesta e na rainha tresloucada escondida ali dentro.

A união era tema proibido do falatório cretense, mas alguns rumores chegaram até mim, envolvendo-me nos tentáculos maldosos da zombaria. A fofoca veio de bandeja para os nobres rancorosos, os mercadores debochados, os escravos infelizes, as garotas transtornadas com o fascínio macabro daquele horror, os rapazes deslumbrados com a ousadia aberrante da coisa toda – os cochichos e mexericos, os sibilos de desaprovação e as risadinhas de escárnio foram levados pelo vento até cada canto do palácio. Posêidon, ao mesmo tempo em que parecia ter errado o alvo, havia

desferido o golpe com uma precisão mortal. O fato de ter sido poupado enquanto sua esposa caía naquela desgraça tão grotesca humilhou Minos – traído com uma besta estúpida e casado com uma mulher ensandecida por desejos anormais.

Pasífae era linda, e sua ascendência divina representava um magnífico dote de casamento para Minos. Haviam sido justamente a delicadeza, o refinamento e a doçura que fizeram dela o orgulho do rei, e por isso mesmo sua degradação devia ser tão prazerosa para Posêidon. Se você tivesse algo que lhe desse orgulho, que elevasse sua posição acima dos outros mortais, me parecia ser essa a coisa que os deuses mais se deleitavam em arruinar. Certa manhã, não muito tempo depois da ruína de Pasífae, fiquei pensando nisso. Enquanto penteava as madeixas longas e sedosas de minha irmã mais nova, um atributo que ambas herdáramos de nossa mãe radiante, comecei a chorar; assustada, percebi que cada uma daquelas mechas douradas era um chamariz para os colossos divinos que pisavam os céus, e que eles poderiam tomar nossos pequenos triunfos e fazê-los em pedacinhos entre seus dedos imortais.

Minha aia, Irene, me encontrou soluçando nos cabelos de uma Fedra um tanto confusa.

— Ariadne — chamou ela baixinho. Devia estar com pena de mim pela forma especialmente grotesca como a minha inocência infantil havia sido abalada. — O que aconteceu?

Com certeza achou que eu chorava pela vergonha de minha mãe, mas eu tinha o pensamento autocentrado de uma criança e, naquele momento, temia por mim.

— E se os deuses… — Eu soluçava entre as lágrimas. — E se eles levarem o meu cabelo e me deixarem feia e careca?

Talvez Irene tenha contido um sorriso, mas não deixou que eu percebesse. Em vez disso, me afastou de Fedra com delicadeza e pegou o pente das minhas mãos.

— E por que eles fariam uma coisa dessas?

— Se o meu pai irritar os deuses outra vez! — eu gritei. — Eles podem pegar o meu cabelo para que ele sinta vergonha de ter uma filha horrorosa.

Fedra franziu o nariz.

— Uma princesa não pode ser careca — disse ela decidida.

Uma princesa careca seria inútil. Minos sempre falava sobre o casamento que eu teria um dia; uma união gloriosa que encheria Creta de honra. Ele não devia ter se gabado disso. A compreensão arrepiante me gelou até os ossos. Como eu poderia me defender de seus erros? Se os deuses ofendidos por ele tinham atacado sua esposa, por que não sua filha?

Senti uma mudança em Irene quando ela se sentou ao meu lado. Minhas palavras a haviam surpreendido. Sem dúvida, ela esperava que eu estivesse contrariada por causa de uma bobagem qualquer, um detalhe que ela poderia fazer desaparecer feito a bruma se dissolvendo ao toque róseo da aurora. O que eu não sabia era que havia me deparado com a realidade de ser mulher: por mais que levássemos uma vida irrepreensível, as paixões e a cobiça dos homens poderiam nos levar à ruína, e não havia nada que pudéssemos fazer.

Irene não podia negar essa verdade. Então ela nos contou uma história. A de um herói valoroso, Perseu, nascido do raio dourado de

Zeus, ao visitar a adorável e solitária Dânae presa em sua câmara de bronze, de onde, por uma abertura no teto, podia olhar apenas para o céu. Ele cresceu um filho digno do pai brilhante e, como todos os heróis devem fazer, derrotou um monstro terrível e livrou o mundo de sua devastação. Já conhecíamos a história de como ele cortara o pescoço da górgona, Medusa, e ficávamos entusiasmadas na parte em que as serpentes que cresciam daquela cabeça medonha se contorciam, cuspindo e assobiando, enquanto ele brandia a espada magnífica. Os relatos de seu feito tinham chegado só recentemente à nossa corte, e todos ficamos maravilhados com a coragem dele, estremecendo ao imaginar o escudo que agora exibia a cabeça da górgona e transformava em pedra qualquer um que olhasse para ele.

Mas Irene não falou sobre Perseu nesse dia. Em vez disso, ela nos contou como Medusa ganhara sua coroa de serpentes e seu olhar petrificante. Era uma história que eu talvez precisasse ouvir nos últimos tempos. Meu mundo não era mais o dos bravos heróis; eu estava aprendendo um tanto depressa sobre a dor das mulheres que pulsava, de forma implícita, nos relatos daqueles feitos.

— Medusa era linda — Irene nos disse. Ela tinha deixado o pente de lado, e Fedra subiu em seu colo para escutar. Minha irmã quase nunca sossegava, mas histórias tinham o poder de mantê-la entretida. — Minha mãe a viu uma vez, em um grande festival em homenagem a Atena, a certa distância, mas conseguiu reconhecer Medusa pelo cabelo glorioso. Ele brilhava como um rio, e ninguém teria confundido aquela donzela com nenhuma outra. Mas ao crescer e se tornar uma moça arrebatadora, ela jurou permanecer casta, e ria na cara dos pretendentes que imploravam por sua mão… — Irene fez uma pausa, como se tivesse de escolher as palavras com

cuidado. E tinha mesmo, pois sabia que aquela narrativa não era apropriada para jovens princesas. Ela devia ter lá seus motivos, porque nos contou a história mesmo assim. — No templo de Atena, apresentou-se um pretendente que ela não podia ridicularizar nem evitar. O poderoso Posêidon desejava a bela garota para si e não quis nem saber de seus gritos e súplicas, tampouco teve qualquer problema em profanar o templo sagrado onde estavam. — Irene inspirou lenta e profundamente.

Minhas lágrimas já tinham parado de correr, e eu escutava com atenção. Só ouvira dizer que Medusa era um monstro. Nunca me ocorrera que ela poderia ter sido qualquer outra coisa. As lendas sobre Perseu não abriam espaço para que Medusa tivesse a sua própria versão.

— Atena ficou furiosa — Irene continuou. — Sendo ela mesma uma deusa virgem, não tolerava um crime tão obsceno em seu próprio templo. Precisava punir a garota, tão indecente a ponto de se deixar dominar por Posêidon e, com aquele erro, ofender a sensibilidade de Atena de forma tão vil.

Foi Medusa que teve de pagar pelo ato de Posêidon. Não fazia o menor sentido, mas então mudei meu ponto de vista para enxergar a situação segundo a lógica dos deuses. As peças se encaixaram: um quadro horrível quando visto pela perspectiva mortal, do mesmo jeito que a beleza de uma teia de aranha deve parecer aterrorizante para uma mosca.

— Atena atingiu o cabelo de Medusa e a coroou, no lugar dele, com serpentes vivas. Tirou sua beleza e deixou seu rosto com uma aparência tão horrenda que transformaria em pedra quem olhasse para ela. E assim Medusa se revoltou, deixando estátuas por onde

passava, estátuas cujas fisionomias ficavam para sempre congeladas numa expressão de repulsa e horror. Com o mesmo fervor com que um dia a desejaram, os homens agora a temiam e fugiam dela. Ela se vingou uma centena de vezes antes de Perseu decapitá-la.

Balancei a cabeça, emudecida de choque.

— Por que você está nos contando isso, Irene, em vez das histórias de sempre?

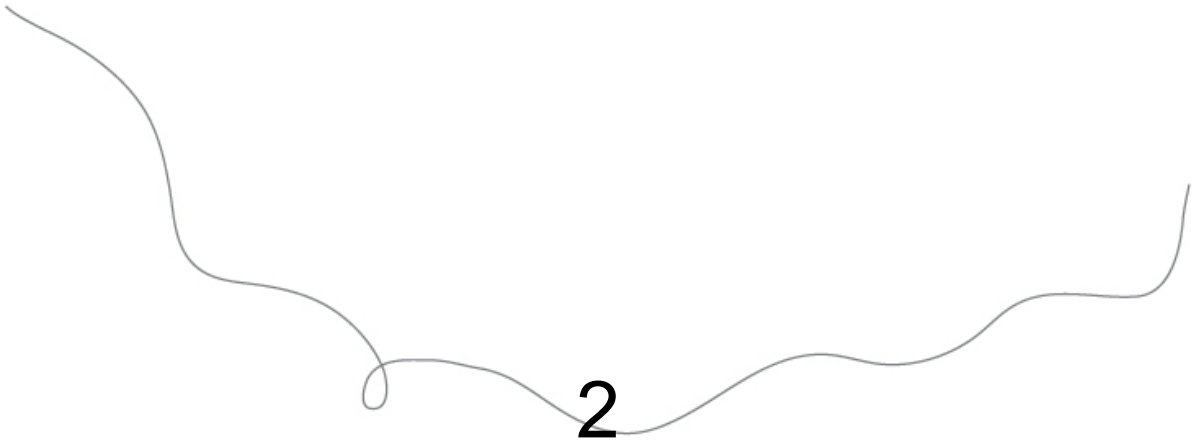
Ela acariciou meu cabelo, mas seus olhos estavam fixos num ponto distante.

— Achei que estava na hora de vocês conhecerem algo diferente — respondeu ela.

Carreguei aquela história comigo pelos dias que se seguiram e a analisei por diferentes ângulos, como o caroço de um pêssego maduro: a surpresa do choque duro e inesperado no centro de tudo. Eu não podia ignorar os paralelos entre Medusa e Pasífae. Ambas pagaram o preço pelo erro de outra pessoa. Mas Pasífae encolhia e se tornava menor a cada dia, mesmo à medida que sua barriga crescia e se esticava num formato bizarro com aquele bebê estranho. Ela não levantava os olhos do chão, não abria a boca para falar. Não era como Medusa, exibindo sua agonia sob a forma de serpentes que gritavam e se desenrolavam furiosamente de sua cabeça. Em vez disso, ela se recolheu até um canto inalcançável da alma. Minha mãe não passava de uma concha muito fina, quase transparente, sobre a areia, reduzida a quase nada pela arrebentação das ondas.

Se um dia chegasse a isso, decidi que eu seria Medusa. Se os deuses me responsabilizassem pelos pecados de outra pessoa, se

resolvessem me punir pelas ações de um homem, eu não me esconderia como Pasífae. Vestiria aquela coroa de serpentes, e o mundo é que se encolheria diante de mim.



2

Asterion, meu irmão terrível, nasceu no meu décimo ano, pouco depois de Irene ter nos contado aquela história. Eu havia ajudado minha mãe após o nascimento de outros filhos – meu irmão Deucalião e minha irmã Fedra –, por isso achei que sabia o que esperar. Não foi assim com Asterion. A agonia se enraizava de modo profundo em Pasífae. O divino sangue de Hélio a mantivera viva durante a provação, mas não a livrara da dor – uma dor que eu não queria nem imaginar, embora na calada da noite não conseguisse impedir que meus pensamentos vagassem até lá. A ideia dos cascos que arranhavam, dos chifres que despontavam na cabeça malformada, dos membros obstinados em se agitar – eu estremecia ao visualizar como, exatamente, ele tinha rasgado seu caminho para fora de minha mãe, um frágil raio de sol. O doloroso martírio em que Pasífae se viu lançada destruiu sua gentileza, e minha mãe já tão

ausente nunca mais voltou para mim depois daquela jornada por entre as chamas e o sofrimento.

Eu esperava odiá-lo e temê-lo; a besta cuja existência era uma aberração. Ao entrar de fininho no quarto, onde as aias que tinham auxiliado no parto ainda pareciam cambalear, pálidas e estremecidas, e respirar o odor salgado de carne fresca, senti um pavor que quase me deixou pregada ao chão.

Mas minha mãe estava sentada à mesma janela diante da qual embalara seus outros recém-nascidos, banhada com o mesmo brilho exausto que eu já vira antes. Embora seus olhos agora fossem placas vazias de vidro e seu rosto estivesse devastado, ela aninhava junto ao peito um montinho de cobertas, pressionando o nariz com delicadeza na cabeça do bebê. Ele fungou, soluçou e abriu um olho negro para me encarar quando me aproximei devagarinho. Percebi que ele tinha cílios longos e escuros. A mão gorducha estava pousada sobre o seio de minha mãe; uma unha mínima, rosa e perfeita, na ponta de cada dedo. Eu ainda não conseguia ver o que havia debaixo das cobertas, onde as perninhas rosadas davam lugar, à altura dos tornozelos, à pelagem escura e aos cascos duros feito rochas.

O bebê era um monstro, e a mãe, uma casca oca, mas eu era apenas uma criança, e fui atraída pela delicada sensação de ternura que pairava no quarto. Cheia de hesitação, me aproximei e pedi permissão silenciosamente, com um dedo estendido, procurando algum sinal de reconhecimento no semblante de minha mãe. Ela assentiu com a cabeça.

Dei mais um passo. Minha mãe suspirou, se mexeu e mudou de posição. Minha respiração estava pesada na garganta, e eu não

conseguia engolir. Aquele olho redondo, escuro e implacável ainda estava fixo no meu.

Sustentando seu olhar, transpus os últimos centímetros que ainda nos separavam. Meus dedos acariciaram a penugem lisa da testa, sob a protuberância rochosa dos chifres que emergiam das têmporas. Deixei minha mão deslizar com delicadeza pelo ponto macio bem entre os olhos. Com um movimento quase imperceptível, ele afrouxou um pouco a mandíbula e soltou um pequeno sopro quente em meu rosto. Olhei para minha mãe, mas ainda que seu olhar estivesse pousado sobre nós, estava vazio.

Olhei para o bebê. Ele me encarava de volta.

Quando minha mãe falou, levei um susto. Não era a voz que eu conhecia, mas uma rouquidão estranha.

— Asterion — disse ela. — Quer dizer “estrelado”.

Asterion. Uma luz distante numa escuridão infinita. Um fogo destruidor se você chegar perto demais. Um guia que conduziria minha família pelo caminho da imortalidade. Uma vingança divina lançada sobre todos nós. Naquele momento, eu não sabia o que ele viria a se tornar. Mas minha mãe o abraçou, amamentou-o e lhe deu um nome, e ele nos reconhecia. Ele ainda não era o Minotauro. Era apenas um bebê. Era o meu irmão.

Fedra não queria saber dele. Enfiava os dedos nos ouvidos se eu o mencionasse: como estava crescendo rápido, como já estava tentando andar tão cedo, os cascos resvalando, a cabeça enorme e

pesada provocando um desequilíbrio esquisito e empurrando-o para a frente, fazendo-o cair de novo e de novo, mas ele persistia, determinado. Em especial, ela não queria ouvir falar a respeito de como o alimentávamos, como ele havia rejeitado o peito e recusado leite depois de apenas umas poucas semanas, e como Pasífae, ainda lúgubre e silenciosa, espalhava carne diante dele, sangrenta e escorregadia, que ele devorava, esfregando a cabeça lustrosa contra nós duas na sequência. Eu poupava Fedra dos detalhes.

Deucalião queria vê-lo, mas eu percebia que, embora ele projetasse o queixo para a frente, um gesto másculo que remetia ao nosso pai, e tentasse parecer tranquilo e interessado, por dentro estava abalado.

Minos nem se aproximava.

Então era só eu que cuidava dele, com Pasífae. Eu nunca deixava meus pensamentos viajarem muito para o futuro – pois para que o estaríamos preparando? Eu esperava, e acho que ela também, desenvolver o lado humano dele. Talvez ela nem pensasse tão longe, talvez fosse movida somente por um instinto materno àquela altura, eu não sei. Meu foco era no aqui e agora: ensiná-lo a andar sobre duas patas, ter modos à mesa, como responder a palavras e toques de uma maneira gentil. Para quê? Será que eu o imaginava minimamente civilizado algum dia, circulando comedido pela corte, acenando com a enorme cabeça de touro para cumprimentar com educação os nobres ali reunidos? Um príncipe de Creta, honrado e respeitado? Com certeza eu não era tão estúpida a ponto de sonhar com isso. Talvez tivesse esperança de que nossos esforços impressionassem Posêidon, de modo que ele ficasse maravilhado com sua criatura divina e decidisse assumi-la.

Talvez tenha sido isso que aconteceu. Pois eu não havia pensado no que os deuses de fato valorizam. Posêidon não ia querer um homem-touro hesitante, tropeçando sob uma fachada de humanidade e decência. Os deuses gostavam mesmo era de ferocidade, selvageria, do rosnado, da mordida, do medo. Sempre ele, sempre o medo, no contorno nu por trás da fumaça que subia dos altares, na nota aguda das preces murmuradas e das graças enviadas aos céus, no gosto profundo e primitivo que vinha quando erguíamos a faca sobre a oferta sacrificial.

O nosso medo. Era aí que residia a grandiosidade dos deuses. E ao fim de seu primeiro ano, meu irmão estava rapidamente se tornando a epítome do terror. Os servos não se aproximavam de seus aposentos nem sob ameaça de morte. Seus gritos agudos de aflição quando lhe serviam a comida eram como garras geladas de pavor arranhando minhas costas. Ele não se satisfazia mais com os nacos de carne crua e sangrenta – reagia a eles com um rugido grave que revirava minhas entranhas. Apática e imóvel, Pasífae dava um passo à frente segurando os ratos, e nem estremecia quando eles se retorciam e guinchavam na mão dela antes de atirá-los ao filho. Ele se deliciava com o zigue-zague apavorado dos roedores, correndo atrás deles de um lado para o outro ao redor do estábulo, onde o mantínhamos agora, pronto para dar o bote e estraçalhar seus corpos cheios de vida.

Ele havia crescido muito mais rápido do que uma criança humana, e eu reparava nos músculos saltados de seu torso enquanto ele perseguia os ratos. As coxas rosadas brilhavam sob o pelo escuro, o peitoral esculpido como nas estátuas de mármore que decoravam o pátio do palácio, os bíceps flexionados e os poderosos

punhos cerrados, tudo isso encimado pela pesada cabeça adornada de chifres e pelo focinho sujo de sangue.

Eu seria tola se não tivesse medo dele. Ou louca, como Pasífae. Mas terror não era o único sentimento que ele me despertava. Repulsa, com certeza, nojo quando eu o via resfolegar, bufar e patear o chão diante do banquete que se contorcia – mas sob tudo isso havia um fio de pura piedade, tão doloroso que às vezes me tirava o fôlego, meus olhos marejados de aflição quando ele guinchava querendo mais sangue, mais sofrimento. *Não era culpa dele*, eu pensava com fervor, *ele não escolhera ser daquele jeito*. Ele era a brincadeira de mau gosto de Posêidon, a humilhação imposta sobre um homem que jamais se dignara sequer a pousar os olhos na besta. Pasífae e eu é que ficávamos responsáveis por seu bem-estar. Por mais intenso que fosse o meu horror, era impossível dissociá-lo da compaixão – e da raiva que fervilhava debaixo de tudo isso –, de modo que não tive coragem de acabar com ele quando ainda podia. Atingi-lo na cabeça com um tijolo enquanto ele comia, perfurá-lo com uma lança na vulnerável carne humana do flanco – mesmo sendo apenas uma menina, acho que eu teria conseguido enquanto ele ainda era um bezerro. Mas não tive coragem, e quando finalmente me dei conta do que ele tinha se tornado – e do uso que Minos pretendia fazer dele –, ele já era muito mais forte do que eu.

Asterion cresceu, e ficou mais difícil contê-lo. À medida que os meses passavam, somente Pasífae podia entrar no estábulo, que tinha sido reforçado com pesados ferrolhos de aço. Apesar de não entrar mais, eu ficava ali por perto, nervosa, sem saber direito o que fazer. Não dançava desde o dia em que ele nascera. Meu estômago era um poço de ansiedade que se contorcia e, embora eu andasse

sem parar de um lado para o outro, não conseguia acessar aquele lugar dentro de mim onde podia me soltar. Eu esperava e dizia a mim mesma que não sabia pelo que estava esperando. Mas mesmo assim esperava.

Sem dúvida, Irene não teria se aproximado do estábulo por vontade própria. Eu nunca saberei por que ela escolheu esse caminho de volta aos seus aposentos naquela noite, a noite em que ele abaixou a cabeça e investiu contra as portas reforçadas, como já fizera tantas vezes antes sem tirar uma lasca que fosse da madeira. O som de seus temíveis chifres golpeando a superfície fazia todos se contraírem e saírem correndo, mas nós acreditávamos que ele estava bem preso. Eu não me permiti pensar no momento em que ele conseguiu se libertar; em como Irene deve ter corrido, embora não tivesse chance alguma. Meu rosto formigava, as lágrimas represadas em algum lugar na garganta enquanto eu recolhia os retalhos de tecido que tinham voado até o pátio, levados pela rajada incansável de vento que agitava o ar quando chegamos às portas destruídas do estábulo, reforçadas às pressas pelos infelizes cavalariços que haviam descoberto a carnificina naquela manhã de outono.

Fedra escondeu o rosto em minha saia, e acariciei seu cabelo.

— Não olhe — murmurei por entre lábios dormentes.

Eu me lembro do calor que os olhares ressentidos emanavam sobre nós quando nos viramos e vimos os empregados da casa reunidos ali, testemunhando a cena. Eu me lembro da paralisia rígida que me aprisionou no centro daquele semicírculo acusatório, e do repetitivo *tum, tum, tum* dos chifres assassinos de meu irmão contra as placas de aço que mal seguravam as portas atrás de mim.

Não sei dizer por quanto tempo essa eternidade se estendeu, mas o silêncio ensurdecedor foi quebrado de repente pela chegada de Minos. Sua capa esvoaçava enquanto ele avançava pela multidão, que abriu espaço e se dispersou como um cardume de peixes diante de um tubarão.

Ao meu lado, minha mãe se contraiu.

Nenhum golpe foi desferido, nenhuma palavra ríspida pronunciada. Quando arrisquei erguer os olhos, vi que a expressão dele estava plácida, nenhum sinal de tempestade no horizonte. Um retalho de roupa espiralou no ar gelado perto de seus pés, e vi um sorriso começar a se formar no rosto dele.

— Esposa! — exclamou ele.

Senti que ela se encolheu ainda mais, embora seus olhos estivessem opacos como vidro fumê.

Ele fez um gesto expansivo, caloroso e exuberante.

— Dia após dia, ouço relatos de como a força de nosso filho cresce. Mesmo sendo tão jovem, ele está se tornando um belo espécime, e as lendas sobre sua potência inspiram respeito e admiração por toda parte. — Ele assentiu com a cabeça, como um sinal de aprovação para os pedaços de tecido manchados de sangue e para o incessante *tum, tum, tum*.

Nosso filho?, eu me perguntei, ainda sem entender direito o que ele queria dizer com aquilo. Aos poucos percebi, incrédula, que era orgulho o que suavizava a austeridade de seu rosto. Ele estava orgulhoso do monstro que havíamos criado no coração do palácio, orgulhoso da reputação que ele lhe rendera. Longe de humilhar o pobre Minos que fora traído, Posêidon lhe oferecera uma arma

assustadora, uma besta divina que, Minos havia percebido, apenas fortaleceria seu poder.

— Ele precisa de um nome — declarou Minos, e não abri a boca para dizer Asterion. Por que lhe interessaria como Pasífae e eu o chamávamos?

Minos se aproximou da porta, e ao som de seus passos o *tum, tum, tum* aumentou devido à excitação que transbordava de meu irmão. Minos pousou a mão contra as portas endireitadas e, quando elas vibraram de volta com uma força voraz, seu sorriso se alargou.

— O Minotauro — disse ele, reivindicando meu irmão para si. — Um nome que condiz com a besta.

E assim Asterion se transformou no Minotauro. Não mais a constelação particular de minha mãe, em que a vergonha se entrelaçava com o amor e o desespero; em vez disso, ele se tornou o símbolo da dominância de meu pai sobre o resto do mundo. Entendi por que ele o chamou de Minotauro, marcando aquela divina monstruosidade com o próprio nome e associando a fama lendária da besta à sua própria desde o instante do nascimento. Ao se dar conta de que não havia mais estábulo no mundo capaz de contê-lo, obrigou Dédalo a construir sua invenção mais incrível e ambiciosa de todas: um gigantesco labirinto sob o chão do palácio, um pesadelo de caminhos entrelaçados, becos sem saída e corredores espiralados, todos levando inexoravelmente ao centro sombrio. O covil do Minotauro.

Com o bebê de Pasífae confinado a um labirinto escuro e fedorento de túneis, tendo por única companhia o eco solitário dos próprios mugidos e o barulho dos ossos apodrecidos sob seus cascos, voltei a ver lampejos de emoção nela. Onde antes ela havia reluzido com alegria, amor e riso, agora estava mergulhada na sombra amarga de uma raiva que ardia em fogo lento.

Eu perdera a minha mãe no dia em que a maldição de Posêidon a conduzira até o pasto onde o monstro sagrado a aguardava, mas ainda me pegava procurando por ela, por mais que soubesse da inutilidade dessa busca. Com frequência, ia até os aposentos dela cheia de desespero e desamparo para tentar convencê-la a sair para o mundo lá fora, mesmo que fosse rechaçada todas as vezes. Com ainda mais frequência, encontrava suas portas trancadas, e apesar de saber que ela estava apenas a alguns centímetros de mim, Pasífae não dava nenhum sinal de ter me escutado. Um dia, porém, quando fui bater sem esperança no quarto fechado, tive a surpresa de ver a porta se abrindo ao toque da minha mão, com o movimento preciso e silencioso que era marca registrada do trabalho de Dédalo.

Minha mãe havia deixado seu santuário aberto e não me ouviu entrar. O quarto estava às escuras; a cálida luz dourada que deveria ter entrado com a abertura da porta foi obscurecida pelos tecidos pesados que tinham sido pendurados de qualquer jeito para cobrir as janelas. Um fedor pungente de ervas fez meus olhos lacrimejarem. Olhei ao redor, confusa, tentando enxergar na penumbra onde minha mãe estaria.

Imóvel e calada, ela estava sentada no chão, bem no centro do grande cômodo. Tinha menos vivacidade que uma das estátuas de

Dédalo. O cabelo solto lhe cobria o rosto, e por entre as mechas eu via o branco de seus olhos.

— Mãe? — sussurrei.

Ela não deu nenhum sinal de que havia me escutado. O ar parado do quarto me sufocou, e dei alguns passos para trás, tateando em busca da porta. Eu não era capaz de explicar o horror claustrofóbico que crescia em minha garganta, não sabia por que aquela cena parecia tão errada e por que tinha me arrepiado mesmo no calor insuportável do quarto fechado. Só sabia que precisava sair dali, de volta ao ar fresco, de volta ao aroma de lavanda e ao zumbido das abelhas que rodeavam a minha pista de dança, a tudo que era natural, puro, doce.

Enquanto meu corpo se afastava num movimento brusco, reparei num pequeno boneco caído no chão diante dela. Era feito de cera, ou quem sabe de argila, eu não tinha certeza. Não tinha certeza nem de que era uma figura humana, de tão retorcidos e torturados que estavam seus membros. A mão dela estava caída a poucos centímetros do objeto, com um ornamento estranho pendurado no pulso pálido – *um pedaço de osso*, pensei, algo que eu nunca vira minha mãe usar antes.

Eu já presenciara horror o bastante; o parto de meu irmão esgotara a minha cota de experiências monstruosas, e eu não tinha a menor vontade de passar mais um minuto ali dentro. Talvez fosse só uma boneca, só uma pulseira, nada demais. Não fiquei para descobrir. Dei meia-volta e saí correndo, e nunca perguntei nada a ela sobre aquilo. Tentei não pensar mais no assunto, mas não tinha poder sobre os pensamentos – e as vozes – dos outros.

Como uma onda, os boatos foram crescendo e invadiram Cnossos. Os cochichos chegavam até mim aonde quer que eu fosse. Uma bruxa divina, ela queria se vingar do marido, diziam por aí – lavadeiras batendo a roupa suja na beira do rio, comerciantes conversando nos mercados, aias dando risadinhas pelos cômodos do palácio e nobres às gargalhadas entre um vinho e outro, que bebiam das grandes taças de bronze em nosso salão de festas. Divertiam-se com as histórias de como as garotas que Minos levava para a cama agonizavam no auge do prazer dele, de como queimavam por dentro com um tormento afiado e gritavam até a morte, de como o curandeiro de Minos certa vez abriu o corpo de uma delas e um ciclone de escorpiões saiu correndo dali de dentro. Diziam que era obra de uma das maldições de Pasífae, e, afinal, ninguém duvidava de que ela fosse capaz disso. Eu ouvia essas histórias por toda parte, não conseguia fugir delas, o sibilo viperino que pairava no ar: *Ela bem que estava querendo o touro, a besta; eu aposto que ela gemeu de prazer, e aquele bastardo que ela pariu, uma aberração, igualzinho à mãe…*

As palavras cruéis nos envolviam feito um óleo viscoso. Um miasma imundo que impregnava a nossa família, que se acumulava nas superfícies de ouro e mármore polido da nossa casa, que manchava as opulentas tapeçarias penduradas nas paredes e que azedava o leite, avinagrava o mel e fazia com que tudo ficasse podre, envenenado, arruinado. Deucalião, com a sorte de ter nascido homem, foi mandado para a casa de nosso tio na Lícia, onde poderia crescer sob a influência bondosa do irmão mais gentil de Minos. Fedra e eu, condenadas por sermos filhas, tivemos que ficar. Se Dédalo desejava fugir de todos nós, já não tinha essa escolha. Minos

agora o aprisionara com Ícaro numa torre, de onde só podiam sair sob a supervisão dos guardas; ele não queria arriscar que os segredos de seu Labirinto chegassem a outros lugares e dessem poder a outro reino.

Todos em Creta nos desprezavam. Embora nos bajulassem e disputassem nossos favores, falavam entre si sobre nossas perversões distorcidas e hábitos anormais. Na corte, se encolhiam diante de Minos, mas enquanto as cabeças se curvavam em submissão, os olhos se reviravam com escárnio. Eu não os culpava. Eles sabiam para onde os prisioneiros de Creta eram levados agora; sabiam que qualquer transgressão poderia ser punida naquele labirinto assustador incrustado na rocha, em cima do qual reluzia o palácio de Cnossos. Tenho certeza de que Minos estava ciente daquele desdém, mas ele se deleitava com o medo que os mantinha na linha. Vestia o ódio deles como uma armadura.

Por isso eu dançava. Traçava um complicado padrão com os pés pelo amplo círculo de madeira, com longas fitas vermelhas enroladas no corpo. Meus pés descalços marcavam uma batida louca e frenética sobre o piso polido, e os longos rastros vermelhos faziam círculos no ar, entrelaçando-se, mergulhando e girando no mesmo ritmo que eu. À medida que eu dançava, cada vez mais rápido, o som de meus pés ficava mais alto dentro da minha cabeça, abafando as risadas cruéis que ressoavam atrás de mim aonde quer que fosse. Eu não conseguia sequer ouvir os uivos graves e guturais de meu irmão ou os gritos suplicantes dos infelizes que eram forçados a atravessar aquelas portas pesadas e reforçadas com ferrolhos de aço, encimadas pelo lábris entalhado fundo na pedra. Eu dançava, e a raiva que fervia lenta e constantemente dentro de mim se

inflamava numa fúria correndo pelas veias, incitando-me a continuar, até que eu caía no centro do piso, toda emaranhada nas faixas escarlates, ofegando e esperando que as pesadas nuvens que enevoavam meu cérebro e minha visão se dissipassem.

O tempo passou. Meu irmão mais velho, Androgeu, que estava longe havia muitos anos aprimorando suas habilidades atléticas, nos fez uma breve visita. Sem dúvida, horrorizado pelo que encontrou em casa, ele se apressou para ir embora outra vez, para os Jogos Panatenaicos, onde conquistou todas as medalhas e foi premiado com uma morte solitária ao pé de uma colina ateniense; retalhado pelos chifres de um touro selvagem. Meu pai, sem um pesar genuíno no coração, velejou para travar sua guerra e semear o caos, deixando em seu rastro a dor e o desespero, sem esquecer que entre os corpos empilhados jazia a garota que o amara, a garota que ele havia afogado.

Retornou ao lar trazendo boas notícias para os habitantes de Creta: os transgressores cretenses não seriam mais sacrificados ao apetite do Minotauro, pois Atenas tinha se curvado aos pés de Minos e sido forçada a oferecer catorze de seus filhos a cada ano, alimentando meu irmão mais novo como pagamento pela vida do mais velho.

Eu não pensava nos sete rapazes e nas sete moças que seriam amarrados e trazidos até nós pelo mar a bordo de navios com velas negras. Não ficava imaginando os horrores do Labirinto: o fedor úmido e abafado de morte e desespero, os dentes perfurando e rasgando a carne. Uma ceifa se passou, depois outra, e no crepúsculo eu me voltava para o céu em busca das constelações que os deuses haviam gravado no grande domo; as formas dos

mortais que eles tinham feito de joguetes, delineados por belas luzes.

Eu não pensava. Em vez disso, dançava.

3

Eu não passava de uma garota de apenas dezoito anos e afortunada por ainda estar ali para contar a história. Levava uma vida privilegiada, protegida e escondida atrás de muros altos. Tinha sorte por meu pai ainda me conservar como um prêmio a ser concedido a alguém; por ele já não ter me trocado por alguma aliança estrangeira, me enfiado num navio com destino a terras distantes para expandir sua influência, vendida como uma besta estúpida no mercado. Mas isso estava prestes a mudar.

Minos era conhecido pelo julgamento frio e desprovido de emoções. Eu nunca o vira perder o controle, exaltado por qualquer sentimento que fosse. Da mesma forma que nunca o ouvira dar uma risada. Ele estava acima da indignidade das paixões; não corria o risco de que o amor ou a bondade turvassem sua visão na hora de escolher meu futuro marido. A fria racionalidade, e somente ela, determinaria isso.

— Tomara que não seja um velho — disse Fedra num dia em que estávamos sentadas no pátio contemplando o oceano, com o desgosto pontuando cada sílaba. — Como Radamanto. — Ela contorceu o rosto. Aos treze anos, se achava uma verdadeira especialista em todo e qualquer assunto, e na maior parte do tempo desdenhava de tudo.

Não consegui segurar a risada. Radamanto era um ancião de Creta. Minos não se aconselhava com ninguém, mas permitia que o venerável nobre de idade avançada opinasse nas disputas e implicâncias mesquinhas que chegavam diariamente à corte. O olhar remelento de Radamanto ainda era afiado sobre os ofensores trazidos diante dele, e embora suas mãos finas e enrugadas como papel tremessem quando ele apontava o dedo para eles, até os pleiteantes mais presunçosos e injuriados emudeciam de medo ao som de suas palavras.

Pensei em seu cabelo fino e grisalho, nos olhos lacrimejantes e nas pelancas flácidas que se dobravam umas sobre as outras. Mas me lembrei de quando Amalteia, esposa do fazendeiro Yorgos, se apresentou à corte para pedir a intervenção de Radamanto contra a crueldade do marido. Falando alto e de peito estufado, Yorgos alegou o direito de impor a disciplina na própria casa como bem entendesse, e recebeu gestos de aprovação dos espectadores que estavam muito ouriçados com a audácia de Amalteia. Mas Radamanto estreitou os olhos e fixou-os por um longo tempo naquele homem que andava de um lado para o outro cheio de si, observando os grandes músculos tensionados em volta dos ombros e o peso dos punhos cerrados que ele brandia enquanto discursava. Olhou para a

mulher frágil que chorava toda encolhida, com hematomas explodindo no pescoço tal qual sombras de flores.

E então ele falou.

— Yorgos, se você bater num jumento, ele não vai ficar mais forte. Ele não vai ser capaz de carregar mais peso; na verdade, você o deixará mais fraco. Ele vai se encolher de medo quando você for alimentá-lo e se transformará num animal magro e trêmulo. Quando você puser sobre ele os produtos para vender no mercado, o jumento vai desmoronar sob o peso da carga que antes carregava com facilidade. Ele vai se tornar inútil para você.

Dava para perceber que Yorgos estava ouvindo. Nenhum dos apelos emocionados da esposa havia lhe despertado um pingo de compaixão ou empatia, mas as palavras de Radamanto tinham conseguido captar sua atenção.

Radamanto se recostou na cadeira de espaldar alto.

— Essa mulher pode gerar filhos. Quando você estiver velho, eles assumirão o trabalho pesado em suas fazendas. Mas um filho robusto é uma carga pesada para uma mulher carregar, e se você continuar a tratá-la desse jeito, assim como o jumento, ela vai se tornar fraca e incapaz de lhe conceder essa dádiva.

Muitas mulheres talvez não gostassem nem um pouco da comparação com um jumento, mas vi que um fraco lampejo de esperança brotou nos olhos de Amalteia. Yorgos parecia indeciso enquanto ruminava as palavras de Radamanto.

— Entendo seu ponto, nobre senhor — disse ele por fim. — Vou refletir sobre suas palavras.

Quando ele se virou para a esposa, não a puxou com força pelo braço, mas estendeu o seu para que ela o segurasse, uma tentativa

desajeitada de cavalheirismo. Uma onda imperceptível de decepção pareceu varrer a corte, vinda dos homens que haviam se reunido ali para assistir a um espetáculo mais empolgante que aquele. Eu percebia os olhos famintos deles ainda fixos na mulher desesperada.

— Talvez Radamanto não fosse tão ruim assim, por mais velho que seja — sugeri a Fedra.

— Eca — respondeu ela, fazendo uma série de barulhos que indicava sua repulsa.

— E quem você gostaria que fosse, então? — perguntei rindo.

Ela suspirou, ponderando com um ar triste sobre os nobres que frequentavam a corte. Apoiou os cotovelos na amurada baixa à nossa frente e descansou a cabeça sobre as mãos, olhando em frente por cima das pedras.

— Alguém que não fosse de Creta.

Eu me perguntei que navios ela imaginaria navegando pelo mar para o qual olhava naquele momento. Tínhamos um porto agitado; comerciantes de Micenas, do Egito, da Fenícia e de lugares além dos limites da nossa imaginação circulavam por ali num fluxo interminável. Junto com os capitães bronzeados e os mercadores de semblante endurecido pelo sol apertando os olhos sob a luz ofuscante do meio-dia em Creta vinham os príncipes bons de lábia e os nobres alinhados, adornados com roupas elegantes e pedras preciosas. E também rolos de tecidos suntuosos, montanhas de azeitonas luzidias, ânforas do rico azeite extraído delas, sacos transbordando de grãos e animais assustados sendo conduzidos pelos conveses. Quem sabe um deles não gostaria de trocar seus tesouros por uma filha do rei Minos – todo o prestígio de nossa honrada linhagem temperado pela excitação dos escândalos

familiares? Medo e fascínio os atraíam para a corte de Minos; a perspectiva de levarem de volta para casa uma parte daquela mescla de glória e horror, de se associarem ao poder contido ali. Mas se algum deles já tinha pedido a minha mão ou a de Fedra, por mais jovem que ela fosse, Minos até agora havia recusado. Podia se dar ao luxo de refletir, pelo tempo que quisesse, sobre a união que lhe traria mais vantagens.

— Imagine só, Ariadne — dizia ela, virando o rosto em minha direção. — Embarcar em um navio e navegar para longe. Morar em um palácio de mármore no além-mar, com todo tipo de riquezas.

— A gente já mora num palácio luxuoso — protestei. — Quais riquezas você imagina que a gente ainda não tenha?

Ela baixou os olhos por alguns instantes. Eu sabia o que ela queria dizer. O luxo de viver num palácio cujo subterrâneo tivesse apenas depósitos de grãos e adegas de vinho. O luxo de dormir sabendo que você nunca será despertada por um rugido faminto e alucinado ecoando de algum lugar muito abaixo dos seus pés. Onde o piso nunca estremece com a fúria de uma besta enjaulada, presa nas entranhas daquela construção.

— Eu queria escapar de todos os olhares — disse ela impaciente. — Das fofocas maldosas e dos linguarudos idiotas. Eu seria uma rainha, respeitada pelos meus subalternos, e não gastaria mais meus ouvidos com as risadinhas, tentando escutar qualquer que seja a bobagem que vão inventar cada vez que eu saio de uma sala. — A expressão dela estava dura, a mandíbula tensionada ao desviar o olhar novamente.

Quando era bebê, ela gritava indignada ao menor sinal de desconforto, agitando os braços e as perninhas para se livrar dos

cueiros que a enfureciam tanto. Nunca queria ficar parada, determinada a me seguir desde o momento em que aprendeu a se arrastar pelo chão num engatinhar esquisito. Quando começou a falar, aquela voz alta e estridente ressoava imperiosa pelos corredores, balbuciando suas exigências com a língua presa. Pasífae achava graça do vigor e da vitalidade da filha caçula, até que Posêidon enviou seu touro no quinto ano de Fedra, destruindo a infância da menina de forma abrupta.

Pus o braço ao redor dela, sentindo os ossos delgados de seus ombros, delicada como um passarinho. Ela ainda era tão jovem. Notei que ela ficou tensa com o meu toque, depois deu uma longa e controlada inspiração.

Ela amoleceu.

— Só espero que, pra onde quer que a gente vá, o mais longe possível daqui, que possamos ir juntas. — Entrelaçou os dedos finos nos meus, pousados em seu braço. — Não consigo nem imaginar como seria se você me abandonasse aqui.

Mas o que importava era a decisão de Minos, e não as nossas esperanças. Por isso, quando ele me convocou à corte certa tarde nublada, suspeitei que havia enfim escolhido uma aliança que considerasse favorável. Não fiquei totalmente surpresa ao entrar no grande salão e ver um homem desconhecido parado ali, diante do trono carmesim de Minos.

Somente uma luz fraca e cinzenta se infiltrava no salão por entre os pilares do pátio adjacente, e o homem estava encoberto pelas sombras. Hesitei na entrada, me esforçando para enxergar através do véu que cobria meu rosto.

— Minha filha Ariadne. — A voz de Minos estava fria.

Olhei para o chão. Sob meus pés, um touro dava pinotes no mosaico de ladrilhos, com os chifres e os olhos negros ensandecidos apontados para o homem que saltava e dava uma pirueta na frente dele.

— Nas veias dela corre o sangue do Sol, pela parte da mãe, e o sangue de Zeus, pela minha.

— Muito impressionante — respondeu o homem. Ele não falava como um nativo de Creta, mas meus ouvidos inexperientes não conseguiam identificar de onde era aquele sotaque. — Mas não é o sangue dela que me interessa. — Ele deu alguns passos sobre os ladrilhos, vindo em minha direção. — Posso ver seu rosto, princesa?

Levantei os olhos para Minos. Ele inclinou a cabeça. Meu coração batia com força. Meus dedos pareciam grossos e desajeitados quando estendi as mãos para soltar o véu, mas não fui rápida o suficiente. O homem que queria algo mais do que o meu sangue já tinha desatado o pedaço de tecido. Eu me encolhi de forma brusca quando a palma da mão dele roçou minhas têmporas, esperando que meu pai o censurasse pela impertinência, mas Minos apenas sorria.

— Ariadne, este é Cíniras, do Chipre — disse ele.

Cíniras do Chipre estava tão perto de mim que eu sentia seu hálito contra a pele. Desviei o olhar decidida, mas ele pegou meu queixo entre os dedos e virou meu rosto de volta para si. Seus olhos negros refletiam na penumbra do salão. A cabeça era coberta de cachos escuros. Os lábios úmidos brilhavam, a poucos centímetros dos meus.

— É um grande prazer conhecê-la — murmurou ele.

Lutei contra o ímpeto de dar um passo para trás, afastar aquele bafo fedorento da minha boca, puxar a barra da saia e sair correndo dali. Enquanto Minos dava seu sorriso de aprovação, eu tinha que ficar parada, então plantei os dois pés no chão e fixei o olhar à frente. Para meu alívio, o homem recuou alguns passos.

— Ela é tão encantadora quanto a sua descrição — comentou ele.

As palavras dele escorriam feito óleo, pegajosas contra a minha pele. Senti seus olhos se demorando em cada ponto do meu corpo. Ouvi o som úmido de sua boca quando ele engoliu. Meu estômago se revirou.

— Claro que sim. — A voz de Minos saiu entrecortada. — Pode ir agora, Ariadne.

Tentei não sair correndo indecorosamente, mas tinha urgência do ar limpo e salgado lá de fora, e em meu ímpeto de chegar lá, tropecei de leve no limite do piso em que o mosaico dava lugar à pedra lisa. Ao sair para o frescor abençoado do pátio, ainda conseguia ouvir a risada dos dois homens ecoando pelo salão.

Atordoada, corri cega até o quarto de minha mãe, onde não tinha me aventurado a entrar desde que interrompera aquela cena assustadora. Hesitei por um momento. O que encontraria ali? Felizmente, a porta estava aberta, e vi que a luz inundava o ambiente enquanto me apressava pelo corredor sinuoso. Será que ela sabia de alguma coisa? E se soubesse, será que se importava?

— Mãe, aquele homem que está com o meu pai agora, Cíniras, um homem do Chipre… — falei aos atropelos.

— Um rei do Chipre — respondeu ela. Sua voz se perdeu no ar, num tom desinteressado. — Ele é o governante de Pafos. Todos os

reis lá são sacerdotes de Afrodite.

Afrodite, a deusa do amor, que nas brumas distantes do passado emergiu nua das águas da baía de Pafos, perfeita e reluzente, e saiu lindamente da espuma borbulhante para pisar nas rochas. Enquanto seus poderosos irmãos governavam os céus, o firmamento e o Submundo, o domínio de Afrodite eram os corações da raça humana e dos imortais.

Segurei o braço de Pasífae, tentando fazer com que ela me enxergasse.

— Quais são os planos do meu pai com esse rei, esse sacerdote? — exigi saber. — Por que ele está aqui?

— Minos quer o cobre do Chipre — disse ela. — O metal vai enriquecer Creta e garantir a lealdade deles caso um dia os atenienses se rebelem.

Dava para perceber que ela estava só repetindo palavras que tinha escutado. Eu nem sabia se ela entendia o que estava dizendo; a voz estava tão vazia e apática quanto os olhos.

— E o que Cíniras quer em troca? — perguntei. — Ele quer se casar comigo?

— Sim. E desse jeito Minos conseguirá seu cobre. — Ela poderia estar falando sobre o céu cinzento ou que comida os empregados estavam preparando para aquela noite.

Sentei-me pesadamente no sofá ao lado dela.

— Mas eu não quero me casar com ele.

— O navio dele vai partir depois da ceifa. O casamento será no Chipre — disse ela de modo mecânico, como se eu não tivesse falado nada.

— Não quero ir — repeti, mas ela não respondeu. E quando olhei para cima, ali estava Fedra, emoldurada pelo batente da porta, a boca aberta num círculo perfeito de horror, os olhos angustiados fixos nos meus.

Eu me levantei sobre pernas trêmulas.

— Tenho nojo dele — tentei mais uma vez, mas Pasífae estava perdida, à deriva no mar distante dos próprios pensamentos fragmentados. Fedra me olhou com uma compaixão muda, sem saber o que dizer. — Se você não vai me ajudar, vou falar com Minos — continuei. Os olhos de Fedra se arregalaram. Até Pasífae olhou para cima, num breve instante de surpresa. Eu sabia que provavelmente não adiantaria nada, mas tinha que tentar.

Não me senti corajosa ao sair do quarto. Como chamar aquilo de coragem quando a alternativa – aceitar meu destino sem tentar evitá-lo – era infinitamente pior?

Enquanto eu saía, Fedra pôs a mão na minha.

— Eu vou com você — ofereceu ela, e meu coração se inflou todo. Era nobre da parte dela correr o risco de atrair para si a ira de nosso pai por minha causa.

Claro que eu não poderia permitir que ela fizesse isso.

— Vou sozinha — falei para ela. — Mas obrigada.

Ela pareceu contrariada, jogou o cabelo.

— Eu não preciso da sua proteção — disse ela.

— Não há necessidade — respondi. — Ele só vai ficar ainda mais irritado se formos juntas.

Então fui sozinha até a sala do trono. Minos estava sentado ereto em seu assento carmesim. Atrás dele, um afresco de golfinhos que saltavam e mergulhavam eternamente, congelados nos ladrilhos. Os

conselheiros, nobres e agregados de todo tipo vagavam por ali, mas fiquei aliviada ao perceber que não havia sinal de Cíniras.

— Filha. — O cumprimento dele foi insípido e pouco convidativo.

Cerrei o punho entre as dobras da saia. Minhas unhas cortavam a carne da palma.

— Pai. — Curvei a cabeça. Nenhum dos homens olhou para mim, o que me deixou aliviada.

Os olhos de Minos me perfuraram, como se ele pudesse ler meus pensamentos e os achasse desinteressantes. Não era afeito à conversa fiada; ele ficaria em silêncio até que eu fosse forçada a começar meu discurso desajeitado.

Respirei fundo.

— Minha mãe disse que vou me casar com Cíniras.

Minos assentiu com a cabeça. Percebi que, à nossa volta, os homens da corte começaram a olhar para nós, e as conversas ficaram um pouco mais baixas.

— Pai, eu imploro… — comecei.

Ele me interrompeu com suas palavras e com um gesto desdenhoso da mão cortando o ar.

— Cíniras é um aliado útil. O casamento vai beneficiar a todos em Creta.

Percebi que aquele era o único momento em que eu teria sua atenção.

— Mas eu não quero me casar com ele!

O silêncio se abateu sobre o salão. Minos sorriu.

— Você vai partir no navio dele amanhã, ao final do dia.

Voltei a abrir a boca para falar. Meu rosto estava quente. Formigando. As palavras se formavam, palavras que eu sabia que

não deveria dizer, mas que não conseguia impedir de saírem.

Antes que elas escapassem irremediavelmente de meus lábios, senti um puxão na manga da roupa. Fedra, pequena e corajosa, tinha me seguido de qualquer forma. Quando nossos olhos se encontraram e vi a cabeça dela balançando num movimento imperceptível, as palavras se dissolveram.

O que eu poderia dizer que o faria me ouvir? Que o faria virar a cabeça de repente, desviar sua atenção das preocupações importantes que tinha – os assuntos da corte, a gestão da plebe, os cálculos frios zumbindo em seu cérebro numa ponderação infinita das opções, até descobrir o que lhe traria mais retorno, fosse na forma de ouro, de cobre ou do belo e desesperado suspiro do medo –, e olhar para mim, me enxergar de verdade, talvez pela primeira vez?

O navio de Cíniras navegaria para longe dali, para longe do Labirinto. Longe de Minos.

Engoli o ódio que tinha começado a ferver e borbulhar, inflamando a garganta. Imaginei meu rosto inexpressivo como um bloco liso de mármore, meus olhos de vidro oco iguais aos de Pasífae. Devolvi seu olhar com perfeita indiferença. Ele fez um gesto contido com a cabeça, assentindo.

Deixei Fedra me conduzir para fora do salão, sem saber para onde estava indo, até que ela parou e eu senti sua mão quente escapar da minha. Olhei em volta, esgotada. Estávamos no pátio outra vez, onde já havíamos tido tantas conversas despreocupadas sobre maridos, quando o pior que podíamos imaginar era que ele pudesse ser velho ou feio. Fedra continuou calada. Talvez soubesse que não havia nada que pudesse dizer, mas espero que ela tenha

percebido o conforto que sua presença me trouxe. Quantas oportunidades ainda teríamos de estar ali na companhia uma da outra, como estávamos agora?

Olhamos em direção ao mar. Eu estava tão preocupada que demorei um bom tempo para reconhecer o aperto insistente da mão de Fedra em meu braço, e só então percebi que ela estava chamando meu nome.

— O navio ateniense, Ariadne, olha!

Abaixo de nós, onde a borda do penhasco mergulhava na imensidão do porto, constatei o que tinha chamado a atenção dela, distraindo-a do nosso desespero compartilhado. Um navio imenso, com velas negras, estava atracando. E ela tinha razão: devia mesmo ser a chegada dos prisioneiros daquele ano.

— Nunca assisti à chegada deles antes — falei.

— Você sempre sai correndo — respondeu ela.

Era verdade. Tinham acontecido duas ceifas até aquele momento – dois navios trazendo catorze jovens atenienses aos prantos –, e das duas vezes eu me escondera no mais afastado dos cômodos do palácio. Tivera só vislumbres rápidos de rostos pálidos e abatidos pelo pavor. Ao ouvir o tilintar distante das correntes que os prendiam, eu fugia para o local mais afastado que pudesse. Quando meu pai me forçava a sair, exibindo as filhas para ostentar o quanto era bem afortunado, eu sempre ficava com o olhar fixo à frente. Não me permitia encará-los nos olhos – não podia imaginar o que veria se fizesse isso.

Agora, no entanto… agora eu olhava. Talvez fosse a consciência de que essa seria a última ceifa que veria em Creta. Ou talvez eu já não sentisse mais o peso desesperado da covardia que me impedia

de encarar a verdade. Amanhã, um navio me levaria para longe, ao lado do repugnante Cíniras. Um destino mais ameno do que aquele reservado aos jovens atenienses, que agora eram conduzidos através do convés até a nossa costa, sob os últimos raios de sol que jamais sentiriam sobre a pele novamente. Meu lábio inferior começou a tremer um pouco, mas converti o rosto numa máscara e observei enquanto eles caminhavam.

Eles se agarravam uns aos outros. Alguns tropeçavam, e os guardas cretenses os puxavam com força de volta ao lugar. Senti uma fúria impotente se formando no fundo do estômago ao ouvir as risadas dos guardas. Já não bastava levar aqueles jovens para a morte? Por que tratá-los com tanta aspereza, por que se deleitar no poder da crueldade?

Quando uma garota no final do grupo escorregou – não sei se ela caiu ou se tentou recuar desesperada, como se pudesse embarcar de novo e navegar de volta para casa, para os braços dos pais –, notei um homem surgir e segurá-la. Ele era mais alto e robusto que os outros prisioneiros, e a princípio achei que devia ser um marinheiro ateniense ou um emissário enviado para supervisionar o sacrifício. Vi a bondade com que ele ajudou a garota a se levantar, o consolo de seu braço ao redor dela, e fiquei contente de ver um pouco de gentileza na brutalidade da cena. Senti gratidão por alguém ter vindo com eles – um rosto amigável que veriam nos momentos finais. Mas, para a minha surpresa, reparei que ele também estava preso pelas mesmas correntes que uniam todos os demais.

E então, por um instante, ele olhou para cima.

Não poderia ter nos visto com clareza, pois o sol estava brilhando bem acima de nós. Mas só por um segundo pareceu que seus olhos

tinham encontrado os meus. Tive a sensação fugaz de um verde calmo e fresco – uma quietude repentina em meio àquela comoção toda.

E no momento seguinte os atenienses tinham ido embora, desaparecido atrás dos muros do porto. Dei uma olhada para Fedra para ver se ela também o havia percebido. O rosto dela estava contorcido com o mesmo desgosto que eu sentira ao ver a cena.

— Vamos — falei, conduzindo-a para longe dali.

— Para! — A voz dela soou alta e clara. — Ariadne, não fuja outra vez! Este é o terceiro ano! — Ela puxou os próprios cabelos. — Como a gente pode deixar isso acontecer de novo?

A intensidade do sol me atingia nas costas, e minha visão começou a ficar embaçada com pontos pretos.

— E como a gente vai impedir que aconteça? — perguntei.

— Tem que ter alguma maneira — disse ela.

Fedra nunca tinha sido capaz de aceitar nada que não fosse do seu jeito. Mas eu sabia que até mesmo sua determinação de aço não era páreo para a vontade de Minos.

— Que maneira? — perguntei, com o choro me subindo pela garganta. Engoli o soluço, me controlei. — Como a gente vai impedir as ordens de Minos?

— Tem que ter algum jeito — ela repetiu, mas notei que até mesmo sua convicção estava abalada.

— Vamos embora, Fedra — falei. — Este é o terceiro ano, e ninguém descobriu um jeito de evitar isso ainda. A gente não tem o poder de mudar o destino deles, da mesma forma que não temos que mudar o nosso.

Ela balançou a cabeça, mas não respondeu. Desvencilhou-se da minha mão e saiu andando sozinha. Exausta, reuni forças para ir atrás dela.

Mas antes de me virar para ir embora, lancei mais um olhar por sobre a beira do penhasco. Sabia que eles não estavam mais ali, mas precisava olhar de novo.

O verde frio dos olhos dele. Como o choque da água gelada quando o fundo do mar de repente escapa debaixo dos seus pés, e você percebe que nadou para muito mais longe do que deveria.

4

A terceira ceifa de fato chegou, e essa eu não poderia ignorar. Meu pai queria exibir sua princesa ao recém-prometido genro. Todo ano, quando os prisioneiros eram trazidos, Creta promovia jogos fúnebres para honrar a memória de Androgeu, e esse ano eu teria que comparecer. Não deixariam mais que eu ficasse me escondendo pelos cantos. Apesar de ser vários anos mais nova, Fedra havia convencido nosso pai a incluí-la também. Minha aia pôs uma tiara em minha cabeça, atou sandálias prateadas aos meus pés e me vestiu numa túnica de um luxuoso tecido azul que parecia escorrer feito água por entre os dedos. Embora fossem lindas, eu sentia que aquelas roupas não me pertenciam, e meu corpo se contraía de nervoso só de pensar em todos os olhos sendo atraídos por minha elegância. Já tinha sido alvo de olhares e falatórios o bastante. Por isso, fui mais me arrastando que deslizando até o meu assento na lateral da arena.

Claro que Cíniras estava esperando por mim, relaxando nas almofadas que tinham sido empilhadas ali especialmente para ele. Perto de seu cotovelo, havia um jarro de vinho que, a julgar pela vermelhidão do rosto, eu supus que ele já tinha bebido quase por completo. Hesitei e olhei para o palanque bem no centro da arena, de onde Minos estava pronto para declarar a abertura das cerimônias. Seu rosto brilhava de alegria como uma moeda reluzente enquanto ele observava meu desconforto. Minhas pernas se moviam contra a minha vontade. Eu não daria ao meu pai a satisfação de me ver fraquejar, de se deliciar com a minha relutância. Cíniras abriu um sorriso lascivo quando me sentei, rígida, ao lado dele.

Fiquei feliz pela sombra que me protegia e triste pelos competidores que teriam de labutar debaixo do sol escaldante. Eu mal conseguia entender o que estava acontecendo sob aquela luz dourada ofuscante, mas o burburinho da multidão diminuiu, e ouvi o resfolegar aflito e os mugidos graves do touro, adornado com guirlandas, quando ele foi trazido para fora e apresentado a nós. Ainda que tivesse revirado os enormes olhos redondos e se agitado a princípio, uma calma suave foi baixando sobre a criatura à medida que ela se aproximava do altar. Eu já vira aquilo muitas vezes; a paz que acalentava o animal no momento da morte. Mesmo que ele não fosse capaz de enxergar a lâmina escondida, talvez soubesse que seu sangue seria derramado pela glória dos deuses, e talvez uma morte tão digna como essa fosse uma espécie de prêmio. Ele deu um passo à frente, dócil e plácido, os rituais foram realizados, e a lâmina mergulhou em sua garganta branca e macia. O sangue cintilou sob a luz do sol, jorrando do altar. Os deuses estavam honrados e iriam agraciar nossas celebrações. A nobre cabeça do

animal tombou, as fitas carmesins que enfeitavam seus chifres flutuavam lustrosas acima do grosso rio vermelho fluindo pela pedra.

Por um segundo, vi o Minotauro andando de um lado para o outro em sua prisão desprovida de sol, sozinho todos os dias de todos os anos, exceto pelo dia de amanhã, e vi Androgeu, sua bela figura já embaçada na memória – sangue do meu sangue, mas na verdade um estranho para mim –, destroçado pelos chifres de um outro touro. Meus irmãos. Ambas as suas tragédias haviam nos conduzido àquele lugar, à multidão espectadora e ao animal sacrificado que morrera, em toda a sua ignorância, diante de nossos olhos hoje. Em seguida, os outros infelizes que também encontrariam a própria morte no escuro amanhã; dilacerados pelo animal selvagem e insensível que um dia eu acreditara ser capaz de domar.

Os jogos tiveram início. Os homens faziam corridas a pé e sobre bigas, arremessavam lanças e discos e se atracavam em lutas de boxe. O suor brotava profusamente da testa dos competidores. Uma gota escorreu pelas minhas costas. Mudei de posição, desconfortável, desejando que aquilo acabasse logo. De um lado, Cíniras bebia e torcia, com uma das mãos, úmida e pesada, sobre a minha coxa. Rangi os dentes, engoli a humilhação, tentei me afastar um pouco, mas isso só fez com que seus dedos me apertassem com mais força. Do outro lado, Fedra estava fascinada.

— Quanto tempo ainda falta? — murmurei.

Ela estava chocada com a minha falta de entusiasmo.

— Ariadne, esse é o máximo de emoção que teremos a chance de ver! — Ela jogou a cabeça loura em sinal de reprovação.

Eu ansiava pela solidão da minha pista de dança; desejava superar minhas frustrações naquela superfície lisa de madeira. Só

isso apagaria a imagem do que aconteceria amanhã; o Labirinto solitário que ganharia vida tão brevemente com a correria e os gritos e com a carne sendo arrancada dos ossos. E então o navio em que eu iria embarcar; a vida que me aguardava depois das ondas no Chipre. Engoli em seco e me obriguei a olhar para a arena, a distrair minha mente daqueles pensamentos sombrios.

Uma nuvem encobriu o sol por um instante, e pude ver com clareza pela primeira vez.

— Quem é aquele? — perguntei.

Até ali, eu reconhecera muitos dos jovens competidores; a juventude distinta de Creta, basicamente se estapeando pela supremacia. Mas o jovem que tinha acabado de se apresentar para a próxima luta não me era nem um pouco familiar. Exceto… Eu me sentei mais para a frente, analisando o rosto dele. Já o vira antes, mas não conseguia entender como isso era possível.

Ele era alto e tinha ombros largos, sua força evidenciada pela postura relaxada e pelos músculos que lembravam as estátuas de mármore mais primorosas do palácio. Andava com tamanha confiança e certeza que fiquei confusa: como alguém que não era dali podia dar a impressão de estar tão em casa?

— Teseu, príncipe de Atenas — Fedra sussurrou para mim.

Não era apenas o fato de suas palavras não fazerem sentido – Atenas nutria um ódio amargo por nós, e com razão; por que o príncipe deles viria competir em nossos jogos? –, mas alguma coisa em seu tom me fez encará-la com intensidade. Ela manteve os olhos fixos nele ao continuar:

— Ele solicitou pessoalmente a Minos que autorizasse a sua participação nos jogos, por isso foi libertado do cativeiro só por esta

tarde.

Atenas. Libertado do cativeiro.

— Então quer dizer que ele é um tributo? — perguntei incrédula. — O príncipe em pessoa trazido acorrentado como nosso sacrifício? Por que Atenas enviaria o próprio príncipe?

— Ele se ofereceu — respondeu ela, e desta vez o tom sonhador em sua voz era inegável. — Não admitia que os filhos de seus conterrâneos viessem sozinhos, então tomou o lugar de um deles.

— Um imbecil! — bufou Críniras.

Por um momento, observamos Teseu em silêncio, enquanto eu absorvia as palavras de minha irmã. Eu me perguntava como alguém poderia reunir a coragem necessária para fazer uma coisa daquelas. Renunciar a uma vida de luxo e poder, com tudo que desejasse; dar a própria vida por seu povo no auge da juventude. Ciente do perigo, entrar voluntariamente nos corredores serpenteantes da masmorra para servir de refeição viva para o nosso monstro. Fiquei encarando esse tal de Teseu, como se pudesse, ao olhar com bastante atenção, decifrar os pensamentos por trás daquele semblante calmo. Devia ser uma máscara, pensei, um verniz de tranquilidade encobrindo o frenesi dentro de sua mente. Como alguém poderia não enlouquecer com a perspectiva do que o aguardava dali a algumas horas?

Achei que talvez eu obtivesse respostas ao ver seu oponente entrando na arena. Tauro, general do exército de meu pai, um homem enorme, gigantesco, colossal. Seu rosto, com o nariz atarracado como o de um sapo, era tão feio quanto o de Teseu era bonito. As veias que cobriam seus músculos protuberantes pareciam cordas, com um brilho horrível e oleoso. Ele era famoso em Creta pela crueldade; um homem arrogante sem qualquer empatia. Um

bruto, pouco mais civilizado que meu irmão caçula mugindo sob o piso de pedra. Talvez Teseu tivesse ponderado a situação e preferido morrer enforcado pelas mãos de Tauro aqui fora, na luz do dia, do que ser devorado no breu do calabouço.

Eles se chocaram com uma força assombrosa. Tauro era muito maior que Teseu, e tudo indicava que ele sairia vitorioso, mas eu subestimara o valor da habilidade contra a força bruta. Não tinha percebido que estava sentada na beirada do banco de madeira, agarrando firme o assento, até que vi Fedra na mesma posição vidrada, e então voltei a me recolher. Os dois homens se atracavam num abraço horripilante, torcendo e tentando derrubar um ao outro. Eu via os rios de suor escorrendo pelas costas deles, a agonia gravada em cada músculo contraído. Por maior que fosse, Tauro estava começando a ficar com os olhos saltados numa expressão de incredulidade delirante, à medida que Teseu, devagar e sempre, ganhava vantagem e o empurrava cada vez mais em direção ao chão. Com uma expectativa fascinada, nós assistimos, prendendo a respiração tão silenciosamente que eu tinha certeza de poder escutar o barulho de ossos se quebrando.

Quando as costas de Tauro bateram no solo, a multidão explodiu em gritos ensurdecedores. Era evidente que a história daquele príncipe corajoso tinha conquistado a admiração de todos. Eu sabia, no entanto, que isso não mudava em nada a avidez de o verem ser servido vivo para o Minotauro faminto na noite seguinte. Um *frisson* delicioso que temperava a excitação sangrenta; a realeza, a coragem e a vitória faziam uma receita irresistível.

Os jogos chegaram ao fim e os prêmios foram concedidos. Não voltei a me interessar pelo evento até que Teseu foi conduzido ao

pódio. Minos estava a todo vapor, expansivo e generoso, e abriu um largo sorriso ao envolver com um braço o ombro de Teseu.

— O maior prêmio destes jogos costuma ser a coroa de oliveira — declamou ele. — Mas uma *performance* extraordinária merece um prêmio extraordinário. Teseu, príncipe de Atenas, em honra de seus poderosos feitos hoje, eu lhe concedo a liberdade. Você navegará para casa amanhã e levará de volta o tesouro que nos trouxe como oferenda.

Dei um suspiro intenso de alívio. Ao meu lado, Fedra fez o mesmo, com a mão apertada contra o peito como se para acalmar os batimentos acelerados.

Teseu estava muito sério.

— Agradeço a sua benevolência, rei Minos. Mas não posso aceitar a honra generosa que está me oferecendo. Jurei fazer companhia aos meus irmãos e irmãs atenienses em sua jornada pela escuridão desconhecida amanhã e não posso recuar agora. Mantenho meu juramento.

Cíniras estava tomando um longo gole do jarro e, ao ouvir isso, cuspiu o vinho. As gotas vermelhas espirraram sobre a roupa dele, absorvidas pelo púrpura extravagante. Sua expressão era de uma surpresa estúpida. Depois dos discursos floreados que Minos fizera durante toda a tarde, a recusa sucinta de Teseu soava seca e totalmente inesperada. Meu pai disfarçou a expressão de choque, mas eu percebi a raiva ardendo em seus olhos.

— Sua honra e coragem são de fato tão grandiosas quanto eu ouvi — respondeu ele. — Creta recebe de bom grado o seu sacrifício. — Ele se virou para mim. — Ariadne — disse com voz de comando.

Dei um pulo. O que eu tinha feito? Será que os olhos frios de Minos haviam lido meus pensamentos? Será que ele sabia que meu coração rebelde se inflava de admiração pelo homem que acabara de humilhá-lo publicamente?

— Minha filha mais velha — continuou Minos. Ele fez um gesto para que eu me levantasse.

Hesitante, fiquei de pé, sentindo o olhar de milhares de pessoas pousado de repente sobre mim.

— A princesa de Creta vai coroá-lo vencedor dos nossos jogos.

Por essa eu não esperava. Ele nunca tinha me pedido isso antes. Fiquei imaginando se era um gesto para impressionar Cíniras ou se ele simplesmente não confiava em si mesmo para colocar a coroa na cabeça de Teseu sem esmagá-la num acesso de fúria deselegante.

Com o olhar feio de Minos focado em mim, não tive escolha a não ser me obrigar a ir em frente, em direção ao pódio. A princípio, me contraí sob o peso de todos os olhares, mas então olhei para Teseu e vi que ele me observava. Seus olhos estavam calmos e firmes. De repente, a multidão desapareceu em segundo plano, e eu via apenas ele.

Fiquei diante dele e não fui capaz de continuar sustentando seu olhar. A coroa foi colocada em minhas mãos, por Minos ou algum servo, eu não saberia dizer – estava muito consciente da presença de Teseu a poucos centímetros de mim. Ele abaixou a cabeça; meus dedos agitados pousaram a coroa sobre o cabelo dele, e dei um passo para trás, quase tropeçando na longa cauda da minha saia. Acho que houve uma salva de palmas. Quando me virei para voltar ao assento, vi Cíniras com o jarro de vinho oscilando na mão e um ar acusatório faiscando no rosto embriagado.

A atmosfera de celebração se dissipou um pouco depois disso. A dignidade contida de Teseu havia confundido todos nós. Acho que alguns teriam ficado felizes de vê-lo saindo dali em liberdade, com a vida preservada e o corpo sem um arranhão, mas havia também aqueles que desconfiavam dele por ter recusado tamanha dádiva, talvez pensando que ele tinha a intenção de insultar Minos e, por consequência, insultar todos os cretenses.

À medida que o dia chegava a um fim um tanto desconcertante, Fedra e eu nos levantamos para ir embora. Sem fazer reverência, Cíniras passou por nós em suas vestes manchadas de vinho. Fedra parecia arrasada, e notei as lágrimas represadas cintilando em seus olhos. Ela era sensível, minha irmãzinha, e não nutria qualquer amor ou lealdade pelo Minotauro. A atitude de Teseu a deixara comovida, e eu sentia muito pela destruição de seus sonhos idealistas.

Mas não dava para fingir que tinha sido a empatia por Fedra que me fizera olhar de novo para o pódio onde Teseu estivera. Havia algo mais que me compelia a isso, e meus pés pesaram quando os forcei na outra direção.

Atrás das montanhas, a chama alaranjada do sol afundava. Hélio conduzia sua poderosa carruagem para além do horizonte, deixando o mundo na escuridão.

E agora, para o banquete no grande salão: tigelas de bronze escovado, incrustadas com pedrarias e adornadas com pinturas, quase transbordando de carne, peixe, frutas, mel, azeitonas

brilhantes e lascas de queijo branco e salgado. O vinho corria solto e os músicos tocavam, entoando canções sobre deuses, heróis, tesouros e monstros.

Era uma grande demonstração de riqueza e poder, e levei um susto ao ver que Minos havia determinado que os prisioneiros atenienses comparecessem à celebração.

Meus olhos horrorizados percorreram a fileira. Sete rapazes, sete moças. Todos tão jovens. Vi o semblante do garoto que estava no centro se contorcer todo numa tentativa de fazer a boca parar de tremer. Obriguei-me a não desviar o olhar, a absorver o rosto de cada um dos filhos de Atenas que havíamos trazido para assassinar ali. Catorze rostos. Treze deles aterrorizados, os olhos vermelhos, as mãos trêmulas. Eu me perguntei como eles estavam conseguindo se manter de pé. Quanto ao décimo quarto rosto, não precisei me questionar.

Naquele salão, podia ver Teseu muito mais de perto do que na arena, e isso me encheu de emoções conflitantes. De que adiantava olhar agora, se ele ia morrer amanhã? A crueldade de Minos ficava clara naquele gesto de exibir os tributos. Seu raciocínio era o seguinte: era em honra deles que fazíamos o banquete. Enquanto as conversas animadas e as risadas ecoavam pelo salão, os tributos acorrentados observavam. Ladeados por guardas, as mãos presas na frente do corpo, eles tremiam e rezavam, esperando para serem devorados ao pôr do sol do dia seguinte.

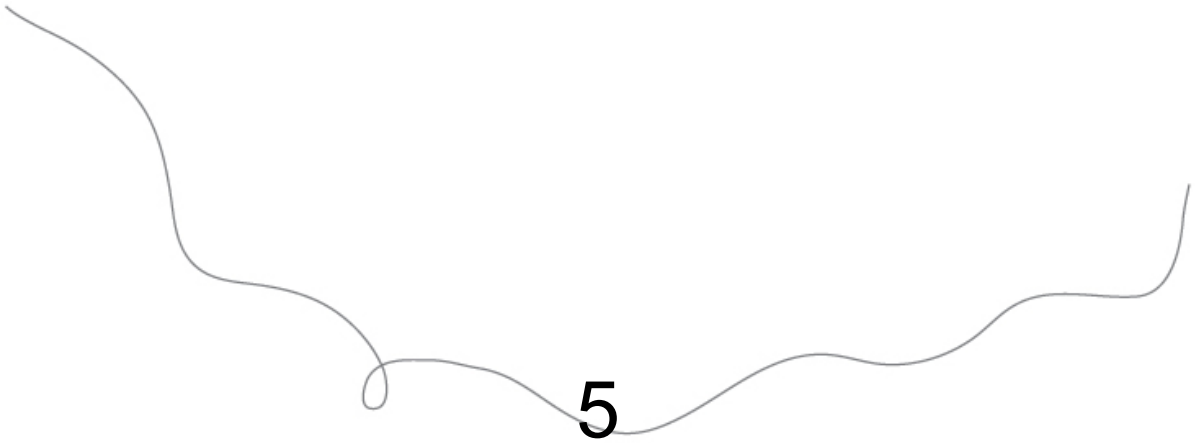
Os atenienses não eram os únicos que Minos exibia. Na frente do salão, bem ao lado da grande mesa à qual minha família se sentava, estava Dédalo. Seu rosto aparentava mais anos do que ele tinha vivido, o cabelo grisalho apesar de ele ainda não ser velho. Por toda

parte em Cnossos, suas criações eram um testemunho da supremacia de Minos: não havia no mundo ninguém com a habilidade de Dédalo, e ele pertencia a Creta. Sua criação mais famosa poucos tinham a chance de ver; talvez os prisioneiros devessem se sentir honrados por terem o privilégio de não apenas ver, mas de percorrer seus caminhos intrincados. Talvez não. Estaria escuro demais para admirar aquela maravilha toda, e os rugidos frenéticos do monstro alucinado e decidido a dilacerá-los de uma extremidade a outra poderiam atrapalhar um pouco os espectadores no momento da contemplação. Eu sabia que Dédalo tinha conhecimento do que acontecia, e seus ombros afundavam e se curvavam sob esse peso. Não mais o inventor confiante e bondoso da minha infância, que viera até Creta para desenvolver seu ofício. Ele era o criador daquilo e, embora não estivesse preso por correntes, jamais poderia ir embora de Creta enquanto Minos desejasse manter os segredos do Labirinto por perto.

Porém, não era Dédalo que eu observava naquela noite. Percebi que não conseguia desviar os olhos dos atenienses; um deles em particular.

Eu me pergunto se os heróis sobre quem os bardos cantavam naquela noite sabiam, antes de seu triunfo, o que se tornariam. Naqueles instantes cruciais quando decisões fatídicas eram tomadas, será que sentiam o ar eletrizado pela energia do destino? Ou será que eles seguiam aos tropeços, sem se dar conta do momento decisivo em que o futuro se equilibrava e sinas eram forjadas? Não sei o que senti quando meus olhos encontraram os de Teseu. Curiosidade, sem dúvida. Ele tinha uma postura ereta e projetava o queixo para a frente, sem qualquer sinal de tremores

nem soluços. Sustentou meu olhar com uma insensatez tranquila, como se eu não fosse uma princesa e ele, uma oferta sacrificial. O momento em si não pareceu ser um divisor de águas, mas quando desviei os olhos dele, percebi que tudo estava um pouco diferente, como se o mundo tivesse sido estilhaçado e espalhado para se reconstituir numa configuração que era quase – mas não exatamente – igual. Como se eu tivesse olhado para uma cachoeira e me dado conta, com um leve susto, de que a água fluindo sobre a rocha se renovava o tempo todo, e que jamais seria a mesma de novo.



5

— Você acha que ele vai tentar resistir? — A voz preguiçosa de Cíniras estava ainda mais arrastada por causa do vinho e da ansiedade.

Lancei-lhe um olhar fulminante. Será que eu esperava repeli-lo, fazê-lo pensar duas vezes quanto àquele acordo com Minos, de me enfiar num navio em troca de uma montanha de lingotes de cobre? Teria sido tolice da minha parte; um homem desse tipo fica ainda mais instigado com a indiferença e excitado com a aversão explícita.

— Como assim? — perguntei no tom mais gélido que consegui.

— O príncipe. O herói. — Cíniras riu, um veneno sórdido escorrendo naquela alegria. — Ele não está choramingando igual aos outros. Eu me pergunto se ele não está achando que é capaz de enfrentar o Minotauro na mão. — À nossa volta, nos bancos compridos, todos se divertiram com a ideia.

Ele era mesmo um homem único, esse grande herói ateniense, sobre quem tantas lendas seriam tecidas. Era mais alto, mais robusto, sem dúvida bonito – não tinha apenas um porte principesco, mas também a força elegante de uma pantera esperando para atacar. Um homem que inspiraria canções e poemas, cujo nome seria ouvido até os confins da Terra. Será que eu percebera isso naquele momento? Ou era só uma garota deslumbrada que tinha sido atraída pelo peitoral musculoso, o cabelo grosso, os olhos faiscantes? Será que eu sentia as engrenagens do destino, o tear das Moiras deslizando, ou era apenas o meu coração entusiasmado batendo forte? Certamente, eu não era a única sentindo aquilo, a julgar pelo olhar vidrado no rosto da minha irmã mais nova. Fedra estava sentada com os cotovelos na mesa e a cabeça inclinada numa expressão sonhadora, enquanto os raios suaves da paixão escorriam de seus grandes olhos azuis.

Não achei que ele estava olhando para ela, no entanto. Eu tinha a certeza de sentir o calor de seu olhar nas minhas costas, e estava certa de que não era vaidade nem uma esperança otimista que me faziam acreditar nisso. Não eram só os olhos de Teseu que estavam pousados em mim. Quando voltei a levantar os meus, flagrei o olhar astuto de Dédalo e senti minhas bochechas corarem ao me dar conta de que ele tinha visto a centelha elétrica entre mim e Teseu. Meu corpo se encolheu num desconforto repentino. Eu não sabia para onde olhar. Busquei refúgio numa repreensão à minha irmãzinha:

— Fedra! Fecha essa boca, vai acabar engolindo uma mosca. — Soei matronal, histriônica, muito mais autoritária do que gostaria, mas ela só revirou os olhos e me mostrou a língua.

Eu ri. Por trás dos sorrisos, porém, meus pensamentos alucinados percorriam os corredores labirínticos da minha mente e se agitavam em pânico, indo de um caminho sem saída a outro. Aqueles catorze rapazes e moças, praticamente crianças ainda, seriam mesmo jogados num calabouço escuro dentro de algumas horas? Eu não conseguia nem visualizar. A onda de horror avassaladora que esse pensamento trazia: os gritos solitários nas curvas estreitas e sombrias; o fedor da ruína e do desespero; a terra tremendo sob os cascos terríveis enquanto o monstro farejava a carne macia e vulnerável… Era insuportável, mas como a situação poderia ser diferente?

Pasífae estava sentada, a comida servida à sua frente sem que ela se desse conta, o vinho intocado na taça. Num impulso, pus-me de pé, toquei-lhe o ombro.

— Mãe, tem um segundo? — perguntei.

Foi fácil conduzi-la para longe do banquete, e ninguém nem se deu ao trabalho de olhar duas vezes em nossa direção. Cíniras estava mergulhado numa conversa com meu pai. Ele rugia de tanto rir das próprias tiradas espirituosas, e Minos sorria sem alegria. As chamas das tochas projetavam uma luz bruxuleante sobre os ângulos duros do rosto dele, criando sombras profundas na carne austera das bochechas. Imaginei que, quando ele olhava para Cíniras, tudo o que via era o cobre que logo teria para me substituir. Certamente não prestou atenção quando saí do cômodo com Pasífae.

No corredor lá fora, respirei com mais facilidade. Sabia que não tinha conseguido fazer com que ela escutasse antes, mas talvez agora pudesse fazê-la me ouvir.

— Mãe, por favor — implorei, minha voz deixando transparecer a histeria represada. — Por favor, me diz que a gente pode fazer alguma coisa para impedir essa atrocidade. Por favor, me diz que tem algum jeito! — Eram as palavras de Fedra, o apelo que eu mesma havia refutado poucas horas antes.

Ela ficou calada. Mas não era o seu silêncio habitual e ausente desta vez.

— Você é a minha mãe, a mãe de Fedra, a mãe de Deucalião. — Engoli com força. — A mãe de Asterion. — Nesse momento, os olhos dela faiscaram, tive certeza disso. — Pense nas mães atenienses agora — falei com a voz grave e inesperadamente dura. — Sabendo o que aguarda seus filhos e filhas amanhã. Pense, mãe. Pense se fosse um de nós. Pense se fosse eu, esperando para ser jogada naquele Labirinto. Você sabe no que Asterion se transformou; sabe o que ele vai fazer com aqueles jovens. Por favor, mãe, por favor me diz que a gente não precisa roubar mais catorze filhos de suas mães para satisfazer a ganância de Minos pelo poder! — Minha voz ficou mais alta, intensa, frenética.

Ela demorou um tempão para responder. Quando falou, notei que fazia um grande esforço para obrigar sua mente fragmentada a retornar ao presente, para o lugar onde estávamos agora, por mais que estivesse despedaçada pelos horrores do passado e condenada a vagar pelos ventos do desespero para sempre.

— O que podemos fazer? — ela conseguiu dizer. — Ninguém pode contra ele.

Uma conexão. Alguma coisa se acendia de volta à vida entre nós. Segurei sua mão delgada na minha.

— Talvez alguém possa — falei.

— Ninguém pode enfrentar o seu pai — respondeu ela.

Percebi o aperto dela se afrouxando, a mente voltando a se perder. Mas algo que ela tinha dito se encaixou em meu pensamento.

Ninguém podia enfrentar o meu pai. Ele era protegido por seu exército, seu poder, por sua crença inabalável em si mesmo e pelo monstro indomável que ficava debaixo de seu palácio. Força e brutalidade seriam inúteis contra o poder superior de seus guardas.

Mas e se não precisássemos enfrentá-lo? Seria necessária uma mente ardilosa para isso, mas e se Minos pudesse ser trapaceado? Sua tirania clara e direta era baseada simplesmente no medo. Ele não estava atento a truques, pois quem ousaria enganá-lo?

Inspirei fundo. O ar do lado de fora do salão de festas estava fresco e cheirava a pedra. A atmosfera acalmou meus pensamentos, dominou o pânico desesperado e a pena que eu sentia, substituindo-os por uma clara e repentina revelação. Minha mãe não podia me ajudar. Mas eu sabia quem poderia.

Embora o banquete ainda tivesse se arrastado durante horas – a nata da sociedade cretense se esbaldando na suntuosidade de meu pai e no anseio das especulações que corriam aos sussurros, imaginando quanto tempo cada um dos prisioneiros iria durar dentro do Labirinto na noite seguinte –, ele finalmente terminou. Quando vi Dédalo indo embora, seguido de perto por um guarda, como sempre, apressei-me para alcançá-lo.

— Boa noite — cumprimentei-o um pouco ofegante.

Ele fez um cumprimento educado com a cabeça.

— Para você também, Ariadne.

Dava para perceber que ele estava alerta; notou que alguma coisa estava errada, mas tinha a paciência de um artesão e esperaria para descobrir o que eu queria.

— Tem um taco solto na minha pista de dança — falei alto, para que o guarda atento ouvisse. — Será que você poderia dar uma olhada? Não confio em ninguém mais para mexer em sua criação.

— Claro. — Ele inclinou a cabeça respeitosamente. — Farei o conserto amanhã logo cedo, princesa.

— Não, tem que ser agora — respondi, com um raro tom imperioso na voz. — Venha, por favor, vai ser um ajuste muito rápido. Eu preciso poder dançar amanhã ao nascer do sol; é um dia sagrado, e quero me preparar para ele homenageando os deuses do melhor jeito que posso. E não sei nem quando vou poder dançar na minha pista outra vez, talvez nunca. O Chipre não vai ter nenhuma obra-prima como essa.

Os olhos de Dédalo se suavizaram quando ele ouviu isso, mas era tudo por causa do guarda que estava escutando. Dédalo não podia ir a lugar algum nem falar com ninguém sem ser supervisionado, e eu não podia correr o risco de levantar suspeitas, mas amanhã seria tarde demais. Dédalo era a única pessoa que podia me ajudar. Eu sabia que ele carregava a culpa por seu papel involuntário na criação do Minotauro como se fosse um cristal brilhante em volta do pescoço, um peso frágil que ele cultivava com cuidado e que jamais quebraria.

Tomei a dianteira, minhas sandálias estalando na pedra lisa do piso à medida que circulávamos e virávamos pelas curvas intrincadas do palácio até o meu pátio. Como eu já esperava, o guarda ficou firmemente plantado no batente da porta, e Dédalo me seguiu até o outro lado da ampla pista. O ar noturno acalmou o rubor que eu sabia estar colorindo minhas bochechas.

Dédalo olhou para o piso perfeito debaixo de nossos pés e depois para mim, confuso. Eu me ajoelhei e, depois de uma pausa, ele se agachou ao meu lado, fingindo examinar a primorosa borda do piso. Uma fonte gotejava água cristalina dentro de uma bacia de mármore, e confiei que o som ocultaria nossas palavras dos ouvidos do guarda.

— Dédalo, preciso saber como sair do Labirinto — sussurrei com urgência.

Ele não pareceu surpreso. Talvez seu talento para decifrar qualquer estrutura no mundo se estendesse ao conhecimento do coração humano também. Ou talvez ele só me conhecesse bem.

— Você quer salvar os prisioneiros — murmurou ele. — Quer salvar Teseu.

Confirmei com a cabeça, sem tempo para negações modestas ou timidez.

— Quero. É uma coisa monstruosa e eu não posso deixar acontecer de novo.

— Já aconteceu muitas vezes, Ariadne — respondeu ele. — Nunca com um belo príncipe de Atenas, mas com muitos rapazes e moças. Por que a vida de Teseu vale mais?

As respostas lutavam em minha garganta, formando uma bola rígida que impedia qualquer palavra de sair. Tinha sido apenas o

rosto bonito dele que me impelira a agir? Será que eu teria deixado os prisioneiros enfrentarem seu destino sem protestar caso nenhum deles tivesse olhos verde-mar e um cabelo sedoso que eu gostaria tanto de poder tocar?

Eu sabia que tínhamos pouco tempo, então perguntei a Dédalo diretamente.

— Você pode me ajudar? Ou isso não pode ser feito?

— Acho que não pode ser feito — ele me disse, e fiquei surpresa com o cansaço em sua resposta. Eu não imaginava que houvesse algo que Dédalo não fosse capaz de fazer, exceto escapar da nossa ilha.

— O Labirinto é de fato inescapável até mesmo para quem o criou? — perguntei, sem acreditar que isso fosse verdade.

Ele deu um profundo suspiro.

— Posso lhe dar um meio de guiar Teseu para fora do Labirinto. — Ele falava baixo e rápido, mas por trás das palavras soava muito, muito cansado. Meu coração deu um salto ao ouvir o que ele estava dizendo, embora seu tom me preocupasse. — Mas, Ariadne, você acha que é isso que ele quer?

Dédalo viu em meu rosto que eu estava confusa. Olhando de volta para o guarda, ele falou ainda mais rápido, suas palavras soavam como uma avalanche de pedras que me atingiam conforme caíam.

— Será que um príncipe de Atenas que almeja se tornar uma lenda gostaria de ser resgatado das garras de um monstro por uma garota bonita? Acha que ele vai permitir que você o pegue pela mão e o ajude a escapar de Creta escondido, feito um saco de grãos

debaixo de uma manta? — Dédalo ficou me encarando enquanto eu absorvia suas palavras.

— Ele olhou para mim… — Eu não conseguia descrever aquele momento de conexão, aquelas palavras não ditas que eu tinha certeza de que haviam sido lançadas para mim. — Teseu quer a minha ajuda, eu sei disso.

Dédalo balançou a cabeça e abriu um sorriso triste.

— Não duvido disso, Ariadne — disse ele com bondade. — Ele não pretende morrer naquele labirinto amanhã à noite e sabe que entrar ali significa morte certa. Mesmo sem o Minotauro, ele poderia percorrer os túneis por anos a fio sem nunca mais encontrar a luz do dia. Eu me assegurei disso quando aprisionei seu irmão no coração daquele lugar. — Tive certeza de que ele enfatizara a palavra irmão. — Ele sabe que precisa da sua ajuda, princesa de Creta, pois ninguém mais além de você poderia auxiliá-lo. Os rumores chegaram a Atenas; alcançaram até os confins mais distantes do mundo. Sobre a besta que você ajudou a criar desde a infância, sobre o seu coração gentil; com certeza você deve ter alguma informação especial, deve conhecer os segredos e pode ser persuadida a entregá-los. Confie em mim, Teseu quer a sua ajuda, mas não para livrá-lo da batalha. Ele pretende derrotar o poderoso Minotauro amanhã. Almeja ir embora de Creta tendo saqueado seu maior tesouro, deixado seu Labirinto vazio e posto um fim ao seu mito. A coragem de Teseu é que será cantada, não o poder de seu pai.

Atrás de nós, o guarda se mexeu. Dédalo era meticuloso, mas estávamos abusando de sua credibilidade, afinal, quanto tempo uma pessoa poderia demorar para consertar um taco solto? Ele tirou um

pedaço de tecido da roupa que vestia e fingiu polir o lugar onde estávamos ajoelhados, como se estivesse finalizando o trabalho.

— Vou ajudar você, Ariadne — sussurrou ele, tão baixo que mal consegui escutá-lo.

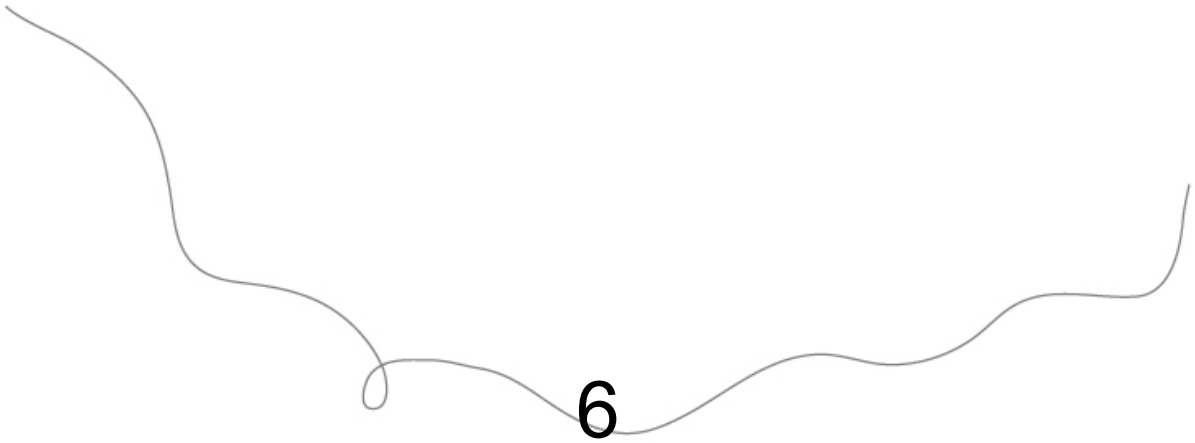
Ele se pôs de pé e fez a cortesia de me oferecer a mão para me ajudar a levantar. Quando a segurei, senti uma bola de tecido áspero pressionada contra a minha palma.

— Carrego isto comigo desde que enclausurei o monstro. Tenho esperado por esta chance de endireitar o que eu fiz quando ajudei a criá-lo. Tenho esperado por um tributo com a força e a coragem necessárias para ter sucesso na tarefa. — O rosto dele estava sombrio, a luz da lua brilhando nos sulcos profundos que o envelheciam antes do tempo. — Mas, princesa, não desejo adicionar sua vida à vergonha que já carrego. Lembre-se de Cila, Ariadne. Se fizer isto, você não pode ficar para enfrentar a ira de seu pai. Deve ir embora de Creta para nunca mais voltar. — Com essas palavras, ele passou rapidamente por mim e voltou para perto do guarda, sem olhar para trás uma única vez.

Continuei ali, deixando o ar noturno bater contra o meu rosto, que formigava. Os sapos coaxavam e o aroma denso das plantas que floresciam enroladas nas pilastras se espalhava pelo pátio como se nada tivesse acontecido e o mundo ainda permanecesse o mesmo. As palavras dele se repetiam, graves e carregadas de uma seriedade que eu não podia ignorar. Deixei que os passos do guarda morressem na distância e esperei mais um longo tempo antes de abrir os dedos e ver o que havia em minha mão. Quando olhei, uma fresta de luz rompeu a escuridão, inundando-a de claridade,

apagando o futuro que eu tanto temia e abrindo um caminho triunfante que eu nem imaginava que existisse diante de mim.

Em minha mão, um novelo de barbante vermelho. E bem no centro, uma pesada chave de ferro.



6

Mais tarde, será que eu alegaria estar possuída por algum tipo de loucura, que eu não sabia o que estava fazendo? Que eu só cumprira meu destino como as Moiras haviam determinado, que não tinha responsabilidade sobre nada?

Só posso dizer que eu sabia exatamente para onde estava indo quando saí correndo dali, tinha uma rara e cristalina clareza de qual era o meu propósito. Não me detive nem hesitei até parar ofegante no limite do grande pátio que ficava no centro do palácio.

A carruagem de Selene estava alta no céu, banhando as pedras com sua luz prateada. Apoiei-me contra uma pilastra pintada de um tom intenso de ocre e me forcei a olhar para a minha mão, que se estirava pálida contra o vermelho-escuro, até que meu coração retornasse ao ritmo regular e minha respiração se acalmasse. O pátio estava em silêncio. Lá dentro, no palácio, eu ouvia o som

distante da farra: as canções e as gargalhadas graves dos homens. Mas aqui, bem no coração de Cnossos, o silêncio era todo meu.

As celas ficavam na extremidade noroeste do pátio. Não eram vigiadas por guardas, pois quem poderia escapar quando tinha sido o próprio Dédalo que fabricara as fechaduras?

Eles ficavam separados, os rapazes das moças, mas o príncipe de Atenas tinha sua própria cela – não o obrigaram a se rebaixar, mesmo sendo um humilde prisioneiro e presa do Minotauro, a dividir um cubículo com os temores e as preces (e sem dúvida, conforme a escuridão se intensificasse, com o choro) de seus companheiros. Aquela cela ficava separada das outras, escavada na pedra em dias muito longínquos, antes de Dédalo vir parar em nossa costa. Era a chave daquela porta que Dédalo tinha contrabandeado dentro do novelo escarlate que pressionara em minha mão. Diante de mim, uma vasta extensão de espaço vazio; somente a porta fechada e eu, e como testemunhas dos meus atos, apenas as estrelas que pontilhavam o céu noturno. Será que aquelas luzes frias e distantes que me observavam continham algum vestígio dos humanos que haviam sido um dia, aqueles especiais, os escolhidos, os favorecidos que se aproximaram demais dos deuses? O que estariam pensando do meu ato solitário de rebeldia, da minha traição, do meu rito de passagem à maturidade? Será que gritariam para me denunciar? Ou apenas flutuariam impassíveis na penumbra côncava do céu, todos os resquícios de quem tinham sido no passado queimados havia muitos anos?

Nada se movia, nada se agitava. Os sapos continuavam a coaxar, a brisa escorria líquida ao meu redor enquanto eu deslizava por entre as sombras e cruzava o pátio – apavorada, como uma criança que

não ousa esticar as pernas para fora da cama por medo de ser atacada por dentes e garras no escuro. Eu me sentia tão exposta ao correr pelas lajes de pedra, naquela bravura triunfante da qual tanto me vangloriara, que me encolhia como uma covarde.

Mas se fosse obrigada a isso, teria que admitir que em algum lugar dentro de mim havia algo mais agindo – algo semelhante ao medo, mas carregado de uma vitalidade elétrica. Teseu estava atrás daquela porta, seu cabelo bagunçado, seus olhos cinzentos e cada centímetro musculoso dele, e não era só o medo de ser pega por meu pai que deixava minha pele em chamas. Eu não conhecia muito sobre os homens; e entre Minos, Minotauro e agora Cíniras, também não me animara muito a conhecer. Ou pelo menos era o que eu pensava, até cruzar com os olhos de um belo prisioneiro e, na força daquele olhar, deixar que o fogo acendido por ele dentro de mim consumisse tudo que eu sabia.

Andei até a cela com tanta suavidade que era como se meus pés estivessem calçados com sapatos de veludo, mas quando deslizei a chave na fechadura e a girei com vontade, deixando o grande peso da porta empurrá-la para trás antes mesmo de me dar conta de que ela tinha cedido, Teseu estava parado bem ali no batente, calmo e controlado, sem nenhum traço de surpresa. Como se já estivesse esperando por mim.

— Princesa — murmurou ele, ajoelhando-se num movimento rápido antes de ficar de pé novamente e me pegar pelo braço.

Senti o toque de sua pele como um ferro em brasa.

— Precisamos de um lugar oculto para conversar em paz — disse ele, sua voz baixa e macia em meu ouvido. — Você conhece

cada segredo de Cnossos, não tenho dúvidas. Pode nos levar a algum lugar assim?

Foi então que hesitei. Eu pretendia entregar-lhe o novelo ali mesmo, naquela cela escura e cheia de sombras, e depois ir embora… depois do que, exatamente, eu não tinha tanta certeza. Mas eu não era uma criança tão desesperada a ponto de não saber os perigos de me esgueirar pelos cantos com um jovem obstinado – e ainda por cima um que já estava condenado à morte. Mas ele já estava me conduzindo, delicado, porém com firmeza, e ouvi as palavras de Dédalo outra vez: *Você deve ir embora de Creta para nunca mais voltar*. Eu sabia, desde o momento em que segurara aquela chave, que não havia mais nada para mim naquela ilha. E por isso pensei: *o que mais tinha a perder?*

— Conheço um lugar, um rochedo escarpado de frente para o mar — sussurrei, e sem saber direito o que estava fazendo nem de onde tinha vindo aquela ousadia, peguei a mão dele e tranquei a porta atrás de nós. Fui guiando-o por uma passagem que tinha sido escavada na pedra de forma tão intrincada que ninguém a veria se já não soubesse que ela estava lá. No final da passagem, encontramos o ar fresco e salgado da costa.

Poderíamos ter sido pegos uma dezena de vezes. Quando olho para trás, ainda sinto o medo vertiginoso que a excitação daquele momento me despertou. Estremeço só de pensar nas punições atrozes que Minos teria planejado para nós se por acaso tivéssemos

nos deparado com um guarda, uma aia ou um convidado da festa desavisado. Mas nenhuma dúvida me assaltava; a certeza desajuizada da juventude e da paixão me davam asas para me esgueirar com aquele novo amor até a beira do penhasco, onde estávamos escondidos pelas rochas, fora de vista. E naquela época, eu não sabia como as asas poderiam derreter e se desintegrar do corpo de uma pessoa; como alguém num movimento de ascensão para a liberdade poderia mergulhar de modo tão inesperado e ser engolido pelas ondas vorazes lá embaixo.

Quando chegamos ao rochedo, rimos de empolgação, e ao olhar para o rosto dele sob a luz da lua, não corei com meu próprio atrevimento.

— Preciso voltar antes que deem pela minha falta — disse ele, olhando para o meu rosto, e ouvi o que ele dizia nas entrelinhas. Tínhamos conseguido uma janela de tempo muito breve, e eu tinha apenas aqueles preciosos minutos para forjar meu futuro.

— Você quer voltar? — perguntei. — Sabe o que o aguarda amanhã à noite.

Ele deu de ombros, um movimento sinuoso e elegante. Senti uma voracidade explodindo em minhas veias, um instinto poderoso de ser envolvida por aqueles braços fortes. Algo tão distante da sensualidade grotesca de Cíniras.

— Não vou fugir — declarou ele de modo direto, e eu sabia que Dédalo tinha razão, óbvio. Um herói não se furta ao seu destino, não se esgueira de sua masmorra e foge da luta. Não seria assim que o nome dele ecoaria pela eternidade. — Você conhece o Labirinto, minha dama — continuou ele. — E conhece a besta que ali espreita.

Se puder me dar alguma indicação, alguma dica quanto às fraquezas dele, ficarei em dívida com você para sempre.

Para sempre. Teseu seria meu, para sempre. Eu tinha certeza de que era isso que ele tinha dito. Mesmo assim, me agarrei a uma atitude modesta, fingindo que já não tinha tomado minha decisão no salão de festas horas antes, quando o vi parado ali, ostensivo em sua vulnerabilidade, mas refletindo uma coragem com que Minos, seguramente envolto no manto protetor de sua tirania, jamais poderia sonhar.

— A besta é o meu irmão — censurei com gentileza. — E não existe nenhuma fraqueza no Minotauro ou no Labirinto. Os dois representam a morte certa para qualquer um que entre ali.

Ele deixou escapar uma risadinha. Seus olhos estavam afáveis de divertimento, e aquela estranha faísca de prata saltava deles como as ondulações projetadas pela lua no mar escuro e salgado. Eu me lembrei das histórias que ouvira, de que ele não sabia quem era seu pai – Egeu, o poderoso rei de Atenas, ou Posêidon, o rei prateado do mar. Qualquer que fosse o caso, ele já nascera uma lenda. Se Posêidon fosse seu pai, pensei, talvez ele o tivesse enviado para corrigir o mal que nos infligira quando trouxe Asterion ao mundo. Vi aquele deus do mar, capaz de abalar a terra, decidido a lançar minha mãe inocente na loucura, e vi Teseu, de porte idêntico ao dele, derrotando o experimento depravado do pai. Talvez eu fosse um instrumento dos deuses, refleti, e ao ajudar Teseu a conquistar sua glória, auxiliava no objetivo de Posêidon e amenizava a traição e a ganância do meu próprio pai.

— Não estou com medo — Teseu me garantiu. — Mas acho que você teme por mim, Ariadne.

Meu nome soprado por seus lábios. Uma doçura tão extraordinária que eu mal suportava ouvir. Ele tinha razão; o único medo que eu ainda sentia era o de perdê-lo logo depois de encontrá-lo. Abri os dedos que seguravam a bola vermelha de barbante e vi que seus olhos se arregalaram.

Ele sorriu, com uma curva de satisfação nos olhos enquanto sustentava meu olhar.

— Talvez, princesa, eu possa explicar por que vim a Creta acorrentado e como pretendo livrar a cidade de sua aflição.

E foi assim que conheci a história de Teseu.

O nome dele ecoaria pelos séculos na companhia de Héracles, que abriu o caminho antes dele, e Aquiles, que viria depois: grandes lendas que lutavam contra leões, devastavam cidades e incendiavam o mundo. Mas eu estava diante de um homem de carne e osso naquela noite. Ele me narrava seus feitos como se fossem atos simples; do jeito que ele descrevia, derrotar um assassino ou um tirano soava como cortar a casca de um queijo ou tirar o caroço de uma azeitona. Suas palavras não saíam planejadas nem ensaiadas. Ele não estava tentando me impressionar com floreios e exageros. As histórias se bastavam.

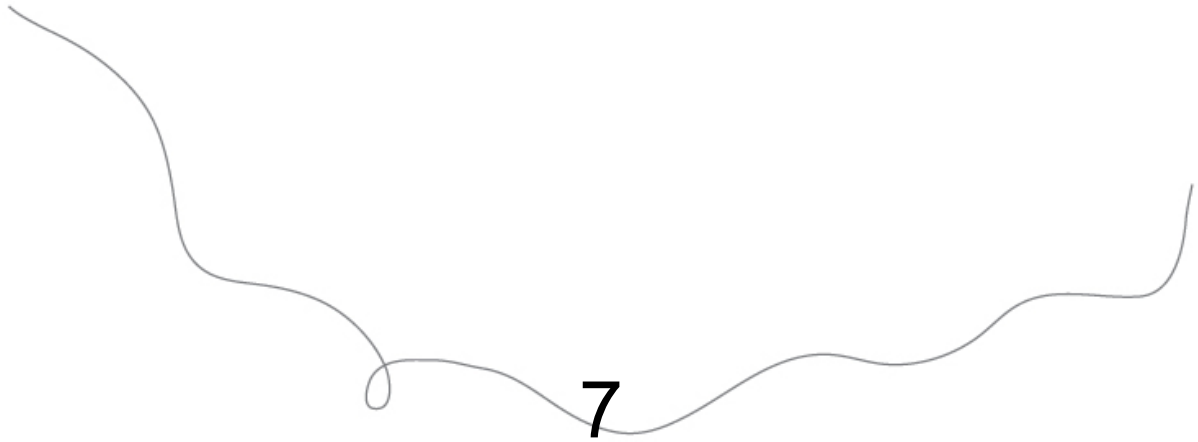
Teseu tinha sido criado em Trezena pela mãe, Etra, sem saber quem era seu poderoso pai até o dia em que tombou a grande pedra debaixo da qual estavam a espada e as sandálias de Egeu. O rei ateniense havia deixado os objetos enterrados ali e dissera a Etra, então grávida, que no dia em que o filho que ela carregava fosse capaz de mover o pedregulho, Egeu o acolheria como um verdadeiro príncipe de Atenas.

Se Egeu tinha sido mesmo o responsável por aquela barriga era algo que levantava muitas dúvidas. Eu ouvira dizer que a grande deusa Atena do Olimpo havia aparecido num sonho para Etra depois de ela ter se deitado com Egeu e a conduzido até a beira do mar; ali, a garota sonolenta fez uma libação e nadou para a arrebentação, onde Posêidon a aguardava com a elegância e a expectativa de um golfinho. Por que Atena arranjou essa união para o tio, abalador da terra e tirano dos oceanos, eu não sei. Afinal, ela é a deusa da sabedoria, e os desígnios de sua mente afiada são insondáveis para todos, exceto para si mesma. Talvez ela buscasse uma forma de se reconciliar com Posêidon; eles haviam entrado numa disputa amarga pelo patronato de Atenas, e a abundância da oliveira oferecida por ela conquistara os habitantes da cidade em detrimento da fonte salina de Posêidon. Talvez ela tivesse orquestrado o nascimento de Teseu para atrelar o pai à lenda do possível filho, que teria uma ligação indissolúvel com sua amada Atenas. Seria um movimento astuto, pois o favorecimento dos olimpianos era uma imensa dádiva para qualquer mortal – pelo menos enquanto durasse.

Teseu certamente sustentava o porte de um rei, e eu não detectava nele a inconstância do mar, que batia nas rochas e engolia embarcações inteiras, por isso estava inclinada a ver nele o sangue de um poder régio e não divino. Mas enquanto o analisava – e acredite, eu o consumi feito um animal sedento num córrego – comecei a enxergar a determinação fria e estável das profundezas verdes e geladas. Não um golfinho saltando pelas ondas agitadas, cintilando sob a luz do sol, mas um tubarão deslizando pela escuridão silenciosa. Focado, poderoso e indestrutível. E foi esse foco inabalável que se voltou para mim. Ter a atenção de um homem

como esse era inebriante, e eu sentia a calma e a segurança dele correndo pelas minhas veias como aquela água verde e fria, acalmando minha pulsação acelerada com o peso de cada onda.

Depois de um tempo, meus ouvidos pararam de se sobressaltar a cada barulho distante, e eu já não estava mais pronta para correr, ajoelhar e implorar pela minha vida a qualquer momento, caso os guardas de Minos surgissem e nos atacassem de todas as direções. Recostei-me contra a parede de pedra atrás de mim e me perdi na história dele.



7

— Minha mãe sempre disse que eu vinha da grandeza, embora não me revelasse a identidade do meu pai. Quando eu era garoto, sonhava que ele era um herói, que estava longe em tarefas árduas e extenuantes, e esperava que ele se consolasse com a ideia de seu filho crescer para seguir seus passos e conquistar o mundo. Eu queria lutar contra monstros, resgatar princesas e punir malfeitores, como imaginava que ele estava fazendo.

“Quando eu tinha quinze anos, Héracles passou vários dias com a gente. Era o tipo de homem que eu sempre imaginara que o meu pai seria, e eu estava ansioso para ouvir suas histórias. Ele não me desapontou. Em primeiro lugar, seu tamanho e sua força gigantes eram mesmo como diziam; ele assomava pelos nossos corredores, e a pele de leão que ficava apoiada em seus ombros era tão feroz que muitas das nossas aias caíam desmaiadas quando o viam. De fato, parecia tanto com um leão de verdade que, ao entrar num cômodo e

vê-la pousada sobre um sofá, lancei-me contra ela para tentar controlar aquela besta, pensando que ela tinha entrado de algum jeito na nossa casa para destruir tudo.

“Héracles deu uma risada gostosa ao saber do meu engano, mas me parabenizou pela coragem de tentar lutar contra um leão poderoso com as minhas próprias mãos, e foi assim que nos tornamos meio que amigos. Eu o admirava demais, então não daria para dizer que era uma relação de igual para igual, mas eu ansiava para aprender o que pudesse antes que ele seguisse com suas viagens.

“Ele me contou sobre os seus trabalhos: o leão da Nemeia que matara com um porrete, pondo fim ao terror que ele levava àquela cidade, o mesmo cuja pele ele agora usava como uma capa; a derrota da Hidra de muitas cabeças; as aves de rapina comedoras de gente do lago Estínfalo e as éguas carnívoras de Diomedes que devoravam os homens ainda vivos; a árdua limpeza das estrebarias de Áugias. Essas e outras lendas me deixavam alucinado. Mas também me diziam alguma coisa; quando eu ouvia como Héracles havia queimado as cabeças de serpente do monstro e como havia capturado o touro de Creta aqui nesta costa rochosa – infelizmente, tarde demais, pois a prole terrível do animal já estava enraizada no útero de sua mãe –, eu via a mim mesmo segurando o porrete, a tocha acesa, o arco e flechas para dar um fim a todos esses monstros, ou agarrando o touro pela garganta com as minhas próprias mãos e apertando até extinguir dele toda a vida. As palavras de Héracles fizeram mais do que ilustrar seus feitos; elas me mostraram o caminho.

“Mais tarde, depois de ter bebido muito do nosso melhor vinho, ele me contou com os olhos marejados como tinha assassinado a própria esposa e os filhos quando tomado pela loucura que a ciumenta Hera lançara sobre ele. Eu sabia que uma vida heroica não poderia ser livre de dor e sacrifícios, mas eu ansiava por ela mesmo assim…”

A voz de Teseu ficou mais baixa. Aquela quebra rouca de timbre, o brilho nos olhos ao se lembrar do sofrimento do amigo, a pausa respeitosa – tudo isso tocou meu coração antes que ele seguisse com sua história.

— Durante o dia, ele me dava dicas de combate corpo a corpo, técnicas que você me viu usar hoje contra aquele boçal na arena. Ele me mostrou como manejar armas e até deixou que eu empunhasse o porrete que usara para esmagar o crânio do leão. Ele me deu muitos conselhos sobre assuntos práticos, mas também me ensinou a pensar. Disse que logo no começo de suas tarefas tinha recebido a visita de duas mulheres enquanto cuidava do rebanho de seu pai no monte Citerão. Uma delas o convidou a seguir a trilha da Virtude. Seria um caminho árduo sobre terreno acidentado até alcançar um pico custoso, mas uma vez lá, ele conquistaria fama imortal. A outra moça descreveu num ronronar sensual a vida que ele poderia levar se escolhesse seguir a trilha do Prazer, permitindo-se toda sorte de delícias mundanas pelo resto de seus dias. Esse seria um caminho fácil, uma estrada lisa e pavimentada se abrindo à frente, livre de labuta e sofrimento…

Teseu fez uma breve pausa, olhando para além de mim, e eu soube que ele estava vendo a si mesmo naquela colina, sendo apresentado àquela escolha. Vi as chamas do sacrifício e da glória

que se misturavam dentro dele, e como era óbvio que ele se consumiria naquele fogo para seguir a escalada íngreme e rochosa da Virtude.

— Claro que Héracles escolheu o caminho acidentado e, quando a hora chegou, enfrentou tarefas mais extenuantes e perigosas do que qualquer um poderia ter imaginado. Isso lhe rendeu fama além da conta – a um custo terrível, mas que valia a pena ser pago mil vezes.

“E assim chegou o dia em que empurrei o pedregulho para o lado e encontrei ali embaixo a espada e as sandálias, provando que Egeu era meu pai. Eu já tinha ouvido falar muitas vezes sobre sua liderança nobre e sábia, e estava de fato contente por ser filho de um homem de verdade, em cujas veias corria a grandeza, um homem apto a governar uma cidade destinada à glória imortal. Agora eu precisava provar que era digno de ser filho do rei de Atenas, então parti na jornada para reivindicar meu direito de nascença. Eu tinha uma escolha: ir pelo mar, uma rota fácil e descomplicada; ou ir por terra, uma rota infestada de bandidos, criminosos e bestas selvagens. Como Héracles, antes de mim, eu sabia qual caminho escolher.”

Teseu descreveu para mim a travessia arriscada que fez pelo istmo de Corinto. O monstruoso gigante de um olho só, Perifetes, que empunhava um poderoso bastão de ferro, mas não foi páreo para os punhos de Teseu. O perverso Círon, que implorava aos transeuntes para lhe lavarem os pés e depois os chutava para dentro das ondas, onde se ocultava uma poderosa tartaruga marinha acostumada a devorar esses infelizes, a qual depois se refestelou com o próprio mestre quando Teseu o lançou ao mar. O apavorante

Sínis, que amarrava os viajantes entre dois pinheiros unidos por uma corda retesada, que ele então envergava até o chão e depois soltava, fazendo suas pobres vítimas se rasgarem em duas, seus restos de carne pendendo como enfeites das árvores.

Ao ouvir essa última história, quase me engasguei de horror, e Teseu sorriu com uma satisfação sombria antes de continuar.

— O tanto que ele gritou quando os pinheiros voaram de volta em direção ao céu; um grito interrompido pelo som úmido e abafado do corpo se partindo ao meio! O destino sangrento que tinha infligido a tantos outros agora era também o seu. E assim as coisas se seguiram enquanto eu trilhava o meu caminho até Atenas. Fui livrando as estradas de todos os assassinos e monstros que circulavam por ali.

— Todos os que viajavam por esses caminhos devem ter ficado muito gratos — falei. — Tantas vidas que teriam sido perdidas foram salvas.

Eu sabia que um herói devia ser bravo e correto, nobre e honrado. Nunca imaginara que estaria na presença de um, mesmo se procurasse pelo mundo inteiro. Teseu me encarou e não desviou o olhar ao seguir narrando.

— Cheguei a Atenas, meu lar e minha cidade, onde nunca tinha pisado antes, e acreditei que aquele seria o fim dos meus esforços, pois certamente eu tinha provado meu valor. Mal sabia que Atenas abrigava uma cobra peçonhenta cujo veneno deixara a terra manchada com a sujeira de seus crimes anteriores. Não um mero brutamontes na estrada, se aproveitando dos viajantes solitários, mas uma criatura muito mais traiçoeira e perigosa. Nem precisei me esgueirar por penhascos áridos ou trechos de terra inóspita; ela se

exibia diante de toda a cidade. Pois se tratava da esposa de meu pai, a rainha de Atenas: a bruxa Medeia. E a parte mais exaustiva da minha tarefa estava só começando.

A voz dele se alterou à menção de Medeia; o orgulho calmo e firme que inundara seu timbre enquanto ele narrava suas nobres façanhas se tornou mais espesso, com um desprezo amargo e viscoso escorrendo de cada sílaba.

— Fazia muito tempo que eu estava na estrada, limpando o caminho e tomando o cuidado de eliminar cada bandido, assassino e monstro que já tivesse infestado aquelas curvas como uma colônia de cupins. Durante a minha ausência, meu pai, Egeu, começou a se desesperar com a ideia de que não teria um filho para sucedê-lo no trono. Sua fé no bebê que ele pensou ter deixado no ventre da minha mãe em Trezena tantos anos antes tinha se esvaído, e ele estava sendo consumido por uma desesperança mórbida. Temia nunca ter um herdeiro e que, ao morrer, o governo de Atenas fosse tomado pelos filhos de Palas, seu maior rival.

“Nesse estado de desolação, estava indefeso frente aos artifícios perversos e obscuros que Medeia operava sobre ele.”

Teseu viu a mudança em minha expressão à menção de Medeia.

— Já ouviu falar dela? — perguntou.

Franzi o rosto.

— O pai dela é meu tio, apesar de eu nunca ter conhecido nem ele nem a filha. Ele é irmão da minha mãe, filho de Hélio, mas mora muito longe, na Cólquida, uma terra de feitiços e bruxaria.

Olhei para as minhas mãos, meus dedos entrelaçados. Outra humilhação que carregávamos; outra mancha que maculava o nosso nome. Pois todos sabiam que Medeia tinha fugido com o herói

Jasão. Todos tinham ouvido falar de como ela roubara o estimado velocino de ouro do pai para dá-lo de presente ao amante. Mas, quando Jasão a trocou por outra princesa, uma mulher honrada, Medeia queimou sua infeliz rival com um manto envenenado e apunhalou os filhos que tivera com Jasão como se fossem porcos, antes de fugir para Atenas na carruagem do próprio Hélio.

Teseu assentiu com a cabeça.

— Eu não conhecia a extensão dos crimes dela quando cheguei, do contrário a teria abatido nos salões do palácio de Egeu, que ela percorria como se lhe pertencessem. Cheguei aos portões em busca de abrigo e ocultando minha identidade, pois planejava esperar o momento certo para anunciar orgulhosamente quem eu era e ver meu pai tomado de alegria.

“Medeia me recebeu.” Ele engoliu em seco. “Eu a vi deslizar imperiosa na minha direção. Estava maravilhado com a padronagem dos ladrilhos e os frisos ornamentados, o ouro suntuoso, as pilastras de jade, o mármore matizado com um carmesim brilhante, os quadrados de ônix do piso – mas enquanto ela andava, a opulência e a riqueza estonteante ao redor se desfaziam como fumaça em seu rastro. Ela ondulava com uma graciosidade viperina. Era lindíssima, não vou negar, mas exalava um miasma de horror, como moscas circulando um cadáver, que a seguia aonde fosse. O sangue precioso de seus filhos adoráveis, executados pelas mãos alvas que agora se estendiam para me dar as boas-vindas como uma zombaria, manchavam o ar que ela respirava.

“Os braceletes de bronze tilintavam em seus pulsos quando ela se movia; o mesmo bronze que deixava seus olhos mais suaves e escondia a perversidade rubra que mais tarde eu veria faiscando nas

profundezas deles. O mesmo bronze que tinge seus olhos, Ariadne, bela neta do Sol. Como dois ramos tão distintos podem brotar da mesma árvore é um mistério para mim. A sua doce bondade antagoniza cada traço dela."

Senti um relaxamento da tensão que havia me invadido desde que ele descrevera Medeia e sua beleza. Apesar de cada sílaba pronunciada por ele sobre aquela mulher ser carregada de desprezo, eu ainda me perguntava se não havia alguma admiração borbulhando por baixo das palavras, como um córrego fluindo para um rio mais potente. Ele sentia repulsa pelos crimes dela, eu sabia disso, mas seus encantos irresistíveis eram igualmente notáveis.

— Conheci meu pai naquela noite. Ele foi caloroso e receptivo; um homem magro e jovial cujo silêncio observador comunicava, a mim que também sou um soldado, que ele estava preparado para tudo. Não sabia quanto daquela atenção cautelosa se devia ao coquetel de mentiras que a bruxa assassina havia infundido nele. Ela lhe dissera que eu era um criminoso, um usurpador, um matador desprezível que tinha vindo para me infiltrar no palácio e tomá-lo para mim por meio da violência. Convencera-o a deixar que ela me servisse uma taça de veneno no momento de brindar ao rei. Desse modo, eu beberia e morreria antes de conseguir pôr em prática meu plano maldoso.

"Medeia era o centro das atenções, ria e conversava com alegria, suas bochechas levemente coradas de prazer. Balançava nos braços o filho que tivera com Egeu para enredá-lo de forma ainda mais profunda em seus encantamentos. Era um bebê franzino e de aparência doentia. Talvez soubesse o que tinha acontecido com os irmãos inocentes e por isso temesse ser nutrido pelo leite da mãe,

que poderia jorrar feito veneno e queimá-lo por dentro como um ciclone de escorpiões.

“Ela virou seus estranhos olhos de bronze para mim e, me observando com atenção, abriu um sorriso. Por um instante, fui atraído por ela como uma mariposa, um mergulho vertiginoso em direção à minha própria desgraça. Estendi a mão para a taça, mas ela a tirou de mim com um movimento ágil. ‘Bom Teseu’, ela disse cheia de malícia. ‘Sua taça está vazia! Permita que eu a encha agora mesmo para que você possa brindar ao rei!’ Seus olhos faiscaram para mim enquanto ela me servia.”

Sentei-me mais ereta num estalo. Ainda que Teseu estivesse na minha frente, são e salvo daquela ameaça havia muito passada, eu não suportava pensar nele tão perto do perigo. O ar noturno estava um pouco mais frio agora, e esfreguei os braços arrepiados.

— Quando fiquei de pé para fazer o brinde, uma tontura repentina me deixou sem fala e turvou a clareza habitual dos meus pensamentos. Eu me sentia muito acalorado, muito desajeitado e muito confuso, e me perguntei quão forte era aquele vinho e quanto dele já tinha bebido. Minha espada de repente estava absurdamente pesada, presa junto ao quadril, e puxei as amarras de couro para soltá-la.

“Nesse momento, bem quando Medeia servia as últimas gotas cintilantes na taça entalhada de bronze e a erguia perto do meu rosto, minha espada deslizou um pouco para a frente, expondo o punho dourado, e enquanto eu estendia a mão para o copo, a força do grito de meu pai dissipou a neblina que rodopiava em meu cérebro, e o mundo me voltou a toda velocidade, claro e afiado como vidro.

“Egeu arremessou a taça da minha mão antes que eu tivesse tempo de sequer erguê-la da mesa. O líquido que Medeia tinha despejado ali sibilou e espirrou com raiva, borbulhando e corroendo o tampo de madeira escura. Fiquei olhando para aquilo, sem entender direito, enquanto o urro dele ecoava em meus ouvidos como um grito de guerra: *‘Meu filho!’.*

“Olhei para meu pai, mas seus olhos estavam fixos na espada pendurada na lateral do meu corpo. A espada que ele havia enterrado sob o pedregulho em Trezena; a espada que somente seu filho poderia empunhar.

“Medeia fez um movimento recuando de nós dois. ‘Impostor!’, gritou, fora de controle. Ela se agarrou ao braço do marido, implorando que ele olhasse para ela, mas ele agora só tinha olhos para mim. ‘Egeu, esse não é o seu filho!’ As palavras escorriam da língua mentirosa dela muito rápidas e desesperadas. ‘Eu vi a alma dele; o âmago sombrio e imundo. Esse homem nos traz somente o mal – você precisa me escutar, Egeu! Eu vi a sua morte assim que ele cruzou a soleira da nossa porta! Eu vi você sufocando nas profundezas gélidas do oceano, lançado de um rochedo, e esse homem é a causa!’ As palavras dela tinham se tornado um grito agudo e histérico, mas ela percebia que aquilo não estava adiantando…”

— Então Egeu viu quem você era de verdade! — interrompi em meio à empolgação.

Ele assentiu com a cabeça, sério.

— O bebê que ela havia parido não tinha condições de governar o reino de meu pai. Um momento de perfeita compreensão se passou entre nós, e eu soube que ele via tudo com clareza agora.

Ordenou que ela fosse embora. Ela tropeçou na saia enquanto corria, aos soluços. Não se inflamou numa raiva monstruosa. Não tentou lançar seus feitiços sobre nós. Não buscou no fundo da alma a violência que empregara contra os filhos de Jasão, frutos de seu próprio ventre. Em vez disso, fugiu. Parecia estar com medo. A bruxa poderosa tinha levado uma rasteira, e nós percebemos que ela não passava, na verdade, de uma mulher pequena e fraca.

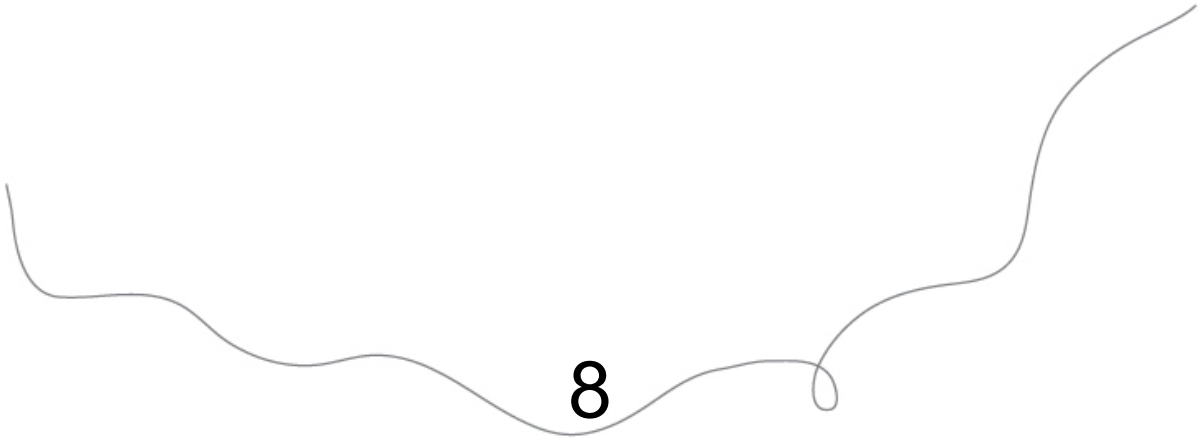
— Para onde ela foi? — perguntei. Eu me perguntava que cidade a acolheria depois de deixar em seu rastro um pai traído, um marido privado de seus filhos e um rei manipulado a ponto de quase assassinar seu herdeiro legítimo.

Teseu deu de ombros.

— Vai saber. Mas Atenas estava livre da presença terrível dela, e comecei imediatamente a aprender com Egeu a governar a cidade. Estava me preparando para ser um rei justo como ele, para fazer cumprir a lei e garantir que a paz e a justiça reinassem.

Percebi que estava inclinada muito perto dele. Enquanto ele contava sua história, eu me via cada vez mais atraída e fascinada, porque ele fazia tudo aquilo parecer tão simples. Onde houvesse o mal, ele o eliminava, sem tentar calcular como poderia usá-lo em benefício próprio. Onde houvesse terror e escuridão, ele os conquistava e inundava o mundo com uma luz ofuscante. Serviria sua cidade como um líder justo. Não ficaria sentado no trono como Minos, frio e implacável, satisfeito em reinar por meio da ebulição de medo e ódio que mantinham os cidadãos de Creta na linha. Senti uma firmeza; uma sensação de segurança que nunca sentira antes. Teseu agora parecia uma âncora ao meu lado, me mantendo firme no solo, banhado numa luz muito límpida.

Foi nesse exato momento que uma figura sombria se lançou das rochas que nos circundavam. A forma cambaleante aterrissou de pé na nossa frente, empunhando de maneira desajeitada um pesado bastão de ferro.



8

No intervalo até o instante seguinte, descobri que ainda era capaz de sentir medo. Congelei, plantada no chão por um segundo agonizante, até que minha língua se descolou do céu da boca e eu me forcei a dizer, incrédula:

— Fedra?

— Ariadne — respondeu ela, tentando soar segura, mas com uma nota um tanto histérica na voz que entregava sua excitação.

— Como você…? Onde…? Você viu…? Será que alguém…? — Tentei fazer todas as perguntas misturadas na minha garganta.

Enquanto eu me esforçava para encontrar as palavras, notei Teseu pegando o bastão da mão dela num gesto calmo e sutil. O corpo dele estava ereto e alerta, seus olhos investigando o horizonte escuro, os ouvidos atentos, embora tudo que eu conseguisse ouvir fosse a arrebentação explodindo nas rochas lá embaixo e o som da respiração ofegante de Fedra.

— Não tem ninguém vindo — ela lhe disse com arrogância. — O palácio está dormindo. Todos beberam vinho demais e agora estão roncando feito porcos. Não tem nem um guarda acordado, eu garanto. Nós temos horas até que o amanhecer desperte qualquer um deles.

Nós temos horas. Nós?

Teseu se deslocava em movimentos furtivos por entre as rochas que nos davam cobertura, sorrateiro como um gato, mal se distinguindo das sombras enquanto examinava o perímetro; claramente, não estava convencido de que Fedra não tivesse sido seguida. Enquanto ele patrulhava a área, peguei o braço dela e sibilei:

— Por Zeus, o que você está fazendo aqui? Ficou doida?

— Tão doida quanto você — respondeu ela, cheia de petulância.

— Como você sabia onde estávamos? — perguntei.

— Eu segui você. — Percebi o orgulho dela diante da minha surpresa. — Quando estava com Dédalo e depois até a prisão. Sabia o que você estava planejando, assim que você o viu, soube que iria querer ajudá-lo a escapar.

— Você me seguiu? Então onde estava esse tempo todo? — exigi saber.

Ela levantou as sobrancelhas para mim.

— Escutando.

Eu estava furiosa e bastante envergonhada pela facilidade com que minha irmã mais nova tinha me superado. Ela endireitou a postura sob a luz da lua, pequena e magra, mas cheia de ferocidade. Suspirei. Daria qualquer coisa para mantê-la fora daquilo. Se alguma coisa acontecesse com ela, a culpa seria minha.

— E onde você arranjou o bastão?

Eu me perguntava se ela estaria ensandecida o suficiente para ter invadido o arsenal do palácio. Acho que àquela altura, nada mais que ela fizesse teria me surpreendido.

— É o meu bastão — interrompeu Teseu. Eu não tinha reparado no retorno dele, de tão sutis que eram seus movimentos. — A área está limpa, como ela falou. Então, o palácio está mesmo dormindo? — ele perguntou a ela.

Agora que Teseu se dirigia a ela, a voz de Fedra estava tão macia quanto um creme.

— Ah, sim, totalmente apagado depois da farra desta noite — ela lhe assegurou. — Peguei seu bastão no depósito onde colocaram as oferendas vindas de Atenas.

Senti meu estômago se contrair. E se dessem pela falta dele? Mas Teseu parecia despreocupado, e vendo a naturalidade com que ele segurava o bastão, como se fosse uma extensão de seu braço, me senti mais segura.

— Este bastão fez de mim o príncipe de Atenas — disse ele, e sua voz me remeteu à água que flui sobre as pedras, fria e veloz, com uma força muito particular. — Sem ele, eu não estaria aqui, para começo de conversa. Obrigado por tê-lo devolvido a mim — ele acrescentou olhando para Fedra, e mesmo na penumbra percebi que ela enrubesceu inteira.

— Vai continuar contando? — Fedra perguntou a ele, quase com timidez. Dava para ver que ela estava dividida entre o orgulho triunfante de sua ousadia e uma hesitação atípica ao pedir a ele que seguisse com a história, que ela tinha ouvido sem sabermos que estava lá.

Teseu sorriu.

— Claro — disse ele. — Eu estava feliz em Atenas, tendo deixado meus trabalhos para trás e com a perspectiva de um futuro radiante à minha frente. Mas quando arregacei as mangas e comecei a atuar como príncipe, administrando rebanhos, arbitrando disputas, observando Egeu e me esforçando para ser um rei tão bom quanto ele, os rumores da guerra começaram a chegar até nós. Os palântidas estavam marchando para Atenas, ressentidos não só pelo fato de Egeu se sentar ao trono como também por ele agora ter um herdeiro poderoso como eu. Eram os cinquenta filhos de Palas, insatisfeitos com o domínio sobre a Ática e com a expectativa de tomar Atenas quando Egeu morresse. Agora que suas esperanças tinham se frustrado, eles haviam decidido tomar a cidade por meio da força.

“Foram os palântidas que mataram seu irmão Androgeu. Nutriam inveja e amargura pelo sucesso de quem quer que fosse, e a vitória dele nos jogos os deixara furiosos. Foram eles que o atraíram até as montanhas assoladas pelo touro ensandecido, onde ele encontrou sua morte solitária. Quero que vocês saibam que fui eu que golpeei cada um deles como retribuição. Depois de ter assassinado todos os cinquenta filhos na frente dele, matei Palas também. A morte do seu irmão foi vingada pelas minhas mãos.”

Eu tinha sentido um arrepio frio antes, quando ele falou sobre Medeia. Mas ao ouvir aquelas palavras, fui inflamada por uma estranha mistura de orgulho e vergonha. Orgulho por esse homem heroico ter matado os assassinos de meu irmão. Vergonha por meu pai tê-lo trazido até aqui acorrentado para pagar o preço de uma morte que ele já tinha vingado.

Teseu continuou.

— Então, eu tinha livrado a cidade de mais uma ameaça e trazido esperança ao povo, com a fé de que após Egeu eles ainda seriam governados por mim com justiça. Mesmo assim, uma tristeza terrível se abateu sobre a cidade como uma nuvem. Para onde quer que olhasse, eu via rostos melancólicos e desesperados. Ouvia o choro das mulheres aonde quer que fosse. Perguntei ao meu pai: “O que aflige nossos cidadãos? O que os faz chorar, gemer e ranger os dentes? Nossa cidade é próspera, nossas leis são justas e nós os mantemos seguros. Que razão podem ter para se entregarem a essa depressão?”.

“As pesadas linhas de expressão que nos últimos meses tinham sido suavizadas pela alegria despreocupada de Egeu agora estavam de volta, sulcadas ainda mais fundo em seu rosto envelhecido. Ele não conseguiu me olhar nos olhos quando falou. ‘Teseu, talvez se você estivesse aqui nós pudéssemos ter tido alguma chance. Mas quase três anos atrás, o rei Minos de Creta enviou seus navios contra nós, e não conseguimos fazer frente ao seu poderio. Os navios se estendiam por toda a linha do horizonte, as velas tremulando triunfantes, os soldados altivos com lanças de freixo, escudos poderosos, uma enxurrada de flechas e espadas terríveis reluzindo ao sol. Esse foi o arsenal que ele trouxe para nos enfrentar; era demais para nós. Lutamos. Lutamos bravamente contra Minos, e talvez tivéssemos conseguido derrotá-lo, pois a coragem dos atenienses é mais poderosa do que toda a riqueza de Creta. Mas Zeus favoreceu seu filho e, a pedido de Minos, nos enviou uma praga.’

“A lembrança deixou Egeu calado por alguns segundos. Sua voz estava baixa quando ele continuou a história, e me esforcei para ouvir suas terríveis palavras. ‘Os mais fortes de nossos homens morriam feito moscas. Seus corpos se acumulavam em pilhas na praia antes que tivéssemos tempo de queimá-los, cinzentos e fedidos como um volume exagerado de peixes trazido a terra e, por ser grande demais para ser comido, apodrece debaixo do sol. Por todo o território, nosso povo caía doente e perecia em questão de horas. Os ritos fúnebres não davam conta da quantidade de mortos; os espíritos dos insepultos gritavam, seus gemidos se misturando aos uivos dos vivos enlutados.’ Egeu me contou, com a voz entrecortada, que Atenas não podia mais suportar aquilo, e por isso eles tiveram que se render antes que todos estivessem mortos.”

Enquanto Teseu descrevia os horrores que a minha família tinha infligido ao seu povo, eu nutria um desprezo por Minos que se retorcia e se revirava em minhas entranhas como um feto monstruoso; um pesadelo em forma de bebê, muito pior do que a criatura a que minha mãe dera à luz. Se o Minotauro devorava um punhado de homens e mulheres a cada ano, eu sentia que a minha fúria poderia queimar cidades inteiras com um único suspiro. Mas, por mais que odiasse Minos, eu ainda era filha dele, e Teseu devia esperar que eu demonstrasse lealdade a Creta e ao meu pai; devia acreditar que o sofrimento de Atenas me deixaria feliz. Se eu chorasse, ele acharia que eu estava sendo falsa. Cerrei os dentes e só escutei.

— Egeu sofria só de falar, mas ele me explicou como se deu a rendição e quais foram as condições terríveis de seu pai para garantir a paz. — Teseu balançou a cabeça. — Eu já conhecia a

depravação dos ladrões e bandidos comuns. Nunca havia imaginado o nível de crueldade de um rei, com uma fortuna infinita e um poder irrestrito para se permitir as torturas e as vinganças mais insanas que fosse capaz de conceber. O que Egeu descreveu para mim ia além de qualquer perversidade que eu já vira antes.

Catorze jovens, rapazes e moças que mal tinham começado a vida, arrancados a cada ano de seus pais. Trazidos a este lugar, exibidos para satisfazer a sede de Minos por poder e depois entregues – vivos e aos gritos – ao apetite de meu irmão.

Dava para ver que Teseu teria logo sabido o que fazer. Nem dúvida nem medo o teriam impedido por um segundo que fosse; não esse homem, que havia eliminado sem hesitação cada horror e injustiça que cruzara seu caminho até ali.

— Raiou o dia em que seria feito o sorteio dos enviados. Uma quietude sombria pairava no salão; eu sentia o silêncio pesando sobre mim como o céu maciço que Atlas carrega em seus ombros poderosos. Héracles tinha carregado esse fardo também. Eu sabia que era o dever de um rei sustentar o céu para o seu povo, evitar que eles fossem esmagados por aquele peso, não importava o quanto suas costas envergassem ou seus músculos implorassem piedade.

Minos nunca tinha falado daquele jeito sobre o privilégio e o preço terríveis de governar. Eu nunca tinha ouvido antes que um rei deveria dar a própria vida por seu reino, até que Teseu disse isso como se fosse uma verdade óbvia e irrefutável.

— E assim, quando o décimo terceiro nome foi sorteado e a tensão viscosa do ambiente começou a se dissipar um pouco, pois agora faltava apenas mais um nome para que aquele cômodo e seu

fedor horrível de vergonha fossem esquecidos por mais um ano, dei um passo à frente. Não permitiria que mais um filho de Atenas fosse submetido àquele horror. Eu iria em seu lugar.

Ao meu lado, Fedra estava arrebatada, hipnotizada pelo heroísmo direto e decisivo. Claro que ele se sacrificaria por seu reino; eu via o caminho traçado diante dele, nenhuma confusão ou incerteza, nenhuma apatia ou relutância. Ele seguiria em frente, sem jamais duvidar de qual era a direção correta que um homem deveria seguir, jamais temeroso de suas curvas, reviravoltas ou obstáculos. Ele cortaria os ramos espinhosos que me enredavam – a mistura de repulsa e compaixão por aquela criança-monstro; as sombras turvas de medo e lealdade que me prendiam a Minos; os novelos embaraçados de amor e raiva que me mantinham atada a Pasífae – ele cortaria tudo isso com um único golpe de sua espada. Eu ansiava por aquela certeza fácil, aquela fé que tornaria tão simples seguir adiante.

Mas mesmo que ele estivesse disposto a ir em frente, munido de uma convicção honrada, eu apostaria que nem todo mundo via a situação da mesma forma.

— E seu pai? — perguntei. — Ele com certeza não ia deixar você fazer uma coisa dessas.

Seu olhar me atravessou por um segundo, quase com desprezo.

— Deixar? Como ele poderia me impedir? Como qualquer um poderia me impedir? Claro que ele me aconselhou a não fazer aquilo e tentou me convencer de que eu seria mais útil em Atenas, onde poderia ajudá-lo a fortalecer nossa marinha para declararmos guerra contra Creta. Mas isso talvez levasse anos, e quantas dezenas de jovens ainda morreriam no Labirinto de Minos nesse tempo? Eu não

podia suportar a perda de nem uma vida mais. — Ele virou seu olhar gélido para mim.

Eu queria mergulhar naquela luz fria. Queria que ele congelasse a onda quente de humilhação que eram meu pai e meus irmãos, meu lar que causara tanta dor e sofrimento ao lar dele. Queria reparar aquela covardia que me arrepiava a espinha ao pensar na marinha dele vindo nos destruir, com Teseu altivo na proa do navio que liderava a frota, em busca de seu prêmio. Será que eu teria corrido até a praia e me prostrado aos pés dele, implorado àquele grande comandante que queimasse meu palácio, devastasse a minha terra e me levasse com ele? Eu queimava por dentro ao pensar no que já havia se passado, no que poderia ter acontecido e no que o futuro ainda reservava. Ansiava por um mergulho nas águas cristalinas da convicção dele.

— Mas Egeu tinha razão! — a voz franca de Fedra ressoou, rompendo qualquer que fosse o laço que ligava Teseu a mim naquele momento. — Você devia ter reunido um exército! Seria muito melhor esperar até ter condições de vencer e salvar todos eles, em vez de morrer agora no lugar de um só!

Ela não tinha entendido. Não sabia por que ele tinha vindo; acreditava se tratar de um gesto nobre, porém fútil. Quase caí na gargalhada. Depois de ouvir a história dele, ela ainda achava que Teseu poderia entrar naquele Labirinto e não retornar.

— Fedra — disse ele, agora com um traço caloroso de humor na voz. Não lançou seu olhar gélido para ela. — Sua ousadia me impressiona. Você já conquistou grandes feitos que desmentem a sua idade e o seu gênero. — Ele inclinou a cabeça em direção ao bastão que ela trouxera de volta para ele. — Mas o que me aguarda,

princesinha, é perigoso demais até mesmo para você. Agradeço o que você fez esta noite. Eu lhe devo mais do que sou capaz de dizer e lhe dou a minha palavra de que pagarei essa dívida mil vezes. Mas tenho que lhe pedir mais um favor, adorável Fedra: que você volte agora para a sua cama e não diga nada a respeito disso para ninguém.

Dava para notar que suas palavras e o tom amigável tinham mexido com ela, mas ele havia adotado a estratégia errada com minha irmã mais nova.

— Voltar para a cama? — ela cuspiu, incrédula. — Eu vim aqui para ajudar você a escapar; Ariadne e eu vamos guiá-lo até o seu navio para que você possa navegar de volta para Atenas e trazer o seu exército! Esse é o plano, não é? Não foi por isso que Ariadne trouxe você aqui?

— Princesa, acho que você não sabe o que os exércitos fazem — disse Teseu. — Se soubesse, não ia desejar que um deles chegasse à sua costa. Não vim declarar guerra contra Creta. Vim para entrar com meus irmãos e irmãs no covil do Minotauro; esse é o meu dever como herdeiro do trono de Atenas.

— E como os seus ossos vão se sentar sobre um trono se estiverem esmagados e espalhados pelo chão do Labirinto? — disse ela. Eu me contorci toda ao pensar nessa imagem, mas Fedra era destemida. — De que vai adiantar a sua companhia quando todos vocês tiverem sido devorados por aquele monstro?

Asterion, eu quis corrigi-la. Mas ela não estava errada; ele não era uma estrela brilhante. Era um monstro embrutecido, e ela tinha razão de não turvar sua visão com memórias de nossa mãe balançando-o adormecido em seus braços e das lambidas ásperas

de sua língua infantil. Ela estava livre para seguir adiante, determinada.

Teseu continuou sorrindo. O tom desafiador de Fedra não parecia tê-lo ofendido.

— Posso garantir, princesa, que não chegará a tanto. Mas não posso lhe falar mais nada; não quero colocá-la em risco. Você deve permanecer inocente.

— E a Ariadne? — perguntou Fedra, estridente. — Ela não consegue mentir para o nosso pai. Eu seria capaz de manter um segredo mesmo se estivesse sendo puxada de todos os lados por um bando de cavalos selvagens, como nos pinheiros de Sínis. Mas a Ariadne vai entregar tudo na hora que alguém perguntar. Por que você não a manda embora?

— Ariadne não vai estar aqui para responder perguntas — disse Teseu.

Fedra ficou parada de repente.

— Por que não?

Teseu deu uma olhada para mim. Escutei as palavras de Dédalo claras como água e soube que ele também estava pensando nisso.

— Ariadne vai comigo — disse ele, ponderado. — Ela já se arriscou demais me libertando hoje à noite. Não pode continuar aqui.

Fedra se engasgou.

— E eu posso? Sem a Ariadne? Você vai… ela vai… — Ela olhava de mim para Teseu e de volta para mim, em pânico. — Eu não posso ficar aqui sem ela! — A urgência em sua voz era inegável.

Teseu estava prestes a falar, mas parou subitamente quando pousei a mão em seu braço.

— Fedra tem razão — falei com suavidade. — Ela não pode ficar aqui, do mesmo jeito que eu não posso. — Respirei fundo. — Quando você matar o Minotauro amanhã… — Ao ouvir isso, Fedra se engasgou. Continuei falando, as palavras vindo de algum lugar dentro de mim que eu não conhecia antes daquela noite. — Quando eu sumir, Minos vai suspeitar de que ela sabia de alguma coisa. Precisamos levá-la também.

Para onde eu estava sugerindo que nós fôssemos, não saberia dizer. Teseu e eu não tínhamos discutido nossos planos. Até aquele momento, eu não sabia, com certeza, que ele planejava me levar com ele, apesar de saber que eu teria que ir embora. E eu me perguntava em que competência iria embora com ele. Como sua prisioneira? Sua cúmplice? Sua mulher?

Teseu suspirou.

— Ariadne, não negarei um pedido seu. Ela não pode se aproximar do Labirinto. Você estará do lado de fora da porta. Quando eu tiver derrotado a besta, guiarei os prisioneiros para fora e você e eu fugiremos com eles até o meu navio. Fedra já tem que estar lá, esperando por nós.

Ela se aprumou toda, o pequeno punho cerrado num gesto vitorioso, os olhos luminosos.

— Estarei lá — disse ela.

— Meus homens estão a uma pequena distância daqui — ele nos disse. — As velas negras desapareceram da vista de Creta, mas eles estão prontos para remar de volta ao cair da noite amanhã. Estarão esperando por mim em uma pequena enseada próxima, a leste daqui, e nos levarão até onde o navio está escondido. Teremos navegado para longe antes que qualquer alarme seja soado. Quando

o palácio acordar na manhã seguinte e Minos descobrir o que aconteceu, estaremos muito distantes de seu alcance.

Fedra escutava com atenção enquanto Teseu lhe dava instruções de como chegar à enseada, mas minha mente vagava longe, nas ondas escuras e avermelhadas que me levariam embora daqui amanhã. Fui surpreendida de volta pela mão de Fedra apertando a minha.

— Vejo você de manhã, irmã — ela estava sussurrando, seus olhos como estrelas, e então se foi, o vestido flutuando na brisa enquanto ela corria de volta em direção ao palácio.

Ela foi embora tão repentinamente quanto havia chegado, e Teseu e eu ficamos sozinhos na companhia um do outro mais uma vez.

— Sinto muito — falei. — Eu não sabia que ela ia seguir a gente, não percebi que…

Teseu voltou a sorrir, aquele sorriso fácil e despreocupado.

— Vai ser bom para você — disse ele — ter a companhia dela.

Engoli em seco, sem entender direito o que ele queria dizer. Será que, do contrário, eu ficaria sozinha quando chegássemos a Atenas? Onde ele pretendia estar?

Ele se aproximou de mim e segurou uma mecha do meu cabelo entre o polegar e o indicador. Não havia ar suficiente que eu pudesse respirar; Teseu preenchia todo o espaço diante de mim.

— Você ficará feliz — continuou ele — de ter sua irmã dançando em nosso casamento.

E então me beijou. Foi uma descarga elétrica, um raio estilhaçando o céu, um tremor da terra balançando tudo que havia sobre ela. E quando ele se afastou e segurou meu rosto entre as

mãos e me encarou com aquele olhar firme e o mundo voltou ao lugar, eu soube que, apesar do caos e da confusão que eu deixaria para trás, meu caminho estava traçado.

Eu guiaria Teseu através do Labirinto. E então ele tomaria a minha mão e me guiaria em direção ao futuro. Seria sua mulher, esposa do príncipe de Atenas, e a nossa vida seria diferente de tudo que eu já conhecera entre as paredes de mármore do rei Minos, diferente de tudo que o Chipre poderia me reservar.

Entreguei-lhe o grosso novelo de barbante. Eu o havia segurado com tanta força durante as horas que passamos conversando que a esfera tinha sulcado marcas profundas em minha palma.

— Quando entrar no Labirinto amanhã — falei —, você deve atar este barbante às portas assim que elas forem trancadas atrás de você. Mantenha-o bem seguro, pois sem ele você nunca encontrará o caminho de volta. Acredite em mim, é impossível. Vai estar escuro, tão escuro que você não será capaz de enxergar um palmo à sua frente. Vou deixar seu bastão ao lado das portas, consigo entrar lá amanhã. Nenhum guarda vai acompanhá-los até o lado de dentro, nenhum cretense põe os pés naquele lugar, então não existe risco de que o bastão seja encontrado. Se algum dos outros prisioneiros sair correndo pelo Labirinto, morrerá lá dentro. Diga-lhes para ficarem parados e deixarem você ir na frente. Ande em linha reta. Não faça curvas. — Engoli em seco.

Eu o via avançando pela escuridão. O fedor de carne apodrecida e o chacoalhar dos ossos não o impediriam. Os cascos de meu irmão batendo no chão não o deixariam assustado. Ele não pensaria nem por um segundo na possibilidade de morrer. Mas eu podia ver aquela carne cheia de vida, aquela pulsação que batia tão regular

sob os meus dedos, rasgada, estraçalhada, pendendo em farrapos da mandíbula de meu irmão. Na escuridão do Labirinto, como ele saberia de que direção o monstro iria atacar? Os terríveis chifres de Asterion poderiam empalá-lo se o assalto viesse do breu impenetrável, antes mesmo que Teseu tivesse a chance de erguer seu bastão.

— Sei que você enfrentou muitas batalhas — falei. — Mas não viu o Minotauro. Não conhece a força dele.

Pisquei para espantar as lágrimas que turvavam minha visão, para poder olhar para o rosto dele e memorizar cada detalhe, guardá-los em minha mente. Não me esqueceria de um instante sequer.

— Eu voltarei para você — disse ele, e o tom gentil me desconcertou. Até agora ele tinha sido dominante, forte e poderoso. Eu não estava preparada para o carinho repentino em sua voz. Uma tempestade de soluços me subiu pela garganta e eu queria me agarrar a ele como cracas aderidas a uma pedra. — Você deve esperar ao lado da porta — disse ele. — Eu voltarei e, quando voltar, temos que ser rápidos. Não podemos demorar. Com o Minotauro derrotado, Creta vai empreender um ataque contra nós. Por isso preciso estar de volta a Atenas o mais rápido possível para reunir minhas tropas enquanto Creta ainda está vulnerável. Mas acima de tudo, preciso tirar você daqui antes que eles a encontrem.

Nossos planos estavam feitos. Eu sabia que devia estar assolada pela dúvida, mas tinha certeza de que faria aquilo. Trair meu pai. Enviar a morte até o meu irmão, emaranhada num barbante vermelho que traria seu assassino de volta para mim. Abandonar minha mãe. E, claro, deixar Creta para trás e nunca mais voltar.

Não vou dizer que foi uma decisão fácil, mas era a única que eu poderia ter tomado. O mundo estava em chamas, e Teseu era uma lagoa verde e sombreada.

— Você vai me levar de volta para a prisão agora? — perguntou Teseu.

Dei uma risada.

— Acho que vou ter que fazer isso.

Não sei quanto tempo passamos ali perto do rochedo. Um intervalo muito curto, mas longo o bastante para mudar tudo. Eu queria ficar ali, mas prolongar um momento com ele era arriscar perdê-lo para sempre. Depois da noite seguinte, nosso futuro se estendia diante de nós, e eu teria anos pela frente ao lado dele. Agora eu seria parte de sua história: o amor conquistado em Creta e que lhe trouxera a vitória.

Esgueiramo-nos de volta à cela, uma euforia silenciosa borbulhando em minhas veias.

— Não vai deixar cair o barbante? — murmurei quando ele empurrou a pesada porta de ferro para abri-la.

Ele me puxou para dentro do cômodo escuro.

— Vou segurar bem firme — prometeu ele. — Não vou soltar, não importa o que aconteça.

Ele me empurrou contra a parede e não me importei com a pedra áspera arranhando minha pele. Seus beijos eram urgentes, não suaves como tinham sido no rochedo. Eu sentia como se ele estivesse me marcando.

— Amanhã — ele balbuciou com força contra o meu cabelo. — Amanhã estaremos livres deste lugar, as ondas nos levarão embora juntos.

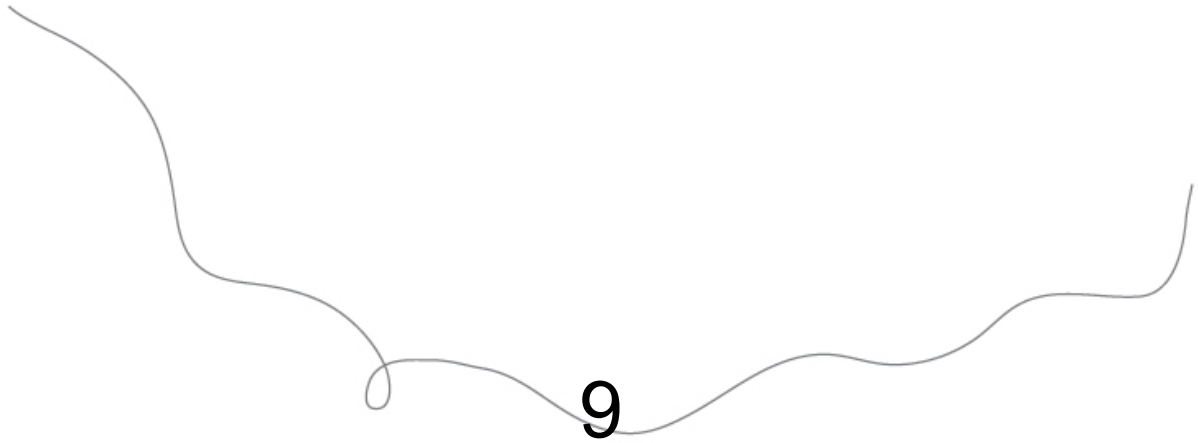
Eu ansiava por estar naquele navio com ele agora. Embora estivesse planejando uma traição contra a minha família, era o meu corpo que me traía naquele momento. Não conseguia obrigar minhas pernas a me carregarem para fora daquela cela miserável.

— Vá, Ariadne — ele estava me dizendo, embora seus braços me envolvessem como braceletes de ferro.

O pânico começava a crescer dentro de mim, minha cabeça estava tomada por um estrondo retumbante; eu sabia que precisava ir embora, mas não sabia como me forçar a largá-lo. Era um ato que contrariava cada instinto, cada nervo do meu corpo ardendo pelo toque dele, mas ele estava me soltando e, de algum modo, eu estava me afastando e atravessando a porta aberta, de volta ao pátio. A porta se fechou e eu quis bradar contra a injustiça de haver uma barreira entre nós. Mas minha mão estava inserindo a chave de volta na fechadura e, mesmo com a palma escorregando no metal, úmida de suor, a fechadura se encaixou no lugar.

Apoiei a cabeça contra a madeira por um segundo, esperando as manchas pretas pararem de dançar diante dos meus olhos, esperando o rugido na minha cabeça se dispersar. Eu me perguntei se Teseu também estava encostado contra a porta, aquela placa de ferro e madeira muito antigos que separava nossos corpos.

Não demoraria muito agora.



9

Acordei com os primeiros sinais da alvorada despontando no céu. Não sei quanto tempo tinha se passado, mas não me sentia cansada. Estava carregada de uma energia nervosa que fazia eu me sentir mais desperta do que nunca.

Vesti as roupas às pressas na luz fraca e atravessei sorrateiramente o pátio enquanto o céu começava a clarear. O mundo parecia sereno e controlado, suspenso num equilíbrio perfeito entre a noite e o dia, e eu me sentia à beira de algo grandioso. O dia anunciado por aquele sol seria o último da vida que eu levara até então. A que ele daria início, eu não podia imaginar. Não conseguia dar contorno aos sonhos que esvoaçavam ao meu redor. Seria empolgante, isso eu sabia. Mas parava por aí.

O sol se ergueu no horizonte, lançando espirais de luz rosada e âmbar que manchavam o céu. Meu avô puxava aquela bola de fogo atrás de sua carruagem, subindo cada vez mais alto em direção à

escuridão que ele extinguia, reavivando o mundo a cada manhã. Eu sabia que o sangue dele pulsava em mim por uma razão, que eu tinha nascido para realizar algo especial. Pasífae havia mudado o mundo, mas graças ao rancor de Posêidon, o poder dela tinha espalhado uma feiura sombria que se amalgamara sob as pedras de Creta, de onde maculava todos nós. Agora, eu limparia isso tudo com um gesto luminoso, como se eu mesma puxasse a carruagem de Hélio.

O mundo estava banhado em dourado quando cheguei à minha pista de dança. A quietude da alvorada estava dando lugar à agitação da vida, às notas altas e agudas das andorinhas e às ondas cálidas que prometiam o calor do dia ainda por vir. Meus pés bateram um ritmo rápido sobre o piso de madeira. Quem ouvisse do palácio pensaria que eram os tambores anunciando a entrada dos prisioneiros no Labirinto aquela noite, que eu estava dançando em antecipação à cerimônia de morte. Mas junto com o ritmo melancólico de meus passos, eu traçava um padrão leve e ágil que espiralava pelo piso como os raios de sol colorindo o céu. Hoje eu tomaria meu destino nas mãos. Era digna de ser esposa de um herói lendário e iria provar isso. A minha história não seria de morte, sofrimento e sacrifícios. Eu assumiria meu lugar em canções entoadas sobre Teseu: a princesa que o salvou e pôs fim à monstruosidade que assolava Creta.

Dancei pelo fim de tudo que eu conhecia e pelo início de tudo que ainda viria a conhecer. Além dos muros do palácio, touros soltavam mugidos longos e altos enquanto eram conduzidos até os portões, prontos para o sacrifício. Incenso queimava nos templos, enviando uma fumaça doce aos céus como preparação para o sangue que

viria em seguida, derramado em honra dos deuses. E muito abaixo dos meus pés que dançavam, o ribombar impaciente de cascos, e, ao mesmo tempo que o sol triunfal atingia o zênite no céu acima de mim, o Minotauro rugia na escuridão lá embaixo.

O dia se passou numa lenta agonia. Eu queria muito falar com Fedra, mas era impossível ter privacidade. Quando passei pelos aposentos dela, na esperança de encontrá-la sozinha para podermos conversar, fui surpreendida pela visão inesperada de Pasífae escovando e trançando os longos cachos dourados de minha irmã.

Ela costumava fazer nossos penteados, lembrei. Eu podia escutar a risada dela e sentir o calor de seus dedos em meu pescoço; a destreza ágil das mãos modelando meu cabelo em formas complicadas. Fazia tanto tempo. Mas agora Fedra estava sentada pacientemente, e Pasífae lhe fazia tranças em silêncio.

Hoje, Atenas iria chorar e Creta iria vibrar com o próprio poder perverso, e Pasífae era a origem de tudo. Será que isso significava alguma coisa para ela? O suficiente para tirá-la daquele estado de muda preocupação, para lhe dar alguma noção de orgulho que a fizesse se lembrar agora da importância da aparência, que a fizesse querer apresentar a filha mais nova para o mundo hoje? Fedra, íntegra, inocente, pulsante de vitalidade. Os filhos de Pasífae: um mártir heroico, um monstro temível, filhas lindas e um herdeiro do trono. Talvez ela sentisse que tinha mesmo razão para se orgulhar de sua prole hoje, quando catorze outros jovens morreriam.

Minha mãe me viu hesitando perto da porta.

— Entre — convidou ela. Sua voz saiu baixa, mas ela levantou os olhos para encontrar os meus por um segundo. Sentei-me na beirada do sofá de Fedra. — Tão linda — disse Pasífae. Não sei se estava se referindo a Fedra ou a mim, ou a ninguém.

Observei-a torcendo as últimas tranças para formar uma coroa ao redor da cabeça de minha irmã. Nenhuma de nós falou, mas foi um silêncio compartilhado. Tive a sensação de que, se Fedra abrisse a boca, qualquer coisa poderia escapar. A excitação estalando dentro dela era palpável. Não era nada decente para uma jovem princesa parecer tão animada com a perspectiva do sacrifício humano que aconteceria naquela noite.

Fedra escorregou do assento e Pasífae se virou para mim. Seu sorriso era afável, mas os olhos estavam vazios.

— Agora você — disse ela, fazendo um gesto para eu me sentar na frente dela.

Ela deslizou um pente pelo meu cabelo, esparramando os cachos nas mãos. Senti a pressão suave de seus dedos se movendo pelo meu crânio. Era algo tão familiar e ao mesmo tempo quase esquecido que senti as lágrimas se formando na mesma hora. Pasífae estava num contentamento tranquilo, e assim me perdi na sensação de minha mãe trançando meu cabelo, como se eu tivesse voltado a ser criança, como se não estivesse planejando ajudar o assassino declarado de seu filho mais novo na execução do crime, subtraindo de Creta, na mesma noite, o monstro e as princesas.

O quarto estava quente, atordoante com a irradiação do calor que atingia as pedras lá fora, e comecei a entrar numa espécie de transe. Embalada pela atenção silenciosa de Pasífae, que torcia e trançava

mechas do meu cabelo para formar o que sem dúvida seria uma coroa dourada como a que adornava a cabeça de Fedra, meus olhos ficaram pesados, e pensei nos braços de Teseu me envolvendo. Fui suspensa por uma onda verde e fria que me levava embora. A maré me balançava por um vasto oceano, numa vertigem leve e alegre, através da espuma branca das cristas que quebravam. Aquele estado entre o sonho e a vigília me fez mergulhar numa vastidão infinita de oceano vazio. Em algum lugar, eu sabia, Ariadne estava sentada em um quarto todo decorado e folheado a ouro enquanto Pasífae colocava adereços pesados e cravejados de joias em seu cabelo, mas eu estava a quilômetros de distância, girando em correntes que me puxavam em todas as direções, exceto a de casa. Até que, de repente, senti a areia áspera debaixo de mim e soube que estava numa praia. Mas não era nenhuma que eu conhecesse, e eu estava sozinha – tão sozinha que uma imensa ferida se abriu rasgando meu corpo –, e quando olhei para baixo, vi apenas a areia.

Abri os olhos de supetão, assustada. O quarto estava um forno, os dedos de Pasífae tinham parado de se mover e as tranças que ela fizera em torno da minha cabeça pesavam. Senti a onda de terror, a desolação daquela praia cheia de areia que por um momento me sufocara de tão real. Olhei para cima e vi os raios de bronze dos olhos de Pasífae fixos em mim pela primeira vez desde a prisão do Minotauro. Por um instante, não fui capaz de desviar o olhar. Estávamos presas num silêncio frenético; eu sentia o peso de tantos anos de palavras não ditas. Queria gritar a ela: “Estou indo embora hoje à noite! Nunca mais vou ver você”. Mas as palavras definharam e morreram em meus lábios. O vidro impassível e inescrutável de seu olhar não vacilou.

A mão de Fedra tocou em meu braço.

— Seu cabelo está lindo, Ariadne — ela estava murmurando, e então me puxou para que eu ficasse de pé.

O mundo deslizou ao meu redor e eu me senti tonta por um segundo, antes de tudo se endireitar. Senti a mão de Fedra apertando meu braço, um aviso. *Não ponha tudo a perder. Ele está contando com você*.

Não saberia dizer como foi o restante do dia, só sei que passou. Eu tinha uma tarefa a executar: posicionar o bastão de Teseu, que eu tinha levado de volta comigo na noite anterior e escondido embaixo do meu sofá, na entrada do Labirinto. Era tão fácil que parecia até idiota. Ninguém vigiava as portas, pois não poderia haver ninguém tão desesperado nem tão tolo a ponto de querer perturbar o covil da criatura. Ninguém gostava de se aproximar, de ouvir os estalos dos cascos ou as bufadas pesadas de ar. Uma longa escadaria descia até as entranhas da terra, escavada na rocha da parede dos fundos do palácio, e na base da escada, as portas imponentes estavam reforçadas como uma fortaleza.

No fim da tarde, eu me dirigi até lá. O ar estava pesado por causa do incenso nos altares. A atenção de todos estava voltada para as cerimônias que aconteceriam antes do sacrifício ao pôr do sol. Pilhas de oferendas se acumulavam nos templos e santuários dedicados aos deuses, pela glória eterna de Creta. Enquanto meu pai suplicava aos imortais que lhe concedessem poder irrestrito para fazer toda a Grécia ajoelhar a seus pés, desci aqueles degraus de pedra para garantir que suas preces não fossem atendidas.

Os ferrolhos na porta eram fortes, claro, mas havia um jeito de torcê-los, virá-los e suspendê-los – uma sequência que deixaria

qualquer um confuso, mas que eu conhecia bem. Quando Dédalo construiu aquele colosso, me mostrou o segredo das fechaduras para fazer os ferrolhos deslizarem com facilidade; como abrir as trancas sem fazer um único som. Uma preparação para o dia de hoje? Talvez. A mente dele estava sempre pensando à frente, antecipando cada curva e reviravolta antes que acontecesse. De que outro modo poderia ter projetado o Labirinto, para começo de conversa? Será que quando prendeu meu irmão ali dentro ele sabia que seria eu quem um dia abriria as portas para seu assassino?

Deslizei cada um dos ferrolhos em sequência. Embora fossem muito pesados, quando abertos na ordem correta, cada um deles cedia sem fazer barulho nem oferecer resistência. O último fez um clique ao se encaixar, e as portas destrancaram. Silêncio lá dentro. Pressionei a testa contra a madeira antiga. Nenhum som, nenhum movimento. Mesmo assim, não abri a porta. Eu poderia deslizar os ferrolhos de volta para o lugar. Poderia ir embora. Ninguém ficaria sabendo. Mas então Teseu entraria ali em apenas algumas horas e, quando esticasse a mão em busca do poderoso bastão, encontraria apenas as paredes nuas. Aquele corpo forte e orgulhoso seria arremessado contra as paredes do Labirinto. Aqueles olhos verdes e frios ficariam fixos na escuridão enquanto sua carne apodrecia e se soltava dos ossos.

O suor brotava da minha testa. Embora o sol estivesse baixando devagar no horizonte, o ar ainda vibrava com o calor e a umidade. Observei minha mão pressionada contra a porta, como se não estivesse conectada ao meu corpo. Nenhuma dobradiça rangeu. Tudo que eu precisava fazer era pegar o bastão que estava pousado perto dos meus pés e dar dois passos para a frente.

Respirei fundo. Um erro. O ar pútrido e pesado do interior do Labirinto me atingiu em cheio. Aquela escuridão horrivelmente morna me sufocou, e enquanto eu me engasgava e tossia com as lágrimas me cegando, fui tomada de pavor. Meu corpo reagiu antes que eu me desse conta do som. Um barulho pesado de algo se arrastando. Um grunhido rouco. O som de chifres raspando contra pedra. Nas profundezas daquele abismo, o Minotauro se movia.

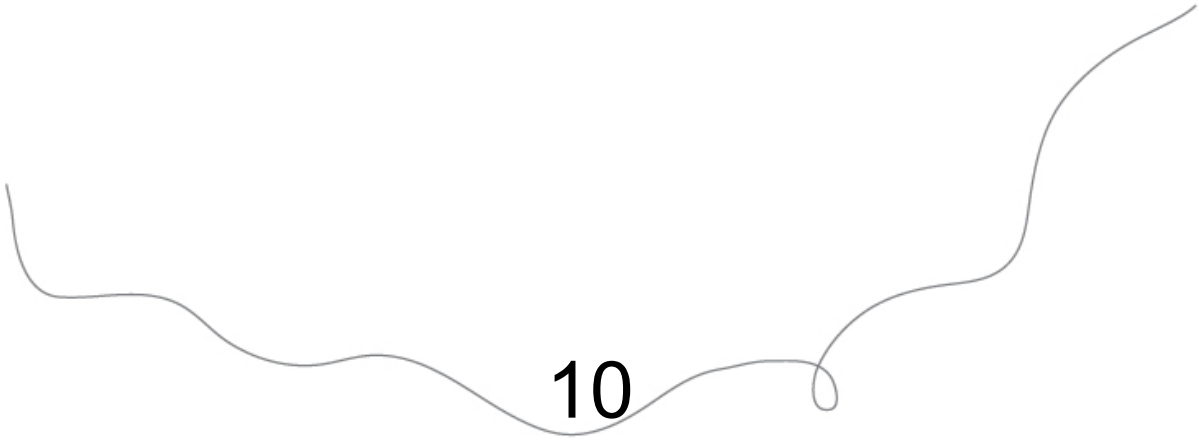
Ele se movia, e isso significava que eu só tinha mais alguns segundos. Sem tempo de pensar, peguei o bastão às apalpadelas e me joguei no breu fedorento. Fui tateando pela borda da porta e posicionei-o. O tinido alto do ferro colidindo com o chão de pedra ecoou pelo vazio, e apertei as mãos contra os ouvidos, engolindo o grito que subia pelo meu corpo ao ouvir os cascos agitados pateando e, de algum lugar naquele vasto labirinto, o rugido longo e alto do Minotauro.

A porta tinha se fechado atrás de mim. Procurei a maçaneta às cegas. A escuridão era impenetrável, arranhei a madeira macia e não fui capaz de ver meus dedos a um palmo do rosto. Minhas pernas falharam, minha mente foi inundada de pânico e preces. Eu estava esmurrando a porta a essa altura, sem me importar se alguém lá fora ia me escutar, batendo naquela madeira impiedosa como tantos outros deviam ter feito antes de mim.

Será que ele me reconheceria? Meu irmão? Se me alcançasse antes de eu encontrar a maçaneta, ele se lembraria do meu cheiro? Isso faria alguma diferença? Eu já não sabia distinguir o que era o rugido em minha cabeça e o que era ele. Sabia que ele estava se aproximando e meus dedos se recusavam a responder. Ouvia o impacto surdo dos chifres contra a parede, tão perto das minhas

costas que pensei que ele já tinha me alcançado, e então minha mão encontrou a alavanca e a porta se abriu e eu estava tropeçando para fora, para aquele ar doce e fresco – livre da imundície do Labirinto. E minhas mãos empurraram os ferrolhos de volta na ordem certa. E as portas se trancaram. Afundei até o chão com as costas apoiadas nelas. Em algum lugar, a apenas alguns sólidos centímetros de pedra, madeira e ferro, o Minotauro gemia e bufava de frustração.

Obriguei minhas pernas trêmulas a ficarem de pé. Estava feito. A sensação momentânea de meu irmão correndo desembestado pelos corredores estreitos atrás do meu sangue – esse seria o meu último contato com ele. E ainda que para mim a infância dele fosse carregada de uma estranha mistura de vergonha, medo e pena, eu sabia que o mundo seria um lugar melhor com um monstro furioso a menos.



10

A noite se derramou sobre mim, parada diante da porta do Labirinto outra vez. Os ritos sagrados tinham sido realizados. Enquanto o sol se punha, os prisioneiros trêmulos e chorosos foram levados em procissão, e desceram até a terrível escuridão do Labirinto. As portas foram trancadas atrás deles, e os sacerdotes que testemunhavam os sacrifícios se afastaram. Do lado de dentro, apenas o silêncio. Um silêncio mais longo do que achei que meus nervos seriam capazes de aguentar.

Eu via tudo com um nível nauseante de detalhes. Teseu se debatendo naquela noite pútrida e infinita enquanto o Minotauro o caçava a cada corredor, cada curva, obrigando-o fatalmente a recuar para um daqueles terríveis becos sem saída onde tantos haviam perecido. Eu o via perfurado pelos chifres do monstro. Arremessado contra a pedra onde seus ossos iriam se estilhaçar. Via seu sangue

no focinho do Minotauro e escutava os dentes rasgando sua carne macia e ainda cheia de vida.

Sentia mil vezes a morte de Teseu. Eu me punia por ter acreditado que aquilo seria possível, mesmo para um grande herói. Lutar contra uma criatura selvagem dez vezes mais forte que um homem, no completo breu? Como uma coisa dessas poderia ser feita? Como eu podia ter me iludido tanto e dado falsas esperanças a Teseu? Eu me perguntava se ele me amaldiçoaria no momento de sua morte.

Entreguei-me a uma enxurrada de lágrimas. Estava ancorada aos degraus de pedra, o desespero pesando feito chumbo. Como uma tola, tinha revelado meu amor por Teseu, me envolvido nele como se fosse um manto estimado, e minha alegria devia ter iluminado os céus diante dos olhos de todos os deuses. Por causa daquele amor, eu tinha arquitetado a morte de meu irmão e a traição do reino de meu pai. E tudo isso para que o meu amor acabasse estripado no Labirinto; seu corpo destruído e ensanguentado ficaria largado lá até não sobrar nada além dos ossos, condenado a assombrar para sempre a escuridão sufocante, sem funeral, sem paz nem descanso.

Não sei quanto tempo fazia que alguém estava batendo do outro lado das portas do Labirinto até que levantei a cabeça e me obriguei a perceber o que estava acontecendo. Não era a batida de um touro monstruoso e sanguinário na madeira. Era o som de uma batida humana. Só podia significar uma coisa.

Voei em direção à porta, deslizando as travas em sequência na velocidade dos raios que Zeus disparava pelo céu. A porta se abriu com um empurrão do lado de dentro assim que o último ferrolho se soltou. Mais uma vez, aquele fedor espesso transbordando, mas

dessa vez eu não me importava. Pois da escuridão emergia Teseu, forte, ileso, vivo! Abandonei o orgulho; nenhum traço de vergonha me continha. Lancei-me sobre ele. Exultei na sensação de seus braços me segurando com força. O grosso barbante vermelho, ainda atado bem firme ao pulso, me envolveu enquanto eu beijava enlouquecidamente o rosto dele e pressionava a cabeça contra seu peito e chorava mais um pouco. Ele murmurava meu nome e ria baixinho enquanto tentava se desvencilhar, mas eu estava possuída por uma loucura que nem sabia que me habitava.

— Ariadne — protestou ele —, meu amor, precisamos ir rápido para o navio!

Percebi a movimentação atrás dele. Os atenienses estavam esperando, assustados e impacientes. Óbvio. Teseu tinha salvado seus irmãos e irmãs, os outros tributos oferecidos à besta. E enquanto eu ficava pendurada no pescoço dele soluçando, voltava a pôr em risco as vidas de todos nós.

Dei um passo para trás, olhando para ele. Seu rosto parecia severo e suas vestes estavam rasgadas, mas ele quase não tinha sinais de briga, exceto por um corte no braço direito. Estendi a mão para o ferimento, mas ele me afastou com firmeza, segurando minha mão com força.

— Por aqui — ordenou.

Percebi que ele tinha jogado um saco volumoso de um grosso tecido marrom por cima do ombro. Na outra mão, empunhava o bastão. A lua estava brilhando, e por um segundo fiquei vidrada observando as manchas escuras e os pedacinhos sangrentos de cartilagem na superfície do bastão. Engoli em seco. Ele nos conduziu às pressas, contornando os muros de Cnossos, movendo-se à frente

encoberto pela noite para garantir que não fôssemos vistos. As formas dentro da bolsa de tecido balançavam de um jeito desagradável.

Os jovens que nos seguiam não falavam nada. Treze deles nos acompanhavam; Teseu tinha conseguido salvar todos os tributos. Não haveria nenhuma mácula naquela história quando ele a contasse mais tarde; quando ela fosse cantada durante gerações e gerações. Seu heroísmo brilhava tão claro e simples quanto a luz que nos guiava, ziguezagueando pelas rochas até uma pequena enseada. A lua projetava uma trilha prateada e irregular por cima das ondas. Imaginei como seria pisar em um daqueles raios brilhantes e fugidios e descobrir que era sólido sob meus pés. Eu poderia seguir aquele caminho até Selene, elegante e fantasmagórica no céu noturno.

Mas não havia necessidade de escapar por esse meio. Três barcos a remo nos aguardavam; três homens ansiosos ali a postos. Seus rostos se abriram em largos sorrisos quando Teseu deslizou ágil por sobre as rochas, estendendo a mão livre para trás num gesto despreocupado para me ajudar a passar por elas. Tropecei, depois me endireitei na areia úmida. Teseu estava abraçando seus camaradas, dando-lhes tapinhas nas costas, rindo baixo.

Os jovens atenienses aguardavam na parte mais rasa para subir nas pequenas embarcações. Eu me virei e procurei no rochedo. Onde estava ela?

Remos batiam na água. Os homens que tinham ficado esperando começavam a conduzir dois dos botes para longe, em direção ao navio de velas negras que eu sabia estar aguardando em algum

lugar no oceano vasto e escuro. Teseu soltou os dedos entrelaçados aos meus e jogou o saco de tecido no chão.

— Teseu, onde está Fedra? — perguntei.

Ele me olhou, voltando a fixar em mim aquele olhar verde e frio.

— Ela não veio — respondeu ele. — Eu disse para onde ela deveria vir, mas meus homens estão esperando aqui desde o pôr do sol e ela não apareceu.

Senti meus joelhos falharem. Será que ela havia sido descoberta? Por que não viera? Ela não mudaria de ideia, eu tinha certeza disso. Um soluço engasgado rasgou minha garganta.

— Meu pai… ela deve ter… se ele souber…

Teseu balançava a cabeça.

— Se ela tivesse sido descoberta, os soldados de Minos já estariam esperando por nós, ou às portas do Labirinto ou aqui na areia. Ela se atrasou, só isso.

Tentei acalmar a respiração.

— Você tem razão, ela se atrasou. Mas quanto tempo ela deve demorar ainda?

Ele continuava balançando a cabeça, prevenindo o que eu estava prestes a dizer.

— Não podemos esperar, Ariadne — disse ele com a voz tensa. — Sua irmã não veio, não podemos arriscar a vida de todos nós esperando por ela.

Eu não conseguia entender as palavras que ele dizia.

— Não podemos ir sem ela! — falei, minha voz se elevando a um tom estridente que me rendeu uma advertência para fazer silêncio. — Nós temos que esperar, não podemos…

Ele levantou uma das mãos, interrompendo o que eu ia dizer em seguida. Sem olhar para mim, focado em seu propósito, ele sacudiu a sacola e espalhou seu conteúdo na praia. A forma pesada por baixo do tecido rolou pela areia. Teseu ergueu o bastão com as duas mãos e vi a luz da lua atingi-lo, iluminando cada pedacinho nojento de carne ensanguentada grudada nele. Senti a respiração falhar e o estômago se revirar quando ele baixou o bastão com força contra a forma escura, que eu não tinha desejo algum de observar com mais atenção. O som abafado de carne se soltando do osso; o estalo de ossos se partindo sob o ferro. Mais uma vez, ele ergueu o bastão, e mais uma vez o baixou com um baque nauseante. De novo e de novo, até que a forma antes discernível tinha sido moída e reduzida a uma pasta grudenta e uns poucos fragmentos.

Uma chama ácida e forte subiu queimando minha garganta quando Teseu ergueu o tecido e espalhou os ossos, o sangue e a carne do Minotauro pela praia. Tudo que restava de meu irmão, Asterion – nomeado como aquele que traz a luz, num desafio a tudo que ele de fato era –, agora só um monte de pedaços quebrados manchando a areia.

Teseu me segurou e me puxou em direção ao barco. Resisti a ele, embora fosse o mesmo que tentar resistir a um pedregulho. Ele me içou para dentro com punhos de ferro. Agora os gritos começavam a borbulhar dentro de mim, prontos para explodir, sem a menor preocupação com o silêncio ou a discrição.

— Ariadne — disse ele, e a expressão em seu rosto interrompeu meu choro antes que escapasse. — Eu vou voltar para buscar Fedra, vou voltar amanhã. — Ele fez um gesto apontando para o mar aberto, onde os outros dois botes começavam a desaparecer. —

Preciso levar meus companheiros para um lugar seguro, não posso arriscar a vida deles de novo. Eles foram muito corajosos, Ariadne, mas tenha compaixão de sua juventude e do medo que sentem. — Ele ia remando depressa enquanto falava, e a praia já começava a se afastar de nós.

Observei Creta em silêncio, buscando a forma ágil de Fedra descendo pelo rochedo escuro. Eu a via em minha mente, procurando no mar os barcos que não viriam buscá-la, e meu coração se partiu.

— Eu vou voltar, Ariadne — repetia ele.

Fiquei encarando-o. Havia uma súplica em seu tom que eu não ouvira antes, uma vulnerabilidade que parecia muito distante da violência eficiente com que ele tinha acabado de golpear o corpo do Minotauro e fazê-lo em pedaços.

— Ela estará segura no palácio, ela é corajosa e esperta. Vai tomar cuidado, não dirá nada que possa nos entregar. Seu pai vai acreditar que fomos embora; quando o seu desaparecimento for descoberto, você é que levará toda a culpa. Ninguém vai questionar a inocência da pequena Fedra. Ninguém sonharia com a possibilidade do meu retorno por qualquer motivo que fosse. Vão pensar que navegamos direto para Atenas. Mas iremos agora para a ilha de Naxos; não fica longe daqui. Vamos descansar e de lá nos esgueiramos de volta a Creta sob a escuridão, nos infiltramos no palácio e pegamos Fedra. Eu vou trazer sua irmã de volta para você, Ariadne. — Ele me encarava com olhos tão livres, claros e cheios de uma honestidade simples que senti o terrível tremor do meu corpo se acalmar um pouco. — Eu vou trazê-la para você — ele respirou fundo — para que ela possa dançar em nosso casamento.

As palavras dele faziam sentido. Não podíamos correr o risco de voltar agora; as portas abertas do Labirinto poderiam ser descobertas a qualquer momento e expor o que tinha sido subtraído. Assim que o alarme fosse dado, não estaríamos mais a salvo – e por mais poderoso que Teseu fosse, não tinha condições de lutar sozinho contra um exército inteiro. Era verdade que minha irmã tinha coragem e astúcia. Eu sabia que ela não diria uma palavra, e esperava que mantivesse a fé de que voltaríamos para buscá-la.

Atrás de Teseu, a silhueta de um enorme navio começou a ficar visível. Ele deslizava os remos pela água com movimentos rápidos e limpos, levando-nos para perto da embarcação. Uma escada de corda estava pendurada no casco.

Senti o mundo se abrindo debaixo dos meus pés. Eu estava no meio do oceano; acompanhada do homem que havia matado o monstro que era o orgulho e a alegria de meu pai. As pontes estavam todas queimadas atrás de mim, e a minha possibilidade de retornar através das cinzas era a mesma de seguir o caminho que a luz da lua projetava sobre a água.

Deixei Teseu me suspender até a escada. Subi os degraus um por um, a corda queimando a palma da mão enquanto eu puxava meu corpo para cima. Minha saia estava pesada com a água de quando cortei a arrebentação; as tranças que minha mãe tinha feito com cuidado estavam se soltando. Enquanto os homens de Teseu me ajudavam a subir pela borda do navio, me senti como num sonho. Acordaria no palácio de Cnossos, os atenienses estariam mortos e viveríamos sob a sombra do Minotauro, numa suspensão ansiosa, para todo o sempre.

Mas o Minotauro estava morto. E eu agora me encontrava num navio inimigo, uma mulher sozinha entre homens desconhecidos, uma mulher dada como perdida para sempre. Nenhum guarda viria atrás de mim para defender minha honra. Se alguém viesse me buscar, seria para me submeter a uma vingança horrível. Pensei em Cila se afogando.

Teseu deu um salto leve para o convés do navio. As velas negras tremulavam e ondulavam na brisa. Os homens se moviam como borrões executando suas atividades habituais, cada um cuidando da própria tarefa, e todos trabalhando em conjunto. O convés de madeira se movia sob nossos pés à medida que o navio começava a deslizar sobre as ondas.

Teseu veio em minha direção. Seus braços me envolveram de novo, desta vez de um modo carinhoso. Inclinei-me contra a massa sólida de seu corpo.

— Venha — disse ele gentilmente. — Seu vestido está encharcado. Não resgatei você de Creta para perdê-la para um resfriado. — Ele me guiou pelo convés, até uma escada que conduzia para baixo.

Fui atrás dele. Uma curiosa calma se instalava em mim agora. O que estava feito estava feito. Achei que eu já não poderia mais me surpreender, mas levei um susto quando vi as pilhas do tesouro reluzindo ao pé da escada. Um tesouro que eu reconhecia. Pedras preciosas, fios de pérolas, tecidos finos e espadas com padronagens elaboradas tinham sido amontoados de qualquer jeito. Para onde eu olhava, via o lábris – gravado em punhos de armas, bordado em tecidos, marcado e costurado em tudo. Enquanto Teseu lutava no Labirinto, seus homens deviam ter saqueado o palácio.

— Tenho certeza de que vai encontrar alguma roupa seca — disse ele, e se retirou educadamente.

Fiquei boquiaberta com a pilhagem ao meu redor e pensei na raiva de Minos diante daquele insulto somado a todo o resto. Estendi o braço e toquei o tecido fino e elegante de um vestido que pertencera a Pasífae, embora ela não o usasse há muitos anos. Seria bom, pensei, ter algumas lembranças de casa. O pingente de Dédalo ainda cintilava em meu pescoço; eu tinha pensado que aquele seria o único pedaço de Creta que traria comigo. Peguei a túnica de Pasífae, e o tecido encorpado deslizou por entre meus dedos. Lembrei que minha mãe sempre ficara radiante naquele vestido vermelho-escuro. Eu me perguntei se ficaria também.

Do convés no navio, Teseu e eu observamos o oceano se estendendo atrás de nós. Quase não falávamos, mas eu sentia o conforto de sua presença sólida enquanto navegávamos noite adentro. Meus olhos às vezes ficavam pesados, mas ele permanecia atento e a postos. Foi só quando a aurora acendeu uma fina linha rosa na borda distante do horizonte que avistamos terra. Naxos assomava diante de nós, com montanhas escuras se desdobrando contra o céu rosado. Eu nunca tinha saído de Creta e me debrucei na amurada do navio, ansiosa para ver o mundo que existia além da minha casa. Havia uma agitação de atividades acontecendo por todo o navio, mas eu estava hipnotizada olhando Naxos tomar forma e,

antes que desse por mim, estávamos outra vez nos botes a remo, com Teseu nos impulsionando até a pequena baía.

Quando pisei na areia dourada de Naxos, a estranheza dos eventos dos últimos dois dias já tinha deixado minha mente insensível ao choque, à preocupação ou ao medo. Em vez disso, eu me senti flutuar sobre aquela praia, mal tocando o chão, minha mente cheia de nuvens. Vi que a ilha era linda – a água cintilava na enseada rasa e as montanhas nos rodeavam de um modo acolhedor. A vegetação marrom e ressequida pelo sol era pontilhada aqui e ali por árvores baixas, cujos galhos acolhedores ofereciam sombra aos viajantes mortos de calor.

Fiquei pensando onde arrumaríamos um abrigo para descansar. Não havia qualquer sinal de vida em parte alguma que eu pudesse ver.

— Você conhece este lugar? — perguntei. — Tem amigos que possam nos dar abrigo?

Teseu riu e segurou firme em minha mão, levando-me até a praia.

— Ninguém mora nesta ilha — disse ele. — Paramos aqui no caminho para Creta. Sabíamos que precisaríamos de um lugar para descansar quando escapássemos e queríamos explorar os perigos da ilha para sabermos se era segura.

Ele andava rápido, com intenção e propósito. Eu me esforçava para acompanhar o passo, meus pés afundando na areia macia. Não conseguia igualar suas passadas longas e leves.

— É seguro aqui? — perguntei.

— Não tivemos problema nenhum com feras nem bandos de salteadores — respondeu ele. — A ilha parece estar vazia agora.

— Agora?

O sol estava a pino e eu me sentia tonta.

— Parece que alguém já esteve aqui no passado — disse ele. — Mas quem quer que tenha sido, foi embora há muito tempo, e agora a ilha é toda nossa. — Ele olhou para mim. — Estamos quase chegando — falou num tom mais suave. — E vamos estar seguros aqui. Vou manter você segura.

Envolvi meu corpo com as palavras dele enquanto andávamos, me confortando com seu jeito simples e direto de dizer as coisas. A enormidade do que eu tinha feito estava me atingindo em lampejos. Meu lar estava perdido; eu jamais poderia voltar. Minha família estava perdida; eles nunca me acolheriam novamente. Eu sabia disso, mas não conseguia sentir que era verdade, exceto naquelas explosões repentinas de compreensão. A luz daquela verdade estranha e inconcebível me cegava por um instante e depois ia embora de novo, a sensação passageira de uma perda terrível.

Eu estava lutando contra meus pensamentos desordenados quando me dei conta de que tínhamos parado de andar e senti os olhos de Teseu fixos em mim. Olhei para cima, imaginando por que tínhamos parado. Estávamos em frente a uma casa, uma construção pequena e simples feita de pedra, mas de aparência agradável.

— Você não disse que a ilha estava vazia?

Teseu sorria.

— Por muito tempo, sim — concordou ele.

Em seguida, empurrou a porta e fez um gesto para que eu entrasse.

Do lado de dentro, o ar bolorento arranhava minha garganta.

— Acho que deve ter sido construída por algum deus — disse Teseu, conduzindo-me através das sombras.

Estávamos em uma cozinha comprida, e passei o dedo pela fina camada de poeira acumulada sobre a grande mesa de carvalho no centro do cômodo. As partículas dançaram ao meu toque, criando espirais na fraca luz cinzenta.

— Um deus? — questionei. — Aqui, numa morada tão simplória? — Dei uma risadinha. Deuses viviam em palácios de mármore, bebiam em taças de ouro e se deitavam em sofás suntuosos. Não moravam em chalés de pedra em ilhas solitárias.

— Sem dúvida a solidão era bem-vinda — disse Teseu com um tom provocador.

— Por que você acha isso?

Os deuses não gostavam de solidão, pensei. Viviam para ser venerados; altares enfumaçados com pilhas altas de oferendas e preenchidos por milhares de preces.

Um pequeno corredor levava a uma escadaria estreita que subia. A pedra era lisa e gasta sob meus pés.

— Para manter um caso amoroso longe dos olhares intrometidos do mundo — disse ele enquanto fazíamos uma curva no topo da escada e entrávamos em outro cômodo.

A cama larga ocupava o centro do quarto, coberta por ricos tecidos dourados e cobertores macios. Percebi que Teseu tinha razão. Aquela opulência toda não combinava com o charme humilde do restante da casa. Era uma cama digna de um deus: talvez o próprio Zeus tivesse se envolvido ali com uma mulher mortal que ele precisasse manter em segredo da ciumenta esposa, Hera. Eu me perguntei o que teria acontecido com ela, se fosse mesmo verdade. Pois Zeus já tivera muitos casos amorosos e era conhecido por não se preocupar em mantê-los em segredo, e as vinganças de Hera

figuravam como tema de inúmeras histórias. Eram as mulheres, sempre as mulheres, fossem elas aias indefesas ou princesas, que pagavam o preço. Condenadas a vagar pelo mundo sem amparo, transformadas em ursos desajeitados ou vacas a mugir, ou reduzidas a cinzas pela vingativa deusa de braços alvos. Eu me perguntava se teria valido a pena desafiar todas as leis que nos governavam para se deitar com um deus numa cama dourada.

O ar do quarto ficou mais pesado. Eu já havia quebrado todas as leis que conhecia. Uma janela alta e estreita derramava um feixe de luz no quarto, e a distância eu ouvia o barulho suave das ondas na costa, mas nenhum som dos homens de Teseu nem dos prisioneiros atenienses agora livres. Em algum lugar muito longe, meu pai devia estar descobrindo a minha traição e mandando seus guardas me caçarem por toda Creta. Mas aqui, Teseu e eu estávamos escondidos.

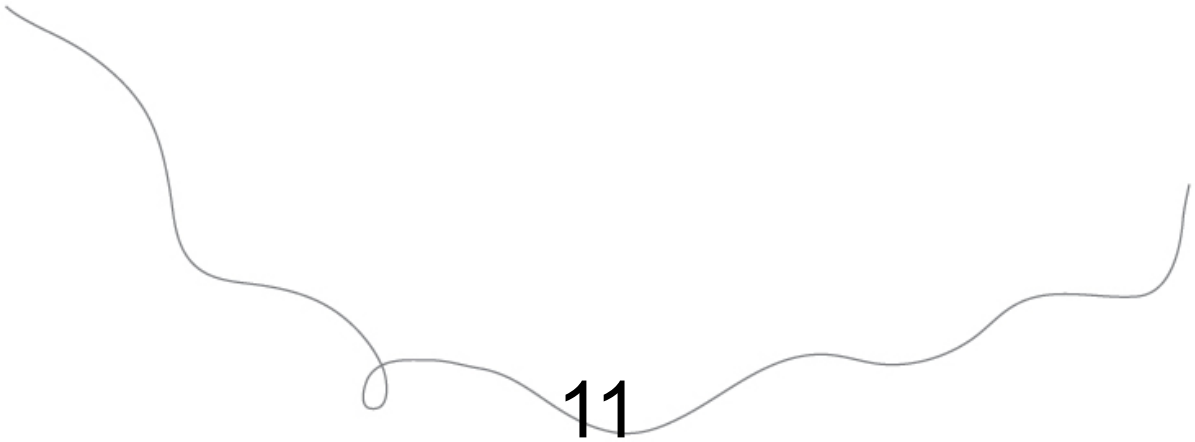
Forcei-me a olhar para cima, para encontrar os olhos de Teseu. Sim, eu tinha quebrado leis a que nossa sociedade estava submetida, mas não tinha sido por um propósito mais elevado? E tendo já quebrado tantas delas, eu ainda teria algo mais a perder?

A terra se abrira num abismo debaixo dos meus pés, mas Teseu estava comigo e me manteria a salvo. Não havia lugar para mim no mundo, exceto ao lado dele. E desde o momento em que o vira pela primeira vez, não havia nenhum outro lugar em que eu desejasse estar.

Amanhã, Teseu resgataria minha irmã de Creta para que ela estivesse em nosso casamento. Hoje, estávamos a sós.

Senti fervilhar dentro de mim o mesmo lampejo de coragem, ousadia e desejo que sentira quando meu coração o escolhera em

Cnossos. Não me restava qualquer dúvida agora. Trouxe Teseu em minha direção e deixei que ele me puxasse para baixo, para uma cama digna de um deus.



11

Assim que acordei, percebi que havia algo de errado. Abri os olhos na escuridão. O vazio que me cercava parecia estranho. Eu sabia que Teseu não estava ao meu lado, e uma pequena chama de pânico se acendeu dentro de mim.

Onde estava ele? Envolvi o corpo com uma faixa de tecido dourado e andei até a janela. Era uma abertura pequena e alta, e precisei me esticar toda para conseguir olhar através dela. O brilho enfraquecido das estrelas indicava a aproximação da aurora.

A pequena casa estava silenciosa. Eu não sabia onde os homens de Teseu haviam descansado no dia anterior, mas tínhamos ficado com aquele lugar todo para nós, só nós dois. A certa altura, Teseu havia trazido da despensa um pouco de comida que eles tinham deixado para nós no caminho até Creta – carne curada, fatias secas de pão duro, azeitonas. E também um vinho doce e viscoso. Tinha sido um banquete. Vi Teseu deitado ali ao meu lado, apoiado em um

cotovelo, tomando longos goles de vinho enquanto seus olhos percorriam meu corpo, sorrindo. Uma certeza pétrea na boca do estômago me dizia que ele não estava na despensa agora, preparando o desjejum. A casa estava quieta demais.

O tecido estava frio e escorregadio contra minha pele, e eu ansiava pelo enlace morno dos braços de Teseu. A casa estava mergulhada em sombras.

— Teseu? — chamei, e estremeci ao perceber como minha voz saiu fina e trêmula.

Eu sabia que ninguém responderia, mas ainda esperava ouvir o estrondo reconfortante da voz dele ecoando pelo chalé. Ele tornaria a solidão confortável e faria a estranheza parecer empolgante. A ideia de sermos as últimas pessoas no mundo era algo excitante; a ideia de eu ser a única era assombrosa.

Eu não tinha muito onde procurar no chalé. No andar de cima, havia apenas um outro cômodo com um tear abandonado, as engrenagens obstruídas pela poeira. Pensei na mulher que se sentara ali – e há quanto tempo teria sido isso. Será que havia tapeçarias para contar a história do que acontecera com ela naquele lugar? Essa visão me deixou desolada. Ela desaparecera, assim como qualquer traço de sua existência.

Desci correndo as escadas. A cozinha estava calma e na penumbra, igual ao dia anterior. Vi a linha que eu tinha traçado com o dedo na poeira em cima da mesa. Havia outro cômodo ali embaixo com um sofá, mas nada de Teseu. Empurrei a porta nos fundos, que se abria para um pequeno pátio quadrado. No centro, uma pequena estátua de mármore sobre um pedestal. Um jovem com a cabeça emoldurada por uma auréola de cachos e os lábios levantados em

um sorriso divertido. A taça que ele segurava em uma das mãos me dizia que aquele era Dioniso, um deus devotado ao vinho e ao prazer. Ali, naquele pátio frio e deserto, sua alegria parecia delirantemente fora de lugar.

Dei um passo por entre os dois pilares centrais que sustentavam o telhado e fiquei parada sob o céu da alvorada. O nascer do sol hoje não tinha os tons gloriosos de dourado e rosa; em vez disso, a manhã se espalhava pelo ar em nuvens indistintas. Procurei por entre a neblina e voltei a chamar:

— Teseu? Teseu?

Ele poderia ter ido até a costa encontrar seus homens. Talvez planejasse partir cedo naquela manhã e estivesse fazendo os preparativos. Sem dúvida havia me deixado dormir o máximo possível e voltaria para me ver quando chegasse a hora de ir. Esse começo solitário da manhã era apenas um sinal de como meu marido era gentil e cuidadoso, por me deixar dormir.

Dei mais alguns passos, afastando-me da casa. Agora o sol estava começando a dissipar a névoa, e olhei em volta para tentar me situar. A oeste, a noite ainda dominava a ilha; as montanhas adormecidas estavam disformes e inexpressivas na escuridão. Protegendo os olhos com a mão, virei-me para o leste e andei com cuidado em direção à aurora, consciente das pedras irregulares sob os pés descalços. Apoiei-me numa rocha e olhei ao redor.

O vasto oceano se espalhava à minha frente, soprando sequências de ondas que cresciam e quebravam na praia a certa distância lá embaixo. No dia anterior, a subida até o chalé tinha sido íngreme, e a rocha em que eu me apoiava se projetava de uma forma não muito segura para além da beirada, uma queda

considerável. O sol nascente derramava luz laranja nas cristas das ondas e, ao observar a trajetória que se formava, vi incrédula um enorme navio navegando em seu curso constante. As velas negras insufladas não deixavam dúvidas de que se tratava da embarcação de Teseu.

Eles nos tinham abandonado? Os homens dele o haviam traído? Mas por quê? Teseu era o heroico príncipe de Atenas que trouxera glória a todos eles. Por que retornar sem ele?

Mas se seus homens não o tinham abandonado… Ele poderia estar voltando a Creta para buscar Fedra? Parecia igualmente impossível que fossem navegar de volta até lá em plena luz do dia e sem me avisar nada. Aquela partida dissimulada parecia alguma outra coisa. Não fazia o menor sentido, e o medo crescente que eu sentia desde que acordara se aprofundava à medida que o navio se afastava cada vez mais de Naxos – não na direção de onde tínhamos vindo, que era o caminho que levava de volta a Creta com o sol nascente em seu rastro, mas seguindo indiscutivelmente na direção oposta.

Com a boca seca, desmoronei contra a rocha. Não fosse pela solidez da pedra, eu teria tropeçado da beirada para o mar que espumava lá embaixo.

— Esperem! Voltem!

Minha voz ficou presa na garganta.

Será que Teseu achava que estava em minha companhia? Eu veria o navio mudar de direção a qualquer momento, assim que ele percebesse que eu não havia embarcado. Veria um bote a remo se desgarrando da embarcação maior, Teseu remando de volta através das ondas para me buscar.

Mas por que ele acharia que eu estava logo atrás dele? Como eu teria encontrado o caminho até a costa sozinha, no escuro, naquela ilha desconhecida?

Eu não conseguira me mover naqueles longos segundos congelados no tempo, mas agora corria pelo rochedo num súbito acesso de energia frenética. A praia, eu precisava chegar à praia. Precisava dar um jeito de chamá-los de volta, ou quem sabe eles tivessem deixado um bote e eu pudesse segui-los. Os soluços se reviravam em meu peito enquanto eu ia aos atropelos pela beirada do penhasco, procurando uma trilha que conduzisse para baixo, gritando na direção das impassíveis velas de tecido negro que balançavam ao vento e puxavam Teseu para longe de mim. Fui escorregando pelo terreno íngreme, as pedras cortando meus pés, até que cheguei à areia. Sem fôlego, cambaleei pela superfície dourada. O navio tinha diminuído até se tornar um pontinho minúsculo numa extensão inimaginável de mar. O sol já tinha nascido totalmente àquela altura, lançando uma luz rica por toda parte.

Olhei à minha volta em todas as direções, incapaz de compreender o que estava vendo. Vazio. Areia nua. Os resquícios de uma fogueira em algum ponto mais adiante na praia, agora reduzidos a cinzas frias. O pânico dilacerava minhas entranhas.

As velas negras. O navio ateniense tinha saído de seu porto com velas negras simbolizando o luto pelas vidas condenadas que transportava através das ondas. Egeu havia pedido a Teseu que as trocasse por velas brancas caso retornasse para casa, vivo e vitorioso. As velas ainda eram as negras. Será que Teseu havia morrido? Poderia ter tropeçado nas pedras, aberto a cabeça numa

queda? Teseu, que eu havia envolvido com meus braços, quente e vivo, apenas algumas horas antes.

O que seria pior? Que Teseu tivesse morrido ou que tivesse me abandonado? Meus joelhos cederam. A areia era áspera e dura em minha pele nua, o tecido que eu segurava em volta do corpo estava rasgado e sujo da minha descida desajeitada pela encosta. Gritei o mais alto que podia em direção ao pontinho preto que desaparecia, gritei até sentir o gosto de sangue.

Por que ele não tinha me amarrado à popa do navio e me afogado? Teria sido mais gentil do que aquela morte fria e impiedosa. Eu teria preferido me debater nas ondas agitadas, ver o rosto dele me sentenciando. Mas isso… sair de fininho enquanto eu dormia; apressar a partida do navio a ponto de sequer ter tempo de trocar as velas e desfraldar a vitória alva, tamanha a pressa para se afastar de mim… O desespero acelerava meus pensamentos.

Cruzei os braços em volta dos joelhos para fazer com que parassem de tremer. Devia haver alguma explicação; alguma outra explicação. Quando conseguisse ficar de pé, iria investigar. Descobriria qualquer que fosse a pista que eles deviam ter deixado, saberia o motivo, e eles voltariam. Assim que eu conseguisse, ficaria de pé e descobriria. Mas por enquanto, eu só podia ficar sentada na areia, me segurando enquanto observava o navio desaparecer no infinito abismo azul do céu, deixando-me sozinha em Naxos.

12

Não sei quantas horas fiquei olhando para o mar, como se pudesse conjurar o navio de Teseu de volta à existência. Mas a certa altura, recuperei o controle do meu corpo atordoado e consegui me levantar. Ainda tinha esperanças, com uma força resoluta plantada fundo no estômago, de encontrar algum tipo de mensagem – uma confirmação de que aquele abandono era temporário, com a garantia de quando chegaria ao fim.

O que encontrei aplacou a ansiedade que queimava dentro de mim como uma torrente de água congelante. O ar me fugiu dos pulmões quando me ajoelhei para os pacotes cuidadosamente embrulhados reunidos perto dos resquícios da fogueira que eles haviam acendido. Carne curada. Queijo embrulhado em folhas. Uma barrica de água, um pouco mais do vinho que Teseu e eu tínhamos bebido na noite anterior. Azeitonas. Pão. Provisões suficientes para uns cinco dias, talvez seis.

Eu dera a Teseu a saída do Labirinto: catorze vidas atenienses e a morte de meu próprio irmão. Em troca, ele me concedia cerca de uma semana de vida no exílio, presa em uma ilha deserta.

Balancei para trás sobre os calcanhares, um gemido escapando da minha garganta em carne viva. Por cima do ribombar em minha cabeça, pensei ter ouvido o antigo som familiar de cascos batendo contra a pedra. Uma espiral de corredores se alargava ao meu redor, tragando-me para suas profundezas fétidas. Não sei se foi o calor escaldante do sol ou a fome e a sede que sentia desde o meu despertar solitário, mas senti a areia áspera contra meu rosto enquanto a escuridão se ampliava e me engolia, o alívio letárgico da inconsciência se apoderando de mim.

Acordei ao entardecer. A areia arranhou meu rosto quando me sentei; os grãos caíam do meu cabelo, grudados nos cachos molhados de lágrimas. Eu sentia uma sede horrível e procurei a barrica de água que os homens de Teseu tinham deixado, entornei o conteúdo na vasilha de barro que estava ao lado e bebi em grandes goles. Então, de repente, parei. A água, ainda que morna e sem gosto, caiu tão bem em minha garganta sedenta que eu queria ficar bebendo mais e mais. Só que não podia. Não sabia quanto tempo precisaria que aquela única barrica durasse. O desespero fora de controle do dia já tinha passado, e o vazio dolorido que permanecera fazia meus ossos parecerem de chumbo, meu sangue, de piche. Faria diferença se eu bebesse agora até a última gota? Se eu

deixasse a água escorrer pela areia e desaparecer? Ela acabaria mais cedo ou mais tarde, e eu ficaria à beira da morte. A não ser que…

Lancei um olhar em cada direção por toda a extensão da praia. Teseu tinha dito que não haviam encontrado bestas selvagens na ilha. Mas agora eu me perguntava como poderia confiar em qualquer coisa que ele dissera.

Enrolei o tecido ao meu redor com mais firmeza. Quais eram as minhas opções? Morrer de sede? Ser feita em pedaços por animais famintos? Enfiei o punho na boca para segurar o choro. De repente, eu me sentia desesperadamente exposta, a pele formigando com arrepios de pânico. E a marinha de Minos? Ele já teria reunido uma frota a essa altura; eles deviam estar vasculhando as ondas à nossa procura. Eu sabia o que ele tinha feito com Cila por ter traído o pai; que punição reservaria para a própria filha infiel?

Fiz um esforço para me levantar, o tecido dourado cheio de manchas me fazendo tropeçar, as pernas dormentes quase cedendo ao meu peso. Recolhi a comida que eles haviam deixado. Não sabia do que tinha mais medo – de um urso ou um lobo famintos e selvagens surgindo do meio das árvores ou das velas carmesim da marinha cretense despontando no horizonte. A barrica de água balançava com um peso reconfortante em minha mão enquanto eu retornava pelo caminho de onde achava que tinha vindo. Teseu me levara por uma trilha menos inclinada no dia anterior, mas eu não confiava em mim mesma para lembrar por onde era, então precisava tentar escalar a encosta vertiginosa pela qual tinha descido, aos trancos e barrancos, naquela manhã.

Mesmo carregando a água e a comida, eu agarrava a túnica improvisada com força em volta do corpo. Apesar de não haver ninguém ali para me ver, e nenhuma necessidade de resguardar meu recato, eu não estava disposta a deixar o tecido cair. A ilha que havia parecido tão calorosa e receptiva no dia anterior agora fervilhava de hostilidade com milhares de ameaças ocultas. Engoli mais alguns soluços. Se me entregasse de novo ao choro, nunca mais conseguiria parar. Corria o risco de me dissolver como Eco, chorando pelo frio e vaidoso Narciso, e acabaria reduzida a nada mais que uma voz fraca carregada pelo ar. Uma morte assim seria poética. Indolor. O oposto do que quer que me aguardasse naquela ilha.

Subi a colina íngreme e rochosa com esforço, cada vez mais ofegante. Os medos se acumulavam em minha cabeça e eu mal conseguia ver o que estava à minha frente, de tanto que minha mente estava decidida a conjurar todos os horrores possíveis. Eu via as manchas de carne e sangue do Minotauro pela areia de Creta, e a água que eu tinha bebido com tanto fervor se revirava no estômago, fazendo subir o gosto ácido da bile. Pus a mão na testa suada e fechei os olhos, respirando fundo, uma inspiração entrecortada após a outra. *Continue, Ariadne*, ordenei a mim mesma. E, quando olhei para cima, quase ri de alívio ao ver a casinha logo ali, a uma curta distância.

Cheguei ao abrigo do pátio externo e depositei agradecida a barrica de água e os outros suprimentos sob a sombra. A noite já tinha caído em quase toda a ilha agora, restando apenas uma fraca linha alaranjada no horizonte. Olhei para o mar escuro. Nem sinal dos navios de Minos.

Mesmo que Minos ficasse sabendo do retorno de Teseu a Atenas sem mim, eu me perguntava se ele viria me procurar. Suspeitaria de que tinha sido eu que ajudara Teseu, e o meu desaparecimento confirmaria a cumplicidade para além de qualquer dúvida. Mas quando ele ouvisse falar que Teseu chegara a Atenas radiante em sua glória individual, sem dividir o reconhecimento com uma noiva, será que deduziria o que tinha acontecido comigo?

E se ele ficasse sabendo da verdade, que eu tinha sido abandonada pelo homem nobre e heroico pelo qual traíra minha terra natal, e mesmo se soubesse que eu estava sozinha em Naxos, será que desperdiçaria um navio para vir me buscar? Que tormentos ele poderia imaginar que fossem piores do que aquele exílio solitário? Meu coração se contorcia no peito. A indiferença de Minos seria a minha punição. Por que me perseguir através das ondas quando ele podia me deixar para apodrecer sozinha, não pranteada e insepulta? Sem ninguém para realizar os ritos fúnebres, eu não seria admitida no reino sombrio de Hades. Se – quando – eu morresse, esse seria o local em que meu espírito vagaria solitário para sempre. Minos nem precisava vir atrás de mim.

De forma mecânica, virei-me e entrei na casa. Estava tudo silencioso. A cama ainda desarrumada, do jeito que eu havia largado naquela manhã. Deixei o tecido manchado e rasgado escorregar do corpo. Subi na cama macia, com os braços e pernas doendo de fadiga e o coração ardendo de dor. Inutilmente, contornei com o dedo a forma do que seria Teseu ao meu lado, onde ele havia se deitado na noite anterior, quando eu experimentara uma felicidade além de qualquer coisa que pudesse ter imaginado. Enrolei-me nas cobertas, segurando-as bem firme e fingindo que eram os braços de Teseu. A

certa altura, naquela eternidade desolada, o cansaço foi maior que o desespero e eu adormeci.

Sonhei que via o navio de velas negras no horizonte, ficando cada vez maior à medida que se aproximava da costa. Corri até a praia, meu cabelo solto esvoaçando, meu coração pulando dolorosamente no peito. Então Teseu estava vencendo a arrebentação em direção a mim, e lancei-me sobre ele, os respingos salgados nos molhando. Senti seus braços me enlaçarem, envolvida por seu calor e segurança, e ele me amparou cada vez mais forte. As ondas quebravam, mas Teseu me mantinha firme, e juntos balançávamos na água verde e fria. O oceano se fechou sobre a minha cabeça e eu mal conseguia enxergar na penumbra esverdeada, mas Teseu ainda me abraçava e eu não precisava de ar nem da luz do sol; podia ficar nas vastas águas frias para sempre, desde que estivesse contida por aquele enlace. Mas ao apertar os braços em torno dele, eu segurava apenas a água salgada, que me enchia o nariz e a boca, e eu gritava soltando bolhas mudas e frenéticas sob o peso do poderoso oceano enquanto caía em seu abismo escuro como breu, sozinha.

Acordei com os gritos rasgando a garganta. A luz dourada do sol transbordava da janela estreita acima da cama, mas eu sentia o domínio arrepiante de um oceano frio e infinito de tristeza, levando para longe qualquer esperança.

Teseu tinha ido embora, ele tinha ido embora, tinha ido embora.

Não havia para onde ir, mas eu não podia passar mais um segundo sequer naquela cama. Consumida por uma energia inquieta, eu me vesti correndo – sem outra opção a não ser botar de volta o vestido avermelhado, que era tudo que eu tinha. Uma escolha

esquisita para uma prisioneira, uma exilada, o que quer que eu fosse agora – não uma princesa, não uma cúmplice ou conspiradora, não uma esposa.

Meus movimentos eram bruscos, descontrolados, meus dedos pareciam desajeitados. Virava a cabeça com força ao menor sinal de movimento, sem saber se deveria entrar em pânico ou ficar aliviada quando minha mente me levava a acreditar que eu tinha ouvido o som de outra pessoa. Esses delírios me atormentariam nos dias e noites de solidão que viriam a seguir. Conforme minha mente se perdia, eu ouvia passos nas escadas e meu coração explodia com a alegria de que Teseu havia retornado, depois com o terror de que fosse um salteador ou um pirata ou um marujo aflito que tivesse ido parar na costa e viesse atrás de mim. Ou talvez um deus vingativo – afinal, havia tantos crimes pelos quais eu poderia ser punida. Será que algum deles me vira choramingando de desespero e viera silenciar meus gritos, meu choro, a preces inúteis que eu enviara através da brisa para perturbar seus banquetes indulgentes em salões de ouro?

No breu da noite, a escuridão que me engolfava se espalhava até os limites da eternidade. Eu ouvia os cascos estalando e as bufadas de ar saindo do focinho do touro e me agarrava às cobertas, tentando desesperadamente me enterrar e prendendo a respiração até que estrelas explodiam diante de minhas pálpebras fechadas com força e eu tinha que deixar o ar entrar, apavorada com o que encontraria na superfície.

Ocupava os dias com caminhadas a esmo. Não me atrevia a explorar a ilha mais a fundo. Andava pela praia, pelos penhascos e

analisava a extensão plana do mar, hora após hora. Tudo permanecia vazio.

Racionei os suprimentos que Teseu me deixara. O vácuo que devorava meu estômago não se parecia em nada com a fome. Qualquer coisa que eu comesse era insossa e pesava na barriga. Eu sentia sede, mas os goles de água que me permitia não aplacavam nem de longe a pulsação constante em minhas têmporas. O vestido avermelhado estava largo, desbotado, manchado e rasgado pelas pontas perfurantes das rochas pelas quais eu passava todos os dias em minhas caminhadas improdutivas entre a praia e o chalé.

Cogitei, com uma estranha calma, terminar aquilo mais depressa. Teseu não havia deixado uma faca amiga, uma lâmina para mergulhar em meu peito descrente e pôr um fim misericordioso à coisa toda. Eu poderia ter me atirado do penhasco em direção às ondas famintas lá embaixo, e fiquei parada no precipício pensando nisso. Talvez fosse emocionante a sensação de cortar o ar, de despencar em seu abraço sem peso, livre por alguns gloriosos e condenados segundos. Mas eu ficava apavorada com o mergulho congelante no fim, meus pulmões gritando por ar nas profundezas salgadas e sufocantes. Eu tinha medo e, pateticamente, ainda me agarrava a uma minúscula migalha de esperança. Esperava, contra todas as probabilidades, que Teseu se apiedasse de mim, que se arrependesse, que talvez retornasse e eu fosse salva.

Durante uma das tardes lúgubres que passei no pátio, observando a jornada do sol de uma ponta a outra do céu, notei um pequeno conjunto de videiras que crescia perto da casa. Eu não as vira antes, mas agora me perguntava como poderia ter deixado de reparar nelas. Os caules grossos de madeira se curvavam e se

retorciam em volta uns dos outros, e as folhas esverdeadas eram como um dossel ondulando na brisa. Aninhados entre essa vegetação, cachos pesados e brilhantes de rechonchudas uvas roxas.

Eu tinha passado um tempo deitada na pedra, cansada demais para continuar andando sem parar no calor. Mas a visão das uvas fez a esperança se agitar em meu peito. Eu sabia que já não restava muito na cozinha – uma ponta de pão velho e pesado, e talvez um punhado de azeitonas. Quanta água? Não o suficiente, eu só sabia disso. Vinha racionando cada gole, com medo do que aconteceria quando a barrica secasse. Mas uvas – eu sentia o gosto daquela doçura explodindo na língua, a deliciosa e delicada suculência na boca. O que me impulsionou a ficar de pé foi empolgação, alegria… o primeiro lampejo real de esperança desde o desaparecimento das velas negras. Eu não conseguia entender como não as vira antes; era como se tivessem brotado completamente maduras bem quando eu precisava. Corri até elas, com medo de que se dissolvessem no ar tão depressa quanto pareciam ter surgido. Subitamente, senti uma fome voraz. Puxei as uvas dos cachos e enfiei-as na boca com um apetite que havia até esquecido que tinha.

Foi uma espécie de revelação, aquelas uvas, uma lição sobre como a comida pode ser gloriosa quando você está realmente com fome. Depois das ofertas secas e salgadas que eu tinha racionado em quantidades cada vez menores durante os últimos dias, aquela fruta madura e suculenta era um milagre. Se a ilha tivesse mais presentes como aquele a oferecer, se eu conseguisse descobrir e coletar o suficiente para a minha sobrevivência…

De repente, parei. A esperança faiscou e morreu. De que adiantaria? Digamos que eu encontrasse frutas, sementes e folhas para me sustentar, que vida levaria sozinha naquele lugar?

Eu era uma exilada. Uma traidora. Estava abandonada. Não tinha nada.

Um desespero pesado pairava sobre mim feito chumbo desde que Teseu tinha navegado para longe. Eu sentia a ferida aberta da minha desgraça como se minhas tripas tivessem sido arrancadas, como se Teseu tivesse me cortado com sua espada. Agora, no entanto, eu sentia uma nova emoção aflorando dentro de mim. Não havia espaço em meu corpo para contê-la, por isso gritei – um grito longo e alto e carregado de fúria. Deixei uma torrente de xingamentos me escaparem da boca, incoerentes e peçonhentos, como uma saraivada de flechas acesas embebidas em veneno. Dirigia tudo a Teseu, chamando-o de coisas que eu nem sabia ter as palavras para nomear, mas eu também espumava de raiva por Minos e até por Posêidon – esses homens, esses deuses que brincavam com as nossas vidas e nos descartavam quando já não tínhamos mais serventia para eles, que riam do nosso sofrimento ou simplesmente esqueciam a nossa existência.

— Você estaria morto se não fosse por mim! — gritei para Teseu através das escarpas, por sobre a indiferença do oceano. — A sua carne estaria apodrecendo e se soltando dos ossos no Labirinto se eu não o tivesse salvado! Você não é herói coisa nenhuma, seu covarde infiel! — Desmoronei para a frente; não tinha energia para continuar por muito mais tempo. As lágrimas que escorriam por meu rosto eram provocadas por uma terrível frustração: eu tinha oferecido meu próprio irmão em troca de ainda mais glória para Teseu. Ele

devia estar se vangloriando sobre como havia espancado o monstro de Creta até a morte e espalhado seus ossos – sem uma única palavra a respeito do meu papel, do meu sacrifício, do que eu tinha feito por ele. E não mencionaria que fugiu antes do amanhecer e me deixou dormindo, sem suspeitar de nada, enquanto ele escapulia para longe. Aquela retirada vergonhosa não faria parte de seu relato, não é mesmo? Pensei nas histórias de glória e heroísmo que tanto haviam me cativado – e à minha irmã também. Comecei a me perguntar o que ele tinha deixado de fora. Quantas mulheres deixara para trás antes de mim? Quantas havia seduzido com seu charme e enganado para que cometessem traições antes que ele seguisse seu caminho, a vida de mais uma mulher esmagada por seus punhos e reduzida a pó, reivindicando todas as vitórias para si? Pensei em Fedra; ela também o amara, claro. Eu tinha visto o brilho em seu rosto, e ele a havia abandonado – de propósito, não restava dúvida. Ele não devia ter considerado nem por um instante trazê-la conosco, pensei entorpecida; ela nunca fizera parte de seus planos. Ele a havia deixado primeiro, antes de me deixar.

Agora eu estava de joelhos, engasgada com o choque da fúria como se tivesse sido mergulhada em água gelada. Bati as mãos contra as lajes de pedra debaixo de mim. Tudo que eu havia feito desde que ele fora embora tinha sido pensar em sua volta, me imaginando correndo para seus braços e agarrando-o com força, implorando para que ficasse. Agora, diante dos meus olhos, seu retorno surgia em visões descontroladas e tingidas de uma raiva rubra, mas em vez de abraçá-lo, eu arrancava sua cabeça dos ombros com minhas próprias mãos.

Mais um grito agudo irrompeu pela minha garganta. De que adiantavam as uvas, de que adiantava um minúsculo fragmento de esperança? Segurei os cachos restantes e os arranquei, arremessei-os contra as rochas na beirada do penhasco. O suco roxo escorreu pelos meus dedos quando as uvas estouraram entre meus punhos cerrados, manchando como sangue, como o sangue de meu irmão que eu havia ajudado Teseu a derramar, como o sangue revelador de que Teseu não me deixara uma criança – nenhum pedaço dele restante –, como o sangue que ainda fluía em minhas veias, mas que logo pararia. Eu iria perecer aqui, sozinha nesta ilha, e ninguém lamentaria a minha morte.

PARTE II

13

Fedra

Fiquei parada no rochedo durante horas, vasculhando as águas escuras e vazias que se estendiam à minha frente. Teseu havia sido muito claro e eu sabia que não me confundira com as instruções. Então continuei ali, quieta e silenciosa, procurando por ele. O grande volume de Cnossos surgiu às minhas costas, atrapalhando a visão da lua no céu. Estava muito escuro, mas esperei por horas. Eu não duvidava do sucesso de Teseu no Labirinto. Tinha visto o medo e a dúvida misturados no olhar de Ariadne, mas minha irmã tinha medo de tudo. Não era igual a mim. Eu sempre soubera que monstros existiam. Não temia a destruição de tudo que era bom porque tudo já estava destruído desde antes que eu pudesse lembrar, e eu tinha crescido nas ruínas sujas e destroçadas dos dias de ouro de minha irmã. Ela sabia o que significava perder tudo, mas eu já não tinha nada desde o começo.

Pensei nas lendas que Teseu havia contado. Ele era forte, heroico e bom. Sabia que não ia falhar. Então eu também não podia falhar com ele. Fiquei agarrada bem firme à minha rocha por toda aquela noite, até que a aurora começou a se espalhar pelo céu escuro diante de meus olhos incrédulos. Como a manhã já tinha chegado? Não podíamos navegar até Atenas sem a cobertura da noite.

Desci do rochedo onde estava empoleirada e investiguei o mar em busca de qualquer sinal, cada músculo do meu corpo tensionado e dolorido. Andei com cuidado até o palácio adormecido, furtiva como um gato. Perguntei-me se houvera algum problema com o navio, se Teseu, Ariadne e os prisioneiros tinham se escondido em algum lugar, impossibilitados de partir. Nesse caso, seria tarefa minha dar um jeito de criar uma distração até que a noite caísse outra vez. Eu precisava voltar a Cnossos e fingir uma total e completa ignorância de tudo. A vida deles talvez dependesse disso.

Eu sempre passava longe daquela longa escada que descia até a entrada do Labirinto, mas desta vez me obriguei a ir até a beirada dos degraus, pé ante pé, e dar uma espiada. Tinha certeza, uma certeza absoluta, de que ele estava morto. Eu era corajosa. Podia dar uma olhada.

Inclinei-me bem na beirada e o sangue me subiu à cabeça. Fechei os olhos por um segundo, depois me forcei a abri-los e olhei para dentro da escuridão. Uma brisa corria por ali, o dia despertando, e as portas pesadas ali embaixo, que sempre ficavam trancadas e seguras, soltaram um rangido longo e vagaroso ao se abrirem num movimento contínuo. O baque que ecoou quando elas bateram

contra a pedra me fez dar um pulo para trás, pressionando as mãos contra o peito.

Então. O Labirinto estava aberto. Teseu conseguira. Não havia qualquer sinal dele, dos outros treze atenienses nem de Ariadne – mas não era possível que todos eles tivessem simplesmente desaparecido. Pensei rápido. Correria até a frente do palácio, onde a vista dava para o mar pelo outro lado. Satisfeita com meu plano, escapuli silenciosamente sob a luz enevoada da manhã.

Esperava que tudo estivesse quieto, mas ao fazer a curva para a esplêndida colunata da frente de Cnossos, um grito muito alto soou do muro do palácio. Por toda a extensão da parede, um grito depois do outro ia ecoando, todos os vigias subitamente assustados. Minha boca ficou seca. Teriam visto o navio de Teseu antes que ele tivesse tempo de escapar? Será que tinham ido até a baía onde eu ficara esperando e agora estavam procurando por mim? Meu coração se retorceu de agonia; eu devia ter ficado no local combinado.

Mas ao olhar para o sentinela lá em cima, no posto mais próximo, vi que ele estava olhando para o céu, e não para o mar. O que tinha visto? Cheguei mais perto do muro, a mão apoiada num enorme pilar enquanto eu observava a extensão vazia do oceano lá embaixo. Nada. Virei o rosto na direção em que o vigia estava olhando. Um pássaro – maior do que qualquer um que eu já tivesse visto – deu um mergulho repentino pelo ar à minha frente. Outro menor voava ao lado dele, com as grandes asas brancas batendo de um jeito atrapalhado. Apertei os olhos tentando entender. Nenhum pássaro era tão deselegante, tão desengonçado, pelo menos nenhum pássaro que eu conhecia. Mas bem diante dos meus olhos a ave

maior se reconfigurou numa forma reconhecível, embora fosse absolutamente impossível.

Um homem alado. Voando pelo céu brumoso da alvorada em direção ao sol nascente.

— É Dédalo! — gritou um dos guardas, tão perto que me fez estremecer. — Dédalo e o filho dele!

Fiquei boquiaberta. Ao meu redor, todos os guardas também ficaram. Eles deviam ter entrado em ação imediatamente, partido para algum tipo de perseguição, embora eu não soubesse dizer como perseguiriam um homem pelas nuvens. Tudo o que podíamos fazer era ficar olhando fascinados para aquele milagre. Por mais desajeitado que fosse o voo, era algo incrível de se ver. Percebi que o grande artesão tinha dado um jeito de construir aquelas asas para ele e seu menino, o encantador Ícaro, que sempre sorria tímido para mim por baixo de seu cabelo cheio e escuro, sempre tão disposto a seguir meus comandos quando brincávamos juntos. Eu me senti mal por ele ter crescido tão perto da boca do monstro, sem os privilégios de que eu desfrutava por ser uma princesa – o privilégio, inclusive, de um dia ir embora daquela ilha maldita, mesmo que fosse nos braços de um marido escolhido por meu pai.

Balancei a cabeça, tentando organizar o cérebro cansado. Dédalo e Ícaro eram prisioneiros; talvez presos por correntes de ouro, mas ainda assim presos. Minos nunca deixaria aquela mente afiada e genial se desvencilhar de suas garras, e sem dúvida Dédalo não ousaria uma tentativa de fuga que pusesse em risco o filho pequeno até que sua mente engenhosa concebesse algo infalível. Apesar de toda a agitação, os sentinelas de Minos não podiam fazer nada para

capturá-los enquanto eles pegavam impulso na ventania, alçando um voo cada vez mais alto.

Sorri observando os dois, apesar de minha mente ainda estar a mil, imaginando o que teria acontecido com os outros cúmplices do nosso grande plano. Era magnífico ver pai e filho voando livres depois de tanto tempo em cativeiro. Mesmo dali, de onde eles pareciam pontinhos minúsculos no céu a essa altura, eu percebia a alegria deles. A forma menor voava mais alto; o corpo pequeno e leve de Ícaro girava nas correntes de ar que o carregavam para longe de Creta. Acho que Dédalo era mais cauteloso. Permanecia mais embaixo, mas eu via sua cabeça virada para cima em direção ao filho e seu braço gesticulando, o que prejudicava sua estabilidade e fazia com que ele desse breves mergulhos, virasse de lado e depois voltasse a subir.

Ícaro, no entanto, não percebia nada disso. À medida que o sol subia, ele soltava gritos de satisfação que reverberavam através das ondas. Foi seguindo o arco vertiginoso de Hélio, no encalço daquela carruagem de ouro em direção ao céu azul, cada vez mais alto. Ria e dava gritinhos agudos com tanta alegria que não escutava os clamores do pai que o alertava lá de baixo, e que logo se transformaram em súplicas desesperadas. Penas brancas e macias começaram a se soltar das asas do menino; primeiro apenas uma, em seguida duas, depois uma profusão delas, como uma estranha tempestade de neve no auge do verão.

Observei quando a pequena figura de Ícaro pegou impulso e traçou um último e grandioso arco antes de despencar abruptamente, como uma pedra caindo no oceano frio lá embaixo, um rastro de penas descrevendo espirais no ar atrás dele. No

instante seguinte, as ondas se fecharam sobre sua cabeça e ele sumiu.

Prendi a respiração. Vi Dédalo vacilar em seu voo e me perguntei se ele também despencaria lá de cima. A bocarra faminta do mar havia engolido seu filho e eu via que ele girava num turbilhão, as grandes asas brancas fechadas por um breve momento ao redor de seu corpo e depois desfraldadas outra vez, o vento carregando-o para longe. Em mais alguns segundos, ele já tinha desaparecido no céu.

À minha volta, os guardas atordoados começaram a se recompor. Houve uma grande onda de atividade; uma correria para dar a notícia a Minos, cada um tremendo com a possibilidade de que o rei descontasse o peso de sua raiva no mensageiro, ou que o punisse por ter demorado demais para avisá-lo. Ninguém nem percebeu que eu estava parada ali, em choque. O vazio do mar não trouxe Ícaro de volta à superfície, e meu coração se partiu ao olhar para aquela extensão lisa. Ele estava tão feliz e vibrante, e no momento seguinte havia desaparecido. Nada daquilo fazia sentido. O plano tinha dado certo: o Minotauro estava morto e até mesmo Dédalo conseguira escapar de Creta. Por que eu ainda permanecia naquela costa rochosa, tão perdida e confusa quanto os vigias em pânico? Não via alternativa a não ser segui-los para dentro do palácio, tentar descobrir se alguém sabia alguma coisa sobre Ariadne, Teseu ou os outros atenienses. E depois eu precisava obrigar meu cérebro exausto a elaborar um novo plano.

A cena que me aguardava na sala do trono de Minos era impensável. Meu pai frio e desprovido de emoções, cuja dignidade severa havia governado toda a minha vida, estava irreconhecível. Ele agarrava a própria cabeça, delirando e gritando feito um louco. Fiquei olhando para ele da entrada da sala, perplexa enquanto ele batia os pés contra o piso, suas sandálias já arrebentadas e surradas. Olhei em volta e vi minha mãe parada a alguns metros de mim, seu cabelo solto caindo pelos ombros e seu olhar fixo no afresco de golfinhos que ficava acima do trono. Os ladrilhos azuis brilhavam, e me perguntei se ela estava se imaginando como um daqueles golfinhos, mergulhando na água morna, longe desse palácio e do tirano que berrava pragas ininteligíveis, dando saltos de raiva diante da corte horrorizada. Tive a certeza de que um pequeno sorriso faiscara no rosto dela.

Eu me aproximei.

— Mãe? — arrisquei.

Ela virou a cabeça para mim, com uma expressão nos olhos que eu nunca tinha visto.

— Mãe, o que aconteceu? — perguntei.

— Teseu — disse ela, e meu coração deu um pulo doloroso no peito. — Ele sumiu, desapareceu! O Labirinto está aberto, ninguém viu os prisioneiros, nem os restos deles foram encontrados. A sua irmã Ariadne também desapareceu. Ninguém sabe de Asterion. Será que ele fugiu para as montanhas? — A voz dela ficou um pouco mais alta de esperança. Era a maior quantidade de palavras que ela já me dirigira de uma vez só, talvez o máximo que tinha falado comigo a vida toda.

— Então quer dizer que não há nenhum sinal deles? — perguntei, com a necessidade de escutar a informação de novo.

Ela balançou a cabeça.

— Os tesouros do palácio foram saqueados — sussurrou ela. — Ouro, pedras preciosas, roupas… levaram tudo.

Ela não parecia se importar. Acho que estava imaginando o monstro que havia gerado enfim correndo livre pelas montanhas, arrancando as raízes das árvores e devorando qualquer criatura que cruzasse com seu apetite voraz.

— Por que eles levariam…?

Parei, confusa. Não sabia o que pensar, e precisava tomar muito cuidado com o que falasse. Deslizei a ponta da sandália pelo mosaico sob meus pés. Era uma cena particularmente grotesca, que retratava a cabeça com chifres e a bocarra salivante do Minotauro. Uma terrível suspeita ganhava corpo dentro de mim e eu estava começando a desejar ter ficado com o bastão de Teseu e feito o crânio da criatura em pedaços eu mesma, em vez de ficar esperando que ele fizesse isso para nós.

Cheguei ainda mais perto de Pasífae. Minos era uma visão e tanto, sem dúvida. As ameaças que proferia – as punições descritas em detalhes –, a bile que ele cuspia, tudo isso pulando de um lado para o outro, inflamado de fúria. Ciente do que todos nós que o observávamos calados também sabíamos. Sem seu monstro de estimação correndo por aqueles corredores tortuosos, todo o resto era inútil. Com certeza ele tinha armamento suficiente para infligir parte daquela violência horrível que prometia, mas seu Labirinto estava tão vazio quanto suas ameaças. Apesar dos soldados com machados, ele de repente parecia apenas uma criança irritada,

berrando e fazendo pirraça porque lhe haviam tomado o brinquedo favorito.

Havíamos sentido medo de Minos por toda a vida. Fiquei esperando o tremor, as lágrimas queimando no fundo dos meus olhos e as palavras de protesto sufocadas na garganta. Mas tudo que eu sentia era a emoção sombria do desprezo vibrando pelo meu corpo. Ele não passava de um homem, no fim das contas.

Uma confusão na porta. Homens esbaforidos que tentavam entrar aos tropeços para fazer seus comunicados com uma subserviência temerosa, torcendo para que o machado de Minos não descesse sobre suas cabeças. Eu também os desprezava naquele momento, embora estivesse ansiosa para ouvir as notícias que traziam.

— A torre de Dédalo, senhor — bufou o primeiro. — Vasculhamos o lugar, como o senhor ordenou.

— E? — bradou Minos.

— Ele tinha iscas, senhor, restos de comida que devia levar escondido e colocar nas janelas altas para as gaivotas. Quando elas vinham para a terra firme, ele tinha armadilhas preparadas; mecanismos delicados, não para matá-las nem mesmo machucá-las, mas só para poder tirar algumas penas de cada uma.

Minos lançou um olhar feio para seu infeliz interlocutor.

— Por quanto tempo ele deve ter feito isso, até conseguir penas suficientes para fazer o que vocês viram hoje de manhã?

O homem inclinou a cabeça

— Não sei dizer, senhor. Meses, talvez.

Então, Dédalo vinha se preparando para isso muito antes da chegada de Teseu. Eu me perguntava quanto ele tinha sido capaz de prever, quanto devia ter adivinhado, e quão rápido. Senti uma

pontada de saudade de sua sabedoria tranquila, do conhecimento gentil em seus olhos e da bondade em sua voz. Desejei poder falar com ele.

— Meses — cuspiu Minos. — Meses de traição, conspirando contra mim, e nenhum de vocês, bando de imbecis incompetentes, suspeitou de nada! Ele não estava sendo vigiado de perto? Vocês não conferiam o dormitório dele todos os dias em busca de qualquer sinal de rebeldia?

O silêncio queimava no ar, pesado com as acusações, as suspeitas e os medos implícitos. Todos sabiam da astúcia de Dédalo. Minos tinha sido tolo de achar que poderia manter preso um homem tão mais inteligente do que ele e se aproveitar de seu brilhantismo para sempre.

Minos continuou:

— Então, como ele transformou essas penas em asas fortes o bastante para levantar voo?

O homem que tinha falado parecia arrependido da pressa em se apresentar primeiro para reportar as notícias. Hesitante, ele prosseguiu, encolhendo-se ao ver a testa de Minos se crispando e seu punho se fechando em torno do enorme machado de lâmina dupla.

— Ele deve ter feito as estruturas de arame, material a que tinha acesso por causa do trabalho oficial que estava executando aqui, senhor. Ninguém percebeu que ele vinha pedindo um excedente para construir o contorno das asas. Provavelmente grudou as penas derretendo a cera de suas velas. Deve ter sido por isso que Ícaro caiu; o calor do sol derreteu a cera. — Ele voltou a se calar, encarando o chão.

— Fora! — rugiu Minos. — Para fora, seus idiotas!

Nem precisava mandar duas vezes, mas enquanto os homens saíam aos atropelos, outro grupo já entrava correndo, liderado por um homem trazendo um saco com uma mancha escura pingando do fundo. Vi o líquido preto e fétido vazando pelas costuras e senti o estômago revirar de novo. Minha cabeça doía, e eu tinha uma certeza desesperadora de que não queria ver o conteúdo daquele saco.

— Rei Minos! Os restos mortais do Minotauro foram encontrados!

A cabeça de Pasífae se virou na mesma hora. Desviei o olhar, incapaz de encarar o abismo oco de suas enormes pupilas.

— Na enseada, a oeste do ancoradouro, protegida pelo longo trecho de bordas salientes dos penhascos. Deve ter sido por onde Teseu escapou!

A oeste do ancoradouro? Mas Teseu havia me mandado ir para o leste, onde outra grande escarpa bloqueava minha visão da pequena enseada escondida da qual os homens falavam agora. Meu cérebro confuso e carente de sono lutava com aquela informação, tentando decifrá-la.

Eu ainda estava me esforçando para entender quando ele levantou o saco, e uma rajada de ar nauseabundo saiu dali de dentro. Por toda a sala, as pessoas recuaram, levando as mãos ao rosto enquanto ele voltava a falar:

— Trouxemos de volta a cabeça da besta. Ou pelo menos o que sobrou dela.

Pelo piso de mármore, pelos ladrilhos de mosaico assentados de forma primorosa, pelo delicado trabalho artesanal sobre o qual os nobres de Creta andavam todos os dias, rolou um bolo emaranhado

de cartilagem, ossos e pelos. Antes que eu tivesse tempo de fechar os olhos, vi os chifres do touro rachados e partidos.

O berro agudo de Pasífae ecoou no silêncio profundo. Cada vez mais alto, o uivo estridente e dissonante de sua desolação repercutiu em cada pilastra que sustentava o teto sobre nossas cabeças, e pensei que ele estava prestes a desabar e esmagar todos nós. Abruptamente, ela interrompeu seu lamento e caiu no chão. O som de seu crânio batendo na pedra dura reverberou pela minha espinha, mas consegui me manter de pé.

Minos passou por cima da figura derrotada da esposa no chão.

— Preparem o meu navio — ordenou ele.

As pessoas se agitaram à nossa volta num fluxo intenso de atividade, felizes por terem uma tarefa, qualquer coisa que as tirasse dali.

Minos já não berrava nem rugia. Sua voz era puro gelo, quase um sussurro.

— Partiremos imediatamente.

14

Ariadne

Depois do surto em que destruí as videiras e esmaguei as uvas contra as rochas, eu sabia que a morte estava próxima, e uma calma entorpecida voltou a se abater sobre mim. Não era o mesmo estupor em que eu ficara mergulhada antes, mas uma espécie de paz clara e silenciosa. Já tinha chorado todas as lágrimas que pensei ser capaz de produzir; tinha xingado e berrado e agora me sentia estranhamente renovada. Conseguia ver, com um olhar neutro e racional, que minhas provisões tinham se reduzido a uns poucos restos. Eu não tinha visto nem escutado qualquer criatura viva desde que chegara à ilha, exceto por um ou outro lagarto que atravessava meu caminho muito rápido, pelos insetos rastejantes ou pelos pássaros rodopiando de alegria na vasta extensão do céu. Sem dúvida a água estava cheia de peixes, e devia haver mais criaturas em outros lugares, mas eu não sabia como encontrá-las – nem o que fazer se por acaso pegasse uma. Se eu tivesse uma vida, fosse

peluda, escamosa ou com barbatanas, se debatendo na minha palma, conseguiria chegar ao ponto de espremê-la com minhas próprias mãos e rasgar a carne crua com os dentes? Conseguiria me tornar uma besta também?

Eu não estava com medo – ou pelo menos não muito. A aceitação abria caminho por minhas veias, preenchendo meu corpo com o peso da compreensão. Eu tinha ido embora de Creta, por livre e espontânea vontade, sabendo que nunca poderia voltar. Nenhum jovem faria mais aquela temível viagem partindo de Atenas, tremendo com a perspectiva de ser devorado no escuro. Talvez minha vida fosse um preço justo a ser pago.

Dormi naquela noite com uma calma no coração, e na manhã seguinte decidi andar até a praia. Lá em Creta, o oceano sempre tinha sido um amigo para mim. A visão sempre apaziguava minha alma. Desde a deserção de Teseu, o mar se convertera num inimigo debochado, insistindo em permanecer vazio enquanto eu desejava desesperadamente que ele trouxesse de volta o navio e o devolvesse para mim. Mas hoje, o mar voltaria a ser um amigo. Eu ficaria sentada na areia morna observando o brilho nas cristas brancas das ondas.

Na cozinha, obriguei-me a beber até a última gota da água que restava. Tremi um pouco ao pousar de volta a barrica vazia. Talvez, se eu procurasse mais a fundo na ilha, pudesse encontrar água fresca – uma fonte de algum tipo. Fiz uma pausa, indecisa.

— De que adianta, Ariadne? — falei, e o som da minha voz reverberou nas paredes de pedra, deixando-me chocada com o volume alto no silêncio a que havia me acostumado.

Desistir de tudo parecia uma tentação deliciosa – ir até a praia, deitar e esperar que o sono me levasse. Seria assim mesmo? Ou eu deveria explorar as profundezas da ilha, me expor a quaisquer que fossem os perigos à espreita? Eu morreria nessa busca, delirando e espumando pela boca? Ou encontraria a salvação na forma de um manancial e arrastaria meus dias solitários ainda mais?

Eu precisava sair da casa; as paredes subitamente pareciam se fechar ao meu redor como uma tumba. Apressei-me pelo pátio até a beira do penhasco. Apoiei a testa na superfície áspera do rochedo; lancei meu olhar para o mar. Eu tinha passado dias analisando inutilmente aquele horizonte, procurando as velas esvoaçantes de um navio que significaria a minha salvação. Ele permanecera teimosamente vazio; um abismo azul que revelava apenas a minha ruína.

Mas agora, ao observar a linha onde o mar se misturava ao céu, vi pela primeira vez um ponto que ficava cada vez maior à medida que se aproximava de mim, revelando o contorno inconfundível de um navio. Um navio, vindo em direção a Naxos.

15

Fedra

Pasífae não foi de muita utilidade naqueles primeiros dias de choque e estranheza. Após a partida de Minos, quando ela finalmente conseguiu se levantar do chão na sala do trono, começou a catar os restos do monstro num frenesi. Sem se importar com os respingos fedorentos que voavam em seu cabelo, peito e rosto, ela reuniu tudo junto de si, aos soluços.

Desviei o olhar, enojada. Ansiava por um ar frio e limpo que dissipasse o cheiro fétido e o sofrimento, mas via o mormaço quente refletido nas pedras lá fora, para além das colunas pintadas de vermelho. Um gosto ácido me subiu pela garganta.

Ninguém perguntou por Ariadne. Era como se ela fosse apenas mais uma das pedras preciosas ou das barras de ouro que Teseu e seus homens haviam levado. Longe de me interrogar para descobrir se eu sabia de alguma coisa, Minos e seus homens me ignoraram,

jurando vingança, amaldiçoando Dédalo e Teseu, primeiro um, depois o outro.

Será que eu tinha sido duplamente esquecida? Ariadne teria planejado meu abandono junto com Teseu? Eu não acreditava que minha gentil irmã fosse capaz disso. Mas se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, também não teria acreditado na capacidade dela de libertar Teseu da cela e conspirar contra Minos. Havia alguma chance de que aquilo fosse um engano? Algum tipo de mal-entendido? Mas enquanto minha mente fervilhava de perguntas, a imagem do rosto de Teseu permanecia fixa. O modo como ele olhava para Ariadne, com uma espécie de voracidade. A forma como ela olhava de volta, como se ele fosse a única pessoa no mundo.

Talvez eu estivesse atrapalhando.

Eu não tinha a mesma paciência de Ariadne com Pasífae, e ao vê-la se arrastando pelo chão, juntando os pedaços de sua cria monstruosa, senti mais raiva que compaixão. Tinha três filhos vivos, além daquela criatura, mas por anos havia nos trespassado com os olhos como se cada um de nós fôssemos feitos de ar. Quando Deucalião embarcou em seu navio para a Lícia, ela mal registrou a perda daquele filho vigoroso, humano. Agora Ariadne tinha ido embora e ela só tinha lágrimas para uma aberração que, em primeiro lugar, nunca deveria ter existido. Mas eu não podia deixá-la ali. Ainda que cada centímetro da minha pele estremecesse diante do sangue, ajoelhei-me para ajudá-la a se levantar. Ela soltou alguns balbucios febris, mas ficou de pé, apoiada em meu braço.

Eu teria levado os restos mortais para a costa e deixado que fossem carregados pela maré, mas conduzi Pasífae até o jazigo do palácio. Que ele fosse sepultado com os antigos reis de Creta. Se

houvesse algum parecido com Minos, ele dificilmente seria o pior a descansar ali. Acho que ela ficou grata, mas eu me recusava a ficar no local de repouso dos mortos com ela. Deixei-a chorando no escuro.

Por toda a minha vida, a ideia de esperar pacientemente pelas coisas tinha sido algo que ia contra minha natureza. Mas naquele dia, eu não sabia mais o que fazer. Fui até a enseada, procurei alguma mensagem escondida, qualquer pista ou sinal de Ariadne ou Teseu. As ondas rolavam pela areia, como sempre, mas não descobri nada. Na distância, o sol se punha, e tive que retornar a Cnossos de mãos vazias.

Passei outra vez pelo jazigo, suspeitando de que Pasífae não tinha nem se mexido. Um barulho suave vinha pela porta aberta quando me aproximei. Não um choro, mas um canto. Um hino grave e lamurioso. Eu não ouvia minha mãe cantar desde antes do nascimento do Minotauro. Aquele eco distante e já meio esquecido vibrou em minhas veias. Um vislumbre de seu rosto, borrado mas sorrindo. Enlacei os braços em volta do meu corpo, arrastando os pés. Não queria me aproximar muito. Dava para ver a figura dela ajoelhada diante do esquife, um tecido pesado misericordiosamente encobrindo o que estava amontoado ali.

A lua brilhava nos frisos ornamentados acima da entrada do jazigo. A canção de Pasífae chegou ao fim e fiquei observando enquanto ela levava as mãos ao rosto. Seu perfil estava mergulhado nas sombras prateadas; a beleza arrasada de seu rosto era por pouco insuportável. Quase virei as costas quando ela começou a deslizar as unhas pela própria pele, o sangue escorrendo em fios

finos. Senti as lágrimas que havia prendido entre os dentes cerrados durante todo o dia começando a brotar.

— Vai acabar logo.

Virei-me ao ouvir o som da voz masculina atrás de mim, minha respiração acelerada.

— Desculpe, Fedra, não queria assustar você.

Pressionei a mão contra a testa. Estava úmida de suor. Consciência pesada, talvez.

— Radamanto, não ouvi você chegar.

Ele estendeu a mão enrugada e a pousou gentilmente em meu ombro.

— Você está muito cansada, minha querida — disse ele com bondade. Fez um gesto com a cabeça em direção ao jazigo aberto, e as mechas grisalhas de seu cabelo se agitaram na brisa. — Só queria dizer que a vigília de sua mãe vai acabar logo.

— Ela amava mesmo aquela coisa? — deixei escapar. Não sabia que a pergunta estava tão próxima de vir à tona. — Como ela pode lamentar desse jeito, sabendo o que aquilo era?

Ele contraiu os lábios estreitos. As dobras da pele fina como papel se adensaram, sulcando linhas ainda mais profundas em seu rosto.

— Será que ela está chorando pela besta? — perguntou ele. — Ou será que, com sua morte, ela chora pelo que isso representava? Aquilo que foi feito a ela tantos anos atrás, que desestruturou sua mente dessa maneira, talvez agora que acabou ela possa se permitir lamentar.

Olhei para ele, surpresa. Ninguém nunca tinha falado assim sobre Pasífae. Eu estava acostumada com as insinuações sutis, os

constantes sussurros que a seguiam aonde quer que fosse em Creta. Radamanto soava empático, e isso me deixou desconcertada a princípio. Por um momento, me senti culpada pelo desprezo com que havia falado dele, enxergando apenas como seus membros idosos tremiam e sua voz falhava. Eu o elegera como exemplo do pior marido que Creta tinha a oferecer. Então Minos apresentara Cíniras – que já tinha até voltado ao Chipre, horrorizado com mais aquela evidência de como nossa família era depravada. E Ariadne tinha encontrado Teseu. Nossas fantasias de meninas não poderiam ter conjurado nada mais magnífico. Mas onde estava a minha irmã agora?

— Com a partida tão súbita de seu pai, assumi o papel dele hoje — disse Radamanto, ao perceber que eu não era capaz de responder ao que ele dissera sobre Pasífae. — Mas eu lhe garanto, princesa, que é apenas por necessidade. Mandei um navio direto à Lícia para trazer seu irmão para casa. O trono pertence a Deucalião, pelo menos até o retorno de Minos. — Ele parecia perturbado. Eu me perguntei o que ele pensava da imprudência e da ausência brusca de Minos.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada.

No jazigo, Pasífae se mexeu, começou a ficar de pé. Radamanto fez uma discreta mesura e saiu mancando. Fiquei ali, esperando que os membros rígidos de minha mãe a carregassem de volta até mim. Quando ela chegou à porta, apesar do rosto sujo com o próprio sangue, do cabelo desgrenhado e do vestido rasgado, seus olhos encontraram os meus e não desviaram.

Botei o braço ao redor dela e a conduzi para casa.

Minos poderia ter liderado sua frota contra Atenas, mas na verdade acho que ele tinha medo de fazer isso. Teseu o derrotara tão facilmente, abrindo seu Labirinto e esmagando na areia o crânio do temido Minotauro como se fosse um ovo. Perder uma guerra depois de tudo aquilo era o último risco que Minos podia correr. Mas ele ardia por vingança. Então, em vez disso, partiu naquela manhã à procura de Dédalo. Se para matá-lo ou capturá-lo, acho que nem ele sabia.

Mas como é possível caçar o homem mais habilidoso e astuto de todos? Minos tinha inteligência suficiente, eu suponho, para saber que Dédalo não teria dificuldade para encontrar aliados poderosos dispostos a protegê-lo em troca de apenas uma amostra de seu conhecimento e aptidão. Minos sabia muito bem que não podia empreender um ataque a um homem como Dédalo. Então, para nossa crescente surpresa, ele mandou seus homens retornarem no imenso navio depois de uns poucos dias. Viajaria disfarçado, perambulando a pé de uma cidade a outra. Quando os soldados voltaram sem ele e nos contaram o que tinha acontecido, achei que ele só podia estar louco.

Os dias seguintes foram carregados de preocupação. Não recebemos nenhuma notícia de Minos nem de Ariadne, tampouco havia qualquer sinal do navio enviado para trazer Deucalião para casa. Eu já sabia o que a inquieta nobreza de Creta pensava de nós naqueles dias, e sentia o meu destino e o de Pasífae pairando sobre uma balança cujo equilíbrio era muito frágil. Ainda que fosse muito

respeitado por toda a corte, Radamanto era apenas um velho entre a voracidade de tantos rapazes sedentos de poder e o trono que se apresentava tão tentador diante deles. A minha ansiedade só aumentava enquanto eu vasculhava o horizonte em busca de navios. Tinha esperanças de que meu irmão, no limite entre a infância e a adolescência da última vez que eu o vira, tivesse aprendido bem com nosso tio a governar uma cidade. Assim, foi com um enorme suspiro de alívio que afinal avistei as conhecidas velas escarlates no porto.

Corri até as docas, pois já não havia ninguém para me impedir de fazer isso em nome do decoro. Fui abrindo caminho por entre os mercadores e comerciantes que circulavam por ali; eles gritavam uns para os outros por cima do barulho das ondas e do vento, que agitava os enormes tecidos pendurados em cada uma das muitas embarcações agrupadas no mesmo lugar. Meus olhos estavam fixos na figura que descia de nosso navio real, muito mais vigorosa e impressionante que todas as outras. Não dei a mínima para os resmungos e reclamações enquanto ia acotovelando as pessoas até lá.

Ele estava alto, muito mais alto que da última vez que eu o vira, mas o sorriso era o mesmo. Meu caloroso e bondoso Deucalião, de volta para mim. Joguei os braços em torno dele assim que ele deu o último passo para subir na plataforma do cais, fazendo-o se desequilibrar um pouco.

Ele riu.

— Fedra!

— Estou tão feliz por você ter voltado — foi tudo que consegui dizer, com o rosto abafado no peito dele. Senti a pressão gentil de sua mão nas minhas costas.

— Desculpe o atraso. Parei em Atenas em minha jornada para casa.

Eu me afastei, rígida.

— Atenas? Você… você viu Ariadne? — eu mal ousava formular a pergunta; as palavras caíam tão trêmulas de meus lábios que eu nem me reconhecia.

Seu rosto se fechou.

— Tenho notícias de Ariadne. Explicarei tudo no palácio, aqui não.

Ele indicou com a cabeça a massa de gente que se agitava ao nosso redor, os soldados que o acompanhavam e os olhares curiosos e inquisidores que atraía para si. Conforme a compreensão foi se espalhando pela multidão, vi que as pessoas começaram a curvar a cabeça, e o falatório se aquietou.

Eu me perguntava como seria aquela sensação; inspirar o respeito de pessoas que não o viam há anos e que não sabiam nada sobre você, exceto que era o filho, e não a filha, do rei. Mas eu estava impaciente para ouvir notícias sobre minha irmã e aliviada por Creta não estar declaradamente em clima de rebelião, então caminhei junto dele, os guardas se postando de ambos os lados daquela procissão majestosa.

— E nossa mãe? — ele me perguntou baixinho enquanto andávamos. — Como ela está?

Pensei um pouco.

— Está mais forte a cada dia. — Eu me perguntava se Radamanto estaria correto a respeito dela no jazigo; que lamentava sobre os restos mortais do Minotauro tudo que tinha sido feito a ela. — Acho que ela está encontrando algum tipo de paz.

Claro que não ter a presença tirânica e sufocante de Minos ajudava muito. Dava para notar que ela finalmente conseguia respirar à vontade.

Ele assentiu com a cabeça.

— Que bom.

Eu estava maravilhada com a novidade de sua presença imponente, a tranquilidade que ele parecia sentir ao subir os degraus gastos até o palácio, seu palácio, pelo menos por enquanto. Quando nos aproximamos da ampla colunata da entrada, conselheiros, nobres e servos correram em nossa direção, mas ele afastou a todos com um gesto.

— Haverá tempo bastante para assuntos oficiais — anunciou ele. — Primeiro, falarei com Fedra.

Fiquei extasiada com aquelas palavras.

Ele me conduziu até uma antessala, lembrando-se das curvas e voltas do palácio como se não tivesse passado mais que um dia longe. Por fim, estávamos sozinhos, e havia apenas uma coisa que eu queria saber.

— E Ariadne? — perguntei.

Ele exalou devagar. Não consegui ler a expressão em seus olhos, mas o sangue pulsando em minhas veias desacelerou e congelou enquanto os segundos se arrastavam. Bem quando eu achava que não poderia mais suportar, ele falou.

— Ariadne está morta.

Eu sabia, antes mesmo que ele dissesse. Minha irmã, tão doce, crédula e corajosa.

— Teseu me contou tudo. Como ela planejou com ele a morte do monstro e ficou esperando do lado de fora. Que fugiram no navio

dele naquela noite e pararam para descansar numa ilha chamada Naxos. Que ele e seus homens montaram o acampamento e deixaram um lugar reservado para ela, para proteger sua virtude. Mas pela manhã, quando ele foi acordá-la, encontrou-a gelada, ainda enrolada nas garras da enorme serpente cujo veneno a matara. Teseu lutou contra a imensa criatura, tão grande, segundo ele, que só poderia ter sido enviada por um deus, e saiu vitorioso. Ele me garantiu que fizeram todos os ritos fúnebres para ela antes de seguirem viagem. Quando ele chegou a Atenas, consultou um oráculo que lhe disse que Ártemis enviara a serpente como punição por Ariadne ter traído o pai e sua cidade. — Ele deu um suspiro pesado. — Teseu sentiu muito por me dar essa notícia, e eu também lamento ter que pesar seu coração com ela, pequena Fedra.

Engasguei, sufocada com as palavras que não conseguia arrancar da garganta. Sentia a pele pinicar como se meu corpo estivesse coberto de formigas. Só conseguia pensar em Ariadne caída, seu corpo envolvido por uma cobra venenosa, em sua pele endurecida e despojada da vida que corava suas bochechas quando a vi pela última vez.

— Por que apenas a nossa irmã? — consegui por fim botar para fora. — Por que só ela foi punida?

Deucalião tirou a mão que lhe cobria a boca.

— O crime foi dela, Fedra. Sei por que o cometeu, mas ela desobedeceu Minos e foi desleal a Creta. Teseu era nosso inimigo e ela o ajudou.

— Nosso inimigo? — Minha voz saiu aguda, descontrolada e pouco familiar. — Ele salvou todo mundo!

— Não posso negar que ele nos prestou um serviço, livrando-nos do Minotauro e da ceifa monstruosa. — Deucalião assentiu com honestidade. — Só quero estabelecer a paz com Atenas agora; não guardo nenhum rancor.

— Mas Ariadne pagou o preço — sussurrei.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo.

— O preço ainda não foi pago, Fedra.

Olhei para cima.

— Como assim?

— Minos se foi e ninguém sabe quando ele volta. Não temos mais o Minotauro. Rumores de uma rebelião começam a circular por Cnossos. Não podemos sustentar uma inimizade com Atenas agora, embora por duas vezes tenhamos levado seus filhos e entregado, ainda vivos, para o nosso monstro comer. Se Teseu não o tivesse matado, nós teríamos tirado também o príncipe deles, e isso continuaria a acontecer indefinidamente; um sacrifício sem fim que exigiríamos deles. Essa amizade não será fácil de conquistar.

— Ele só conseguiu matar o Minotauro por causa de Ariadne! — Eu me controlei antes de dizer mais. Por motivos que só ele sabia, Teseu não havia me incriminado. Talvez o olhar impiedoso de Ártemis tivesse passado batido por mim também.

— Isso é verdade. — Os olhos de Deucalião tinham adquirido um ar pensativo, seu tom era ponderado. — O povo de Atenas pode ver que os filhos de Minos não são como ele. Podemos mostrar a eles que a tirania terminou e que, em vez disso, nosso pior inimigo poderia ser nosso maior aliado. Mas palavras não são o bastante. Temos que fazer reparações, conquistar a confiança deles. Acima de

tudo, precisamos evitar uma guerra quando Creta já se encontra por um fio, prestes a mergulhar no caos ao menor movimento.

— Por que eles confiariam na gente? — perguntei. Não conseguia imaginar o que ele queria dizer com aquilo.

— Levamos vinte e oito de seus filhos para serem devorados no Labirinto — continuou ele. Tão calmo, tão ponderado. — Sugeri a Teseu que lhes déssemos de volta apenas um dos nossos.

Congelei.

— Sua mão, Fedra, em casamento, quando tiver idade suficiente. Uma princesa de Creta casada com o rei de Atenas. Com certeza você consegue enxergar que isso garantiria o apoio deles em vez de atrair sua fúria sobre nós.

— O rei de Atenas? — perguntei, horrorizada. — Você quer que eu me case com Egeu?

Ele balançou a cabeça com força. Deu uma risada, depois se recompôs, lembrando que estava falando de me negociar.

— Não, não, Egeu está morto. Teseu me disse que, confuso e enlutado pela perda de nossa irmã, ele se esqueceu de trocar as velas negras pelas brancas. Egeu ficava na beira do penhasco todos os dias, procurando no mar o retorno do navio ateniense. Quando viu a embarcação se aproximar, com as velas negras do luto, pensou que o filho havia morrido em nosso Labirinto. Atirou-se no mar, de modo que Teseu já desembarcou daquele navio como rei.

Então mais uma vida ateniense tinha sido tomada por nós. Não era à toa que Deucalião achava estar fazendo uma troca justa. Diriam até que tinha sido uma pechincha Creta perder apenas uma garota.

— Ele amava Ariadne — Deucalião falou com delicadeza. — Aprenderá a amar você no lugar dela. Ele tem sido bom para nossa família. É uma sorte termos essa chance.

— Então, em cinco anos eu vou para Atenas? — perguntei insegura.

Ele balançou a cabeça.

— Não podemos esperar que eles acreditem em nossa palavra. Você embarcará o quanto antes.

Fiquei olhando para ele.

— Vão cuidar de você. O palácio de Atenas é belo e grandioso. Você terá uma boa vida lá.

Sozinha numa cidade em que todos me odiariam por ser o símbolo de tudo que haviam perdido pelas mãos de meu pai. Deucalião falava como se fosse um gesto de união entre Atenas e Creta, mas eu seria uma prisioneira na frágil paz que ele buscava. Afastei-me de meu irmão, com as mãos tapando a boca. Achava que ele traria a salvação. Em vez disso, havia trocado o meu cativeiro por outro.

Meu irmão manteve a palavra. Um navio abarrotado de riquezas para aplacar Atenas e levando um emissário disposto a implorar perdão já estava aportado logo no dia seguinte. Aguardava apenas o presente final. Eu.

Tive a sensação de que meu rosto estava rígido enquanto andava em direção ao navio, minhas pernas pesadas se arrastando. Eu

nunca tivera uma infância propriamente dita em Creta, mas não conhecia nada diferente. Meu coração ficou um pouco mais leve quando vi Pasífae parada no porto, esperando para me dar adeus. Ela ainda tinha certa propensão a crises de tremedeira; de vez em quando eu via lágrimas lentas rolando por seu rosto, e seus olhos às vezes se turvavam durante uma conversa. Mas nos dias preciosos desde que perdêramos Ariadne, o Minotauro e Minos de uma vez, eu havia sentido que minha verdadeira mãe estava em algum lugar ali dentro. Agora ela me segurava com força, e me permiti relaxar em seu abraço.

Talvez os deuses tivessem se cansado dela. Eu torcia para que ela fosse deixada em paz e pudesse envelhecer sem a interferência deles.

Deucalião estava de pé muito ereto, impassível, a última pessoa entre mim e o navio. Pousou a mão em meu ombro e fixou o olhar no meu.

— Coragem, irmãzinha — disse ele. — Atenas é uma cidade magnífica. Você vai florescer lá.

Não respondi. De certa forma, não havia nada a dizer. Fiquei parada no convés e observei as ondas se abrindo entre mim e o meu lar. A princípio, derramei algumas lágrimas, não vou negar. Mas, à medida que as horas se passavam, já não conseguia mais chorar. Comecei a imaginar como seria o palácio ateniense. Como seria ver Teseu de novo. Confesso que naquela noite, com Ariadne, eu tinha sentido ciúmes do tempo que eles passaram juntos. Ansiava por unir forças com ele, trazer destruição à minha própria cidade e punir a todos pelo que havíamos tido de suportar. Mas agora, eu percebia que teria trocado todo o tempo do mundo com Teseu por apenas

mais uma conversa com minha irmã. Eu me sentia mil anos mais velha do que a garota que tinha pulado em cima deles com o bastão, que eu mesma tinha roubado. O que eu queria de Teseu agora, acima de tudo, era obter respostas.

Foi uma longa viagem. Gostaria que tivéssemos parado em Naxos para que eu pudesse deixar flores para Ariadne, mas Deucalião dera ordens claras para navegarmos direto. Minha mente estava agitada demais para deixar vir o sono; meu corpo formigava de ansiedade, nervosismo e sabe lá o que mais. Ao nos aproximarmos de Atenas, segurei a amurada do convés com tanta força que os nós de meus dedos ficaram brancos. Minha aia, uma garota quieta que, agora me ocorria, também abandonara seu lar e sua família para me acompanhar, puxou a manga da minha roupa e tentou me convencer a pentear o cabelo e trocar de vestido antes da chegada. Só cedi ao me dar conta de como ela era jovem e de como devia estar assustada também.

Ele estava lá para nos receber. Eu não sabia se devia esperar por isso ou não. Ali estava ele, inclinado contra a parede do porto, protegendo os olhos com a mão. Continuava tão bonito quanto antes, notei com desinteresse. Minha melancolia não foi curada pela visão de seu rosto, nem pelo toque de sua mão grande ao redor da minha quando ele me ajudou a descer do navio.

— Fedra, toda a cidade de Atenas lhe dá carinhosas boas-vindas — disse ele.

— Uma filha de Creta, bem-vinda aqui? Duvido — respondi.

Ele bufou, a surpresa bem-humorada desarmando seu ar oficial.

— É verdade — disse ele. — E também estou contente de vê-la outra vez. Espero que você seja feliz aqui. — Seu tom ficou mais

baixo. — Não pense que Atenas guarda algum rancor em relação a você, pequena Fedra. Todos sabem que você não teve culpa por qualquer injustiça. As ações de seu pai não são as suas. — Ele engoliu em seco. — E sua irmã, claro, todos sabem que ela foi embora de Creta por livre e espontânea vontade. Sabem que tanto você quanto ela não foram cúmplices dos crimes de sua cidade.

Eu torcia para que ele estivesse certo. Já tinha sido alvo de fofocas maldosas a vida inteira. Logo reconheceria se o mesmo acontecesse ali. Mas enquanto me conduzia com agilidade pelo porto silencioso à luz do amanhecer, deixando que os servos e marujos descarregassem o navio, ele já tinha tocado no assunto sobre o qual eu tanto queria falar.

— Me conte o que aconteceu com ela — pedi.

Ele empalideceu.

— Garanto que não é algo que você gostaria de saber.

— Mas eu quero — respondi. — Você esteve com ela antes da morte. Me diga como aconteceu.

Ele esfregou a lateral do nariz; deu um suspiro longo e profundo.

— Ártemis mandou uma serpente para matá-la enquanto dormia.

— Por que ela estava dormindo sozinha? — perguntei.

Teseu me lançou um olhar.

— Não teria sido… apropriado que ela dormisse na minha companhia.

Ele pigarreou.

— Mas e as outras garotas, as prisioneiras? Havia sete delas. Onde elas dormiram? — Observei seu rosto com atenção, apesar de ele agora andar rápido e eu ter dificuldade de acompanhar o passo.

Ele balançou a cabeça, como quem espanta uma mosca.

— Dormiram no navio.

— Então por que ela não dormiu lá também?

Não conseguia imaginar minha irmã querendo dormir sozinha ao relento. Lembrava-me dela se esticando feito um gato sob o sol, nos sofás espalhados pelo pátio de Cnossos.

— Eu não sei! — disse ele bruscamente. Suspirou, diminuiu o passo e parou. Pegou minhas mãos na sua e, com a outra, inclinou meu rosto em direção ao dele. — Desculpe, Fedra. Sei que é natural que você queira saber sobre a morte prematura da sua irmã. É uma tragédia. Mas foi a vontade de Ártemis. Talvez a grande deusa tenha mandado uma loucura se abater sobre ela, talvez tenha sido por isso que ela preferiu dormir lá fora.

— Mas então por que você não a impediu? — Não consegui me controlar.

— Talvez Ártemis tenha mandado uma loucura sobre todos nós — respondeu ele seco.

Tentei desvencilhar minhas mãos.

— Também foi uma loucura de Ártemis você ter me dado instruções erradas para a enseada?

Ele foi pego de surpresa. Desprevenido. Será que esperava que eu ficasse dócil, impressionada, tão feliz de estar ali em sua companhia que não cogitaria questioná-lo?

Ele soltou minhas mãos.

— Não fiz isso — disse ele. Sua voz estava grave, pesada de dignidade e censura. — Acho que você deve ter pego um caminho errado. Não podíamos esperar, os guardas do seu pai poderiam nos alcançar a qualquer momento.

Desejei ser capaz de acreditar, mas tinha certeza de que ele estava mentindo. Qual era a extensão da mentira eu ainda não sabia direito. Agora que eu havia percebido, sabia que precisava tomar cuidado. Ele era o rei de Atenas e eu era a filha do inimigo mais odiado pela cidade.

— Quem vai saber da vontade dos deuses? — falei por fim, fazendo um esforço para manter um tom neutro. — Estamos todos nas mãos deles. Não ouso interpretar o que Ártemis botou na cabeça de vocês para que sua justiça fosse feita.

Ele suspirou aliviado.

— É verdade. — Fez um gesto para que eu continuasse andando.

O caminho subia por uma colina íngreme, e fiquei feliz por estar habituada a subir até Cnossos, do contrário teria ficado bem ofegante. Quando chegamos ao topo e a Cecrópia se apresentou diante de mim em toda a sua glória, parei, e as perguntas que fervilhavam em minha cabeça silenciaram por um momento. O pico do grande rochedo que tínhamos acabado de subir era como uma enorme mesa que se estendia sob os nossos pés. Eu conseguia ter uma ideia de sua dimensão pelo arco ornamentado do portal através do qual Teseu fizera menção de me conduzir. Levantei a mão indicando que ele parasse, que fizesse uma pausa por um instante enquanto eu absorvia tudo. Uma torre alta se erguia em direção ao céu à nossa direita, e vislumbrei o olhar atento de um guarda para nós lá de cima, seu arco inclinado e a postos contra os invasores. Os muros que cercavam a cidadela também eram mais espessos do que qualquer um que eu já tinha visto em Creta – metros de pedra projetados para impedir ataques.

Nenhuma daquelas defesas tinha sido capaz de impedir a praga que Minos rogara a Zeus, pensei, minha cabeça pesada com uma mistura de vergonha e raiva. O sofrimento que minha família tinha causado àquele lugar era inconcebível, e agora o palácio de Atenas se estendia à minha frente, poderoso e magnífico. Eu teria que lhes mostrar que não tivera culpa por suas agonias; que eu não era como meu pai. Senti o suor brotando na nuca, por baixo da mecha de cabelo que a aia havia prendido no alto. Agora estava feliz por ela ter me convencido a colocar um vestido mais fino.

— Seu novo lar — disse Teseu.

Ainda faltavam anos até que estivesse na hora de me casar com ele. Tempo suficiente para descobrir a verdade. Eu não era a minha irmã e não tinha a mesma fé nem a mesma ingenuidade dela. Baixei os olhos com recato e o segui pelo piso de mármore. Mas não descansaria enquanto não descobrisse tudo.

16

Ariadne

Meu estômago afundou e eu me dobrei para a frente, segurando a enorme pedra e enlaçando os braços em volta de seu volume sólido e reconfortante enquanto o mundo se desfazia ao meu redor. Um navio. As velas não eram negras. Mas claro, Teseu poderia tê-las trocado – as velas brancas da vitória para alertar seu ansioso pai, o velho Egeu, que devia ter observado o mar de Atenas com o mesmo fervor com que eu observava o de Naxos, esperando pelo filho.

Poderia ser Teseu. Eu bateria no peito dele e o xingaria aos berros? Ou me jogaria a seus pés implorando que ele me amasse? Eu já não tinha certeza.

Se não fosse Teseu, então quem? Marinheiros em trânsito? Piratas? A marinha cretense?

Afastei-me da beirada, voltei ao pátio, e foi ali que estaquei assustada.

No dia anterior, eu tinha arrancado todas as videiras. Arremessei-as em várias direções e arranquei as raízes com os dedos. Não havia restado nada além de galhos quebrados e frutas esmagadas que eu vira ao passar por ali naquela mesma manhã.

Agora, poucos momentos depois, ainda mais videiras se entrelaçavam umas às outras, vistosas com suas folhas opulentas e lustrosas estendidas sob o sol. Cachos de uvas roxas e suculentas pendurados em cada ramo, balançando devagar com o próprio peso.

Minha mão pressionava a boca enquanto eu repetia num murmúrio: “Não pode ser, não é real…”. Mas tudo parecia tão convincente, tão verdadeiro. Eu devia ter enlouquecido; devia estar alucinando. Ou talvez já tivesse morrido e essa era minha existência fantasmagórica, condenada a vagar por aquela ilha eternamente. Mas por que haveria uvas no pós-vida de uma alma penada? O absurdo da ideia me pareceu engraçado, e quase ri, mas o horror de que eu pudesse estar completamente louca me impediu. Não conseguia pensar com clareza e percebi com um sobressalto que o barulho que me impedia de pensar direito era o de água corrente. Eu me virei tão rápido que tropecei. A estátua – a pequena estátua de pedra do deus risonho que devia ser Dioniso – se encontrava agora no meio de uma fonte borbulhante, e da taça empunhada pela divindade sorridente fluía uma água limpa e cristalina.

Minha espinha formigava de alto a baixo. Não havia explicação para o que estava acontecendo. Era um milagre – mas certamente os milagres não deviam ser tão assustadores. Talvez fossem; talvez estar tão perto da verdadeira magia, bem diante dos seus olhos, fosse o suficiente para arrancar o véu de sanidade da mente de

qualquer um e deixar apenas o caos tenso e embasbacado da loucura.

Eu estava hipnotizada pela visão da fonte, mas fui puxada de volta à realidade ao compreender de imediato que aquela água, de onde quer que tivesse vindo, poderia parar de fluir tão rápido quanto havia começado. Tateei à procura da barrica vazia que havia deixado em algum lugar com um desespero melancólico apenas alguns momentos mais cedo. Ao vê-la se encher com a água gloriosa e renovadora, melhor do que qualquer néctar que os deuses pudessem beber no monte Olimpo, comecei a rir de pura alegria. De algum lugar, de alguma forma, alguma coisa havia me agraciado.

Ou *alguém*. No fim das contas, talvez houvesse algo pelo que valesse a pena viver. Se um deus, uma ninfa ou algum tipo de deidade tinha se apiedado a ponto de criar aquela fonte para mim, então talvez eu ainda recebesse outras dádivas. Talvez meus crimes não tivessem desagradado a todos os imortais.

Eu sempre soubera que os deuses existiam. Fazia oferendas, entoava minhas preces e seguia os rituais para honrar sua glória. Mas nunca havia esperado que um deles fosse me agraciar com qualquer sinal de sua presença. A interação com os deuses era restrita aos poderosos que andavam entre nós. Um herói como Teseu tinha o privilégio de avançar em seus trabalhos sob a orientação de algum olimpiano orgulhoso, um dos grandes deuses que nos governavam e que se deleitavam com a escolha de seus favoritos dentre um grupo seleto de campeões. E eu sabia, claro, que aqueles que atraíam a atenção dos deuses pelos motivos errados eram punidos. Mas nunca tinha esperado encontrar, em toda a minha vida, um deus de alta estirpe. Acreditava que o mais perto que

chegaria de uma divindade em carne e osso seria na forma desesperada e ensandecida de meu irmão homem-touro.

No entanto, isso – o milagre da água fluindo, a beleza simples das uvas reluzindo à luz do sol –, isso era um presente puro; era a divina benevolência. E ainda que eu não compreendesse de onde vinha, sabia que deveria ser rápida em expressar minha gratidão. Antes de me servir da água fria e refrescante ou das uvas doces e deliciosas, ofereceria meus agradecimentos.

Corri de volta à cozinha, até o vinho doce que Teseu havia deixado. Apenas algumas gotas restavam no jarro, mas eram tudo que eu tinha. Pensei nas elaboradas libações que tinha visto em Creta; no vinho que derramávamos em abundância para agradar os deuses, no sangue espirrando das gargantas puras e brancas dos touros, na gordura que pingava dos espetos de carne assando e lançando nuvens altas de fumaça no ar para o deleite dos áureos imortais. Não haveria nada disso aqui, mas eu esperava que qualquer que fosse o deus que me agraciara aceitasse a minha gratidão.

Levei o jarro e uma pequena tigela de volta ao pátio, passando pela fonte de água milagrosa até o pequeno pedaço de terra que ficava mais adiante. Ergui o jarro bem alto com a mão trêmula, gritei: “Quem quer que seja o deus bondoso que me sorriu hoje, Ariadne de Creta agradece”, e derramei na tigela as poucas gotas que restavam, de um vermelho brilhante.

Esperava que isso fosse o suficiente para agradar meu divino benfeitor, de forma que ele não ficasse ofendido com qualquer suspeita de ingratidão e resolvesse me fazer pagar. Agora que eu tinha agradecido, fui dominada por uma ansiedade de que a água

fosse secar com a mesma velocidade com que tinha brotado, então corri até a barrica cheia. Com as mãos em concha, joguei a água na boca. A sensação de beber o quanto quisesse sem medo era gloriosa.

Andei de volta até o rochedo e avistei o navio que se aproximava cada vez mais. Estava com os nervos à flor da pele. Não conseguia ficar parada. Entrelaçava as mãos, andava da rocha até o pátio e depois fazia o caminho inverso, repetidas vezes. No pátio, parei. Fiquei olhando incrédula.

Não havia mais água. Em seu lugar, era vinho que fluía – um líquido vermelho e intenso jorrando da taça da pequena estátua em um fluxo doce e inebriante, cujo aroma envolvente já chegara a mim antes mesmo de eu ver o que era. Nas videiras mais adiante, uma quantidade ainda maior de uvas.

Fiquei boquiaberta, embasbacada. Dei um passo à frente, depois outro, em seguida toquei o líquido cor de rubi. O vinho estava morno em meus dedos, doce quando lambi as gotas em minha pele. Afastei meu cabelo que caía sobre a testa, apertei os olhos, dei uma olhada em volta e por fim soltei uma gargalhada incrédula.

Mais uma dádiva milagrosa; mais uma transformação impressionante. A ilha já não era um lugar assustador, ermo e árido, onde o cheiro persistente da morte soprava com a brisa. Agora, cada molécula de ar parecia eletrizada com uma promessa invisível, o mundo vivo de possibilidades. A essa altura, eu já tinha entendido que devia estar na presença de algo muito mais poderoso do que jamais conhecera. Uma náusea de medo se misturava à empolgação e felicidade que eu sentia. Quem sabe o que viria a seguir? O pátio parecia abafado e sufocante, as emanações intensas do vinho se

espalhando pelo ar morno. Senti meu cabelo pinicar na nuca. Trêmula e segurando os braços, fui em direção ao rochedo para procurar o navio outra vez. Ansiava pela brisa do mar, que ela soprasse para longe toda a confusão e aplacasse o pânico que me consumia. Tudo indicava que eu tinha sido salva. Mas com que propósito?

A bordo daquele navio devia estar quem fez o vinho jorrar e as videiras brotarem, maduras e saborosas, do solo estéril. Eu fazia um esforço para conseguir enxergar, cada fibra do meu corpo vibrando de ansiedade. Mais do que tudo, tinha medo de que o navio mudasse de rota. De que ele não estivesse a caminho de Naxos e fosse fazer uma curva, dar meia-volta e desaparecer no nada. Mas ele não fez isso. Chegava cada vez mais perto, estava cada vez maior à medida que navegava em direção à praia.

Do meu ponto de observação em cima do rochedo, comecei a ver como o navio era estranho. O mastro alto e largo, com velas brancas balançando. Mas enquanto eu olhava, notei que ramos esverdeados começavam a subir pelo alto poste de madeira. Observei as videiras se esticando e se curvando, e as folhas ficando mais grossas e inchadas. Diante de meus olhos espantados, vi ramos enormes surgindo do topo da embarcação, e dessas trepadeiras penduradas, pencas de uvas brotavam, umas após as outras. Pendiam do navio em cachos pesados, muito maiores do que as que cresciam atrás de mim, mas do mesmo roxo brilhante.

Ouvi gritos do convés. Os homens corriam de um lado para o outro debaixo daquela visão absurda e inconcebível. Eu os via apontando, olhando para cima, as bocas escancaradas em exclamações de surpresa. E enquanto eles corriam por toda parte

num pânico desalentador, vi coroas retorcidas de hera se enroscando nas laterais do navio, como serpentes vivas apertando a embarcação em sua espiral inescapável.

O navio continuava se aproximando, agora já estava bem debaixo do rochedo, e eu conseguia ver o rio carmesim que começava a correr pela proa, espalhando-se pelas tábuas de madeira. Os homens levantavam os pés e sacudiam a bainha das túnicas que, eu percebia, estavam manchadas de vermelho-vivo. Parecia uma maré de sangue inundando o convés, mas eu sabia que só podia ser vinho – vinho tinto, intenso, penetrando na madeira e inundando o chão num fluxo incontrolável.

Havia uma figura imóvel em meio ao caos. Eu conseguia distinguir um anel de cachos dourados reluzindo ao sol. Os homens corriam em pânico, mas essa figura – eu não saberia dizer se era um menino, um homem ou talvez uma mulher – estava absolutamente parada perto do mastro. Pensei ter ouvido a melodia cadenciada de uma risada, sobrepondo-se aos gritos da tripulação.

A hera e as videiras se alastravam rapidamente pelo navio, transbordando por sobre as amuradas, mais e mais uvas balançando dos ramos que se estendiam muito acima das velas. Pouco a pouco, as figuras que corriam começaram a desacelerar, e eu os vi ajoelhando, um por um, diante da forma de cabelo dourado ao centro. Os gritos de medo diminuíram e tudo ficou silencioso, exceto pelo barulho das ondas e pelo farfalhar das plantas que agora adornavam o navio.

Debrucei-me na beirada do penhasco; o navio, flutuando abaixo de mim, estava tão perto que eu conseguia ver o cabelo escuro dos marinheiros curvados esvoaçando na brisa do mar. A figura de

cabelo dourado ficou de pé, e vi que era um rapaz. Sua constituição era delgada, mas ele estava parado no centro das reverências com uma postura relaxada e confiante. Vi que ele abriu a boca para falar, mas o sopro suave de Éolo dispersou suas palavras no vento. Em uma das mãos, segurava um cajado esguio de madeira, entrelaçado com uma grossa videira cujo topo se abria em folhas; mais um cacho de uvas balançou ali na ponta quando ele fez um gesto displicente.

O efeito foi instantâneo. Os corpos de todos os homens ajoelhados e de cabeça baixa diante dele começaram a convulsionar num único movimento repentino. Eles estrebuchavam, batendo com os punhos no convés e dando terríveis gemidos. O horror gelou minha espinha com uma força sólida, mas eu não conseguia desviar o olhar enquanto, um por um, eles iam se retorcendo conforme suas colunas inchavam em enormes corcundas arredondadas. Uma pele lisa e cinzenta rompia as túnicas, fazendo seus corpos explodirem em formas longas e prateadas que, a princípio, eu não conseguia compreender. As criaturas que poucos segundos antes tinham sido homens rolavam pelo navio, suas enormes caudas se chocando na mesma madeira que os punhos humanos tinham golpeado em desespero. Gritos e guinchos estranhos chegaram até mim – uma canção melancólica e distorcida. Enquanto eu assistia à cena confusa, as formas de repente se converteram em algo que fez sentido. Ao redor do jovem dourado e risonho, onde antes havia doze homens, agora havia doze golfinhos arqueando seus corpos desajeitados e desconhecidos no ar subitamente hostil. Não, doze não, onze. Havia um único homem que assistia à cena de joelhos, horrorizado, com as mãos espalmadas no rosto e a boca escancarada.

Um dos golfinhos conseguiu, aos trancos e barrancos, se lançar contra a amurada e mergulhar na água azul e profunda. Vi como o alívio o transformou quando ele saltou de forma sinuosa nas ondas, para longe do medo sufocante a bordo do navio. Os outros logo fizeram o mesmo, arremessando freneticamente seus grandes corpos cinzentos contra as laterais da embarcação até encontrarem a liberdade. Quando o último deles deu seu salto às cegas com grande esforço, as ondas estavam repletas das formas arqueadas dos golfinhos pulando pela água ao redor do navio.

O deus – pois não havia dúvida de que ele era de fato uma deidade poderosa – jogou a cabeça para trás, agora gargalhando abertamente. Aquele único homem ajoelhado a bordo balançava a cabeça incrédulo, ainda agarrando o próprio cabelo como se tentasse arrancar do crânio a lembrança do que tinha acabado de presenciar. O deus andou em direção a ele; o homem se encolheu, mas o áureo imortal lhe deu um tapinha animado nos ombros. Claramente, ele tinha sido o favorecido, salvo do destino de seus companheiros marujos. O deus estava apontando para a praia, falando rápido; embora eu ainda não conseguisse escutar as palavras, era evidente que ele pretendia aportar na costa de Naxos. Sem dúvida, as uvas tinham brotado e o vinho começara a fluir como uma preparação para sua chegada.

Eu me escondi atrás do rochedo, meu coração disparado, os pensamentos a mil. Essa ilha, que eu havia acreditado ser meu túmulo solitário, era agora o destino de um deus olimpiano imprevisível e incrivelmente poderoso. Se lhe desse na telha, ele poderia me matar num segundo. Ou pior. Eu não tinha defesas; nenhuma forma de me proteger. Tinha visto como ele transformara

homens em simplórios animais marinhos. Vi a cena outra vez, uma reprise mental por trás das pálpebras quando fechei os olhos. Conseguia ouvir a pele dos marinheiros se rompendo, seus ossos se partindo naquela transmutação hedionda. Lágrimas de pânico deslizaram por meu rosto.

O que ele faria comigo? A pergunta pulsava em minhas têmporas. Eu deveria me esconder? Poderia correr e me embrenhar na floresta da ilha, mas o que eram árvores frente a um deus? Nenhum esconderijo que eu encontrasse poderia me ocultar de olhos divinos.

Claro que a casa era dele. Devia ser sua a cama dourada à qual Teseu me levara, onde desfrutamos de nosso encontro ilícito. Pensei na fúria de Atena contra Medusa, por ter sido violada por Posêidon em seu templo, e tremi. Eu fizera tudo por vontade própria. Agora, em algum lugar naquele vasto mar azul, Teseu descansava impunemente sobre sofás majestosos, tendo a admiração de todos por sua bravura, seus feitos nobres e heroicos – e como tantas outras mulheres antes de mim, eu pagaria pelo que havíamos feito juntos.

Apesar de sentir que estava prestes a me dissolver de pavor, as brasas da raiva – que eu acreditava ter queimado ao destruir as uvas – se reacenderam em meu peito. Se Dioniso vinha para me punir, não havia nada que eu pudesse fazer. Tinha a opção de morrer choramingando ou de encarar meu destino com a coragem de todas aquelas mulheres antes de mim. Mentalizei a imagem de Medusa, acalmando minha respiração entrecortada. As serpentes sibilavam e atacavam e se contorciam em sua cabeça, instilando medo no coração dos supostos heróis que se encolhiam todos. Eu poderia ser

assim. A raiva seria o meu escudo. Ainda que Dioniso pudesse desintegrar minha pele com um piscar de seus olhos dourados, eu não me encolheria de medo.

Atravessei de volta a pequena casa, peguei a trilha suave até a praia. Ajeitei meu vestido no corpo – o mesmo com o qual chegara. O vestido de minha mãe, roubado pelos homens de Teseu e agora manchado e esfarrapado, era tudo que me restava. Deslizei as mãos pelo cabelo, e meus dedos ficaram agarrados aos cachos embaraçados. O pingente de abelha ainda brilhava disparatado em meu pescoço.

Eu me senti calma enquanto andava. Em algum lugar lá no fundo, o nervosismo se agitava e se retorcia, mas parecia algo distante, abafado por uma certeza tranquila. O que quer que acontecesse agora, não seria a desgraça que eu havia temido ao acordar naquela cama vazia, o peso frio da compreensão no estômago. Agora eu não morreria sozinha em Naxos. Talvez Dioniso – e eu sabia que só podia ser ele – se apiedasse de mim. Onde antes havia desespero, agora eu sentia uma centelha de esperança.

Cheguei às areias douradas e olhei para o volume de madeira do navio deslizando pela água em direção à costa. Vi que o deus e o homem estavam ocupados com afazeres no convés, conduzindo a embarcação com firmeza e garantindo que ficasse estável em seu destino, balançando de leve sobre as ondas. Endireitei a postura bem ereta, a cabeça erguida e os punhos cerrados ao lado do corpo.

Eles desembarcaram pelo lado mais alto do navio ancorado, descendo com agilidade pelas cordas. O homem seguia o deus cheio de vontade e gratidão. Enquanto eles atravessavam o trecho raso de

água, eu sabia que deviam ser capazes de me ver parada ali, mas não consegui enxergar a expressão em seus rostos.

O sol quente nos castigava, refletido pelas ondas em lâminas brancas e afiadas que queimavam o fundo da minha retina quando eu piscava. Apertei os olhos, dei um passo para trás, me desequilibrando. A risada retumbante de Dioniso chegou até mim antes dele – um som alegre e melodioso que se espalhava à sua frente por cima da água. Quando as duas figuras se aproximaram mais, o corpo do homem bloqueou o brilho do sol e eu consegui finalmente enxergar os dois com clareza.

O homem parecia estupefato. Estava com a boca aberta e os olhos arregalados, fixos. Seu cérebro devia estar tentando acompanhar os eventos bizarros: seu navio invadido por hera e rios de vinho tinto; sua tripulação transformada e desaparecendo em alguns segundos; e agora uma mulher toda desgrenhada numa ilha deserta? Já o deus…

Seu porte era esbelto e gracioso enquanto ele atravessava a arrebentação. Atrás dele, o homem parecia grosseiro e mal-ajambrado, os braços musculosos balançando de um modo desajeitado, a pele grossa e avermelhada. Dioniso parecia alguém que acabara de sair da adolescência; seu rosto era juvenil, reluzindo com um ar travesso e alegre que ele mal conseguia disfarçar. Não deu qualquer sinal de surpresa por me ver ali, mas me olhou com simpatia, como se estivesse encontrando uma velha amiga.

Nem precisaria dizer que ele era de tirar o fôlego – uma visão cintilante que fazia qualquer mortal sair prejudicado na comparação. Mas havia algo tão displicente, tão tranquilo em seu sorriso que o

tornava menos intimidante – menos imponente – do que eu jamais imaginara que um olimpiano pudesse ser.

Os dois saíram da água e chegaram à faixa de areia. O homem ainda estava boquiaberto, embasbacado com seu companheiro divino, atordoado pela confusão ou pelo medo do que ainda estaria por vir.

O deus sorriu, a mão estendida em minha direção.

— Saudações! — gritou ele. Sua voz era rica e agradável como mel.

Fiquei parada, sem saber ao certo o que fazer, com uma súbita consciência de cada parte trêmula do meu corpo. Levantei o queixo mais alto e não me permiti entregar o susto que eu levara.

— Não esperava encontrar ninguém aqui — disse ele apaziguador. — Quem é você e como veio parar aqui sozinha?

Suas palavras me causaram um sobressalto. Como ele sabia que eu estava sozinha? Que pergunta mais ridícula. Ele era um deus do Olimpo; sabia tudo que quisesse saber.

— Meu nome é Ariadne — respondi hesitante. — Sou uma princesa de Creta.

Enquanto as palavras saíam da minha boca, eu me encolhi um pouco. Será que Dioniso tinha ouvido falar da minha história, talvez contada por um marinheiro? Ele sabia o que eu tinha feito? Ou as fofocas dos mortais não lhe interessavam? A menos que a minha presença em Naxos o ofendesse, por que ele prestaria a menor atenção em mim?

Ficamos olhando um para o outro por um longo tempo. Agora eu via que seus olhos eram azuis.

O homem se jogou no chão com um baque alto que me assustou.

— Meu deus — murmurou ele com a cara na areia. — Divino deus das uvas, do vinho e da música, aquele que traz alegria e prazer, por favor, tenha piedade de mim, eu não sabia, eu não… — O corpo dele se sacudia com os soluços.

Olhei para sua forma prostrada. Deveria me juntar a ele na areia? Humilhar-me diante daquele ser divino e implorar misericórdia? Certamente eu precisava disso. Mas alguma coisa me impediu – o riso bem-humorado nos olhos de Dioniso me fez achar que isso seria ridículo por algum motivo.

— Venha, Acetes — disse Dioniso, dando-lhe um tapinha nas costas e ajudando-o a se levantar. Embora o marinheiro fosse muito mais alto e corpulento, o deus não teve nenhuma dificuldade de puxar o homem desesperado da areia, como se ele não passasse de uma criança. — Não se curve para mim; nós somos amigos.

Acetes começou a gaguejar um agradecimento, mas Dioniso falou outra vez.

— Eu é que sou grato a você, meu caro — disse ele. — A sua tripulação tentou me enganar e planejava me vender para uma vida cruel de escravidão, mas você os enfrentou com firmeza antes mesmo que eu revelasse a minha verdadeira identidade. Você é um homem bom, Acetes, e um amigo para mim. Fique ao meu lado! — Seu tom era jovial, a voz cheia de contentamento. — Agora — disse ele, virando-se para mim. — Estamos na presença de uma princesa: Ariadne de Creta.

Os olhos do pobre Acetes ficaram esbugalhados. Acho que por um segundo ele se perguntou se devia cair de joelhos novamente, desta vez diante de mim, mas o braço de Dioniso ainda envolvia seu

ombro e, mesmo parecendo estar só pousado ali, suspeitei de que na verdade ele sustentava o homem de pé.

— Tenho certeza de que ela tem histórias para nos contar — continuou Dioniso, com um olhar caloroso e aquela voz que sugeria milhares de piadas implícitas. — Espero que ela também escute educadamente nossas histórias chatas. Caminhemos então para a minha casa, uma pequena morada que tenho aqui em Naxos, da qual acredito que Ariadne tomou conta para mim.

Fiquei surpresa. Havia algo que ele não soubesse?

— Vamos arrumar uma taça de vinho para você, meu amigo, e conhecer melhor uns aos outros aqui.

E foi assim que fiz amizade com um deus.

17

Quando chegamos à casa, tomei um susto. Não era mais o pequeno chalé de pedra; em seu lugar, havia um enorme palácio branco e brilhante. A casa de um deus. As pilastras imponentes da frente eram gravadas com filigranas douradas que se torciam e se entrelaçavam na forma de videiras, com uvas roxas que brotavam num relevo brilhante. O mármore polido reluzia onde antes havia apenas pedra rústica.

Dioniso nos levou para dentro. Uma escadaria magnífica espiralava para cima a partir do centro em vez da escada estreita e empoeirada que eu subira antes em direção à cama. O pequeno pátio era agora um vasto retângulo no meio do qual assomava a estátua, com jatos de um rico vinho tinto fluindo pela superfície dourada. Havia sofás de bronze com pilhas de almofadas roxas espalhados por toda parte. Foi até um desses que Dioniso cuidadosamente guiou Acetes, com uma gentileza de que eu nunca

ouvira ser atribuída a nenhum deus poderoso. Ele inclinou a cabeça para mim indicando um outro sofá e em seguida se retirou, fazendo uma curva atrás de uma pilastra e desaparecendo para outro cômodo.

Afundei no sofá. O rosto de Acetes com certeza refletia o meu. Mas antes de chegarmos a expressar nossa perplexidade, Dioniso estava de volta, carregando bandejas lotadas de comida, carne fumegando no centro, seu cheiro de dar água na boca preenchendo o ar, com nacos rústicos de queijo, fatias de pão, azeitonas gordas… Meu estômago deu um pulo voraz de empolgação. Comida de verdade, deliciosa, que fazia as uvas pelas quais eu tinha ficado absolutamente grata mais cedo parecerem nada.

— Comam — pediu ele, e eu não precisava de mais nenhum incentivo.

Seria um sonho? Eu me perguntava. Um sonho provocado pelo delírio da fome, um sonho de comida abundante e vinho adocicado, servidos em um palácio por um deus poderoso? Talvez esse fosse o jeito que minha mente encontrara de me confortar no momento da morte.

Mas que tremendo conforto era aquele! A sensação da comida nutritiva em meu corpo era algo que eu não conseguiria descrever. O vinho relaxou minha mente acelerada e ansiosa; a conversa agradável de nosso anfitrião divino me acalmou ainda mais. Descobri que Dioniso havia pedido à tripulação condenada que o levasse até Naxos e que eles haviam planejado, em segredo, vender aquele belo jovem por um bom preço em Tebas. Apenas Acetes se opusera e pedira aos homens que agissem honradamente e mantivessem a palavra de deixá-lo em Naxos, como prometido. Eu me perguntava

por que Dioniso tinha pedido carona para eles. Já tinha ouvido falar que ele era capaz de saltar sobre as ondas, sem a necessidade de barcos, velas ou mesmo de um simples bote para ajudá-lo a flutuar. Ou que ele podia vestir um par de asas e sair voando para onde desejasse. Não perguntei isso para ele; um brilho gaiato em seu olhar me dizia que ele tinha visto ali uma oportunidade divertida de fazer uma travessura, e isso era motivo o bastante. Era difícil, no entanto, ter muito medo dele. Eu sabia que qualquer ofensa que eu cometesse, intencionalmente ou não, poderia me deixar muda e presa a uma pele grossa e cinzenta sob as ondas do mar, mas ele era tão envolvente e gentil que eu até esquecia, de vez em quando, com quem estava conversando.

Eu nunca havia falado com tamanha abertura com um homem, apesar de saber que Dioniso era mais que um homem, ou algo diferente de um homem. Mesmo assim, não havia nada da grandiosidade de minha conversa com Teseu naquelas horas agitadas da madrugada, que pareciam ter acontecido em outra vida. Eu me sentia do mesmo modo que nas horas perdidas e despreocupadas na companhia de Fedra, conversando com facilidade sobre assunto nenhum. Só de vez em quando eu percebia, como um raio, onde estava e o que estava acontecendo. Mas à medida que a tarde passava, a surpresa era cada vez menor. Dioniso nos contou de suas viagens para lugares distantes, não histórias do próprio heroísmo, como as que Teseu contara – não havia monstros a matar nem criminosos a punir –, mas descrições de terras exóticas e estrangeiras, com hábitos, pessoas e criaturas que nunca apareciam nas histórias que eu já tinha ouvido. Na distância, o sol

começava a baixar, banhando o pátio com um brilho intenso, e notei que os olhos de Acetes estavam pesados de sono.

Dioniso também percebeu. Sorriu e estendeu a mão para mim.

— Venha, princesa — pediu ele. — Vamos caminhar um pouco e deixar esse rapaz dormir. Ele me ajudou muito hoje e merece seu descanso. Não vamos perturbá-lo com a nossa conversa.

Deixei que ele me puxasse da pilha macia de almofadas: um deus queria dar uma caminhada comigo. Tive um breve desejo de estar trajada com as túnicas esplendorosas que usava em Creta. Mas qual seria a finalidade? Perto do esplendor de Dioniso, quaisquer tecidos finos ou joias não passariam de trapos e pedras sem graça.

Ele seguiu o ritmo dos meus passos. Não havia carruagem puxada por leopardos para nos levar, nem asas de penas para nos carregar. Ele andava ao meu lado como um homem mortal andaria, com uma graciosidade relaxada e felina, e quando chegamos à praia, ele deixou as ondas quebrarem sobre suas sandálias e encharcarem a bainha de sua túnica, como se não fosse capaz de conter a maré se desejasse.

Contei a ele minha história. As palavras saíam com facilidade. A mistura de horror e ternura que senti no nascimento deformado de meu irmão. A inutilidade torturante das tentativas de Pasífae – e das minhas – de humanizar a besta. A repulsa que eu sentia ao ver o sacrifício dos atenienses presos diante de nós durante os jogos e o banquete. Até mesmo a empolgação irrefletida e inebriante que eu sentira ao olhar nos olhos de Teseu; a decisão de unir meu destino ao dele. E o desespero avassalador quando acordei, sozinha em

Naxos, e percebi que morreria sem jamais voltar a ver outro rosto humano.

Ele ficou sério enquanto escutava. Durante todo aquele dia, seus sorrisos tinham me cativado; a risada incontrolável que pontuava suas falas havia me levado a um estado relaxado de confiança. Ele parecia se divertir com tudo, mas não fez graça de nenhuma parte da minha história. Só quando terminei foi que ele voltou a sorrir.

— Então foi uma sorte eu ter vindo neste momento — disse ele. — Estou feliz por não ter sido nem um dia mais tarde.

— Eu também — respondi. Um sorriso ergueu meus lábios; não fui capaz de fingir solenidade nem para demonstrar respeito pela divindade dele. Ele poderia ir embora dentro de um dia, uma semana ou um mês e me deixar ali, sozinha de novo. Mas ele me dera um alívio da morte iminente, e naquele momento eu só conseguia sentir alegria por ele ter feito isso.

— Temos em comum a história de nossas mães — disse ele, indicando com um gesto que eu me sentasse em um pedregulho liso.

Eu não imaginava que ele estivesse cansado, mas eu ainda não tinha me recuperado da exaustão de ter quase morrido de fome, e fiquei aliviada pelo descanso.

— Não nos detalhes, mas pelo menos no sentido mais amplo. Ambas foram vítimas do rancor e do orgulho ferido dos deuses. — Uma sombra voltou a cruzar seu rosto, a mesma de quando ele me ouvira contar sobre o sofrimento de Pasífae. — Minha mãe se chamava Sêmele — disse ele. — Uma mulher mortal. Apesar de ter me carregado, ela não me pariu e nunca cuidou de mim. Não passava de um monte de cinzas quando abri os olhos pela primeira vez… — Ele fez uma pausa. Como podia um deus tão poderoso

parecer tão vulnerável, tão magoado? — Eu gostaria de falar com você sobre ela, Ariadne. Eu gostaria de contar mais do que as histórias das minhas andanças.

Ele olhou para mim com um ar de expectativa. Achava que eu me recusaria a ouvir? Por um segundo, ficamos olhando um para o outro. A intimidade daquele momento era avassaladora; a estranheza do dia e aquela intensidade repentina fizeram minha cabeça girar confusa. Meus ouvidos zumbiam e o ar à nossa volta parecia ter ganhado vida.

— Mas acho que nosso amigo Acetes está acordando — disse ele, virando a cabeça como se pudesse ouvir o som dos olhos de Acetes se abrindo do outro lado da faixa de areia, além das rochas e até a casa magnífica que antes fora meu humilde chalé. — Ele vai duvidar da própria memória quanto aos acontecimentos de hoje, e provavelmente da própria sanidade. — Dioniso sorriu. — Vamos voltar e convencê-lo de que não está louco, ou pelo menos não mais do que o resto do mundo, e vou mostrar a vocês dois onde ficam seus aposentos.

Senti um grande alívio quando ele falou isso. Mesmo com todo o charme e gentileza, eu não tinha me esquecido de quem ele era, nem da fragilidade da minha situação ali. Eu viera a Naxos como uma noiva rebelde e me tornara uma pária condenada. Agora era convidada de um deus do Olimpo – e eu sabia bem que tipo de anfitriões eles costumavam ser para as moças que encontravam em suas viagens.

— Tenho um pedido a lhe fazer — continuou ele. — Para você pensar no assunto.

Fiquei parada. Esperei que ele prosseguisse.

— Você foi embora do seu lar, e não parece que Creta a receberia de volta, tampouco que você gostaria de retornar — disse ele. — Posso lhe oferecer uma alternativa, pelo menos por enquanto.

Meus lábios tremeram.

— Que tipo de alternativa? — perguntei.

Ele fez um gesto displicente em direção à ilha atrás de nós.

— Ser a guardiã da minha casa em Naxos. Cuidar do meu santuário, ser minha sacerdotisa, como queira chamar. Eu viajo muito; gostaria que alguém ficasse aqui cuidando de tudo enquanto estou fora.

Meu coração deu um pulo. Quanto tempo poderia durar um convite como aquele vindo de um deus? O que ele poderia pedir da próxima vez? Isso se de fato voltasse. Eu não podia ir para casa, mas se pudesse sobreviver ali, mesmo estando sujeita aos caprichos de um deus, mesmo se ele se esquecesse de mim no momento que virasse as costas, pelo menos era uma chance.

— Eu gostaria muito — respondi. — Mas posso ousar fazer um pedido?

Ele riu, parecendo satisfeito.

— É claro!

— Durante as suas viagens, poderia buscar notícias da minha irmã Fedra? O que aconteceu com ela… desde que fui embora.

Seu rosto ficou mais suave.

— É claro. Trarei notícias dela da próxima vez que voltar.

Minha sorte não poderia ter sido invertida de um modo mais dramático que aquele, e a própria natureza abrupta da mudança me deixava desconfortável. Aquela noite, dormi num quarto arejado e luxuosamente decorado. Acordei com uma aurora rosada e,

enquanto eu admirava aquela luz cálida, a esperança e a dúvida se digladiavam em meu peito. Eu conhecia os deuses e suas exigências, os jogos que faziam com os mortais e como descartavam os fragmentos despedaçados dos humanos que os idolatravam. Por algum motivo, parecia que eu tinha encontrado um deus que não exigia nada e que dava com generosidade; um deus que sorria e gargalhava feito um menino, cheio de alegria e de um charme travesso. Um deus que falava comigo como um amigo naquela ilha estranha onde as regras normais não valiam. Eu queria tanto acreditar que aquilo era verdade. Mas já havia acreditado em Teseu, e ele me deixara naquela praia desolada para morrer, com meu lar em ruínas atrás de mim, para sempre fora do meu alcance. Eu olhara em seus límpidos olhos verdes e vira sinceridade. Então, como agora eu poderia saber o que realmente se passava por trás dos sorrisos de Dioniso?

Naquela manhã, ele embarcou em seu navio mais uma vez com Acetes.

— Você voltará para sua casa comigo — garantiu ele, dando-lhe um tapinha enérgico nas suas costas. — Eu lhe darei muitos tesouros em agradecimento por sua piedade, e você poderá dizer a todos que é um bom amigo de Dioniso. — Virou-se para mim. — Você ficará a salvo aqui, Ariadne — ele me assegurou. — A comida se reabastecerá na despensa, o vinho e a água fluirão à vontade. E não demorarei muito para voltar.

E assim, fiquei novamente sozinha em Naxos, mas agora num conforto luxuoso além de tudo que eu já conhecera em Cnossos. Os deuses viviam melhor que os reis.

Eu teria acreditado que tudo não passara de um sonho, mas bem como Dioniso havia dito, a despensa estava lotada de comida e a água corria cristalina, fria e abundante. Enchi todos os recipientes que encontrei. Não conseguia ter certeza de que aquilo não fosse acabar; enquanto ele vagava pelo mundo, onde quer que estivesse, com certeza se esqueceria da promessa e a fonte secaria de novo. Inquieta, ficava andando para cima e para baixo no pátio. Repetidas vezes, eu me pegava procurando um navio no horizonte. A apreensão crescia dentro de mim quando eu me perguntava que diferença faria, no fim das contas, se eu morresse num palácio deserto ou num chalé solitário. Se a fome e a sede me varressem como a princesa traidora de Creta ou a sacerdotisa esquecida de Naxos.

Fosse a imprudência causada pela perspectiva de morte iminente, ou o estranho conforto que eu sentia em saber que aquela era a ilha de Dioniso, arrisquei-me a avançar mais para o interior do terreno. Ainda me encolhia ante a possibilidade de encontrar feras selvagens, penhascos perigosos ou as profundezas escuras da floresta, mas minha curiosidade se tornou mais forte que o medo. Eu nunca conhecera nenhum outro lugar além de Creta, e tinha passado a maior parte da vida atrás dos muros do palácio. Via Dédalo em minha mente, falando-me de terras distantes enquanto eu o seguia para todo lado quando era menina. Uma fome despertava dentro de mim. Andei.

Senti que conhecia cada centímetro da ampla extensão dourada da enseada e do grande amontoado de rochas que se projetavam por cima dela atrás do palácio recém-criado. Em questão de dias, já tinha se tornado mais real para mim do que Creta. Meu lar da infância parecia uma memória empoeirada, um mundo muito distante de onde eu estava agora. Mais para o interior da ilha, porém, as florestas se juntavam no sopé de uma grande elevação – uma montanha que se estendia para o alto como se tentasse alcançar os olimpianos habitantes dos céus. A floresta subia pela base, mas as árvores começavam a rarear um pouco mais para cima, os trechos de verde ficando cada vez mais esparsos em contraste com a terra marrom e os pedregulhos salientes. Eu nunca tinha me aventurado a ir lá.

A princípio, contornei hesitante a floresta, insegura quanto aos emaranhados escuros de arbustos que se entrelaçavam uns nos outros, mas à medida que tomei coragem, fui dando passos mais ousados para o interior. Estava sempre atenta para o ataque repentino de um javali selvagem ou para o sibilo baixo de uma cobra vindo de algum galho, mas tudo que ouvia era o canto das cigarras e um ou outro pássaro sobrevoando a copa das árvores lá em cima. Queria conquistar logo a montanha, galgar ao menos uma fração de sua extensão na esperança de enxergar o alcance da ilha que ia além dela, mas a cautela me impedia de ir longe demais para não me perder entre as árvores. Eu sempre voltava.

Conforme os dias passavam, a ansiedade ia devorando minhas entranhas, cada vez mais forte. Tinha sido tola de achar que poderia confiar num deus, de todas as criaturas! Eu não passara de uma diversão momentânea, uma distração, uma testemunha para seu

artifício de transformar piratas em golfinhos, uma mortal de cuja admiração ele poderia desfrutar antes de ir embora outra vez. A solidão e o silêncio pesavam ao meu redor.

— Maldito seja você, Dioniso! — falei em voz alta. Minha voz soou alta demais, esquisita demais ao ecoar nas pilastras frias de mármore, reverberando pelo ar vazio.

— Isso lá é jeito de falar com uma deidade? — veio a resposta.

Girei nos calcanhares, o sangue congelando em minhas veias.

Eu não tinha procurado pelo navio dele naquela manhã, de tão convencida de que ele não voltaria. E ali estava ele, mais deslumbrante do que eu lembrava, seu sorriso mais provocador, seus olhos acesos com um fogo de más intenções. Por dentro, estremeci com a minha própria estupidez de falar de forma tão agressiva, mas me mantive firme.

— Perdão — falei. — Eu não achei que…

Ele se aproximou. Analisou meu rosto, minhas bochechas queimando.

— Você não achou que eu voltaria — disse ele. — Por que não?

— Achei que você ia esquecer — respondi. — Achei que… — Não concluí.

— O quê? — perguntou ele. — Que eu fosse igual a Teseu? — Ele soltou uma risada pelo nariz, bem-humorado. — Eu não engano, Ariadne, nem faço promessas para deixá-las de lado como se não significassem nada. Você me pediu para trazer notícias de sua irmã, não foi?

Ergui os olhos. Ele sabia o que tinha acontecido em Creta depois da minha partida? Eu estava tão desesperada para saber de Fedra.

Dioniso deve ter lido claramente em meu rosto o que eu queria saber, pois falou antes que eu tivesse a chance.

— Vou lhe contar o que sei — disse ele. — Não é tudo, pois recebi as informações de um oráculo, e você sabe como eles falam por enigmas. Mas isto eu sei: ela não está sofrendo em Creta. Teseu estava certo quanto a uma coisa: ninguém suspeitou do papel dela na libertação dos prisioneiros atenienses e na morte do Minotauro. Apenas uma das filhas levou a culpa por isso. Fedra ficou a salvo da fúria escaldante de Minos; ele descontou a maior parte gritando contra o céu e o mar, clamando a todos os deuses possíveis que amaldiçoassem Teseu. Minos estava tão acostumado a ser o favorito dos deuses que esqueceu como eles podem ser volúveis. — Dioniso sorriu ao dizer isso. — O jovem herói impetuoso é muito mais atraente para eles agora. Os altares abarrotados de oferendas pela derrota do Minotauro gratificam muito mais os imortais do que as ladainhas de Minos. Um rei desgraçado e humilhado só pode ser fonte de um breve divertimento. Eles já tinham se voltado para façanhas muito mais empolgantes. E assim, as preces de Minos não foram ouvidas. Frustrado, ele foi atrás do inventor fugitivo, Dédalo…

— Dédalo escapou? — interrompi surpresa.

— Parece que sim, embora eu não saiba como. Seu irmão, Deucalião, é o governante de Creta enquanto Minos está fora à procura dele. Deucalião é um rei sensato; sua primeira ordem oficial foi aplacar a possibilidade de rebelião que tomou conta de Creta em meio ao caos inicial. Com Minos do outro lado do oceano, o Labirinto aberto e o Minotauro reduzido a uma massa de carne e cartilagem, ele não podia correr o risco de uma revolta. Deucalião precisa de aliados. Arranjou um marido para Fedra, um grande príncipe de uma

cidade poderosa, e ela embarcou num navio no dia seguinte. Agora ela mora em outro palácio, com um exército de criadas para atender aos seus desejos, até que os anos passem e ela tenha idade para se casar com ele. Por favor, não me pergunte mais sobre a situação atual dela, pois não posso lhe dizer nada além disso. As Moiras têm planos para sua irmã, e não cabe a mim desviá-la de seu destino e trazê-la aqui. E se você for sincera consigo mesma, apesar de eu saber que você gostaria muito de vê-la, entenderá que esta ilha quieta não é lugar para ela.

Eu não podia negar: um palácio luxuoso numa cidade estrangeira seria muito mais atraente para minha irmã do que uma vida de exílio e solidão. Não sabia quão precária poderia ser minha situação ali; não tinha como justificar que Fedra fosse arrastada para o meu caos sombrio. Sentia uma falta maior do que poderia expressar de seu rosto arredondado e aberto, de sua conversa sempre inquisitiva. Mas acima de tudo, desejava o bem para minha irmã, e seu príncipe, quem quer que fosse, não receberia com bons olhos uma aliança com uma princesa que havia traído todo o seu reino e permitido que seus maiores tesouros fossem saqueados, destruídos e roubados em uma única noite. Dioniso me prometeu que eu veria Fedra outra vez, assim que sua nova posição estivesse assegurada, pois ele a tinha visto chegando um dia à ilha a bordo de um poderoso navio, luxuosamente vestida.

Pensei em voltar a Creta agora que Minos não estava mais lá. Mas a possibilidade desse retorno a qualquer momento significaria que eu nunca teria um segundo de paz na ilha. Além disso, eu havia cometido um crime terrível. Será que Deucalião, um rei recém-empossado, iria mesmo receber de braços abertos a mulher que

traíra a cidade inteira, mesmo que seus cidadãos estivessem secretamente aliviados por se verem livres do Minotauro? Eu achava que não. Por enquanto, Naxos era o lugar mais seguro para mim e, para ser sincera, enquanto Dioniso estava ali, eu não podia negar que parte de mim queria ficar.

18

Fedra

Sobre certas coisas, pelo menos, Teseu não mentira. Nos anos que viriam, eu contaria quais tinham sido elas – essas migalhas de honestidade, aqui e ali, misturadas ao mar de mentiras em que ele nadava sem o menor esforço.

Em primeiro lugar, Atenas de fato me recebeu bem, melhor do que eu esperava. Aos poucos, parei de tentar ouvir cochichos em cantos escuros. Em Cnossos, a desgraça da nossa família nos seguia como uma corrente que éramos obrigados a arrastar, puxando-nos para baixo, fazendo-nos tropeçar. Em Atenas, fiquei maravilhada ao perceber que podia me mover livremente, sem esse peso. Em vez da condenação, encontrei empatia.

A cidadela era pequena; menor do que eu esperava, acostumada ao amplo esplendor de Cnossos. Pedi a Teseu para me mostrar tudo, na esperança de que, enquanto andássemos, eu conseguisse extrair mais dele, juntar as peças dos momentos finais de minha irmã em

Naxos. Ele não falou mais sobre isso, no entanto, apesar das minhas tentativas. Eu não tinha a habilidade da manipulação, de bajular e persuadir; estava acostumada a uma abordagem mais direta. Quando eu lhe perguntava sobre aquela noite, ele franzia a testa e arrumava um motivo para encerrar a conversa abruptamente.

Claro que ele ficava feliz de falar sobre suas conquistas. Ouvi muitas vezes a história de como ele derrotou nosso Minotauro, esmagando-o até reduzi-lo a uma massa chorosa de sangue, pelos e chifres no breu do Labirinto. Ele enfeitava o próprio heroísmo, reprisando os acontecimentos para mim inúmeras vezes. Eu parava de escutar e, em vez disso, absorvia todos os detalhes de meu novo lar.

A cidadela ficava bem protegida por suas fortificações sobre o cume plano da montanha que havíamos escalado em meu primeiro dia. Os degraus de pedra escavados na lateral desciam até o porto e o rio sinuoso que corria pelos vales férteis espalhados lá embaixo, viçosos e verdejantes, tão diferentes do terreno seco e rochoso de Creta.

Caminhamos juntos pela agitação do mercado onde os comerciantes enérgicos disputavam entre si a venda de montes reluzentes de azeitonas, mel rico e dourado, ânforas de vinho tinto escuro, pilhas de joias e cerâmicas. Eu sabia por que Teseu gostava de andar no meio de seu povo. Eles o idolatravam quase como a um deus; o homem que os salvara da desumana brutalidade cretense. Mas eles também me estendiam sua simpatia, sorrindo para mim e chamando meu nome. Não posso negar que sentia certo *frisson* por andar ao lado de um homem tão adorado pelo público, a glória dele refletindo em mim, sua consorte escolhida.

Através do centro tumultuado, abríamos caminho até a extremidade ocidental da cidade, onde reinava um silêncio respeitoso. A imponente oliveira retorcida com os galhos repletos de frutos erguia-se tortuosa do solo, no ponto de onde Atena a fizera brotar quando competiu com Posêidon pela cidade onde agora estávamos. Ao lado dela havia um santuário com um fluxo constante de sacerdotisas que se ocupavam das homenagens, presidindo os ritos da deusa.

Conhecer Atenas me agradou mais do que eu esperava, mesmo que não tivesse extraído de meu companheiro a verdade pela qual tanto ansiava. O mais perto que Teseu chegou de falar sobre o assunto foi quando me alertou para ficar calada.

— Não conte a ninguém aqui sobre a sua participação no ocorrido — disse ele logo de início.

Olhei para ele. Seu rosto, tão belo, mas agora tão desinteressante para mim, tinha uma expressão séria, e ele não olhava para mim, encarando em vez disso um ponto à frente.

— Que ocorrido? — perguntei.

Queria obrigá-lo a dizer em voz alta: a morte do Minotauro, o resgate dos prisioneiros em que tanto eu quanto Ariadne havíamos desempenhado papéis vitais. Quem havia lhe devolvido seu precioso bastão? E agora ele queria que eu agisse como se ele tivesse feito tudo sozinho; mais uma história para sedimentar sua lenda.

Sua expressão se fechou.

— O ocorrido em Creta. — Seu tom era pausado. — As pessoas aqui são simpáticas com você. Sabem que você era refém de seu pai, tanto quanto os próprios filhos de Atenas também foram. Claro que você odiava e temia o monstro, claro que está feliz por se ver

livre dele. Mas se eles soubessem que você e sua irmã estavam dispostas a trair a própria cidade, a própria família… — A ameaça ficou implícita, mas eu a compreendi perfeitamente.

E apesar de eu não querer admitir de jeito nenhum, ele tinha razão. Seu conselho era que seria melhor fingir ignorância, dizer que ele havia conquistado sozinho nosso Labirinto e resgatado Ariadne do poder tirano de Minos por ter sentido pena de seu coração bondoso – que sangrara pelos prisioneiros trêmulos –, de modo que ninguém suspeitaria do coração rebelde que eu cultivava dentro do peito.

Era a cidade de Teseu. Fiz o que ele disse. E por um tempo, apesar do medo que eu sentia de desmoronar por completo, fiquei surpresa de ver que tudo se manteve no lugar. Por toda a cidade, ocorreram grandes celebrações pela morte do Minotauro, e depois de novo a cada ceifa, quando nenhum tributo teria que ser enviado pelo mar para um destino terrível. Teseu se deliciava com a glória que isso lhe trazia a cada ano. Nos intervalos, porém, reparei que havia uma apatia em seu comportamento e pensei em como poderia usá-la em meu benefício.

— O povo ainda é tão grato a você — comentei com ele certo dia, no pátio do palácio. Ele estava esparramado num sofá, sua postura irradiando mau humor, um abatimento que, eu conseguia notar, não era próprio de sua natureza. — Seus feitos no Labirinto realmente lhe renderam uma fama que ninguém poderia imaginar. — Observei-o com atenção. Elogios eram a chave para o ímpeto de Teseu; eu havia precisado aprender a sutileza que antes me faltava, e vinha aprimorando-a justamente para aquele momento. Forcei-me a adotar um tom informal, olhando para o céu como se estivesse só falando o

que me vinha à cabeça. — Eu me pergunto quanto tempo essa gratidão vai durar — comentei. — Por quanto tempo eles vão lembrar.

Isso o irritou. Era tão fácil deixá-lo inflamado. Ele se sentou, ouriçado.

— Salvei a vida dos filhos deles, muitas e muitas vezes — ele reagiu. — Deviam se lembrar disso todos os dias, quando olharem para seus rostos sorridentes e se sentirem gratos por seus ossos não estarem espalhados numa masmorra em Creta.

— Ah, claro que deviam — eu me apressei em concordar. — Mas você sabe como são as pessoas…

Ele juntou as sobrancelhas, confuso.

— O que quer dizer?

— Ora, elas se esquecem do que poderia ter acontecido e prestam atenção apenas nos problemas cotidianos. “E daí que ele salvou nossos filhos de serem devorados vivos, por que não impede os ladrões da cidade ou conserta a muralha?” — Vi seu rosto ficando sombrio e logo acrescentei: — É só um exemplo. — Engoli em seco, pousei a mão de forma reconfortante em seu braço e encarei-o bem nos olhos. — Mas as pessoas são tolas — falei gentilmente. — Por que o poderoso Teseu se rebaixaria a derrotar ladrões comuns? Uma coisa dessas está abaixo do seu nível, o maior herói desde Héracles.

Deixei que ele assimilasse. Sabia que para ele não bastava seguir os passos de seu grande mentor. Ele desejava superar os feitos de Héracles. Mas Héracles tinha matado muito mais monstros do que um único Minotauro.

— Quem se importa com o que eles pensam? — falei após uma pausa. — A opinião deles não importa. É melhor eu ir, tenho que me

aprontar para o banquete mais tarde.

Teseu adorava um banquete, e minhas aias sempre demoravam um pouco para arrumar meu cabelo, meu vestido, minhas joias do jeito que ele gostava. Era o momento oportuno para deixá-lo sozinho, com minhas últimas palavras fermentando em seu peito. Teseu só se importava com a opinião dos outros, e eu sabia disso.

Funcionou, e muito mais rápido do que eu tinha imaginado. Em questão de alguns dias, Teseu atravessou a sala do trono cheio de empolgação para me dizer que iria zarpar em pouco tempo – uma nova missão se apresentara e ele responderia ao chamado. Eu sabia que as tarefas cotidianas do governo de uma cidade não o interessavam, mas ele se recusava a admitir. Ficava mais que satisfeito em entregar todos esses pormenores nas mãos de seus conselheiros. Havia tiranos a serem depostos ao redor do mundo, monstros a derrotar – e somente ele poderia fazer isso.

Claro que essa foi somente a primeira de muitas missões, e logo descobri que Teseu ficaria fora por longos períodos. Sempre que eu me despedia dele no porto, sentia um grande alívio inundando meu corpo, me envergando. Quem estivesse olhando poderia pensar que eu tinha afundado no chão devido à angústia da saudade ou da preocupação com a vida dele. Não era o caso.

Meu alívio era sempre seguido de culpa. Teriam os deuses enxergado meu coraçãozinho frívolo naquela noite com Teseu e Ariadne? Se alguém tivesse me aberto contra a rocha e exposto minha alma nua, eu não poderia negar o pequeno canto em que se escondia o desejo de que minha irmã desaparecesse, para que eu pudesse ficar sozinha com Teseu. Não daquele jeito, era verdade, eu jamais desejara mal a ela. Mas a minha vida em Atenas – livre do

pesadelo do Labirinto, prometida ao herói que salvara todo mundo – era tudo com que eu sonhava quando olhava para o mar em Cnossos.

Seria essa a minha punição? Ter meu sonho realizado e perceber que sua beleza reluzente se reduzia a nada quando eu olhava de perto? Conforme o tempo me carregava para mais longe daquela noite, comecei a me perguntar: no calor do momento, seria possível que eu tivesse ouvido errado o que Teseu me dissera? Se eu tivesse prestado mais atenção, poderia ter chegado à enseada correta naquela noite em que eles partiram? Se fosse o caso, eu poderia ter convencido Ariadne a permanecer na segurança do navio. Ela teria dormido, aquecida e viva, ao meu lado e agora estaríamos juntas em Atenas. Por mais que eu tentasse, não conseguia imaginar. Talvez Ártemis tivesse acabado com nós duas.

Eu ainda lamentava a morte da minha irmã, mas a vida na corte ateniense era cheia de distrações, e nas longas ausências de Teseu, floresci de um jeito nunca acontecido em Creta. Às vezes, sentia pontadas de saudade da minha mãe – sempre que um visitante com possíveis notícias de meu lar perdido chegava à nossa costa, eu me lançava sobre a pessoa, e assim descobri que Minos continuava desaparecido, o governo de Deucalião permanecia moderado e Pasífae estava sempre em seu jardim de ervas, aparentemente em paz. Enquanto ia amadurecendo, observava os anciãos e prestava muita atenção ao modo como uma cidade era governada sem ser pelo medo, pelo punho e pelo sangue. Quando Teseu voltava, eu o convencia de que estava encantada com suas histórias grandiosas. Ah, eram tramas rocambolescas com aventura e excitação de sobra, mas eu já estava desgastada de ouvir como ele era infalível –

sempre um passo à frente do inimigo, mais forte do que todos e invariavelmente triunfante no fim. Mesmo assim, eu sabia que não demoraria muito até que o canto irresistível da glória o atraísse outra vez para o mar, e Atenas voltaria a ser minha.

Minha para fazer o quê, eu não sabia direito. Uma princesa era uma princesa em qualquer lugar, e em Atenas, assim como em Creta, os passatempos disponíveis pareciam limitados a fiar, dançar e sorrir para os homens. Era Ariadne que dançava, não eu. Eu a observava enquanto ela se lançava nos passos, se perdendo em sua magia, e declarei meu desinteresse em aprender a atividade. Sabia que nunca seria capaz de me mover como minha irmã, que nunca teria a mesma graciosidade. Já fiar era algo que fazíamos juntas. Meu coração se partia diante do tear no quarto vazio em Atenas, com a perspectiva de passar horas insuportáveis bordando uma história no tecido sem tê-la ao meu lado.

Então, só me restava sorrir.

Não demorou para meus passos serem atraídos irresistivelmente ao salão agitado em que os negócios do palácio eram conduzidos. Fui recebida com sobrancelhas levantadas na primeira vez que entrei, e senti o olhar inquisidor dos homens da elite ateniense pousados em mim. Estampei aquele sorriso majestoso, o mais radiante de que era capaz, e dei um passo à frente.

— Gostaria de me juntar a vocês esta manhã — falei. Dirigi minhas palavras a Pandião, um homem bondoso de meia-idade em quem eu sabia que Teseu confiava.

— Esse não é o costume em Atenas — disse ele suavemente.

O pensamento cruzou o rosto dos outros, inconfundível como um raio. *Isto é Atenas, um lugar civilizado. Seja lá o que for que*

acontece em Creta, é diferente aqui.

Endireitei os ombros.

— Se Teseu estivesse aqui, ele ocuparia um lugar entre vocês — falei com doçura —, mas ele está lutando grandes batalhas do outro lado do oceano para trazer paz e justiça ao mundo em nome de Atenas. E enquanto ele luta, fico aqui sem nenhum guia nesta nova cidade. Sei que é do desejo dele que eu aprenda como se governa um reino com justiça e honra. Além do mais… — Hesitei, tomando coragem com o fato de que eles estavam me escutando, de que não tinham ainda me expulsado do salão às gargalhadas, ou pior. — Além do mais, só conheci até hoje o estilo de governo do meu pai; quero conhecer um jeito melhor. — Prendi a respiração. Eles podiam tomar aquilo como uma imprudência monstruosa, mas eu estava apostando que se sentiriam lisonjeados e me perdoariam por meus modos pouco civilizados, levando em conta de onde eu tinha vindo.

Um sorriso relutante se abriu no rosto de Pandião e, em seguida, um murmúrio baixo de anuência se espalhou pelo salão.

— Princesa, espero que não considere nossa atividade tediosa — disse ele.

Quase desatei a rir. Adorava o fato de conseguir manipular aqueles homens respeitáveis e importantes. Oculto nas dobras do vestido, meu punho se fechou num gesto de triunfo quando Pandião sinalizou que eu me sentasse no trono menor, o que ficava vazio ao lado do trono mais alto pertencente a Teseu.

— Estávamos falando sobre os relatórios que recebemos de Lavrio, a região montanhosa ao sul — resumiu Pandião. — Minas de prata foram descobertas lá, e talvez existam outras a serem exploradas.

Inclinei o corpo para a frente, interessada em ouvir tudo. No momento, eu não tinha poder algum, era verdade. Mas eu escutava; em vez de ficar largada no assento olhando para o nada e arrumando desculpas para ir embora como Teseu fazia, eu me sentava muito ereta e prestava atenção. Não dizia uma palavra em voz alta; não queria que pensassem que eu era ousada demais. Mas aos poucos fui ficando cada vez mais adepta dos sussurros nas orelhas certas na hora certa, e descobri que conseguia fazê-los acreditar que eu falava em nome de meu futuro marido enquanto ele estava longe. O fato de só me darem ouvidos por acharem que as palavras vinham do meu marido me dava nos nervos. Às vezes, eu via como seus olhos deslizavam pelo meu corpo, como pensavam que a minha mente era insignificante. Mas mesmo se eles achassem que eu era apenas um veículo decorativo para as palavras de Teseu, aquela era a primeira vez na minha vida que homens detentores de poder paravam educadamente para me deixar falar. Eu engolia minha frustração e a utilizava a meu favor.

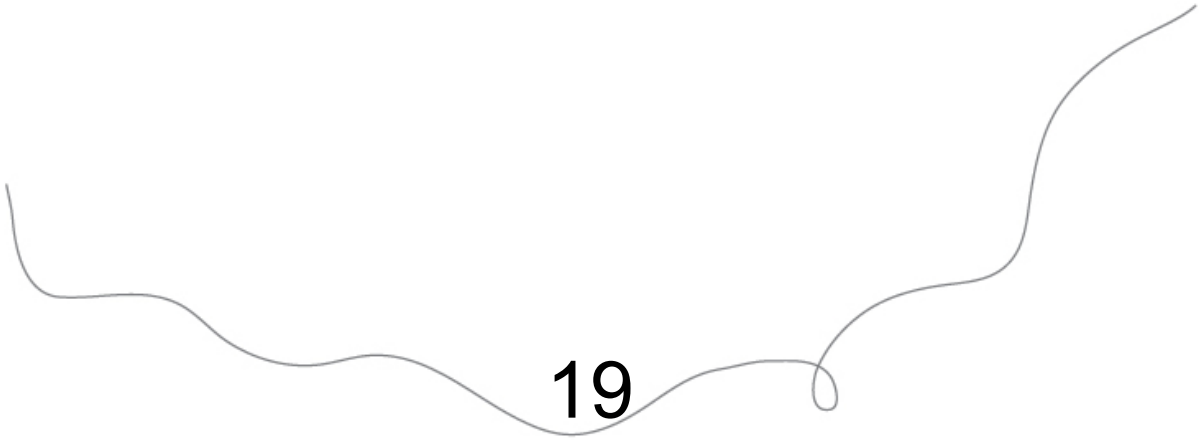
Meu décimo oitavo aniversário se aproximava. Eu me perguntava por quanto tempo conseguiria ir levando aquela vida. Teseu não precisava de uma esposa; ele precisava de uma plateia agradecida e de alguém para administrar a cidade enquanto ele gravava seu nome na história. Mas a nossa união fazia parte da trégua com Creta, e eu sabia que era inevitável. Por fim chegou o dia em que ele mandou notícias com sua previsão de retorno, instruindo que os preparativos do casamento tivessem início.

Nossa cerimônia, assim como o nascimento do Minotauro, era uma memória que eu não me autorizava a visitar. Sempre que ela piscava em minha mente, a sensação maior era a de uma perda

dolorida que eu sentia por não ter Ariadne ao meu lado. Mãos atenienses, que apesar de gentis eram estranhas e distantes, trançaram meu cabelo e me vestiram com tecidos esvoaçantes. Não a minha irmã; minha irmã que havia sonhado com aquele dia para si mesma.

Se eu esperava que a união com Teseu aplacasse as suspeitas que ainda me consumiam por dentro, estava errada. Depois que nos casamos, passei a desconfiar ainda mais da versão de que ele havia deixado Ariadne sozinha por respeito à virtude dela. Até onde eu entendia, Ártemis, a deusa austera que se casou com a própria castidade, não teria motivos para enviar sua serpente contra Ariadne por ter ajudado Teseu a escapar do Labirinto. Eu podia apenas supor que minha irmã pagara o preço por alguma outra coisa, algo muito mais ofensivo à virgem imortal.

Mas Teseu, dormindo profundamente ao meu lado, nunca me diria o quê.



19

Ariadne

Fiquei esperando Dioniso anunciar que ia embora outra vez; que o mundo o chamava e ele desaparecia entre as ondas. Mas ele ficou. De início, não falou mais sobre a mãe, mas depois que adotamos uma rotina de caminharmos juntos pela praia no fim do dia, ele voltou a tocar no assunto.

— Minha mãe, Sêmele, era mesmo uma mulher mortal, mas meu pai era Zeus, deus do trovão e governante do monte Olimpo. A despeito da inveja amarga da esposa, Hera, meu pai não resistia à tentação das belas mulheres que via na terra lá embaixo. Mesmo tendo Hera dos braços alvos em toda a sua glória, ele não se satisfazia com apenas uma mulher, ainda que ela fosse a rainha de todas as deusas. Por isso, quando viu Sêmele, não hesitou em tomá-la para si.

Claro. Uma história comum. Só que na boca de Dioniso, as palavras tinham uma vibração subjacente. Os deuses pegavam o

que queriam, quando queriam. Mas o que Dioniso desejava? Seu rosto estava aberto e sincero, e apesar de eu estar preparada para o que poderia vir a qualquer momento, ele apenas seguiu com sua narrativa.

— Sêmele ficou radiante por receber a atenção daquele belo jovem. Não duvidou quando ele disse que era o mais poderoso dos imortais. E não resistiu quando ele a levou até uma enseada escondida, longe do olhar intrometido da esposa, que estava sempre observando. Depois de um tempo, a barriga dela começou a crescer, e ela se vangloriava para qualquer um que quisesse escutar. Quando Hera ficou sabendo da tola garota mortal contando vantagem do bebê divino que daria à luz, orquestrou sua vingança. Visitou minha mãe sob o disfarce de uma mulher muito velha e duvidou da história dela. “Por que Zeus não vem até você com a mesma glória dourada com que visita a esposa imortal?”, perguntou a Sêmele. “Faça com que ele se revele em sua verdadeira aparência, e assim você saberá, acima de qualquer dúvida, que carrega o filho dele no ventre…” — Dioniso fez uma pausa.

Meu estômago se contraiu enquanto ele contava a história. Eu conhecia o rancor de Hera e as punições que ela impunha às pobres amantes mortais de Zeus. Sabia que aquilo devia ser um truque e senti a dor de Dioniso ao contar o que ela tinha feito à sua mãe.

— Então, Sêmele foi até Zeus e o fez jurar que lhe concederia qualquer pedido que fizesse. Rindo, ele prometeu que sim, e jurou pelo Estige, o poderoso rio que leva os espíritos para as sombras escuras do Hades. Por mais forte e todo-poderoso que fosse, Zeus estava preso àquele juramento por correntes inquebráveis. Assim, quando Sêmele expressou seu desejo em voz alta, que ele revelasse

sua verdadeira forma imortal para ela, ele soube no mesmo instante que Hera o havia descoberto e que aquela seria sua vingança. Com o coração pesado, ele removeu o invólucro mortal que usava e deixou sua impressionante divindade resplandecer. Nenhum olho humano seria capaz de suportar tal visão. Minha mãe grávida foi queimada e reduzida a cinzas num segundo.

Engoli em seco. O castigo de Hera tinha sido tão inteligente; mais uma vez, ela fora mais esperta que o marido libertino. Mais uma vez, outra mulher pagara o preço.

— Mas então como…? — comecei a perguntar.

— Como não virei pó dentro da barriga dela? — Dioniso fez uma careta. — Meu pai me tirou do útero enquanto ela queimava. Eu ainda não estava pronto para nascer, então ele me costurou na própria coxa para que eu ficasse seguro até a hora chegar. Foi assim que nasci duas vezes e pude reivindicar meu direito de nascença como um verdadeiro olimpiano, pois o sangue dourado de meu pai me nutrira.

Senti uma pontada de tristeza por ele; um bebê arrancado da mãe por mero ressentimento e orgulho ferido. Pelo menos o Minotauro havia conhecido o toque gentil das carícias da mãe, ainda que sua mente enlouquecida não pudesse compreender aquele amor.

— Hera, evidentemente, não ia aceitar que eu assumisse uma posição nos salões do monte Olimpo, então meu pai me confiou aos cuidados das ninfas do monte Nysa quando eu era criança. Ficava longe o bastante dos lugares favoritos de Hera, de modo que eu podia ficar escondido em segurança enquanto ainda era tão jovem.

Aquilo explicava por que seu comportamento parecia tão diferente de tudo que eu esperava de um deus. Ele não fora criado nos salões dourados do monte Olimpo, entre os imortais cruéis e elegantes que estavam sempre se estapeando pela supremacia. Não havia aprendido com Zeus que o mundo todo estava à sua disposição, como um banquete em que poderia escolher à vontade o que pegar e o que jogar fora.

— E, assim, eu cresci na encosta da montanha, sendo amado e cuidado pelas ninfas. Era um grupo de irmãs que moravam com o pai, Sileno. Foi com ele que aprendi a prensar as uvas para fazer vinho. Ele era um senhor muito alegre, sempre rindo de como a vida era ridícula, além de um grande amante do vinho. Ensinou-me seus segredos desde que eu era muito novo.

Toda a atitude de Dioniso tinha ficado mais animada ao falar de sua infância no monte Nysa. Havíamos parado num conjunto de pedregulhos onde podíamos nos sentar, e ele agora estava recostado sobre um deles. O sol brilhava em seu rosto, acendendo um halo ao seu redor que me tirou o fôlego. Tons da glória de Zeus; uma pequena amostra de como devia ter se revelado no instante derradeiro de Sêmele. Ele protegeu os olhos com o braço e sorriu para mim, lânguido e gracioso.

— O velho Sileno saiu para dar uma volta certo dia, como era seu costume, e se viu no sopé da montanha no reino da Frígia, governado por Midas. A essa altura, Sileno passava mais tempo bêbado do que sóbrio, e quando parou diante de uma fonte para beber água, acabou caindo no sono debaixo do sol do meio-dia. Quando ele despertou, o rei Midas lhe ofereceu hospitalidade. Então

prometi ao rei Midas que, em retribuição pela bondade, eu lhe concederia qualquer dádiva que ele quisesse.

Lancei um olhar incisivo para Dioniso, sem entender o rumo que a história estava tomando. Ele ainda estava sorrindo, mas eu não conseguia ver com clareza seus olhos por causa da sombra projetada pelo braço, por isso sorri também, contagiada por seu bom humor.

— O rei Midas ficou muito feliz com a oferta e pensou nela com muito carinho. A Frígia não era um reino abastado. Ele queria muito superar seus rivais das redondezas, com mais ouro do que se pudesse imaginar. — Nesse ponto, Dioniso não foi capaz de conter uma risadinha. — Então, ouro foi exatamente o que ele pediu; para ser mais exato, a habilidade de transformar tudo que tocasse em ouro.

“Dá para imaginar a alegria do sujeito quando lhe concedi o desejo e a mesa em que ele estava apoiado resplandeceu no mesmo instante. Atordoado de felicidade, ele se virou para tocar as pilastras de pedra que ficavam ao lado e as viu serem transformadas também. A fonte de onde Sileno tinha bebido reluziu quando ele pousou a mão sobre ela e o fluxo de água congelou em ondas douradas. As lajes de pedra sob seus pés, as oliveiras retorcidas em direção às quais saltitou, até mesmo as lâminas de grama que balançavam na brisa quando ele se ajoelhou e deslizou os dedos por elas: tudo virava ouro. As superfícies brilhantes refletiam os raios de sol em feixes intensos e ofuscantes, fazendo com que seus cortesãos tivessem que proteger e estreitar os olhos. Midas riu outra vez e rodopiou pelo pátio, como se voltasse a ser criança, antes de tropeçar de repente e cair. Sua túnica não era mais feita de tecido,

mas de ouro sólido e inflexível. A dúvida faiscou em seus olhos quando ele tentou se levantar, como uma tartaruga de cabeça para baixo.”

Nesse ponto, dei uma risada. A imagem do rei sem nobreza, lutando no chão para se desvencilhar do ouro que tanto desejava, era engraçada. Mas havia algo perverso no olhar de Dioniso, e por baixo da minha risada senti um desconforto começando a se formar.

— O rei era um homem teimoso e estava determinado a se reerguer. Quando seus auxiliares correram para ajudá-lo, ele fez um gesto ordenando que parassem imediatamente. Mas enquanto todos estavam distraídos, ninguém prestou atenção à filhinha de Midas que corria pelo pátio em direção ao pai caído no chão, ansiosa para participar também daquela brincadeira.

Prendi a respiração. Certamente Dioniso não ia…

— Ela não devia ter mais que três anos de idade, e era muito apegada ao pai. Correu até onde ele se debatia no chão, aprisionado pela roupa rígida e barulhenta, e enlaçou os bracinhos roliços no pescoço dele, dando-lhe um beijo satisfeito no rosto.

“A estátua dourada da criança tombou sobre o chão dourado, o clangor metálico ecoando pelo ar subitamente silencioso.” Dioniso fez uma pausa, absorvendo toda a extensão da minha fisionomia assombrada. “E enquanto o pai chorava, as lágrimas salgadas iam se solidificando em suas bochechas como joias cintilantes.”

Fiquei sem palavras. Estava horrorizada. Pensei na garotinha, em sua confiança e exuberância, silenciada e convertida numa réplica fria e bela de si mesma. Eu não imaginava que Dioniso fosse como os outros deuses – frio, cruel e mesquinho.

Não sei que expressão de horror deve ter contorcido meu rosto, mas fez Dioniso jogar a cabeça para trás e dar uma gargalhada alta.

— Ariadne! Você não acha que eu teria deixado a criança, né? Claro que não iria punir alguém inocente — disse ele, engolindo o ar de divertimento. — E eu também estava verdadeiramente grato a Midas, um homem gentil e bondoso que tinha cuidado de Sileno. Ele logo viu a loucura de seu pedido. Deixei que desfizesse tudo imediatamente ao ajudá-lo a chegar até um rio próximo e lavar o poder. Até hoje, o leito daquele rio ainda é rico em fragmentos de ouro. Soprei vida de volta à menina, que não se lembrava de nada do que tinha acontecido, e tudo voltou ao que era antes. O rei Midas aprendeu uma lição sobre aquilo que realmente tem valor, e a coisa toda ainda rendeu uma anedota divertida, não há como negar.

Apesar do alívio, me senti desconcertada. Apenas a benevolência de Dioniso transformara aquilo numa simples história curiosa, em vez de uma terrível tragédia. Bastava que ele se decidisse por uma coisa ou por outra.

Ele estendeu a mão para me ajudar a levantar e olhou diretamente em meu rosto. A mera força de sua beleza me deixava sem ar. Ele próprio parecia folheado a ouro, como se os dedos desastrados de Midas tivessem resvalado sua pele e lhe dado uma cobertura dourada. O grande Hélio era meu avô, e eu sabia que um eco de sua radiância tocava a mim e aos meus irmãos com um brilho suave, mas toda a presença de Dioniso ardia com uma magnificência e uma vitalidade tão espetaculares que faziam o sangue do sol correndo em minhas veias parecer frágil e debilitado. Ele tocou meu rosto com os dedos, e foi como se minha pele tivesse sido marcada com ferro em brasa até atingir minha alma. Atrás dele, o céu se

acendia num glorioso pôr do sol. Aquele momento parecia tangível, algo que eu poderia agarrar; de alguma forma eu encontrara ali um terreno seguro, no lugar que havia pensado que iria desintegrar minha carne e descorar meus ossos. Mas ainda não sabia se a história de Midas era uma advertência ou um alívio.

Ele abaixou a mão.

— Você não confia em mim.

Era verdade, embora eu não fosse capaz de identificar de onde vinha a relutância. Será que eu sentia que ele estava brincando comigo, que aquilo era só um fingimento complexo para o seu divertimento, quando no fundo ele era tão selvagem quanto os outros deuses? Eu não tinha certeza.

— Quando era criança, eu confiava nos deuses — ouvi minha voz dizendo. — Mas Posêidon nos enviou o Minotauro, e meu pai não fez nada. Quando Teseu veio, achei que ele não era como os outros. Mas ele foi pior, pois ao menos os outros nunca tinham fingido ser o que não eram.

A expressão dele ficou um pouco mais sombria. Quando não estava sorrindo, ele parecia ter sido esculpido em mármore, ainda que as linhas sobrenaturais de seu rosto estivessem acima da habilidade de qualquer escultor que já tivesse existido.

— Eu não finjo — disse ele.

Mas como eu poderia saber? A única certeza era que o amanhã chegaria, e talvez ele continuasse ali. Ou talvez fosse embora.

Para minha surpresa, não acordei diante de uma aurora desolada e solitária. A cada manhã que se seguiu, desafiando as minhas expectativas, Dioniso estava lá, e a ilha se enchia de vida com sua voz, sua melodia e sua risada. As videiras cresciam com uma

abundância selvagem, e ele me ensinou a podar os caules grossos para impedir que tomassem conta de toda a casa. Além delas, ele plantou pequenos canteiros de vegetais e árvores frutíferas, e descobri uma intensa satisfação em mergulhar as mãos no solo terroso com ele e observar, dia após dia, os brotos verdes emergindo do chão, com as romãs, os limões e os figos amadurecendo devagar nos galhos.

E todos os dias eu caminhava ao lado de um deus dourado. Convenci-o a me mostrar mais da ilha, e na companhia dele adentrei os recantos mais profundos da floresta. Foi uma surpresa perceber que minhas pernas estavam ganhando força, enquanto ele me mostrava a trilha por entre as árvores até a grande montanha e, juntos, subíamos as encostas mais baixas. Fiquei orgulhosa quando alcançamos uma clareira no meio das árvores a certa altura da subida, onde um platô na rocha revelava uma visão do que havia para além da montanha.

— O que achou do meu lar? — perguntou Dioniso, travesso.

Eu mal conseguia falar.

— É tão lindo — exclamei por fim.

E era mesmo. A ilha de Naxos se estendia mais longe do que eu tinha imaginado. Era rica em vegetação, com grandes porções de floresta descendo até as curvas dramáticas das enseadas onde a areia dourada dava lugar à água verde-esmeralda. Outras montanhas, menores do que aquela em cuja encosta agora estávamos, se erguiam pelo centro em picos suaves, e a luz de Hélio banhava tudo com um brilho glorioso.

— Fico feliz que tenha gostado — disse Dioniso.

Aos poucos, ele me contava mais histórias de sua vida. Descreveu uma juventude idílica. A doçura e o amor das ninfas – e as piadas e a leveza de Sileno – tornaram sua infância tão diferente da que tiveram os outros deuses, que ou eram lançados já totalmente formados numa existência imoral ou tinham que construir seu caminho à base de disputas sangrentas até a vida adulta.

Certo entardecer, ele apontou para um pequeno círculo de estrelas que reluziam fracas no céu azul-índigo e me contou:

— Ali estão minhas tias, as ninfas que cuidaram de mim com tanto carinho. Depois que elas morreram, Zeus as colocou no céu como agradecimento por terem me criado e me escondido de Hera.

“Mas ela não tinha me esquecido”, continuou ele. “Quando eu já estava crescido e meu pai achou que eu continuaria seguro, ele me trouxe até os salões do Olimpo. Ela não podia me matar, mas plantou dentro de mim uma loucura que me fez ir embora do monte coberto de nuvens, de volta a Terra. Eu sentia milhares de escorpiões arranhando o interior do meu crânio; um tormento frenético pulsando sem parar, de modo que eu não conseguia compreender mais nada. Vaguei desesperado durante meses, anos, sem ver nem sentir nada além de agonia. Quando me afastei de sua influência maligna, e depois que o tempo passou e ela voltou a atenção para outros rancores e ódios, a loucura aos poucos foi desaparecendo. Abri os olhos certa manhã e enxerguei com clareza; minha visão não estava mais turva e avermelhada, meus pensamentos tinham voltado a fluir.

“Não tinha pressa de voltar ao monte Olimpo. Em vez disso, caminhei entre os homens. Ensinei-lhes como prensar as uvas para fazer vinho e lhes mostrei o doce e agradável êxtase que ele é capaz

de proporcionar. Eles ficaram muitíssimo gratos, e santuários foram erigidos em minha homenagem por toda parte. A mulheres deixavam de lado suas vidas de labuta e obediência; removiam os véus e soltavam o cabelo para fugir até as montanhas e participar de rituais secretos, longe dos olhos masculinos. Os homens toleravam o comportamento, pois suas esposas oprimidas voltavam renovadas e cheias de vida, felizes e com o coração leve outra vez. Algumas escolheram me seguir, e a quantidade das minhas bacantes está sempre aumentando. Elas virão a Naxos quando… quando chegar a hora… e você vai ver."

Nesse momento, Dioniso tropeçou um pouco nas palavras, o que não era de seu feitio. Olhei para ele confusa, perguntando-me que hora seria essa à qual ele se referia.

— Um dia conheci um jovem chamado Âmpelo, cuja beleza se equiparava à de qualquer deus que eu já tinha visto reinando no monte Olimpo. Atlético e flexível, de pele macia e sempre rindo, ele parecia ser a minha metade mortal, que eu acreditava ter sido destruída com minha mãe. Ensinei o povo dele a arar os campos com bois em vez dos arados manuais. Juntos, cultivamos extensos campos de videiras, e elas cresciam tão altas e espessas que se tornaram uma floresta carregada de lindas uvas gordas. Rios infindáveis de um rico vinho tinto saíam das prensas, e eu acreditava ter encontrado a paz e a felicidade que não sentia desde os meus dias no monte Nysa.

Seus olhos se obscureceram enquanto ele falava. Fiquei tensa, minhas unhas afundando nas palmas das mãos, e permaneci quieta feito um gato, atenta ao que viria a seguir.

— Mas Âmpelo era mortal e sujeito às fragilidades de todos os humanos. Não foi uma maldição vingativa dos deuses nem um castigo divino que tiraram meu Âmpelo de mim; apenas a simples afronta das voltas que as Moiras determinam para toda a humanidade. Um dia, ele subiu alto demais em busca de um cacho tentador de uvas e perdeu o equilíbrio. Meu adorável rapaz despencou no chão e quebrou o pescoço contra as rochas…

— Mas você não poderia tê-lo salvado? — deixei escapar.

Ele balançou a cabeça com força, como quem espanta uma mosca irritante.

— Aquilo que as Moiras decidem não cabe aos deuses intervir. Todos os mortais vivem e morrem segundo as tramas tecidas por elas, e cada mortal deve morrer quando elas cortam o fio. Chorei por meu belo Âmpelo, mas ele se fora de acordo com as leis que governam a humanidade, e eu não podia virar o mundo de ponta-cabeça para salvar meu amado. A única coisa que pude fazer foi extrair a luz de sua alma no momento em que ele morreu, para que ela não passasse a eternidade no frio Submundo. Em vez disso, coloquei meu Âmpelo entre as estrelas, onde sua beleza iluminaria o céu noturno para o deleite de toda a humanidade.

Estremeci, mesmo sendo uma noite quente. As estrelas começariam a cintilar em breve; aqueles resquícios dos desejos divinos, ainda queimando na escuridão vazia. Lembrei-me das histórias de Irene e senti a antiga raiva se revirando dentro de mim.

— Deleite? — perguntei seca. — Ou para nos lembrar do nosso lugar? Durante toda a vida, ouvi falar no que acontece quando os deuses se interessam por um mortal. Nunca parece acabar bem para nós. Não esqueça que já vi isso em primeira mão.

Os olhos de Dioniso endureceram.

— Âmpelo teve uma morte humana. Acontece milhares de vezes todos os dias.

— Acontece com a gente. Talvez amanhã eu escorregue de uma rocha na beira do penhasco, ou um urso faminto saia da floresta para me atacar. E aí?

— Aí você vai morrer, como teria acontecido se eu nunca tivesse vindo aqui! — Seu tom era afiado, e quando olhei para ele, seus membros relaxados, que o faziam parecer tão humano, estavam contraídos com uma atitude orgulhosa que beirava a ofensa divina. — Eu não seria mais culpado pela sua morte do que se você tivesse simplesmente definhado, como foi a intenção de Teseu ao deixá-la aqui.

Em algum lugar lá no fundo, eu sabia que não seria culpa dele. Eu não estava com raiva; o que me consumia por dentro era não saber se ele seguiria em frente sem pensar duas vezes. Ele detinha todo o poder. Eu ficava esperando naquela ilha porque não podia ir para nenhum outro lugar, me perguntando quanto tempo duraria o interesse dele por mim – pois certamente isso era tudo que ainda me mantinha viva.

— Mas claro, se você prefere assim, que seja — disse ele irritado.

Antes que eu pudesse dizer uma palavra, ele foi embora. O silêncio zumbia ao meu redor.

Eu sabia que ele tinha desaparecido da ilha. O peso do vazio exercia pressão de todos os lados. Eu o afastara com a raiva que havia irrompido tão de repente dentro de mim. A presença dele ali, mesmo sendo tão alegre, continha também a ameaça de que ele

pudesse ir embora a qualquer momento. E agora eu tinha feito acontecer logo para não precisar mais ter medo.

O abandono em Naxos, porém, não era a sentença de morte que tinha sido antes. Mesmo se a magia de Dioniso me deixasse, percebi que o conhecimento que ele me transmitira não iria a lugar algum.

Sem ele ali, eu ainda cultivava os vegetais. Triturava a cevada entre as pedras para assar pão. Varria o piso de mármore até que estivesse brilhando. Eu não era a filha prisioneira de Minos; não era a troca feita com Cíniras por cobre; nem a distração de Teseu entre um e outro feito heroico. De algum modo, eu havia sobrevivido a todos eles e estava ali, enfim livre. Minha vida se abria diante de mim; como uma das sementes que eu segurava na palma da mão para plantar. Meu destino nunca me pertencera até eu deixar Creta e tomá-lo para mim. Então agora o que eu faria com ele?

Lá fora no pátio, dancei os velhos passos que minha mãe tinha me ensinado, livre do olhar atento e dos cochichos maldosos que circulavam por Cnossos; os passos que eu lembrava de um tempo antes de monstros e de homens que os usavam para seu poder e sua glória. O tear que estava empoeirado antes de Dioniso transformar o velho chalé naquele palácio agora reluzia forte, e me pus a fiar. Enquanto girava a lã macia para formar fios, o movimento ágil de meus dedos reavivava memórias das mil vezes em que eu já fizera aquilo junto de Fedra. Havíamos tecido tapeçarias com os temas considerados mais adequados para princesas; cenas e mais cenas de casamentos gloriosos, enquanto esperávamos pelos nossos, que ainda viriam. A complexidade da tarefa sempre tinha sido algo que me absorvia – embora a lentidão deixasse Fedra frustrada –, e me lembrei de como tinha tecido com cuidado cada

pavão, cada romã nas bordas, o símbolo de Hera. Por ser a deusa dos casamentos, nossas cenas matrimoniais tecidas em fios brilhantes eram dedicadas a ela, demonstrando nossa devoção.

Não queria reproduzir aquelas tapeçarias em Naxos. Sem ninguém espiando por sobre o meu ombro, eu estava livre para contar as histórias que quisesse. A esgotada Leto, condenada por Hera a vagar longamente pela Terra enquanto sua barriga crescia com os gêmeos engendrados por Zeus. Io, atordoada por sua metamorfose de mulher para vaca quando Zeus mais uma vez tentou esconder sua infidelidade. E Sêmele, é claro, numa tentativa inútil de proteger os olhos da explosão dourada que a transformaria em pó.

Eu me perdi no frenesi da criação, horas passando num piscar de olhos enquanto a lançadeira voava de um lado para o outro entre minhas mãos. Quando a tapeçaria ficou pronta, contemplei-a com um orgulho feroz. Não era cheia das cenas obrigatórias de louvor aos deuses. Era algo totalmente diferente.

Naquela noite, sonhei com as cenas que havia tecido – uma confusão de mulheres transfiguradas e atormentadas. E então o sonho se transformou em Naxos, onde eu estava na areia, com os carvalhos gigantes e ciprestes retorcidos da floresta às minhas costas, e olhava para as encostas rochosas das montanhas lá no alto. Um formigamento inquietante se formou na base da minha coluna quando apertei os olhos em direção ao pico mais alto, onde havia uma figura parada. No momento em que uma nuvem encobriu o sol, consegui enxergá-la com clareza. Seus braços brancos cintilavam como mármore. Os olhos eram grandes e redondos, emoldurados por cílios grossos que lhes conferiam um aspecto irônico de inocência. O olhar negro e implacável no centro deles

estava fixo em mim, e senti seu ódio frio de aço perfurar minha garganta como uma lâmina. Hera.

Eu me encolhi e me virei, senti que era capturada numa rede escorregadia, e me arremessei de um lado para o outro numa tentativa desesperada de escapar. Minha respiração era um ofegar de pânico, a garganta apertada em busca de ar quando me sentei num movimento brusco, os lençóis enrolados em volta do corpo. A luz da alvorada inundava o quarto, e eu estava sozinha. Respirei longa e profundamente e balancei a cabeça, tentando aliviar a sensação do sonho que ainda me aprisionava, deixando o medo se dissipar na solidão calma da manhã.

20

Fedra

— Onde você esteve o dia todo?

Teseu estava rabugento, largado no sofá baixo que ocupava toda a extensão de uma das paredes em nossos amplos aposentos. Acima da cabeça dele, o sol entrava pela janela recortada na pedra, lançando sombras em seu rosto.

Fui pega desprevenida ao vê-lo ali. Achava que ele tinha saído para cavalgar nas colinas, caçar alguma pobre criatura muito mais insignificante do que os monstros com os quais ele preferia lutar; descontando as frustrações que sempre acompanhavam seus períodos em casa nos cervos e javalis inocentes que povoavam as montanhas. Em vez disso, parecia que eu seria o alvo. Endireitei a postura, afastando o cabelo do rosto e olhando direto nos olhos dele.

— Eu estava na corte — respondi com frieza. As palavras não ditas ficaram suspensas no ar: *O povo espera que o rei fique aqui. Que tipo de rei permite que a esposa assuma seus deveres por ele?*

— Que problemas fascinantes você ouviu hoje? — debochou ele. — Um fazendeiro acusando o concorrente de surrupiar suas ovelhas sarnentas, talvez? Uma colmeia que está perto demais da casa do vizinho? O cachorro de alguém mordeu uma pessoa? De fato, sinto muito por ter perdido isso.

— Eles são o seu povo — lembrei a ele. — Suas vidas importam para eles, e por isso deveriam importar para você também.

Ele bufou. O silêncio pesava no ambiente.

— Houve um assunto hoje que poderia ser do seu interesse. — Peguei um pente que estava sobre a penteadeira e comecei a passá-lo pelos meus cachos. O entra e sai de toda aquela gente passando pelo grande salão tinha levantado tanta poeira que eu a sentia aderida à pele e ao cabelo. Tomei a falta de resposta dele como um incentivo para continuar, então falei: — As colinas de Lavrio no sul estão gerando mais e mais prata a cada dia. Foi sugerido que alguns desses recursos poderiam ser usados para a construção de mais navios.

Teseu deu de ombros.

— Atenas não precisa de uma marinha maior? — perguntei. Não me dei ao trabalho de esperar uma resposta. — Os navios de Minos já foram o terror da Grécia, mas ninguém parece temer mais o poderio de Creta.

— Seu irmão não é nenhum Minos — disse Teseu.

Era verdade. Enquanto meu irmão governava tranquilamente em Creta, o medo e a confusão que as ilhas ao redor tinham sentido logo na sequência da morte do Minotauro haviam dado lugar a uma ousada falta de respeito – e até mesmo a um desprezo explícito – pelo atual governante de Cnossos. Atenas parecia ganhar mais

proeminência à medida que Creta afundava cada vez mais nas sombras. Eu tinha começado a perceber que a nossa pequena cidadela agora era inundada todos os dias por comerciantes e mercadores vindos de todos os lugares.

— Você acha que já somos tão poderosos quanto Creta? Temos uma frota comparável à deles?

— Melhor — disse Teseu.

— Mas Atenas é pequena — argumentei. — Os depósitos de prata nos dão riquezas, mas será que temos o poder que Minos exercia? Conseguimos reunir homens suficientes só nesta cidade para lutar e conquistar como ele fez?

— Você pretende liderar uma invasão? — perguntou Teseu.

O tom debochado me indignou, e joguei o pente de lado com mais força do que pretendia. O objeto deslizou pela beirada da mesa de madeira entalhada e quicou nas lajes de mármore do piso.

— Meu pai manteve esta cidade refém durante três anos — falei ríspida. — Sem dúvida você gostaria de nos proteger contra qualquer um que pretenda imitá-lo. Que jeito melhor de fazer isso do que aumentando seu próprio poder?

Ele se sentou e me encarou, não sem alguma surpresa.

— Continue, pequena Fedra.

Pequena Fedra. Ainda pensava em mim como a garota de treze anos que ficara encantada com seu exibicionismo. Eu mostraria a ele que havia passado aqueles anos aprendendo; enquanto ele vagava pelo mundo em busca de emoção, eu tinha ficado ali observando e aguardando.

— A montanha oferece uma defesa natural contra qualquer um que pretenda nos invadir por terra; jamais houve um exército capaz

de cruzá-las — falei. — Nossa água vem do rio, direto para a cidadela; nenhum cerco poderia nos privar de insumos frescos. Nossa costa é extensa; é a nossa fraqueza, mas poderia se tornar uma força.

Seus olhos estavam frios agora, e ele me olhava fixamente.

— Somos vulneráveis a um ataque pelo mar; foi assim que Minos tomou Atenas em primeiro lugar. Acho que é prudente fortalecer a marinha; a base de uma frota poderosa que poderá garantir nosso poder por séculos. Mas se tivermos mais navios, precisaremos de mais homens.

— E onde você sugere que os encontremos?

Abri os braços, empolgada com as minhas próprias ideias a essa altura.

— Veja a Ática. Existem várias pequenas cidades e aldeias à nossa volta. Cada uma muito pequena por si só, mas se todas se unissem a nós, poderíamos comandar dez vezes mais homens do que temos hoje.

— Você deseja invadi-las? — Teseu estava de pé, com o rosto iluminado.

— Não digo tomá-las à força — falei devagar. Percebendo a decepção dele, pousei a mão em seu braço, fiz com que olhasse para mim. — Eu vi o modo tirânico como Minos governava — lembrei-lhe. — Ele mantinha Atenas sob o jugo do medo e da ameaça, e veja quanta lealdade isso lhe rendeu. Eles não serão nossos se os devastarmos.

— Então como serão nossos? — Ele parecia mal-humorado.

Abri um sorriso.

— Acho que tenho uma ideia.

— Um grande festival — anunciou Teseu no dia seguinte a seus conselheiros um tanto surpresos, que não estavam tão acostumados a vê-lo. — Vamos trazer todos os povoados da península até Atenas para jogos, banquetes, homenagens à grande Atena que dá seu nome e proteção à nossa cidade. Receberemos a todos sob o olhar bondoso da deusa, e eles compartilharão também do auxílio dela.

Os preparativos eram imensos. Meu tear empoeirado e sem uso me deu uma ideia de como eu poderia participar; sugeri que convocássemos as boas tecelãs de toda a região para se reunirem ali. Sob o meu comando, elas fariam um enorme peplo que seria colocado sobre a estátua de Atena no início das celebrações. Elas vieram de lugares distantes como os montes Citerão e Parnes, das fronteiras de Oropo e das margens do Asopo, uma alegre reunião de moças. Quando as reuni num cômodo amplo que havia reservado especialmente para isso, diante do grande tear onde a vestimenta sagrada seria tecida, senti um aperto no coração ao ver seus rostos jovens e felizes, seus cabelos sedosos.

A memória de Ariadne e eu tecendo juntas reluziu em minha mente antes que eu pudesse impedir. O toque da lã em meus dedos, o sol aquecendo o cômodo, a disposição suave e acalentadora de minha irmã. As lágrimas que ameaçavam cair arderam em meus olhos por um momento antes que eu as engolisse e falasse.

— Meninas, eu lhes dei a tarefa mais importante do festival. — Elas se aquietaram. Seus olhos e semblantes sérios me emocionaram. — Nós vamos tecer o maior peplo jamais visto,

grande o suficiente para a estátua de Atena no coração da nossa cidade e magnífico o bastante para agradar à deusa. Vocês foram escolhidas por causa de suas habilidades na tecelagem; esta é a chance de mostrarem seu talento para toda a Ática.

Mas para mim, a verdadeira dádiva era observá-las trabalhando e conversando à vontade. Nenhum homem as acompanhava ali, naquele local sagrado para as mulheres e para a deusa. Eu conseguia ver a animação iluminando seus rostos jovens, e nas conversas aceleradas e empolgadas ouvia o eco de duas irmãs que haviam se amado tantos anos antes, em Creta.

O trabalho levou meses, mas por fim chegamos ao alvorecer do começo da primavera. O ar era fresco à minha volta, e o imenso céu ainda estava escuro no oeste, salpicado de fracas estrelas. As garotas percorreram o caminho pela colina íngreme que levava até a acrópole, e o fio delicado de suas vozes flutuava na brisa até o lugar de onde eu as observava, nos muros do palácio, uma melodia suave e sobrenatural que parecia impregnar a penumbra matinal.

Elas traziam o peplo diante de si; uma tapeçaria absolutamente fina, tecida em amarelo-açafrão e com as bordas de azul-jacinto, retratando a história da grande batalha entre os deuses e os Titãs no começo de todos os tempos. Atena, deusa guerreira, estava no centro do conflito. Ao lado de Teseu, senti um sorriso vitorioso se espalhando por meu rosto.

Após a procissão veio o sacrifício; as canéforas lideraram os bois. Essas sacerdotisas virgens recebiam o mugido longo e lamentoso dos animais, entregando as facas sagradas para os homens que cortavam a garganta das bestas adornadas com fitas. Quando o sol

já estava alto no céu, nuvens de fumaça dos altares carregavam o aroma de carne assando até o pico do monte Olimpo.

E então as competições começaram para valer. Em Creta, eu já tinha assistido a jogos, mas nunca a uma variedade tão grande como aquela. De todos os cantos da Ática vieram os mais diversos competidores. O centro de Atenas rugia com barulho, agitação e cores. Fiquei aliviada por Teseu manter sua mão forte enlaçada na minha enquanto me guiava através da multidão. Os jovens desafiavam uns aos outros em corridas, apoiados pela torcida ensurdecedora dos espectadores. Homens explodindo em músculos se cobriam de óleo e analisavam os oponentes, prontos para o boxe ou a luta-livre. Eu sentia o calor da admiração de Teseu sobre mim e, na emoção do festival bem-sucedido, uma harmonia incomum foi se estabelecendo entre nós ao longo do dia. A melodia rica das liras e as cantorias se misturavam no calor e na névoa acima de nós. Quando Teseu distribuiu os prêmios ao final do evento, um grande grito se ergueu em honra dele: *Teseu, aquele que tinha reunido toda a Ática naquela maravilhosa celebração.* Eu o vi sorrir, satisfeitíssimo com a admiração e o sucesso. Apesar de eu saber que a ideia foi minha, não fiquei ressentida por ele ter levado o crédito. Já estava satisfeita de perceber o que eu conseguira realizar.

A admiração de todas as regiões cresceu – não apenas na área da Ática –, e nossa cidade estava a caminho de se tornar a mais poderosa da Grécia. A única coisa que às vezes azedava meus pensamentos era a ansiedade permanente quanto ao retorno de Minos. Anos já haviam se passado sem notícias dele, mas eu não ousava alimentar esperanças de que ele tivesse morrido solitário em alguma costa distante.

Sempre que meu marido retornava de suas viagens, eu achava sua companhia muito mais suportável por causa da brevidade, embora apenas uma de suas histórias de fato me interessasse. Pouco mais de um ano depois do nosso casamento, ele finalmente voltou para casa com notícias de Minos. Dessa vez, minhas orelhas se eriçaram, ansiosas para ouvir o que ele tinha a dizer.

Teseu me contou que, enquanto meu pai procurava de uma cidade a outra, percorrendo as costas mais remotas do mundo, levava com ele uma concha espiralada e lançava um desafio a cada corte que visitava: um homem que fosse capaz de passar um barbante por todas as curvas da concha.

— Algo que somente Dédalo conseguiria fazer — concluí.

— Exato! — Teseu concordou com entusiasmo. Seus olhos brilhavam sob a luz das tochas. Ele estava esparramado no sofá, uma taça de vinho tinto preguiçosamente inclinada na mão. Eu não podia negar que ele ainda era uma visão magnífica, por mais entediante que fossem suas conversas. — Quando ele chegou à corte do rei Cócalo, na Sicília, o velho monarca afirmou que conhecia justamente o homem que seria capaz de solucionar um desafio como aquele, e trouxe Dédalo em pessoa. Minos continuou encapuzado, com o rosto escondido, enquanto Dédalo dava um jeito de prender um fio – tão fino que mal se enxergava – no pé de uma formiga, que ele então pôs para andar por dentro da concha, puxando o fio atrás de si até chegar ao outro lado. Minos então ficou de pé, arrancou o capuz da cabeça e revelou sua identidade como o poderoso e temido rei de Creta.

Teseu deu uma risadinha e tomou um longo gole de vinho. Limpou a boca com a mão e prosseguiu.

— Ele exigiu do bondoso monarca, horrorizado ao descobrir o truque de Minos, que lhe devolvesse seu prisioneiro. O rei Cócalo, que não estava disposto a abrir mão do hóspede astuto cujas invenções inteligentes já haviam enriquecido muito o palácio, prometeu atender às exigências de Minos, mas convenceu-o a descansar em sua corte antes de dar início à longa jornada de volta para casa com seu prêmio. Ele disse a Minos que suas queridas filhas já tinham preparado um banho para ele com água quente e os melhores óleos essenciais, para expurgar de seu corpo cansado e dolorido a sujeira e o desgaste da longa viagem. Claro que Minos aceitou esse luxo sem pensar duas vezes. Entrou na banheira, satisfeito com os cuidados e a bajulação das lindas princesas, até que elas acionaram uma válvula na banheira que Dédalo havia projetado justamente para aquela ocasião. Ouvi dizer que ela liberou um jato enorme de água fervente, e seu pai morreu escaldado num instante.

Eu estava sentada muito ereta quando ele chegou ao fim do relato, minhas mãos agarrando com força a borda curva do sofá. Teseu me observava com atenção, para ver como eu reagiria. Quando a verdade me atingiu, uma estranha risada escapou da minha garganta. Fiquei impressionada com o som.

Teseu sorriu.

— Achei que você gostaria de saber disso.

Talvez ele me conhecesse melhor do que eu imaginava. Eu pensava nele como alguém tão absorvido pela lenda de si mesmo que era incapaz de considerar outra pessoa como algo além de uma pequena extensão de sua incrível história. Mas claramente ele havia

escutado o bastante para entender a profundidade do meu ódio por Minos.

— Obrigada — falei. E desta vez, quando seu olhar encontrou o meu, não desviei.

Eu o odiava pelos segredos que mantinha guardados dentro daquela cabeça-dura. Mas ele me dera uma vida melhor do que qualquer coisa que eu tinha almejado em Creta. Não se importava com a forma como eu ocupava meus dias, e nunca se sentiu ameaçado pelo meu interesse na corte. Só lhe importava que Atenas continuasse próspera e influente, que ele não tivesse que carregar de fato as responsabilidades de um governante e que ficasse livre para sair em suas jornadas intermináveis.

Mas quando ele me tocava, eu estremecia. Suas mãos… teriam sido elas as últimas a segurarem minha irmã? Será que ele tinha mesmo enterrado os restos mortais dela segundo todos os rituais adequados, como alegava, ou tinha jogado o corpo dela em algum lugar sem pensar duas vezes? O espírito dela ainda estaria vagando pela ilha de Naxos, vingativo e perturbado, proibido de entrar no Submundo?

Em Creta, eu ficara deslumbrada com a aparência de Teseu e suas histórias impressionantes. Agora eu via a minha paixão juvenil pelo que realmente era: insubstancial, derretida pelo sol da manhã como a camada de neve que às vezes se acumula brevemente sobre as montanhas. Mas eu nunca podia deixar escapar o menor sinal da minha frustração com ele, pois sabia que, por mais que eu gostasse da ilusão de poder, ele sempre poderia tirá-lo de mim. Eu podia ser um bem precioso, encantadora para os dignitários visitantes, reconfortante para os cidadãos inquietos quando eles vinham

reclamar – com tato e uma desenvoltura que havia aprendido e aprimorado –, mas nunca poderia me permitir esquecer que Teseu era o rei. Se havia alguém que eu precisava encantar, devia ser ele acima de todos.

Funcionou. Ele estava satisfeito com sua rainha, com suas missões e com a promessa de glória eterna por suas empreitadas intermináveis. Às vezes, ele era uma companhia suportável, se eu afastasse a suspeita que devorava minha mente, se eu me esquecesse da minha irmã. Essa era a chave para a minha sobrevivência em Atenas. Eu não podia pensar na minha irmã. À medida que os anos se passaram, tornou-se algo automático.

Apesar do padrão aleatório das visitas de Teseu, e dos intervalos cada vez mais longos que transcorriam até sua volta à costa ateniense, pouco depois de um de seus períodos em casa minha barriga começou a crescer: de repente, eu tinha algo mais com que ocupar a mente. Engoli a dor, o luto e a raiva. Eu havia aprendido muito bem a quase não pensar em Ariadne.

21

Ariadne

Depois do pesadelo com Hera, foi difícil me livrar da sensação claustrofóbica ao longo do dia. Enquanto eu cuidava da horta sob a luz cálida do sol, ainda sentia a opressão sufocante dos olhos dela me perfurando. Sem que eu conseguisse controlar, me pegava olhando para os picos das montanhas com frequência, conferindo se ainda estavam vazios.

Naquele dia, voltei a pensar em Dioniso, as ideias se retorcendo à minha volta como as videiras que me lembravam dele sempre que eu as olhava. Talvez eu tivesse invocado esses pensamentos, voltando a refletir sobre a mãe dele e a crueldade da vingança de Hera. Pensei em como Dioniso não tinha me tratado como outros antes dele. Ele não havia ponderado o meu valor; o que eu poderia fazer por ele e como eu poderia ser usada. Em vez disso, ele ofereceu sua gentileza e hospitalidade. Percebi como sentia falta dele. Minha voz parecia fraca, meu canto reverberando nos

corredores vazios. Quando senti um brilho de orgulho ao colher as frutas que eu havia cultivado no jardim, um vazio se abriu em meu estômago por ele não estar ali para ver.

Senti-me culpada pela minha reação à história de Âmpelo. Ele dividira comigo seu pesar e eu respondera com fúria. Conforme os dias passavam com tempo de sobra para pensar, comecei a destrinchar as raízes da minha raiva. Eu estava irritada com os deuses que tomavam as vidas mortais em suas mãos com tanto descaso, mas precisava admitir que não tinha sido isso que Dioniso fizera com Âmpelo. Eu havia sentido que estava me entregando aos seus encantos e fiquei com raiva por não ter aprendido nada com a minha confiança tola em Teseu, mesmo sabendo que Dioniso não era um herói arrogante e desprovido de consciência ou de cuidado. E talvez, eu admitia para mim mesma num canto escondido do coração, talvez eu estivesse com raiva de que se não fosse por um pé tropeçando num galho apodrecido, Dioniso ainda poderia estar do outro lado do oceano com o mortal que ele havia amado primeiro.

Eu queria muito vê-lo de novo; amenizar a dor da nossa separação. Assim, passados dias e talvez semanas, ao fim de mais um dia, quando voltei a vê-lo na praia, senti uma imensa onda de alívio. Não me contive e saí correndo em direção a ele.

Seu sorriso – cálido, aberto e ansioso – era um farol dourado de segurança. Ele me tomou nos braços; a sensação do enlace após a solidão era ao mesmo tempo irreal e inegavelmente sólida, verdadeira.

Todas as coisas que eu poderia ter dito a ele estavam embaralhadas dentro de mim. O que saiu foi algo simples e honesto.

— Estou tão feliz por você ter voltado.

Ele olhou para mim.

— Sempre vou voltar.

Eu queria acreditar que era verdade.

— Me desculpe… por tudo. E eu também sinto muito por Âmpelo. Sei que o que vocês tiveram não foi igual ao que aconteceu com outros deuses e humanos.

Ele inclinou a cabeça.

— Não foi. Mas como você poderia saber que não foi, com tudo pelo que passou? Quero lhe contar como isso é diferente, para que você entenda.

Naquela maré de alegria, meus medos e dúvidas eram correntes que me puxavam para baixo, mas eu os empurrei para longe. Pelo menos por enquanto, não pensaria nisso. Deixaria que ele falasse, com a esperança de que, dessa vez, suas palavras me convencessem. Segurei a mão dele, puxando-o em direção a casa.

— Então venha tomar vinho comigo e me contar como foi de verdade.

O pátio reluzia com tochas, proclamando o retorno dele. Apesar de Naxos lhe pertencer, eu tinha me acostumado tanto a ter a ilha para mim que era como se ele fosse o convidado, por isso fui eu que trouxe as almofadas para os sofás e as taças para o vinho. Quando estávamos acomodados, tomei um gole do líquido rico com um toque de mel e incentivei Dioniso a falar.

— Então, o que você fez depois da morte de Âmpelo? — perguntei.

Ele ficou observando o vinho girar na taça e suspirou.

— Eu estava sensível e machucado pela perda e ficava reprisando tudo; como os humanos podiam ser tão cheios de

vitalidade, tão vivazes e passionais, só para que essa vida fosse arrancada deles num único segundo. Lutei com a questão durante minhas viagens. Como isso podia ser verdade, e por que motivo? Eu tinha fugido para terras estrangeiras com a loucura de Hera me atormentando e zumbindo em meus ouvidos. Agora eu retornava com a loucura de perguntas sem respostas que me levavam ao mesmo desespero e à mesma insanidade.

Dioniso fez outra pausa. Olhou para algum ponto atrás de mim, para um lugar que eu não podia ver, perdido no passado.

— Essas são as questões que assolam a humanidade, claro. Mas ao contrário dos mortais, eu tinha o poder de buscar as respostas por conta própria. Decidi que encontraria o Submundo do qual salvara o espírito de Âmpelo. Acho que eu não teria conseguido se existisse o risco de ver o rosto dele ali, fantasmagórico e apático. Mas eu esperava poder ver ao menos uma vez o rosto de minha mãe; o rosto que eu nunca tinha visto. Um bebê indefeso quando ela morreu, sem força sequer para sobreviver fora do útero, não pude fazer por ela o que fiz por Âmpelo, e ela vagaria pelos corredores sinistros do Hades por toda a eternidade. Mas talvez se eu a visse, poderia reparar de algum modo a grande injustiça que fora feita a nós dois.

— O Submundo? — sussurrei. — Mas como…?

Ele deu um sorriso sombrio.

— A jornada foi longa. O lugar é bem escondido, mesmo para os olhos imortais. Os mimados deuses olimpianos se encolhem diante da escuridão dos domínios de Hades. Temem seu semblante cinzento e sinistro durante suas breves visitas ao reino do Olimpo. Nenhum deles, acostumados como estão a beber o néctar e se

deliciar com a ambrosia deitados em seus sofás, envoltos numa pureza áurea e com todo o luxo de seu mundo, pensaria em percorrer aqueles túneis úmidos e mal iluminados que mergulham cada vez mais fundo no subsolo, repletos de insetos rastejantes, vermes deslizantes e criaturas fugidias. Mas eu não era como eles e não temia a escuridão. — Ele tomou um longo gole de vinho.

Observei sua mão se fechar em torno da haste da taça, o movimento suave da garganta quando ele engoliu.

— Como era? — perguntei fascinada.

— Diferente de tudo que eu já tinha visto em todas as minhas viagens. Quando cheguei às margens pantanosas do rio Estige, a figura silenciosa e encapuzada de Caronte me recebeu impassível, com um mero aceno de reconhecimento. Os lamentáveis espíritos de névoa que enxameavam a costa tentaram se agarrar à minha túnica, subir na frágil embarcação, mas aquelas eram as almas dos Insepultos, condenadas a ficar amontoadas nos pântanos sombrios por toda a eternidade. Elas não podiam me impedir de seguir nem me acompanhar.

Estremeci. Esse teria sido o meu destino se Dioniso não tivesse aparecido no momento em que apareceu.

— Como posso descrever para você, Ariadne, a travessia daquele rio negro e estático? Os uivos das almas perdidas se reduzindo a um fraco refrão de gemidos conforme cruzávamos a vasta caverna. A água era grossa e vagarosa por causa da lama, e à medida que nos afastávamos mais e mais, o único som era o do remo de Caronte batendo na superfície visguenta e oleosa. Cabe aos humanos fazer essa viagem apenas uma vez, e ninguém pode cruzar de volta. Mas eu sabia que retornaria à superfície, que sentiria

outra vez o calor do sol na minha pele, e isso sustentou meu espírito e minha esperança durante aquela travessia tenebrosa.

“Por fim, chegamos à margem oposta; aquele lugar, o verdadeiro coração do Submundo, não era tão soturno nem tão silencioso quanto a longa jornada. A terra dos mortos é uma cidade grande e movimentada, e apesar de ser toda matizada em tons de cinza e preto, existe movimento e barulho, o falatório de todas as almas que já viveram e morreram na face da Terra. No centro de tudo, ergue-se um palácio muito alto, e em frente a ele fica a grande Esplanada do Julgamento, onde Hades pesa a vida de cada alma que se apresenta, trêmula e acuada, diante dele.

“A tarefa do julgamento um dia se tornará grande demais para que Hades consiga dar conta dela sozinho. Vejo um dia, Ariadne, quando seu próprio pai, o rei Minos de Creta, governará a Esplanada do Julgamento no Hades, e ele haverá de proferir as sentenças de todos os mortos.”

— Meu pai? — soltei. — Como pode ser?

Dioniso deu de ombros.

— Vejo que isso acontecerá, mas o significado e as intenções da mente de Hades são inescrutáveis para mim.

Eu já não temia avistar as velas carmesim de Minos no horizonte desde que Dioniso chegara a Naxos. Começara a ter esperanças de viver livre do meu pai. Mas agora eu era atingida pela visão dele entronado na terra dos mortos, julgando minha alma assustadiça. Eu sabia que não haveria compaixão em seu olhar inclemente. Nenhuma leniência em nome de nosso sangue compartilhado. Imaginei a satisfação que ele teria em determinar meu castigo eterno. O pensamento pesava dentro de mim.

— Eu não sabia onde encontraria minha mãe em meio àquela vasta aglomeração — continuou Dioniso. Seus olhos estavam pousados em mim; ele sabia como o medo se apossara de mim, porém continuou com sua história. — Mas Hades conhece todas as almas que entram ali, e num instante um de seus mensageiros encapuzados estava gesticulando para que eu fosse em frente, até o grande palácio propriamente dito. A esplanada diante do edifício imponente estava repleta de espíritos ansiosos, cujos gritos e gemidos se erguiam na escuridão cavernosa, elevando-se acima de uma cacofonia de desespero. Depois que seu destino fosse decidido, eles deveriam beber do rio Lete, e a consciência infeliz e dolorosa de sua morte seria amenizada.

“Atravessei a esplanada, em direção à extensa colunata com pilastras de mármore na frente do palácio. Bem no centro ficava o enorme trono de Hades; uma estrutura de madeira escura e retorcida, construída a partir de uma árvore monstruosa que havia ali, nas entranhas da terra desde os primórdios do tempo. Acreditei que suas raízes curvadas se ancoravam profundamente na terra abaixo de nós, mantendo aquele trono firme no lugar por toda a eternidade. No dia em que as estrelas desabarem sobre todos nós e o mundo for consumido pelo fogo, quando tudo for reduzido à poeira branca, Hades ainda permanecerá sentado ali, no comando de seu reino expandido.

“Quando ele falou, sua voz foi um ribombar lento e profundo, engrossada pela terra úmida e pela fumaça fria das cinzas. ‘Dioniso, vejo que você viajou até o meu Submundo. Nenhum dos deuses jamais tentou essa empreitada, embora todos tenham o poder para tal. Por que você veio?’

“Ninguém pode esconder suas intenções de Hades no próprio reino. Ele conhece a mente de todas as criaturas que caminham por lá. Limpei a garganta, um som insignificante naquele lugar cavernoso e ecoante, e falei: ‘Nunca pus os olhos em minha mãe. Ela foi levada cedo demais por um truque cruel da ciumenta Hera. Gostaria apenas de vê-la uma vez’. Não mencionei as dúvidas que me atormentavam, o sofrimento que tomara conta de mim desde a morte de Âmpelo e a necessidade de perguntar *por quê*. Por que os mortais desabrochavam feito flores e depois eram reduzidos a nada? Por que a ausência deles deixava para trás uma dor torturante, um vazio oco que jamais poderia ser preenchido? E como tudo que eles já tinham sido um dia, aquela faísca dentro deles, poderia se extinguir tão completamente sem que o mundo desmoronasse sob o peso de tanta dor e tanto luto?”

Dioniso deu uma risada amarga.

— Não fiz essas perguntas em voz alta, mas não precisei. Hades sabia. “Sua mãe cumpriu o propósito dela”, ele me falou. Hades pousava suas palavras como pedras pesadas no chão à minha frente, mas não havia nada de indelicado em seu tom. “Ela deixou um bebê destinado à grandeza. A vida dela não foi incompleta. Foi o que fez de você um deus, e não um homem. Por que você desejaria que fosse diferente?” Na verdade, eu não desejava isso. Nunca sentira vontade de ser um homem ou de abrir mão da minha divindade. Só queria entender o preço que havia sido cobrado.

“Hades estava sentado muito reto em seu trono de madeira. Seu rosto não tinha qualquer sinal de interesse em meus pensamentos ou motivações. Ele não parecia se importar com uma resposta. ‘Sêmele está se aproximando’, disse ele. ‘Você pode conversar com

ela, olhar para ela o quanto quiser. Mas ela faz parte do meu reino agora, e não vai reconhecê-lo nem compreender o que você diz. A memória dela do mundo só poderia ser restaurada se ela retornasse a ele, e isso é proibido.' Levantei a cabeça, surpreso. Aqueles olhos frios e escuros ainda encaravam os meus. Mas antes que eu pudesse falar mais alguma coisa, vi minha mãe deslizando em direção a nós.

"Como Hades a convocara silenciosamente eu não saberia dizer. Também não conseguiria explicar como eu soube de imediato que devia ser ela. Simplesmente a reconheci, sem jamais tê-la visto ou ouvido falar de sua aparência, além do fato de ser bela o suficiente para despertar o interesse fatal de Zeus. Meus ossos, meus nervos, meu sangue, tudo em mim a conhecia. Senti aquela verdade sólida e inconfundível até o âmago.

"Ela não me reconheceu. Seus olhos vazios me atravessaram. Ela não virou a cabeça quando falei. E quando tentei segurar seu braço, meus dedos não tocaram nada além de fumaça. 'Ela irá segui-lo', Hades falou, e sua respiração parecia uma neblina pegajosa em minha orelha. Eu não o vira nem o escutara se levantar, mas de repente ele estava perto de mim. 'Você pode caminhar com a sua mãe em minha cidade, jovem deus, mas quando a conversa acabar, meu barqueiro o aguardará para levá-lo de volta através do Estige. Lembre-se, ele levará você e apenas você.' O aviso dele escorreu gelado pela minha espinha.

"Comecei a andar rápido, aos tropeços, sem saber direito aonde estava indo – só sabia que precisava me afastar daquele deus assustador. E minha mãe veio atrás, não mais que uma sombra em movimento, andando sem propósito nem direção, sem enxergar

nada, mas sempre ao meu lado. Mesmo assim, por mais ausente que ela estivesse, foi a primeira vez que caminhei com minha mãe.”

A leve falha na voz de Dioniso ao falar isso me fez observá-lo com atenção. O semblante dele estava rígido de emoção; uma tristeza que fazia seu rosto sem idade parecer infantil e vulnerável, mas havia também uma fúria borbulhante se agitando. Dioniso era um deus, e os deuses não precisavam sofrer a indignidade do luto. Pelas histórias, eu sabia muito bem que quando um deus lamentava, outra pessoa sofria.

— Meu plano se formou num instante. Eu não sabia, ou não havia me permitido saber, qual era minha intenção, mas a percepção agora se enroscava dentro de mim como as raízes de uma árvore muito antiga, enrolada em minhas entranhas e inconfundível. Eu não poderia andar obedientemente de volta para o barco de Caronte e sair navegando pela escuridão. Fui tomado pela certeza indiscutível de que a distância intocável de minha mãe se dissolveria se ela visse a luz do sol outra vez, e jurei a mim mesmo que a traria comigo.

— Mas como…? — perguntei com a voz vacilante. — Como você conseguiria passar por Hades com ela escondida, mesmo com o seu poder? Você mesmo disse que isso era impossível.

Seu olhar cintilou rapidamente em direção ao meu rosto outra vez, e sua expressão rígida ficou um pouco mais suave.

— Você tem razão, ninguém pode levar nada do reino de Hades, nem o próprio Zeus. Certamente não Zeus, com sua bravata e seu trovão! E mesmo o deus das artimanhas, Hermes, com seus pés alados, que conduz as almas trêmulas dos mortos até aqueles portões, o único olimpiano que chega tão perto do temido reino, nem mesmo ele jamais teve a ousadia de levar um daqueles espectros

frios junto consigo. Ele não desejaria atrair sobre si a vingança de Hades.

“Mas eu lhe disse, Ariadne, que os outros deuses não são como eu. Já caminhei entre os mortais por muitos anos e conheço as alegrias perturbadoras da humanidade: o poder frágil e feroz do amor humano e a força selvagem do luto. Quando divido o vinho com os mortais, nós celebramos juntos e eu sinto o conjunto de emoções e anseios, a dor e os medos que todos vocês têm em comum. Nesses ritos sagrados, tão simples e tão antigos quanto o próprio mundo, erguemos nossas taças e bebemos juntos, e nossas almas se libertam das amarras cotidianas. Descobrimos o que nos une, o que temos em comum uns com os outros. Já senti a ferida aberta e as bordas irregulares e doloridas do luto. Sei que a vida humana brilha com mais intensidade porque não passa de uma vela bruxuleante na eternidade da escuridão e que pode ser extinta pelo sopro mais fraco.”

Ele se inclinou em minha direção, segurou minhas mãos nas suas. Seu olhar sustentou o meu com firmeza, e não consegui desviar.

A voz dele era intensa quando voltou a falar.

— Os deuses não conhecem o amor porque não são capazes de imaginar o fim de qualquer coisa de que gostem. Suas paixões não queimam de modo tão brilhante quanto as de um mortal porque eles podem ter qualquer coisa que desejarem pelo resto da eternidade. Como poderiam apreciar ou valorizar alguma coisa? Para eles, nada é mais que um passatempo divertido, e quando eles terminam, há sempre outro e mais outro e mais outro, até o fim do tempo em si. Seus heróis não conhecem o amor porque só dão valor ao que pode

ser medido: as montanhas erguidas com os ossos de seus inimigos, as imensas pilhas de tesouros conquistados e os versos imortais cantados em sua homenagem. Enxergam apenas a fama e são cegos para as recompensas oferecidas somente pela vida humana, que eles simplesmente descartam como lixo. São todos tolos.

Suas palavras aqueceram o cerne do meu estômago; dissolvendo o frio dolorido que ainda me corroía quando eu pensava em como havia perdido o amor de Teseu. As palavras de Dioniso aquietaram as perguntas que ainda fervilhavam em minha mente. Teseu não tinha me abandonado por minha culpa, ou porque eu não importava. Tinha ido embora porque, para ele, absolutamente nada importava além da fria busca pela própria fama. Eu não poderia deixar que um homem que não conhecia o valor de coisa alguma me fizesse duvidar do meu valor.

— Então Hades não desconfiou de você? — perguntei.

Dioniso sorriu de novo.

— Acontece que havia um guarda faltando no Submundo aquele dia — disse ele. — O Submundo é circundado pelo grande rio Oceano, e cinco outros rios correm a partir e através desse reino. Caronte guarda o poderoso Estige, mas os outros oferecem caminhos possíveis de saída, por mais perigosos que sejam. Uma dessas rotas é bloqueada pelo monstruoso Cérbero, o enorme cão que se eleva sobre o mais alto dos homens e que espuma pela boca de cada uma de suas três cabeças. Devo confessar que eu não desejaria enfrentar Cérbero por não ser tão habilidoso quanto Orfeu com a lira para embalar o bicho num sono tranquilo. Mas para a minha sorte, no dia em que desci ao Submundo, fui precedido pelo celebrado herói, Héracles em pessoa. Seu trabalho no reino de

Hades era dividido em duas partes: subjugar o temido cão de guarda e resgatar seu subserviente protegido. Sim, o seu amante, Teseu, tinha ficado atolado na lama do mundo inferior numa missão tola e desastrosa de sequestrar Perséfone, a rainha do Submundo, de seu trono ao lado de Hades.

Ele riu ao ver a surpresa em meu rosto.

— O nobre Teseu se esqueceu de lhe contar essa história quando falou de seus triunfos heroicos? Rá! Aposto que sim. Seu companheiro estúpido, Pirítoo, tinha sido feito em pedacinhos por Cérbero, e Teseu se escondeu de medo até Héracles resgatá-lo. — Nesse momento, Dioniso jogou a cabeça para trás e soltou mais uma gargalhada em direção ao céu que escurecia.

Eu mesma fiquei dividida entre a risada e o horror. A imagem ridícula que Dioniso pintava de Teseu – a ganância, o delírio e a covardia trêmula no fim – não podia ser mais distante do Teseu das histórias que ele mesmo contava de seus feitos. Ainda assim soava verdadeiro e eu não duvidava.

Olhei para cima. A humilhação escaldante do abandono de Teseu tinha finalmente esfriado. Os olhos de Dioniso estavam bondosos e cálidos e fixos em mim. Senti o ar entre nós como algo sólido, eletrizado e potente.

— Então você conseguiu levar Sêmele porque Héracles havia capturado Cérbero? — perguntei.

Dioniso deu de ombros.

— Talvez. Com certeza foi um golpe de sorte. Quando a conduzi por aquele caminho e vi a entrada desguarnecida, com a corrente de Cérbero caída no chão, os enormes elos de ferro arrebentados, percebi que não podia perder uma oportunidade daquelas. Apressei-

me com ela sem um segundo de hesitação, mas durante todo o longo e tortuoso caminho de volta à superfície, confesso que senti o toque frio do medo que um deus tão raramente experimenta.

— Por que você diz “talvez”? — perguntei confusa.

— A mente de Hades é tão inescrutável para mim quanto a minha é um livro aberto para ele. Eu me pergunto se ele não sabia, nem por um segundo, que Cérbero não estava mais lá, bem como a verdade do desejo que me levara até seu reino. Ele sabia que eu queria minha mãe de volta.

— Mas por que ele deixou que ela fosse? — O que eu sabia sobre Hades não era suficiente para compreendê-lo.

— Não subestime a capacidade vingativa de um deus. — Dioniso arqueou uma sobrancelha. — Hades sabe como a alma de Hera é consumida pelo ciúme. E ele sabia que, assim que eu tirasse minha mãe do Submundo, não a perderia de novo. Não posso afirmar com certeza o que ele pensa ou sente, mas imagino que a perspectiva de Hera estrebuchando de ódio e frustração por ver sua rival elevada ao monte Olimpo, compartilhando de seus sofás dourados e sorvendo o néctar e a ambrosia com todos eles, era algo tão agradável para ele quanto para mim. Talvez isso tenha trazido algum calor aos seus salões frios e dissipado um pouco da névoa que o cercava por um momento. Pois eu tenho certeza de que, do contrário, ele não teria permitido que eu o enganasse, e não acredito que eu tenha sido mais esperto do que ele.

Vacilei por um instante.

— Então a sua mãe…?

— Tornou-se uma deusa dourada do monte Olimpo, sim — disse Dioniso. Seu rosto resplandecia de triunfo enquanto ele falava. —

Meu pai me concedeu essa dádiva quando subi com a alma dela, que foi totalmente restaurada no instante em que saímos do Submundo, e ele viu o que eu tinha conseguido fazer. Não podia me negar aquele pedido. Ela agora preside os meus ritos como a deusa Tione. E Hera não pode tocá-la, tendo que olhar para ela todos os dias.

A história de Dioniso era tão fascinante que não consegui conter um sorriso. Fiquei encantada com a disposição dele para falar de forma tão aberta e franca sobre seus sentimentos e sua alegria inocente de ver Hera rangendo os dentes diante de seu sucesso, depois que ela havia conspirado tanto para derrubá-lo. Seu desprezo palpável por Teseu também aplacou a dor dentro de mim, como um bálsamo na pele em carne viva de uma queimadura.

Eu havia sido tola de confiar num herói: um homem capaz de amar somente o próprio nome ecoando poderoso através dos séculos. Isso poderia ter me destruído. Eu poderia ter definhado e morrido naquela mesma praia. Poderia ter chorado um oceano de solidão antes que os corvos atacassem meus olhos, e meu espírito cego teria uivado por toda eternidade nos pântanos sinistros à margem do Estige. Mas em vez disso, o deus risonho projetara sua luz sobre a minha história.

Seria Teseu quem ficaria sem nada no fim. Nada além do véu ondulante e ilusório da história, que poderia até encobri-lo satisfatoriamente, de modo que os ouvintes ao redor de uma fogueira ou em banquetes ficassem maravilhados e perdessem o fôlego com sua coragem e ousadia. Mas o calor dessas chamas não lhe lançaria luz alguma nem o confortaria na neblina escura em que estaria vivendo a essa altura. Seu espírito disforme teria que aceitar

qualquer migalha de alegria que pudesse nos sussurros de suas histórias flutuando como cinzas na brisa indiferente.

E quanto a mim? Sua vítima de outrora, meus ossos agora estariam desnudos e encanecidos até onde ele sabia. Ele pensaria em mim? Quando contasse como esmagou o crânio do Minotauro com seu bastão de ferro e quebrou os ossos da besta com seus punhos poderosos, eu passaria por seus pensamentos? O grosso barbante vermelho que eu amarrara em seu pulso. A arma monstruosa que eu deixara no Labirinto para que ele a usasse e espancasse meu irmão até transformá-lo numa polpa de cartilagem, para depois manchar a areia de Creta com sua carne abrasada, cintilando sob o luar. As promessas que escaparam de meus lábios, ansiosas e sinceras, quando eu os ergui em direção aos dele.

Teseu reunia o pior dos imortais: a ganância, a crueldade e os desejos infinitamente egoístas que deixavam o mundo de pernas para o ar como uma caixinha de miudezas, despejando seu conteúdo num impulso passageiro por acreditarem que tudo ali dentro lhes pertencia. Ele era igual a inúmeras deidades ambiciosas e mesquinhas, de todos os tipos e castas, que pegavam o que desejassem e jogavam fora o que não queriam mais, sem jamais pensar no rastro que deixavam.

Mas Dioniso me dissera que não era como os outros deuses, e eu sabia que ele também não era como outros homens. Segurei sua mão com mais força.

Ele havia retornado outra vez. Talvez eu pudesse começar a acreditar que ele realmente ficaria.

22

A ilha se transformava a cada dia. De algum modo, a notícia do retorno de Dioniso devia ter se espalhado, pois todas as tardes mais gente chegava. Um bando de moças que riam e cantavam e o seguiam aonde fosse agora convergiam para Naxos, e de repente, a praia solitária e as florestas vazias estavam preenchidas pela melodia das flautas e liras e pelo som de vozes femininas. Fiquei fascinada com elas; “bacantes” era como ele havia dito que se chamavam, e seus rostos radiantes pareciam me cumprimentar em toda parte. As conversas agradáveis traziam vivacidade à calmaria da ilha. Como o próprio Dioniso, suas seguidoras pareciam curiosamente inocentes e muito doces. Eu ficava olhando enquanto elas traçavam caminhos sinuosos por entre as árvores e subiam as encostas das montanhas, os cabelos esvoaçando na brisa que trazia até mim fragmentos de suas canções. À noite, serviam rios de vinho doce e rico para as libações em homenagem a Dioniso enquanto ele

observava tudo com um sorriso de aprovação, e todos bebiam juntos antes de começarem as danças circulares e relaxadas. Elas pareciam impulsionadas por uma alegria simples de viver; o brilho da lua sobre as ondas ou o aroma das flores que cresciam em toda parte davam início a ainda mais canções e risadas. Durante o dia, elas cuidavam dos próprios canteiros de vegetais e teciam no grande tear que agora brilhava como ônix polido, ordenhavam as cabras espalhadas pela paisagem e se aplicavam a tarefas domésticas felizes e tranquilas de um jeito que eu não esperava.

Eu nunca tinha visto grupos grandes de mulheres. Sem a proteção de véus, caladas e subservientes. As conversas rolavam livres e sinceras. Eu me perguntava o que os pais, irmãos e maridos que elas deviam ter deixado para trás pensariam se pudessem ver suas mulheres correndo soltas pela paisagem.

Por alguma razão, eu não conseguia achar meu espaço entre elas, mas me sentia à vontade em tê-las por perto. Sentia um grande prazer debaixo do sol, podando, regando e colhendo os milagres simples de nossas plantações. Durante todo o tempo, havia ainda Dioniso nesse cenário. Fazíamos nossas refeições juntos, e quando ele presidia a adoração das bacantes eu ficava sentada ao lado dele, e não me ajoelhava junto das outras. Os dias se somavam feito contas num barbante – um belo colar, um presente que eu não esperava.

Eu via Dioniso todos os dias, pois agora ele parecia nunca se ausentar. Ele me mostrou que de fato era o melhor dos homens, o melhor dos deuses. Não eram apenas suas histórias; eu já havia me encantado antes com lendas tecidas à luz da lua e aprendido a não confiar na versão de um homem a respeito de si mesmo. Era algo

que eu via em sua risada solta enquanto ele andava ao lado de suas bacantes, na hospitalidade generosa e no cuidado que tinha com todas nós, algo que eu via na conquista gentil da minha amizade e na maneira como buscava minha aprovação. Ele criou para nós um paraíso em Naxos; uma comunidade próspera e feliz que existia fora do alcance das leis e amarras do mundo que havíamos abandonado. Quando dancei em Naxos, senti uma pontada muito distante ao pensar no círculo de madeira brilhante construído por Dédalo em Cnossos. Nenhum sussurro maldoso podia me alcançar aqui, e não havia mugidos distantes nem o ribombar de cascos frenéticos sob meus pés. Nenhuma vergonha acesa, vendo a forma curvada de minha mãe vagando cega pelas ricas tapeçarias e estátuas polidas. Nenhum estremecimento pela malícia solta no ar, nenhum fedor de miasma aderido às pilastras de mármore e aos ladrilhos intricados de cada mosaico. Eu estava feliz por viver uma vida com a qual jamais teria cogitado sonhar. Não senti saudade alguma de Creta.

Havia me apaixonado por Teseu no relampejar de nossos olhares se cruzando em um banquete macabro, enquanto ele estava acorrentado e me prometia, com seu olhar verde e límpido, me libertar. Eu não sabia nada sobre ele quando jurei ser sua mulher, exceto pelas mentiras que ele me contara. Com Dioniso, era tudo diferente. Eu sentia que havíamos estabelecido uma confiança entre nós, algo real e tangível, eu não podia negar o quanto ansiava por ele. Mas não era capaz de ignorar o óbvio.

— Você ainda visitará a ilha daqui a alguns anos? — perguntei certa noite enquanto caminhávamos juntos pela praia.

Ele pareceu surpreso, mas achou certa graça.

— Faz semanas que não vou embora — respondeu ele. — Acho até que você deveria fazer a pergunta oposta.

— Nos anos vindouros, a ilha pode ter mudado. Eu vou mudar — falei, aproximando-me do que eu realmente queria dizer. — Mas você ainda terá a mesma aparência, não é verdade?

Ele pensou na resposta. Sabia a que eu estava me referindo.

— Deuses não envelhecem — falou por fim.

— Mas eu vou envelhecer. Talvez você não queira vir aqui a essa altura, para ver como estou cuidando da sua casa. Ou talvez você traga outras beldades com você, e eu vou varrer o chão e ferver a água para vocês quando meu cabelo estiver grisalho e meu rosto enrugado pelo tempo. — Não consegui impedir que a amargura transparecesse em minha voz ao imaginar como seria isso.

— Amarei você mesmo velha e caquética — disse ele, com uma intensidade que eu jamais ouvira em seu tom antes.

Eu estava mantendo o olhar fixo em outra direção, nas estrelas que começavam a cintilar no céu noturno, mas ao ouvir isso me virei para encará-lo. Ele nunca havia falado daquele jeito comigo, e meu coração batia com uma força dolorosa, fora do meu controle.

— Pode mesmo ser verdade? — sussurrei.

Ele segurou minha mão.

— Posso ir a qualquer lugar do mundo que desejar — disse ele. — A liberdade de um deus não tem limites. Mas só quero estar aqui, ordenhando cabras e conversando com você… — Ele fez uma pausa. — Não consigo amar outro imortal. Eu os vejo, fúteis e estúpidos, inflados com a própria arrogância e com suas crueldades mesquinhas. Os mortais podem envelhecer, mas os deuses são prisioneiros dos próprios caprichos infantis, incapazes de mudar ou

de saber o que significa amar porque não ousam correr o risco do sofrimento causado pela perda.

Seu rosto estava tão aberto, tão contundido de dor e honestidade. Ele nunca parecera mais humano. Um deus não poderia ser tão vulnerável.

— Eu amei Âmpelo. Sei o que é perder alguém. Mas a experiência me ensinou que cada segundo pode ser precioso, mesmo na eternidade divina. Não quero desperdiçar um que seja. Não posso suportar vê-la casada com um homem que não a mereça nem assistir à sua vida se esvaindo devagar, sem deixar filhos ou qualquer traço de que você tenha um dia pisado nesta Terra. Podemos ter somente uma vida mortal, mas ela pertencerá a nós e a mais ninguém.

Talvez minha vida na verdade lhe pertencesse – ele havia me resgatado das garras da morte, afinal. Não havia homem mortal em que eu depositasse mais confiança do que nele. Eu queria descobrir como seria a vida com esse imortal estranho e juvenil com o poder de partir a Terra ao meio, mas cuja natureza era mais gentil do que a de qualquer um que eu já conhecera. Pousei a outra mão em cima de nossos dedos entrelaçados, segurei a mão dele entre as minhas.

Um fiapo de nuvem flutuou na frente da lua como um véu esvoaçante sobre o rosto de uma noiva. Dioniso me puxou para mais perto num abraço sem palavras. Senti seu coração batendo sob o peito como o de qualquer homem mortal. Era fácil demais esquecer que ele não era um deles.

Como você imagina que seria o casamento de um deus do Olimpo? O casal descendo em uma carruagem de nuvens, puxada por cavalos de prata? Túnicas finas incrustadas de rubis e esmeraldas, forradas com o rico púrpura, acinturadas com delicadas correntes de ouro? Um banquete servido em travessas de bronze escovado, com pilhas de carnes assadas alcançando os céus, rios de ambrosia fluindo? Um tropel de divindades altivas circundadas por halos de fogo, incandescentes com poder e beleza além da imaginação?

Dioniso e eu nos casamos em nossa praia ao pôr do sol, cercados por um grupo de bacantes cujos cabelos tinham sido trançados com flores. Um rico vinho tinto foi servido depois no palácio, em lugar do néctar e da ambrosia, e a cerimônia foi iluminada pela luz suave do sol poente, e não pela resplandecência de relâmpagos. Assamos peixe do mar abundante ao redor de Naxos sob o brilho prateado da lua naquela noite e não pensamos em nada nem ninguém fora de nossa ilha paradisíaca.

O único esplendor que tivemos foi o diadema magnífico que Dioniso colocou em minha cabeça quando estávamos juntos. Que mestre artesão o tinha criado eu não saberia dizer. As pontas delicadas se erguiam do aro fino de prata formando um arco brilhante, a base de cada uma incrustrada com joias requintadas que, quando tocadas pelos raios do pôr do sol, ficavam inflamadas de vida. Mesmo como princesa de Creta, eu nunca tinha visto nada tão lindo assim. Por isso fiquei horrorizada quando mais tarde naquela noite, enquanto caminhávamos perto da arrebentação, Dioniso de repente o arrancou da minha cabeça e o atirou no breu fechado à nossa frente.

Dei um grito de choque, sem palavras diante daquele ato. Quando me virei para ele, não fiquei surpresa ao ver que ele estava rindo e, ainda que fôssemos recém-casados, eu estava furiosa com ele.

— O que você pensa que está fazendo? — exigi saber.

— Uma bugiganga pode ser perdida — respondeu ele.

Contive a réplica fulminante que pretendia dar.

— Pode ser roubada, entortada ou ficar manchada e perder o brilho — continuou ele. — Não quero que nenhum presente que eu dê a você seja tão efêmero. Por isso tirei o diadema da sua cabeça, onde só poderia ficar ofuscado pela radiância que você exala, e coloquei-o num lugar onde brilhará para sempre. — Ele pôs a mão em concha em meu rosto e levantou meu queixo em direção ao domo escuro do céu noturno. — Está vendo a nova constelação ali?

Na eternidade da noite, vi os novos pontinhos de luz que cintilavam em um arco extenso. O brilho do meu diadema, agora uma luz ardente contra a escuridão.

— Assim como você nunca me perderá, nunca perderá sua coroa — murmurou ele, seus braços me envolvendo com firmeza. — Seu diadema guiará os marinheiros para a segurança através do labirinto do mar traiçoeiro. As mulheres olharão para ele em busca de conforto, uma luz na escuridão. As crianças sussurrarão seus desejos a ele antes de fecharem os olhos para sonhar. Ele ficará ali, firme e verdadeiro, para todo o sempre.

E assim estávamos casados, nossa idílica vida em comum se estendendo diante de nós.

Levávamos uma vida de sonhadora produtividade sob o sol dourado. Os jardins floresciam, as cabras produziam um leite

espumante e cremoso para o queijo, as videiras se enrolavam e se adensavam por toda parte, e prensávamos as frutas roxas saborosas para fazer o vinho, de tom exuberante como uma pedra preciosa, que toda noite bebíamos juntos debaixo das estrelas.

Os meses iam se misturando, uns após os outros, até o dia em que o jato de leite cremoso que eu extraía da minha cabra preferida me fez torcer o nariz pelo súbito fedor ácido. E o calor parecia me sufocar com um peso insuportável que me dava vontade de largar tudo e afundar numa pilha de folhas na sombra, para dormir e curar a fadiga que me dominava em ondas intensas. E o vinho azedava na minha taça, fazendo meu estômago se revirar com um afluxo preocupante de náusea que percorria meu corpo, fazendo com que eu me sentisse o tempo todo como se estivesse a bordo de um navio agitado.

Achei que estava morrendo, mas as bacantes, de uma constituição mais prática que eu, diagnosticaram minha condição corretamente. Eu estava grávida, e essa notícia feliz iluminou brevemente a névoa de enjoo e exaustão que me dominava. Não floresci com um brilho radiante, mas aquela pequena informação preciosa me trouxe conforto durante a agonia do mal-estar. Eu sabia que quando segurasse o bebê em meus braços, tudo aquilo não passaria de uma memória.

Se eu segurasse um bebê em meus braços no fim das contas, obviamente. Mesmo antes do nascimento medonho do Minotauro, minha mãe não passara pelas gestações como quem trilha um caminho simples até o recém-nascido, embalado nos cueiros e cheio de esperanças, com a luz do futuro brilhando em seu rostinho enrugado. Todas as mulheres sabiam que a jornada do nascimento

era uma viagem entre a vida e a morte, tanto para ela quanto para a criança. À medida que se aproximava a hora de o meu bebê nascer, eu não conseguia reprimir todos os pensamentos sobre aquele caminho arriscado. Lembro-me de Dioniso falando de seu amado Âmpelo, que o destino de todos os mortais estava gravado pelas Moiras no momento em que o fio era tecido, e não cabia a ele alterar o que elas decidissem. Sua alegria com a notícia parecia completa e verdadeira, e eu não detectei qualquer sinal de que ele antevia uma tragédia no lugar de um novo começo. Mas eu sabia que, mesmo com seu poder divino, o futuro não se apresentava inteiro para ele. Os mistérios do nascimento eram ocultos para todos, e nem mesmo as deusas do Olimpo estavam imunes a seus golpes amargos.

Fiz libações para Ilítia, deusa dos partos. Agradeci de todo coração a Deméter por ter agraciado meu útero. Reuni comigo as mais próximas das minhas bacantes que tinham ajudado outras mulheres a navegar aquele caminho perigoso, e algumas que já o haviam percorrido por si mesmas. Fizemos todos os preparativos possíveis. Mesmo assim, quando a dor perfurante me atravessou a primeira vez, me tirando o fôlego, eu soube na mesma hora que não estava nem um pouco preparada.

Tinha ouvido histórias das minhas aias em Creta sobre o esforço e o tormento que me aguardavam. Nenhuma garota acreditava que, um dia, talvez fosse a sua vez de ficar deitada ali, aprisionada de terror e agonia, com medo de ser rasgada em pedacinhos ao tentar trazer sua criança ao mundo. Esses medos me dominaram a princípio, junto com as dores. Contraí o corpo com força e lutei contra as ondas que sacudiam meu âmago, até que minhas parteiras bacantes me convenceram a parar de resistir. Puseram tecidos frios

em minha testa, seguraram minhas mãos e respiraram junto comigo para atravessar a dor.

E enquanto faziam isso, a calma começou a se espalhar por meus ossos. Quantas outras mulheres estariam, naquele exato momento, passando pelas mesmas dificuldades que eu? Todas nós fazendo um esforço enorme e grunhindo para conseguirmos parir nossos bebês em segurança. Ficava imaginando-as quando cada uma das ondas pressionava minha barriga. Em vez de me debater, tentei embarcar nas marés de dor até o fim e recuperar o fôlego nos momentos de calma entre elas. Eu via as mulheres do mundo – sobre sofás amplos e macios em palácios dourados, protegidas pela sombra de tendas nos desertos, em cabanas construídas no meio da lama ou da pedra, em regiões que se estendiam até os confins da Terra – e enquanto me apoiava sobre as mãos e os joelhos, sentia que nos erguíamos em sincronia umas com as outras. Como uma imensa constelação brilhante no céu noturno, eu sentia que trabalhávamos todas juntas para que cada uma de nós pudesse trazer novos pontos de luz ao universo. Tinha a sensação de receber o apoio delas, suas mãos nas minhas costas e suas palavras de encorajamento se derramando em meus ouvidos até que, com um gigantesco esforço final, meu filho nasceu.

No turbilhão que se seguiu, alguém o entregou para mim e eu o segurei, pequeno, úmido e revoltado em meus braços. Eu não tinha palavras para aquele sentimento. Aos poucos, o quarto se acalmou e ficou em silêncio, e me dei conta da brisa fresca que soprava pela janela. Uma alvorada cinza-perolada começava a iluminar o céu lá fora, e a parte de baixo das nuvens estava banhada de rosa-claro. As unhas minúsculas e perfeitas do bebê cintilaram como conchas

em miniatura sob os primeiros raios da manhã quando ele apertou meu dedo com o pequenino punho.

Nenhum cometa rasgou o horizonte para proclamar o nascimento do filho de Dioniso. Nenhum terremoto sacudiu a terra nem trovões estrondaram no céu. Meu filho não nasceu para derrubar montanhas nem lutar contra gigantes. Nunca tive que olhar para seu rostinho e ver um destino poderoso assomando na testa minúscula e franzida enquanto ele dormia, embriagado e atordoado de tanto leite, contra a minha pele. Quando seu corpo se agitava para despertar, os membros esticados como uma estrela do mar, surpreso por estar fora do ambiente apertado do útero, eu nunca enxergava as sombras de um grande futuro se agrupando para engolfá-lo na escuridão pesada. Seus punhos de criança nunca tiveram que esganar uma serpente no berço, e nenhum grande segredo do qual ele devesse tomar posse o aguardava debaixo de um pedregulho imenso a ser movido.

Demos-lhe o nome de Enopião, aquele que bebe vinho. Jamais desejei que ele sentisse o peso do sangue divino de seu pai. Queria que ele herdasse apenas a natureza alegre de Dioniso e que crescesse com o ritmo da prensa de vinho, o som rico das uvas sendo esmagadas e a alegria do convívio que poderia levar consigo aonde quer que fosse. Ele não seria ameaça para a vingativa Hera; não traria discórdia aos salões do Olimpo reivindicando glórias para si.

Fiz o melhor que pude para disfarçar minha euforia sob uma calma silenciosa e sorridente. Não exultava em altos brados minha boa fortuna nem gritava minha alegria aos céus. Seguíamos com nossa existência tranquila, e eu tomava o cuidado de não aplaudir

alto demais quando meu filho conquistava seus pequenos triunfos: a curva torta do primeiro sorriso, os primeiros passos cambaleantes, a melodia das primeiras palavras. Guardava a felicidade e o orgulho dentro de mim e pressionava o rosto radiante contra a penugem de sua cabecinha perfeita, torcendo para que ninguém nos céus percebesse o modo como eu inalava seu aroma. Estava determinada a não atrair qualquer atenção divina.

Prendia a respiração quando Dioniso o segurava junto ao corpo e o carregava pela praia, quando sustentava seu olhar e falava um monte de bobagens para ele num tom muito sério, como se os dois estivessem tendo uma conversa profunda, quando ele contorcia o rosto numa série de expressões ridículas que provocavam gargalhadas satisfeitas e incontroláveis em Enopião. *Não deixe que eles vejam quanto você o ama*, eu implorava a ele em silêncio. Mas se algum olhar imortal passava pela direção de Naxos, eles deviam achar nossa tranquila vida doméstica tediosa demais para inspirar até mesmo o capricho da destruição mais casual. Conforme as estações se seguiam umas às outras, cada uma trazendo novos deleites maravilhosos, conforme meu ventre inchava outra vez, depois mais outra, e nossa felicidade parecia fluir como um rio incessante, comecei a pensar que havíamos de fato escapado para sempre dos olhares do resto mundo.

Claro que eu era a única que desejava escapar disso. Dioniso ainda buscava seguidoras – mais bacantes em nossa costa, mais santuários erigidos ao redor do mundo em sua homenagem. Eu me lancei na maternidade, cada nova descoberta que meus filhos me traziam me absorvia, e estava determinada a jamais permitir que eles

olhassem para mim e vissem o vazio que eu me lembrava de ver nos olhos de Pasífae.

Já não acompanhava mais Dioniso até a floresta para os rituais do vinho. Ele conduzia suas bacantes pela montanha naquela procissão solta e ondulante enquanto eu colocava as crianças para dormir toda noite. Eu sabia o que os rituais envolviam: os hinos em sua glória, o vinho derramado e a dança da celebração. Um deus devia precisar desse tipo de adulação de seus seguidores; eu dizia a mim mesma que estava satisfeita com os braços gorduchos de meus bebês enlaçados em meu pescoço e com os beijos desajeitados que cobriam minhas bochechas.

Eu não achava que nada nos rituais tinha mudado até a manhã em que estava andando com meu filho mais novo, Taurópolo, tentando acalmá-lo para que dormisse com meu balanço, pois ele não admitia a possibilidade de descansar no berço. Enquanto eu caminhava e seus olhos iam ficando pesados, vi um grupo de bacantes batendo tecidos brancos nas pedras perto do rio – uma situação bastante comum –, mas naquele dia olhei e depois olhei de novo. No lugar em que fluía por sobre as rochas, a água costumava correr cristalina, numa torrente brilhante e translúcida. Em vez disso, ela agora cascateava num fluxo vermelho-escuro e, na base das pedras, onde voltava a se juntar com o rio, uma espuma ameaçadora cor de rubi se formava. Parei confusa e, quando respirei fundo, senti o cheiro de ferro e sal no ar.

O sacrifício animal nunca fizera parte dos rituais na época em que eu os frequentava. Eu já vira isso acontecer muitas vezes em Creta, mas nunca ali, e me sentia grata por Dioniso jamais ter exigido tal coisa de suas seguidoras. Meu corpo se encolheu ao pensar que

isso pudesse ter mudado. Sempre odiara assistir à cena: o lampejo da faca, os veios sangrentos que desciam pelos sulcos do altar e a criatura caída, sem vida. Os outros deuses se compraziam dessa crueldade. Dioniso, certamente não. Mas que outra razão poderia haver para as bacantes estarem lavando as túnicas com tamanha quantidade de sangue?

Dioniso tinha ido embora para o mar ao alvorecer, e eu não sabia quando ele retornaria para poder lhe exigir uma explicação do que estava vendo. Será que devia falar com as mulheres agora ou esperar que ele voltasse? Puxei o ar. Poderia confiar na honestidade dele se lhe perguntasse diretamente? Tive um momento de indecisão, mas quando estava prestes a dar um passo à frente, olhei de relance para o oceano e, pela segunda vez naquela manhã, uma visão surpreendente me fez parar de forma abrupta.

Um navio se aproximava da costa, ostentando as velas brancas de Atenas.

PARTE III

23

Fedra

Hoje eu me pergunto como demorou tanto tempo para a história chegar à nossa corte. Naxos era tão perto; durante todos aqueles anos eu poderia ter chegado lá com um único dia de viagem. Mas se por um lado não confiava na versão de Teseu do que tinha realmente acontecido, por outro, jamais duvidei de que ela estivesse morta.

O festival que eu havia incentivado se tornara um evento anual que atraía visitantes à cidade aos montes. Recebíamos muitos hóspedes durante o ano todo; mercadores ricos e membros da realeza de diversas regiões da Grécia e de outros lugares circulavam constantemente por Atenas. Eu adorava ser a anfitriã, ocupar a posição de rainha no centro de tudo, e aquela noite não foi diferente das outras. O dia inteiro tinha sido tão atordoante; o sol castigava com um brilho incessante que fazia as pedras lá de fora parecerem incandescentes debaixo das minhas sandálias finas. Minha gravidez estava avançada, e durante todo aquele verão o calor tinha feito

meus ossos doerem de exaustão. Eu ansiava por ventos frios, névoa, chuva, neve nos picos distantes das montanhas. Agora, o brilho suave da lua e a leve brisa que soprava no ar da noite eram muito bem-vindos, e estávamos sentados sob as estrelas no pátio aberto, saboreando vinho após uma bela refeição.

O capitão de uma frota que havia aportado mais cedo, com um grande carregamento de produtos a serem trocados pela nossa prata, ergueu a taça, e eu sorri para ele.

— Um brinde ao seu vinho, rainha Fedra — disse ele. — Tão bom que devo perguntar se vem do próprio Dioniso.

Dei uma risada.

— Disso não podemos nos gabar, meu bom capitão, mas as vinícolas de Atenas são excelentes. — Achei que ele estava brincando.

— Ah, eu estava me perguntando se teria sido um presente de seu poderoso cunhado — disse ele.

Franzi a testa.

— Como assim?

Ele ficou confuso com a minha surpresa.

— Dioniso, o marido de sua irmã, o deus do vinho… — Ele parou de falar ao ver a expressão em meu rosto.

— Não creio que estejamos falando da mesma coisa, capitão — disse. — Não tenho mais nenhuma irmã viva. — Vi de relance o olhar de Teseu; percebi que ele parecia atipicamente pálido. Sentei-me mais ereta na cadeira.

O rosto sincero do capitão se crispou.

— Então… minhas condolências por sua perda, minha senhora. Deve ter sido muito recente.

Foi então que senti. O estalo da ansiedade de Teseu. Ele fez menção de se levantar, mas ergui a mão para impedi-lo, e algo na minha expressão fez com que ele obedecesse. Não havia nada que ele quisesse mais do que um herdeiro, então a balança de poder estava pendendo um pouco mais para o meu lado naquela época.

— Acredito que minha irmã está morta há sete anos — falei calmamente. — Suponho que você se refira a Ariadne, certo? Pois não tenho nenhuma outra irmã até onde sei.

O capitão tropeçou nas palavras, muito desconcertado pelo modo como Teseu e eu olhávamos feio para ele; o homem ficou encurralado na raiva que brotara entre nós e que ele não poderia compreender. Percebi que ele desejou não ter falado nada.

— Ariadne, sim — respondeu ele. — Mas ela não estava morta durante esses sete anos, rainha, muito pelo contrário, ela se casou com Dioniso de Naxos. Eu não sabia… Eu não poderia ter… jamais imaginei que a senhora não soubesse.

— Como pode ser? — sussurrei. O bebê se revirava dentro de mim, empurrando os pés contra a parede do meu estômago. Ele estava tão restrito naquelas últimas semanas, que mal tinha espaço para se mexer.

O capitão engoliu em seco.

— A constelação acima de nós, minha senhora — arriscou ele. — A coroa de estrelas do céu, bem ali.

Ele apontou e eu olhei para cima, como se estivesse sonhando. O arco de estrelas no céu ao norte parecia mesmo uma coroa.

— Esse foi o diadema que ele deu a ela no dia do casamento — disse o capitão.

O choque escapou de mim como uma maré cheia. Dei um impulso para ficar de pé, odiando o inchaço desajeitado do meu corpo e o quanto ele atrapalhava meus movimentos, quando tudo que eu queria naquele momento era sair correndo.

— Minha esposa — disse Teseu rapidamente. — Ela não está bem, queira nos dar licença.

Ele me segurou pelo cotovelo, um gesto de apoio, mas eu sentia o aperto firme de seus dedos. Uma onda de náusea subiu dentro de mim. Ele estava me conduzindo para longe da corte, para longe de testemunhas. Um burburinho de conversas em tom preocupado se espalhava atrás de nós, mas ele não parou, empurrando-me para o interior do palácio, até meus aposentos.

Depois que entramos, ele fechou a porta com força. Seu rosto estava desafiador. Frio. Sentei-me na cama, as mãos pressionadas contra a barriga, tentando me concentrar no que precisava falar para obrigá-lo a finalmente dizer a verdade.

Ele começou.

— Eu não menti.

Aquilo dava vontade de rir, mas eu ainda estava ofegante, e o ar ficou preso em meus pulmões.

Ele continuou.

— Não a princípio. Eu a vi lá, morta. — Ele me viu abrir a boca e levantou a mão para me interromper. — Eu sei, eu sei o que você vai dizer. Eu acho… Acho que Ártemis deve ter me enviado essa visão.

Mesmo em meio ao choque, ainda fiquei impressionada com o compromisso que ele tinha com a mentira contada tantos anos antes. Senti uma agitação dentro de mim, como um punho se fechando devagar em torno do meu útero. Puxei o ar com força.

— É isso — prosseguiu ele, começando a andar de um lado para o outro, com a mão na mandíbula, sem olhar para mim. — Dioniso deve ter desejado Ariadne para si. Então Ártemis me obrigou a vê-la como se estivesse morta, para que eu a deixasse lá para ele.

— Você me disse que lutou contra a serpente. Que enterrou o corpo dela. — Forcei as palavras a saírem.

— Um sonho — respondeu ele. — Deve ter sido um sonho.

— Você sonhou. E largou minha irmã lá sozinha. — Minha voz estava apática.

Ele não me olhava nos olhos.

— Você mesma me disse que não podemos conhecer a mente dos deuses — disse Teseu. — Seu poder… suas ilusões. Eles são maiores do que qualquer um de nós.

A ilusão era a minha vida. Perdi o ar quando, mais uma vez, uma pontada de dor contorceu minhas entranhas, na parte baixa do ventre.

— Mas você sabia — sibilei por entre os dentes cerrados.

Ele achou que era a fúria que me fazia grunhir. Não sabia da agonia que irradiava pelo meu corpo como um raio de prata.

— Eu ouvi dizer… mais tarde. Bem mais tarde. Só fui descobrir recentemente. — Ele lançou um olhar para a minha forma inchada. — Não quis lhe causar nenhuma preocupação; sabia que você ficaria transtornada com a notícia.

O suor começou a brotar em minha testa. Eu respirava rápido enquanto o aperto forte em minha barriga se soltava em ondas e a dor diminuía.

— Fiquei muito mais transtornada com a ideia de que o corpo da minha irmã era só um monte de ossos apodrecidos numa ilha

distante. Mas agora descubro que ela é a esposa de um olimpiano!

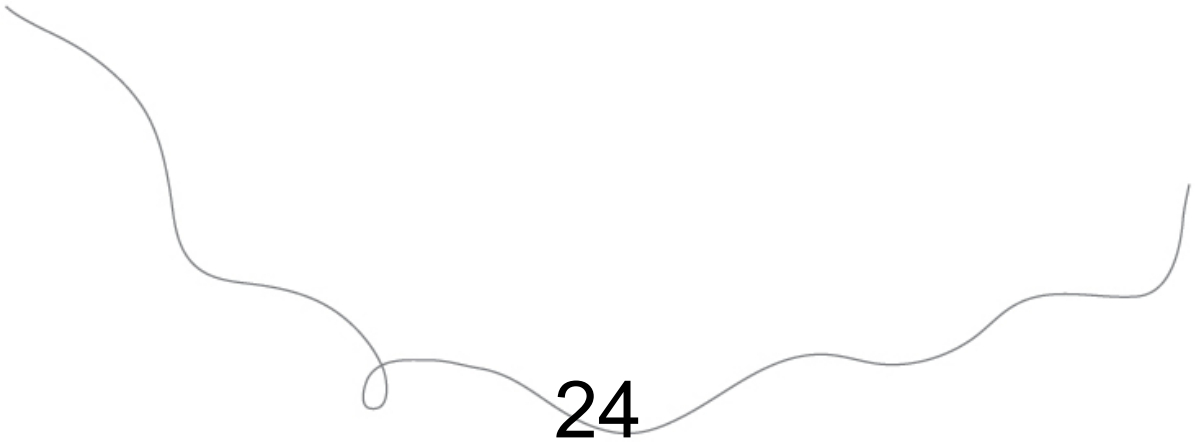
Por fim, ele olhou para mim e respondeu à pergunta que estava implícita.

— Sua irmã era uma traidora — disse ele. — Como eu poderia trazê-la de volta ao palácio de Atenas? Meu povo tinha acabado de se livrar do jugo venenoso de Medeia, outra princesa estrangeira que deixou atrás de si um rastro de sangue dos próprios parentes.

— Você é o herói deles; poderia ter trazido a noiva que quisesse! — gritei. — Além do mais, Atenas só devia gratidão à minha irmã pelo que ela fez; a cidade cujos filhos ela salvou!

Ele abriu a boca para argumentar de novo, mas foi a minha vez de silenciá-lo. Agora eu sabia o que eram as ondas de desconforto que tinham me incomodado de forma intermitente durante todo aquele dia. Quando os espasmos começaram outra vez, falei antes de voltar a ficar sem fôlego.

— Teseu — arfei. — Chame as mulheres. Começou.



24

Fedra

Eu tinha ouvido muito sobre o tormento do parto, mas ninguém havia me falado a respeito da tristeza que se seguia. Quando puseram a criança em meus braços, eu me senti confusa. As parteiras se agruparam à minha volta, com olhares de expectativa. Eu não conseguia entender o que elas estavam esperando. Eu estava dolorida e exausta. Desejava dormir mais do que jamais desejara qualquer coisa na vida. E mesmo assim elas me entregaram essa criatura aos berros, seu rostinho vermelho se contorcendo com a violência dos gritos. Achei que o volume faria minha cabeça se partir em duas.

Não consegui confortá-lo com meu embalo inexperiente. Chorei de frustração quando ele virou a cabeça para longe do meu seio e continuou a se esgoelar. Lembrei como a minha própria mãe tinha encontrado um jeito de amar um monstro e me perguntei por que eu só conseguia sentir desespero misturado a uma vaga sensação de

pena por aquele pequeno bebê raivoso que parecia tão decepcionado por estar comigo.

— Leve-o — falei, quase implorando.

Quando a mulher ao meu lado obedeceu, me olhando com um pouco de desconfiança, senti apenas alívio. Nos braços experientes dela, ouvi os gritos começarem a se aquietar, até se tornarem pouco mais que algumas fungadas. Desviei o olhar.

Minha falta de instinto materno me inundou de vergonha. As lágrimas que queimavam em meus olhos não eram de alívio, amor nem felicidade. Eu chorava por mim mesma e pela terrível constatação que se estabelecia dentro de mim; o buraco imenso e negro que se escancarava em minha alma.

A verdade era que eu odiava ser mãe. Desde aquele primeiro momento de choque depois do parto, e durante cada hora que veio na sequência. O bebê passava o dia inteiro grudado em meu peito, ávido e desesperado. Parecia chorar pela noite toda, seus guinchos ensurdecedores acabavam com a minha paz, incessantes, até eu chegar à beira da loucura. Com a ansiedade de não deixar que ninguém percebesse a minha terrível falta de amor, aquela estranha anomalia crua e podre que me rodeava, eu fazia questão de atender sozinha a todas as necessidades dele. Mandei minhas aias embora; desviava o olhar das mulheres mais velhas e preocupadas, que pareciam pairar sobre mim o tempo todo, oferecendo seus conselhos inesgotáveis e sua ajuda. Não podia deixar que elas vissem o que eu era. Que tipo de mãe sentiria pelo próprio filho um vazio tão anormal no coração?

Quando Teseu veio conhecer o filho, observei-o com curiosidade. Ele parecia bastante satisfeito, embora não muito interessado. Invejei

sua indiferença despreocupada.

— Como ele se chama? — perguntou Teseu.

Dei de ombros. Não tinha coragem de falar. A fadiga devastadora que me dilacerava poderia deixar escapar qualquer coisa se eu abrisse a boca.

Ele parecia tão deslocado, quase um pouco ridículo, equilibrando um bebê minúsculo em seus braços grossos e musculosos. Ele não hesitaria em adentrar um abismo escuro e vertiginoso para combater os horrores dali com seu bastão de ferro, mas não tinha a mínima ideia do que fazer com uma criança. Deitei a cabeça nos travesseiros macios empilhados atrás de mim e senti as lágrimas formigando nas pálpebras. Não haveria salvação para mim, não haveria trégua. Eu ficaria sozinha naquela situação, não que eu jamais tivesse imaginado que seria de outra forma. Um orgulho teimoso se acendeu em algum lugar nos escombros do meu corpo. Eu nunca deixaria ninguém saber da solidão que eu sentira ao observar meu marido segurando meu filho.

— Acamas? Lino? Demofoonte?

Fiz que sim com a cabeça, sem abrir os olhos.

— Demofoonte — falei. Não me importava. Mas pelo menos o bebê tinha um nome.

Desenvolvi uma espécie de habilidade sombria. Ele chorava e eu o amamentava. Andava de um lado para o outro com ele no colo e até cantava canções. Quando isso não funcionava, a fúria se formava em minha garganta; noite após noite, eu a engolia de volta e me mantinha firme. Esperava que, se continuasse seguindo em frente como se fosse uma mãe normal, isso acabaria se tornando verdade.

Certa manhã, assisti ao nascer do sol, com os cotovelos apoiados na borda funda do parapeito da janela e sentindo no rosto o calor distante daquele disco dourado. Eu estava acordada havia muito tempo, e apesar do corpo esgotado, meu cérebro estava caótico, acelerado demais para conseguir descansar. O bebê respirava num ritmo tranquilo atrás de mim. Estava feliz longe dos meus braços, onde havia se contorcido e esperneado e chorado a noite inteira. Ele não me queria mais do que eu o queria. Sentia que ele ficava rígido em contato com o meu corpo, arqueando a coluna e dando chutes sempre que eu o pegava. Seria melhor para nós dois, pensei com uma estranha calma, se eu fosse embora do palácio adormecido em direção àquela alvorada ardente e nunca mais voltasse.

Vasculhei o cérebro buscando a raiz da minha frieza. O único bebê que eu vira de perto tinha sido aquela monstruosidade que minha mãe dera à luz. Somente Ariadne havia sido corajosa o bastante para voltar aos aposentos de Pasífae regularmente, engolindo a repulsa e tratando a criatura como se fosse um bebê igual a todos os outros. Ariadne, minha irmã gentil, viva e não morta no fim das contas, mas ainda longe de mim. Se ela estivesse ali, se pudesse me ver, saberia num segundo o que eu sentia e ficaria horrorizada comigo. Era melhor que ela não estivesse ali, falei a mim mesma, melhor que ela não soubesse como o coração de sua irmãzinha era vazio.

Mas o Minotauro era uma aberração, disse a mim mesma. Eu me forçava a olhar para o rostinho do meu bebê e tentava sentir, no fundo do coração, a conexão que deveria existir entre mãe e filho. Ele tinha saído de dentro de mim, afinal. Por que eu via um estranho quando o olhava? Ele não era o resultado de um ato inominável. Não

era um ser horrendo; meu bebê pelo menos era humano. Então por que parecia tão difícil amá-lo? Eu não sabia.

Era como se eu estivesse nadando durante aqueles primeiros meses da vida do meu filho, submersa em um mar de cansaço. Eu me sentia canhestra e inadequada, além de profundamente sozinha. Já tinha feito as pazes com esse assunto no navio que me trouxera até ali anos antes – acreditando que minha irmã estava morta –, trocada pela paz por meu irmão como uma pilha de moedas de ouro ou um rebanho de gado premiado. Sabia que a confiança era uma tolice, por isso valorizei a independência do meu espírito. Havia prosperado na companhia dos outros, com piadas inteligentes e conversas alegres, mas sem jamais cultivar os vínculos estreitos de uma amizade. Até ali, eu amava minhas oportunidades de estar sozinha, os momentos tranquilos que se apresentavam longe da corte entre uma visita e outra, quando tinha a chance de organizar meus pensamentos. Mas meus pensamentos nunca tinham me assustado. Agora, os momentos vazios eram aterrorizantes. Quando eu conseguia escapar do tédio de cuidar do bebê e arrumava uma brecha, às vezes caminhava pela muralha da cidade, imaginando se eu teria energia suficiente para me jogar daquela altura em direção à encosta rochosa lá embaixo.

Estava debruçada sobre um dos muros, pensando exatamente nisso, quando senti as mãos de Teseu segurando meus ombros. Girei nos calcanhares, perplexa, reconhecendo imediatamente o toque dele. Fazia um tempo que ele estava longe da cidade – eu não sabia quanto tempo, pois as semanas se sucediam numa névoa sem cor –, e fiquei um pouco chocada pela agitação em meu peito ao ver seu rosto familiar. Ele estava bronzeado de sol e reluzindo de

vitalidade, com o brilho de alguém que viveu aventuras no mar, e parecia estar feliz.

Enlacei os braços no pescoço dele. Dava para sentir que ele estava surpreso; eu nunca tinha sido tão efusiva. Senti o cheiro do sal em sua pele e fechei os olhos, absorvendo a fragrância. Naquele momento, ele tinha tudo que eu desejava – liberdade, emoção, fuga. Percebi que ele tentou se afastar, mas pressionei meu corpo contra o dele com mais força.

Ele riu, satisfeito com aquela demonstração de afeto, acreditando que era por causa dele. Inspirei mais fundo, inalando o aroma do mar e todas as possibilidades que as ondas reservavam.

— Como está nosso filho? — perguntou ele. Soava jovial, feliz, ansioso para saber notícias de casa.

Ao menos dessa vez, eu realmente desejava ouvir as histórias de suas viagens, e senti que murchei e me afastei dele, decepcionada.

— Está crescendo — respondi, voltando a ficar irritadiça e cansada.

— Quase um ano — disse Teseu. Ouvi a nota de orgulho na voz dele por ter um filho que continuava a crescer saudável.

— Talvez ele fique com medo e chore ao ver você — avisei.

Ele também chorava quando me via, ainda que eu fizesse tudo que se esperava de uma boa mãe. Nunca dizia uma palavra sobre meu sofrimento para aqueles ouvidos infantis. Mesmo assim, minha melancolia devia tê-lo contaminado de algum jeito.

— Ele vai se acostumar comigo — declarou Teseu. — Onde ele está? Deixe-me vê-lo agora.

Quando o levei até o bebê, Demofoonte deu gritinhos agudos de felicidade e presenteou o pai com um raro sorriso. Vendo-os juntos,

senti um punho frio apertando minhas entranhas. O sorriso do garotinho era igual ao do pai; o rosto de Teseu refletido em miniatura.

Eu tinha me agarrado a Teseu perto da muralha da cidade, apesar do ressentimento que nutria por ele, apesar da minha total incredulidade naquela história dele sobre uma visão, um sonho divino que o fez deixar minha irmã para morrer em Naxos – tornando-o um assassino, ainda que tivesse falhado. Agora eu voltava a me encolher. Tinha visto a mim mesma como um monstro, incapaz de amar uma criança inocente. Mas ali estava Demofoonte, uma miniversão de Teseu. Ele podia até ser um bebê agora, mas era filho de seu pai, e quem poderia saber que mentiras um dia não sairiam de seus lábios com tamanha desenvoltura, e com que facilidade ele não seria capaz de segurar nas mãos a vida de uma mulher e reduzi-la a pó? Estremeci e me virei para longe dos dois. Por um breve momento, eu pensara que talvez encontrasse algum conforto na presença de Teseu, mas eu sabia com uma certeza fria e profunda que qualquer afeição que pudesse ter sentido por ele já tinha sido sufocada havia muito tempo.

Eu estava simplesmente exausta. Sentia que já não sabia mais quem eu era. A rainha competente que havia equilibrado as demandas da cidade com tanta destreza agora era a escrava do choro incessante vindo do berço. Meu único consolo era pensar que, à medida que ficasse mais velho, meu filho precisaria de mim cada vez menos, e talvez eu pudesse começar a montar outra vez os fragmentos da minha vida.

Ele começou a andar, e comemorei cada passo que ele dava para longe de mim. O torpor que sufocava meu coração por fim começou a ceder, e senti os primeiros movimentos de algo que podia

ser quase amor – ou no mínimo interesse. Ele não parecia mais tão irritado com o mundo, e em vez dos gritos autoritários que me acordavam na maioria das manhãs, eu às vezes o encontrava contente murmurando sozinho. Certa manhã, ao ver meu rosto acima do seu, ele sorriu para mim, e uma minúscula lasca de gelo se derreteu dentro de mim no momento em que ele estendeu os bracinhos roliços para enlaçá-los ao meu pescoço.

O terrível primeiro ano passou, e ousei acreditar que eu estava começando a emergir das brumas sombrias. Sentia a esperança se infiltrando por entre a tristeza, pouco a pouco. Teseu tinha ido embora, e durante algumas semanas acreditei que poderia voltar a me sentir feliz. E então, veio o dia em que uma das criadas me trouxe uma travessa cheia de pão, queijo e mel para o café da manhã e meu estômago se revirou só de olhar para a comida. A náusea acabou com a minha fome e, para o meu horror, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para impedir, um fino jato de vômito espirrou no chão. Fiquei olhando para a poça fedorenta, uma terrível constatação começando a se formar em minha mente.

Eu estava desesperada para acreditar que não passava de um mal-estar, qualquer doença, menos aquilo que eu sabia que realmente era. Mas o enjoo continuou por muito tempo, acompanhado por um cansaço assustadoramente familiar nos ossos. Por mais que eu quisesse, nenhum sangue veio com a lua nova. Foi com um horror inacreditável que me dei conta de que estava grávida outra vez, e o desespero ameaçou me tragar de novo.

A gestação foi um pesadelo. Eu me sentia aprisionada pelo peso sufocante das obrigações, das penosas tarefas diárias e da exaustão. Meu segundo filho nasceu. O parto foi mais fácil que o

primeiro, mas também não senti nada quando me entregaram o bebê. Aquele ímpeto que eu sentira em direção ao mar, quando abracei Teseu perto da muralha da cidade, aquele rompante de possibilidade era uma memória distante. Naxos estava a uma pequena distância pelo mar, mas me parecia tão inalcançável quanto as estrelas fixas no céu noturno.

Ariadne nunca tinha vindo me procurar. Nunca tinha pensado em me avisar que estava viva, afinal. Agora que ela estava casada com um imortal, será que estava querendo evitar a família humana? Teria ela se elevado acima da carniça da nossa maldição, da besta furiosa que nos afundara? Ela agora voava livre acima de nós?

Eu queria encontrar minha irmã, mas as demandas estridentes de meus dois filhos me ancoravam, enraizada no mesmo lugar durante aqueles primeiros anos. E eu ainda precisava descobrir os outros segredos que Teseu mantinha; um deles em particular me prenderia ainda mais a Atenas antes que eu pudesse ir atrás da minha irmã e ver seu rosto outra vez.

25

Ariadne

Anos haviam se passado desde que eu vira um navio como aquele. As bacantes vinham se juntar ao nosso bando de seguidoras a bordo de botes ou balsas, os remos puxados por moças jovens e fortes: donzelas buscando refúgio de casamentos com homens velhos e enrugados; esposas cansadas da natureza esmagadora de atender todos os dias às necessidades de todos, exceto às suas; mulheres inteligentes e impetuosas que esfregavam o chão e atiçavam o fogo e teciam panos e batiam roupas sujas nas margens dos rios enquanto os homens jogavam dados nas praças e discorriam longamente sobre filosofia, bebendo vinho sob o sol da tarde e organizando o mundo de forma a adequá-lo a si mesmos. Essas mulheres partiam em suas embarcações frágeis pelo vasto mar azul, à procura de algo melhor que haviam ouvido dizer que encontrariam conosco.

Dioniso não era um líder nada exigente. Com um movimento preguiçoso da mão, convidava as mulheres para beberem vinho e ficarem à vontade. Eu as via nas procissões serpenteando pela montanha, os cabelos soltos balançando atrás delas enquanto riam. Nos altares em homenagem a meu marido o incenso queimava, e a fragrância doce das flores empilhadas ali pairava sobre a ilha numa bruma pesada. Agradava-me o fato de ele não exigir que elas fizessem grandes sacrifícios. Ele não ligava muito para as pragas, os úteros estéreis e as mortes prematuras que os outros deuses impingiam tão despreocupadamente a seus seguidores, intercaladas aqui e ali com pequenos milagres especiais – uma chuva, um bebê que sobrevivia a cada dez, uma plantação que vingava –, de modo que eles continuassem a empilhar oferendas para os vaidosos e ingratos imortais, como se suas esperanças vãs fossem alcançar o topo do monte Olimpo. Esses jogos não eram o estilo de Dioniso. Ele permitia que suas seguidoras o celebrassem como bem entendessem. Desde que houvesse vinho, ele não se interessava muito pelo culto à sua pessoa.

Será que eu deveria ter me perguntado o que acontecia naquelas noites em que ele conduzia as mulheres pela floresta, para além do alcance de meus olhos? Eu sempre confiara nele. Acreditava ser o suficiente para ele, esse deus que não era como os outros deuses. Agora sentia uma ponta de incerteza vendo aquele sangue escorrendo das túnicas das bacantes para o córrego, novas linhas de cansaço marcando seus rostos jovens. Teria acontecido alguma coisa de que eu não tinha conhecimento? Hesitei por um instante, uma vertigem esquisita e pouco familiar ameaçando tomar conta de mim, como se de repente eu estivesse à beira de um precipício

quando pensava estar caminhando sobre um terreno seguro e conhecido.

Eu sabia que Dioniso também tinha homens que o seguiam; eram chamados de sátiros. Já ouvira falar de seus desfiles embriagados e exibições lascivas, mas eles não perturbavam a tranquilidade da nossa ilha com suas celebrações barulhentas, e eu não pensava que Dioniso fosse nem um pouco como eles. Os sátiros certamente não navegavam em poderosas embarcações cujo mastro enorme encobria a visão do sol à medida que se aproximava da nossa praia.

Afastei-me das bacantes e sua lavagem medonha e me apressei até meu rochedo; o mesmo pedregulho ao qual eu me agarrara ao avistar o navio pirata que havia trazido Dioniso até mim. Taurópolo se contorcia em meus braços enquanto eu me inclinava para a frente, a impaciência para enxergar melhor me tornando descuidada. Confortei-o – um bebê um tanto rabugento nesses primeiros meses desde o nascimento – e dei um passo para trás, momentaneamente paralisada pela indecisão.

Dioniso estava em uma de suas viagens. Ele agora viajava com mais frequência, o que me incomodava um pouco, mas nunca passava muito tempo fora. Andava pelo mundo espalhando informações sobre o vinho e a alegre sabedoria compartilhada entre aqueles que o seguiam, mas seus pés divinos logo o impulsionavam através das ondas para que ele pudesse nos ver e embalar seus filhos amados. Seus seguidores eram recrutados entre aqueles que buscavam os prazeres simples do vinho e da música, e suas veias eram preenchidas com a rica embriaguez provocada por companhias tão felizes. Eram eles que traziam glória a Dioniso.

Não parecia provável que aquele imenso navio carregasse as bacantes ágeis e espertas em busca de liberdade, tampouco era conduzido pelos bêbados agradáveis, porém libidinosos, que celebravam Dioniso em outras terras. Então, quem estaria ao leme daquela embarcação e o que essa pessoa pretendia ao se aproximar? Tive que decidir o que fazer – e bem rápido. Era tradição dar as boas-vindas, pois a hospitalidade era a regra para todos. Qualquer um de nós poderia acabar indo parar em alguma costa distante, necessitando de um jantar nutritivo e de uma cama quente para a noite. O estranho podia ser um príncipe disfarçado – ou mesmo um deus se passando por reles mortal para testar sua bondade.

As bacantes também tinham visto o navio se aproximando, e ondas de ansiedade se espalhavam pela casa e pelos campos ao redor enquanto elas especulavam aos cochichos quem poderia ser. A primeira suposição era a de um exército furioso de homens que vinham reaver suas mulheres desgarradas. Por isso elas se apavoraram, e foi o medo delas que me deixou estranhamente calma.

— Não se preocupem — orientei, e ocupei-as com tarefas e afazeres: deixar o vinho servido em taças de ouro, varrer o chão para que as túnicas de nossos convidados não se arrastassem na poeira, afofar as camas de penas para receber confortavelmente os viajantes cansados. Ao fazer isso, eu me acalmei o suficiente para caminhar pela praia, controlada e em silêncio.

Um navio de Atenas. Fazia muitos anos que eu sequer me lembrava de Teseu, mas agora estava pensando nele. Poderia ser algum tipo atrasado – extremamente atrasado – de retorno? O que

ele ia querer comigo agora? Teria ficado sabendo que eu estava viva, que minha sorte havia se revertido de maneira inesperada e triunfal? Estaria cruzando aquelas ondas, frio e arrogante como sempre, com a expectativa de que eu acataria quaisquer exigências autoritárias que ele pudesse me fazer? Ou será que vinha humilde e cheio de desculpas, esperando conquistar a simpatia de meu marido imortal?

Eu não conseguia decidir como responderia a qualquer uma dessas versões de Teseu. Busquei dentro de mim palavras de condenação ou raiva, mas percebi, com surpresa, que não havia nenhuma. Acariciei a penugem na cabeça do bebê que dormia enrolado contra o meu peito, maravilhosamente calmo naquele momento. Que importava o que Teseu me fizera tantos anos antes?

Fiquei parada na areia observando o grande navio que ancorava. Pouco depois, um barco menor se desgarrou do imenso casco de madeira, e alguém remava através das ondas em minha direção. À medida que o barco se aproximava, eu não conseguia identificar a figura larga de Teseu. Ainda que o tempo tivesse suavizado sua musculatura pesada, ele não teria ficado tão magro quanto a pessoa que chegava cada vez mais perto. Protegi os olhos com a mão para ver mais claramente. Pensei ter visto uma onda de cachos amarelos, muito parecidos com os que caíam sobre meus ombros. Meu coração disparou no peito. A respiração ficou presa na garganta e as lágrimas subiram descontroladas até os olhos, minha mão pressionada na frente da boca.

Em poucos instantes, ela estava diante de mim. A despeito da arrebentação que quebrava aos seus pés, ela saltou do barco com aquela agilidade que eu me lembrava dos velhos tempos em Cnossos.

— Ariadne! — gritou bem quando eu exclamava o nome dela, e antes que eu desse por mim, estava abraçando minha irmãzinha outra vez.

— Fedra — exclamei. — Como você… de onde… o que são…?

Ela riu e deu um pequeno passo para trás, seu rosto se transformando ao perceber o adormecido Taurópolo enrolado em um longo tecido e amarrado ao meu corpo.

— Não acredito… — disse ela, e confirmei com a cabeça. As lágrimas brilhavam tanto nos olhos dela quanto nos meus, e ela estendeu a mão hesitante para acariciar de leve os dedos do bebê. Ele se mexeu, franziu o rosto e voltou a se acomodar. — Não achei que fosse ver você de novo. — Ela falava em voz baixa.

Eu sentia em seu tom a alegria pelo nosso reencontro, mas também havia algo mais, algo que eu não conseguia identificar. O que a trouxera ali depois de tanto tempo?

Quando ela me olhou de frente, senti o choque reverberante da familiaridade. Os traços que retribuíam meu olhar eram os mesmos que da última vez que nos víramos, sob o luar em Creta, onde conspiramos pela destruição de nossa própria família. Eu ainda enxergava nela aquele conhecido ar de desafio que queimava de forma constante. O modo como Fedra sempre havia olhado para o mundo, como quem diz que, apesar de tudo, o mundo não era páreo para ela, uma adversária magricela muito mais poderosa do que se imaginava. Fiquei me perguntando o que ela via quando olhava para mim.

Eu estava transbordando de perguntas, mas desviei do olhar dela. A hospitalidade mandava que eu acomodasse nossos convidados primeiro.

— Venha, deixe sua tripulação desembarcar — pedi. — Temos peixe fresco e, claro, todo o vinho que quiserem beber.

Dei uma risada sem graça, sentindo de repente uma terrível insegurança de como deveria recebê-la, como conversar com a mulher que havia brotado da criança que eu amara com tanta facilidade e deixado para trás tão abruptamente. Por sorte, minhas bacantes estavam mais preparadas do que eu e acompanharam nossos visitantes para dentro com sorrisos sinceros de boas-vindas.

Percebi a facilidade com que Fedra dava ordens aos homens com quem navegava. Enquanto ela os instruía a aceitarem a hospitalidade de minhas bacantes, vi por um segundo a projeção autoritária do queixo de Minos e o modo como suas palavras secas sempre haviam inspirado aquiescência imediata.

O pequeno Taurópolo se mexeu, chutando um tornozelo roliço que ficou preso nas dobras do xale em que estava enrolado. Um rubor raivoso coloriu suas bochechas, subindo até as têmporas quando ele arqueou as costas e abriu a boca para berrar. Balancei-o impotente, murmurando palavras inúteis de conforto que só o enfureceram ainda mais, antes de ir atrás do grupo que seguia em procissão até a casa.

Fedra inclinou a cabeça para mim, sugerindo que déssemos uma caminhada longe do salão barulhento onde os homens dela agora se acomodavam ao redor da longa mesa, comendo com vontade. Fiquei feliz de sair para a sombra do pátio, longe do tilintar dos talheres e

do barulho confuso das vozes masculinas, tão diferente do ritmo habitual das conversas femininas.

Algumas das perguntas que brigavam pela prioridade estavam agora se destacando em minha mente, apesar dos uivos que Taurópolo estava começando a soltar.

— As velas em seu navio… as capas que seus homens estão usando, Fedra… — comecei, andando sobre os ladrilhos do piso de um lado para o outro, consciente de que se pensasse em me sentar por um minuto que fosse em um dos sofás com almofadas, os gritos do bebê aumentariam num volume ensurdecedor.

Ela fez um gesto rápido com a mão no ar, cortando o fluxo confuso de palavras com facilidade.

— São atenienses, sim — respondeu ela. — Ocupo o trono de Atenas agora, é verdade. Vejo que tenho muita coisa a contar que você não sabe. — Seus olhos se direcionaram rapidamente para o bebê gritando em meu peito.

Senti um leve constrangimento começando a se formar no estômago. Por que eu não sabia de nada? Por que não tinha buscado nenhuma informação além das preocupações com os filhos que me ocupavam no dia a dia: a velocidade com que Enopião parecia estar crescendo e se tornando um rapaz, numa flutuação estranha entre a infância e a adolescência; a natureza séria de meu segundo filho, Latromis, que sempre tinha que ser persuadido a sorrir; os tornozelos finos de Estáfilo que estavam sempre aparecendo por baixo das túnicas, a despeito da velocidade com que eu tecia novas roupas; como dissuadir o questionador irmãozinho deles, Toas, a se afastar da beirada dos precipícios e a não cutucar os escorpiões que ele tentava perseguir tão desesperadamente para

dentro das cavernas; como fazer Taurópolo dormir mais de uma hora seguida. Meu mundo, que parecera tão rico e completo quando eu estava na praia aquela manhã, maravilhada com minha sorte enquanto observava a arrebentação cintilante, de repente me parecia muito pequeno visto de fora.

— Vamos conversar — falei apressada. — O bebê vai voltar a dormir, ele não gosta de ficar parado.

O rosto de Fedra relaxou um pouco.

— Sei bem como é — murmurou ela.

Soltei a respiração que nem tinha percebido que estava prendendo. Senti uma onda de… não sei dizer qual foi a emoção. As lágrimas pressionaram meus olhos, e tentei espantá-las, impaciente.

— Você tem filhos? — perguntei, o aperto agridoce de alegria e arrependimento se misturando dentro de mim.

Ela fez outro gesto com a mão, como se não tivesse tanta importância.

— Dois — respondeu, sem entrar em detalhes. — Mas não é por aí que eu quero começar, pelo fim, numa confusão danada. — Ela puxou o ar, uma inalação forte de irritação ou incerteza, não entendi direito qual das duas.

— Então me conte do começo — sugeri.

— Do começo — disse ela devagar.

Havíamos andado por todo o pátio, passamos pelo rochedo de onde eu observava o mar e descemos pelo caminho que contornava a beirada do penhasco. Apesar de ela nunca ter pisado naquela ilha antes, não fui eu que a guiei, mas nossos passos que entraram em sincronia. Ela ainda caminhava com a confiança da garota que

pulara do meio das rochas no escuro, brandindo um bastão quase do mesmo tamanho que ela, pronta para encarar o que viesse.

Seus lábios viraram para cima num sorriso que sugeria uma piada interna. Não era um sorriso de mero contentamento; havia uma espécie de careta no modo como ela curvava a boca. O bebê ainda estava inquieto, e o vento soprava meu cabelo para dentro dos olhos de um jeito que me irritava, mas não ousei mover as mãos do local onde estavam, amparando seu corpinho, por medo de que ele recomeçasse a gritar.

— Ariadne, você sabia que Minos está morto?

Meu rosto deve ter deixado transparecer minha absoluta surpresa.

— Ele já morreu há muitos anos, desde que… — Ela deu um suspiro longo e pausado por entre os lábios contraídos. — Mas esse também não é o começo. Eu não…

Senti a verdadeira pergunta se formando em meus lábios, aquela que eu queria fazer desde o momento em que a vira atravessando as ondas.

— Foi horrível? No dia seguinte… quando ele descobriu?

Ela riu, uma gargalhada alta e cortante que me deu um susto. Taurópolo guinchou de raiva e se contorceu, e vi o incômodo que faiscou nos olhos dela enquanto eu o acalmava novamente. Tantas vezes eu imaginara nosso reencontro, mas não daquele jeito. Eu esperava recriminação, sim, e luto e tristeza, mas achava que tudo fluiria com leveza. Não imaginava ter que contornar aquelas bordas pontiagudas, os momentos inesperados de irritação. Eu me perguntava, pressentia, que horrores havia deixado para trás naquela noite.

— Ele gritou, xingou e esperneou, sim. — Ela fez um gesto displicente com a mão. — Fez papel de bobo, pois não tinha mais o monstro para se refestelar com a carne de seus inimigos. Graças a você — acrescentou ela.

— Mas mesmo sem o Minotauro, com certeza… — arrisquei. Era estranho ouvi-la rindo da ira de Minos. A imagem que ela pintava dele, engasgado com ameaças vazias, não era o comportamento frio do tirano que eu lembrava.

— Não foi só o Minotauro que ele perdeu naquela noite — disse ela. Por um segundo, achei que era uma referência a mim, mas então ela continuou. — Acho que o golpe mais doloroso foi a perda de Dédalo.

Meu coração ficou leve.

— Já tinha ouvido dizer que Dédalo havia escapado. Diga como ele conseguiu isso, pois já imaginei tantas vezes!

A brisa vigorosa soprou uma mecha de cabelo bem nos meus olhos, por isso não consegui ver o rosto de Fedra enquanto ela falava, mas sua voz estava calma e equilibrada, como se ela estivesse fazendo uma mera descrição do tempo ao me contar tudo que tinha acontecido com o bondoso arquiteto da minha libertação e seu amado filho. Segurei o pingente que ainda usava – tão brilhante quanto no dia em que ele o dera de presente para mim, pois nenhuma das criações de Dédalo jamais sofria os estragos da idade. Vi que Fedra percebeu meu gesto; o pequeno movimento na boca quando ela também se lembrou dos nossos tempos de infância.

Meu reflexo foi segurar Taurópolo com mais força. Pensei nos rostos sorridentes e inocentes de meus próprios filhos quando se entretinham com suas pequenas alegrias, correndo com os braços

esticados pela extensão dourada da praia, o modo como o vento carregava suas risadas até mim, onde quer que eu estivesse. Fechei os olhos, tentando expulsar a imagem de seus rostos, imóveis e silenciosos, engolidos pela água impiedosa.

— Eu sei que uma besta faminta urrando por sangue é uma fonte eficiente de terror — ponderou Fedra. — Mas a mente de Dédalo à sua disposição, uma coisa dessas torna um rei mais poderoso do que qualquer monstro estúpido aprisionado na escuridão. — Ela continuou com o relato, descrevendo como Minos partira em busca de Dédalo.

— A princípio, procurei todos os dias pelas velas de Minos no horizonte — admiti, me encolhendo ao lembrar. — Achei que ele estaria vasculhando os mares atrás de mim.

Ela riu outra vez.

— Minos mal falou de você, Ariadne! Ele havia perdido sua lendária aberração e seu prodigioso inventor. Por que raios se preocuparia com a perda de uma filha? Você não lhe trazia prestígio algum; não era capaz de instilar medo em nome dele.

Ela não tentou amenizar as palavras nem um pouco por mim, e fiquei feliz pela brisa cortante que fustigava minhas bochechas.

— E a morte dele? — perguntei.

Ela me contou como ele encontrou seu fim, queimado vivo na banheira de uma corte siciliana muito, muito longe de casa.

Minha mão, que estivera acariciando cadenciadamente as costas de Taurópolo durante o relato de Fedra – apesar de eu não saber dizer se era mais por ele ou por mim – parou. Não conseguia fingir nenhum pesar por Minos, embora também não estivesse exultante com a imagem de sua ruína. No entanto, percebia essa nota ácida

no tom de Fedra. Eu já pensava em Minos no Submundo; aquelas terras escuras e sombrias que Dioniso descrevera para mim. Será que ele estaria lá esperando pelo dia da minha descida, já entronado diante do grande palácio de Hades, proferindo seu julgamento sobre cada uma das almas trazidas até ele, como Dioniso havia antevisto? Senti uma onda fria me arrepiando a espinha ao pensar naquele olhar insensível pousado sobre meu espírito algum dia.

— Na ausência de Minos durante aquela missão inútil — continuou Fedra num tom equilibrado —, coube a Deucalião tomar a frente. Ele sabia do ódio rebelde que pulsava no peito dos homens de Creta, e em especial contra a nossa família. Sabia que poderia manter aquele ódio sob controle através do medo, como Minos sempre havia feito, ou escolher um caminho diferente e buscar a paz com nossos inimigos. Nosso irmão tem um espírito gentil, Ariadne. Você sabe o que ele escolheu.

Eu sabia. As peças estavam se encaixando agora, com uma irreversibilidade apavorante.

— Seu navio ateniense — falei. — O príncipe para quem Dioniso me contou que você estava prometida…

Ela assentiu com a cabeça.

— Mas Teseu já era rei a essa altura. E ficou acordado que eu seria sua rainha.

Eu já sabia, lá no fundo, que não poderia haver outra explicação, o que não tornava a confirmação menos perturbadora.

— Mas e eu? — perguntei, incomodada com a minha voz, que soava trêmula e estridente até aos meus próprios ouvidos.

Vi a firmeza na mandíbula dela, a jogada altiva da cabeça que eu lembrava.

— Óbvio que a gente não sabia o que realmente havia acontecido com você, Ariadne! — Ela parecia irritada, como se eu fosse uma mosca difícil de espantar. — Teseu já estava equipado com as mentiras que saem com tanta facilidade dos lábios dele. — Seu tom era mordaz ao me contar o que ele havia alegado sobre a nossa passagem por Naxos.

Claro que Teseu tinha uma história pronta. Com certeza não ia revelar ao mundo sua traição vulgar.

— Então você achava que eu estava morta esse tempo todo? — perguntei impressionada.

— Durante algum tempo, sim — respondeu ela pensativa. A essa altura, já tínhamos percorrido uma boa distância pelo caminho serpenteante do penhasco, e ela parou perto de um banco de pedra, posicionado no lugar exato de onde se podia ver a área da baía e a vasta extensão de oceano liso e cintilante. — Eu não sabia naquela época que a mentira era tão natural para os homens quanto respirar, andar para a frente ou beber vinho. — A amargura desinteressada em seu tom me surpreendeu, embora sua leitura astuta do caráter de Teseu não fosse surpresa alguma. Fiquei me perguntando o que teria sido para ela conseguir escapar da prisão de Cnossos só para acabar na corte de um homem como Teseu.

Eu havia imaginado tamanha felicidade para Fedra quando Dioniso me contou que ela iria se casar com um príncipe importante. O sentimento teria sido muito diferente se soubesse que o príncipe era Teseu. Teria sido por isso que Dioniso não me contara toda a verdade? Será que ele omitira essa parte para não me preocupar? O que eu teria feito, agora me perguntava, se ele tivesse sido sincero?

Teria cruzado o mar até Atenas para resgatar minha irmã com as minhas próprias mãos e afastá-la de um marido daqueles?

Ainda conseguia vê-la naquele momento, os olhos fascinados, fixos nele dentro do círculo de pedras onde ele nos contou suas histórias. Ele havia me tratado com uma indiferença fria depois que já não precisava mais da minha ajuda, uma indiferença cuja mera lembrança já me tirava o ar, mas isso não significava que ele tivesse tratado minha irmã do mesmo jeito. Talvez a natureza mais rebelde dela tivesse ajudado; talvez ele não desprezasse a adoração passiva dela como desprezara a minha. Com certeza, ela devia ter representado um desafio maior para ele, menos crédula de suas inverdades traiçoeiras do que a tola que eu tinha sido anos antes. Algo na voz dela ao pronunciar o nome dele, no entanto, sugeria que não era bem o caso. Não soava como um casamento feliz, e eu me perguntei quão doloroso teria sido para ela descobrir a verdadeira natureza do homem que tinha amado um dia, assim como eu.

— Não tive escolha quanto ao casamento, mas pelo menos eu não sabia a verdade do que ele fizera com você — disse ela.

Acreditei na sinceridade em sua voz. Por um instante, o espaço irregular entre nós, que eu não tinha sido capaz de transpor, pareceu diminuir um pouco.

— Eu tinha lá minhas suspeitas, mas não me permitia pensar nisso. Não tinha certeza de nada, e não adiantava ficar me aprofundando no assunto. Além do mais, meus filhos nasceram, e você sabe como a maternidade mantém a mente ocupada. — Seu tom mudou um pouco, algo que eu não identificava estava se infiltrando ali. — Eu tinha esperanças de conhecer meu cunhado

imortal, e estou decepcionada por não encontrá-lo em casa, apesar de ter ouvido dizer que ele passa boa parte do tempo viajando.

Tive dificuldade para encontrar as palavras que deveriam sair facilmente, mas por alguma razão me fugiam. O pequeno Taurópolo estava ficando inquieto outra vez, agora que tínhamos parado de andar, e fazia uma série de barulhos esganiçados indicando a iminência de um berreiro. Balancei-o para cima e para baixo, a dança maternal que sacudia meus quadris de um lado ao outro acalmando bebês em vez de me fazer girar loucamente por uma pista de dança.

— Não importa — disse ela, desistindo de esperar pela minha resposta. — Não vim aqui para fazer uma reunião familiar, por mais que o seu grande marido olimpiano me intrigue.

Fui surpreendida novamente por essa fala. O que ela viera fazer ali, se não tinha sido para me ver?

— Teseu não poderia manter você em segredo para sempre. A fama de Dioniso se espalhou por nossas terras, e nós ouvimos falar da princesa cretense desposada por ele; o grande diadema de estrelas no céu que dizem ter sido colocado lá por ele em sua homenagem. Segundo a história, Dioniso convenceu Ártemis a criar uma ilusão da sua morte para que Teseu a abandonasse sem resistência e ele pudesse tomá-la para si. Mas eu soube que era mentira no momento em que escutei, como uma flecha no coração.

A raiva dela era palpável. Era emocionante ver que ela ficara tão revoltada por minha causa; que o sangue compartilhado em nossas veias e a nossa infância juntas ainda provocava aquele sentimento nela.

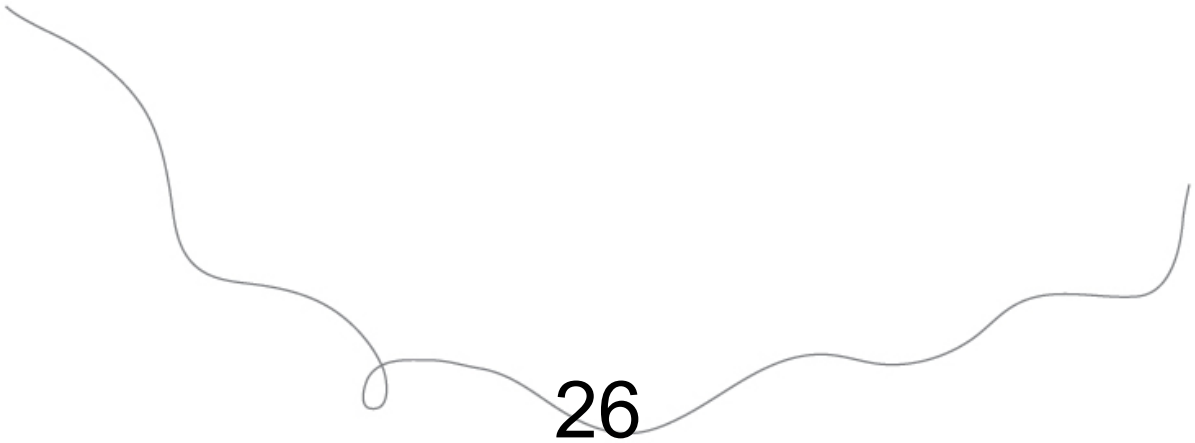
— Eu sabia que ele não tinha dificuldade alguma em abandonar uma mulher. — Ela bufou, jogando o cabelo outra vez.

Conseguia visualizá-la esperando por nós naquela noite: pequena e corajosa e paciente enquanto a noite passava. Desejei com muita força ter podido envolver seu corpinho com meus braços; que pudéssemos ter dividido nossa desilusão e nossa raiva naquela aurora nebulosa em que ambas ficamos sozinhas, cada uma em sua costa desolada.

— A verdade me atingiu em cheio. Fiquei feliz por você estar viva, mas percebi que minha vida era uma grande mentira… — Ela fez uma pausa.

Eu me perguntei o que ela enxergava por trás dos olhos vidrados no mar, em direção às gaivotas rodopiando no céu distante.

— … e então Hipólito apareceu.



26

Fedra

Depois de descobrir que Ariadne estava viva e começar a juntar as peças do que realmente havia acontecido em Naxos, mais mentiras de Teseu foram se revelando, como se eu tivesse puxado um único fio numa tapeçaria e descobrisse grandes buracos esfarrapados sobre toda a superfície.

Ainda em Creta, Teseu nos contara como havia livrado a rota entre Trezena e Atenas de monstros e assassinos, mas não falou para que outros lugares foi durante sua jornada heroica. Meus ouvidos agora estavam abertos às fofocas. Já não temia que fossem sobre mim. Ouvia atentamente os marujos, os viajantes, os mercadores e a realeza que recebíamos na corte. Ficava à espreita enquanto as criadas conversavam, batia perna pelo meio das multidões e levantava as orelhas ao ouvir qualquer menção ao rei. Uma vantagem que a maternidade me deu com o segundo filho foi a perfeita distração de ter um bebê no colo. Ainda que de má vontade,

aprendi a ser grata pelo bebê esfomeado quando percebi que as mulheres, ao conversarem com a mãe de um recém-nascido, deixavam a guarda baixa e o coração tão aberto quanto a boca. Isso continuou valendo à medida que meus filhos cresciam; eu podia ficar observando-os brincarem enquanto meus ouvidos prestavam atenção no que as outras mães à minha volta estavam falando. Aos poucos, fui descobrindo mais e mais sobre o homem com quem tinha me casado.

Em primeiro lugar, tive uma ideia dos lugares para onde Teseu tinha viajado naqueles tempos distantes. Não tomara o caminho direto para Trezena, afinal de contas. Fiquei sabendo que ele havia buscado um prêmio raro na terra das temíveis amazonas. Juntei as peças: a intenção dele era adentrar o palácio de Egeu trazendo não só um rastro de homens perversos e bestas deformadas, mas também uma noiva em seus braços, mostrando ao pai que tipo de homem o filho se tornara.

Quando criança, eu tinha ouvido falar que, muito além da costa que eu conhecia, havia uma ilha misteriosa perto da Lícia. Dizia a lenda que o lugar era habitado por uma raça de mulheres selvagens mais altas que o mais alto dos homens, e que enfrentavam a galope quaisquer invasores, atacando-os com saraivadas de flechas mortais. Essas mulheres guerreiras despertavam medo e desconfiança nos corações de muitos aventureiros, que desejavam, ao mesmo tempo, vê-las com os próprios olhos e duvidar de sua existência. O jovem Teseu deve ter visto aí a chance de conquistar um troféu lendário do qual poderia se gabar nos salões de Atenas. Mirou em ninguém menos que Hipólita, a rainha amazona.

Segundo a história, sussurrada pelas bocas de fofoqueiros tímidos e marujos libertinos, Teseu se apresentou à temível tribo sozinho e aparentemente desarmado, um humilde marinheiro buscando abrigo. Elas se apiedaram dele e o receberam, dando-lhe de comer e de beber, além de um lugar para descansar. Sei bem que narrativas mirabolantes ele não deve ter contado a elas. Em troca, ele se esgueirou até os aposentos de Hipólita naquela noite e a raptou enquanto dormia. Ela estava embriagada de vinho e, em meio à confusão, ele conseguiu arrastá-la até seu navio antes que as irmãs fossem despertadas pelos gritos dela e viessem atrás dele. Mas Teseu foi rápido. Desistiu do plano de trazê-la para casa, mas se aproveitou da oportunidade enquanto a mantinha refém, sozinho com ela em seu navio. Quando Hipólita finalmente conseguiu se libertar dele e cambalear de volta pela arrebentação em direção às amazonas vingadoras que corriam para resgatá-la, Teseu já tinha conseguido o que queria. Ela não tinha como saber disso enquanto as mulheres a carregavam de volta para casa, o navio de Teseu não mais que um ponto no horizonte, mas ele a deixara com um bebê – um filho, Hipólito.

Os anos se passaram. Teseu reivindicou o que era seu de direito em Atenas e veio saquear Creta. Deixou Ariadne para morrer em Naxos; depois, casou-se comigo. E durante todo esse tempo, o jovem Hipólito crescia, o único homem na tribo das amazonas.

Teseu, obviamente, nunca mencionou o filho para mim. Tive que coletar todas essas informações valiosas em fragmentos que os mais indiscretos deixavam escapar aos meus ouvidos. Parte disso fiquei sabendo pelo próprio Hipólito.

Acho que jamais esquecerei o dia em que ele chegou aos nossos salões. Foi numa das raras ocasiões em que Teseu estava em casa, eu sentada ao lado dele no salão do trono; estávamos ambos empoleirados em nossas cadeiras esculpidas e ornamentadas, reluzindo com ouro e roupas luxuosas. E eis que entra Hipólito. Vestido de modo simples com uma túnica básica, um cordão frouxo amarrado na cintura, ele parecia um pouco inseguro. De repente me senti arrumada demais; as pesadas correntes de ouro amontoadas no pescoço, as pedras preciosas brilhando nos pulsos e dedos, a elaborada torre de cachos equilibrada no topo da cabeça. Tudo parecera tão elegante naquela manhã; agora eu me sentia ligeiramente ridícula, como um pavão vaidoso ostentando a cauda diante das criaturas simples e dignas da floresta.

Hipólito não tinha nada do pai; exibia o mesmo bronzeado da mãe guerreira. Era muito mais alto que Teseu, mesmo não tendo ainda atingido sua estatura máxima. Nada em sua aparência nos entregava sua identidade. Por isso, quando ele abriu a boca para explicar por que desejava uma audiência conosco, nós dois levamos um susto.

— Meu nome é Hipólito — disse ele. Falava baixo, vi que estava desconfortável naquele ambiente grandioso que nos rodeava, mas ele ainda tinha um ar de calma convicção. — A rainha amazona, Hipólita, é minha mãe, e você, Teseu, rei de Atenas, é meu pai.

Arfei sobressaltada. A essa altura, eu já conhecia a história de como Teseu havia estuprado Hipólita. Era mais uma razão para desprezá-lo. Mas até ali, eu não sabia que havia uma criança. No silêncio que se seguiu, vi Hipólito respirar fundo antes de falar novamente.

— Não tenho intenção de reivindicar seu trono. Não questiono o direito de seus filhos — disse ele. Enquanto falava, meneava a cabeça respeitosamente em minha direção. — Venho apenas pedir para ser recebido na casa de meu pai, pois já não posso mais morar com as amazonas.

E assim, percebi logo de cara que ele não tinha vindo a Atenas do mesmo modo que Teseu viera, tantos anos antes, para reivindicar Egeu como seu pai. Para Hipólito, não se tratava de glória esplendorosa, histórias de conquistador nem revelações chocantes, apenas uma honestidade simples que contrastava com as mentiras do pai.

— E por quê? — Teseu exigiu saber.

A hostilidade em seu tom me deixou perplexa. Eu estivera tão absorta pela visão daquele jovem corajoso que nem sequer olhara de relance para meu marido e visto como ele havia recebido a notícia.

Hipólito hesitou, mas só um pouco. Erguendo os olhos para o pai, explicou que a situação não fora um problema enquanto ele era criança, criado no círculo amoroso da mãe, tias, irmãs e primas que o inundavam de afeição e lhe ensinavam suas habilidades; como domar os cavalos mais selvagens e disparar as flechas mais mortais.

— Mas à medida que fui crescendo… — Seu rosto deixou entrever certo sofrimento, a dor da solidão.

Eu via por mim mesma. À medida que ele foi crescendo, as delicadas feições de garoto foram dando lugar à compleição do homem que ele se tornaria, e ele não podia mais permanecer numa ilha de mulheres. Ele nos disse que sua mãe, Hipólita, o enviara a

Atenas para nos fazer aquele pedido como compensação pelo ultraje que Teseu cometera contra ela.

Falava com uma certeza firme, embora fosse um jovem quieto e de natureza contida. Ao meu lado, em seu trono, percebi Teseu se mexendo, esperando de onde viria a rasteira. Vi seus dedos deslizarem em direção àquele bastão, sempre perto dele. Vi que ele esperava o retorno de um filho vingativo.

Então Teseu ficou o encarando enquanto Hipólito falava, até que ele se calou. Havia feito seu pedido, e agora cabia a Teseu – e somente a ele – atendê-lo.

Teseu continuou em silêncio.

Por fim, ficou de pé. Andou até o filho, sem disfarçar que o media de cima a baixo. Analisou seu porte físico, o discreto volume dos músculos sob a túnica, a altura que eu notava que o deixava incomodado. Senti o estômago afundar. Ele nunca permitiria àquele rapaz ficar ali. Não sabia por que era tão importante para mim que ele ficasse. Talvez eu desejasse que meu marido corrigisse ao menos um dos erros cometidos, que finalmente se responsabilizasse por um de seus crimes do passado.

— Não nego que tenho uma dívida com você — rosnou Teseu por fim.

Ergui os olhos, surpresa. Seu tom áspero não combinava com as palavras.

— Você tem direito à nossa hospitalidade como um convidado. — Ele botou para fora a frase seguinte com relutância. — E como meu filho. — Uma vez feito o convite de forma tão deselegante, ele girou nos calcanhares e foi embora do salão.

Senti as bochechas queimando pela falta de educação de meu marido e pelo modo rude como havia tratado um rapaz tão gentil. Olhei em volta para o resto da corte, para os anciãos que murmuravam sobre a petulância do rei. Cabia a mim, mais uma vez, acalmar as águas turbulentas que Teseu havia agitado.

Fiquei de pé. Para a minha confusão, senti um leve tremor nas pernas enquanto andava em direção a Hipólito, mas a essa altura já tinha prática em esconder o que sentia.

— Venha — sorri para ele. — Vou levá-lo até o nosso quarto de hóspedes, onde as criadas lhe prepararão um banho e uma refeição depois de sua longa jornada.

Ele se mexeu um pouco.

— Obrigado, minha rainha — respondeu. — Mas poderia me levar agora até seu estábulo? Gostaria de cuidar dos meus cavalos antes de mais nada.

Dei uma risada.

— Temos ótimos cavalariços que se encarregarão dos seus animais — garanti-lhe.

Ele balançou a cabeça.

— Não, obrigado — disse ele. — Não permito que ninguém mais cuide deles.

Não entendi se a resposta era ofensiva ou não, mas o calor e a firmeza de seu olhar sustentando o meu diziam que ele não tinha intenção de ofender. Eu ainda não sabia do amor que ele tinha por seus cavalos, acima de todo o resto, mas naquele momento senti que atenderia a qualquer pedido seu. Inclinei a cabeça para um criado, que imediatamente se adiantou para levar nosso hóspede até o estábulo como o solicitado.

Fiquei olhando enquanto ele se retirava. Não era parecido com ninguém que já viera à corte. Muito menos com o pai.

A princípio, Teseu não confiava naquele filho distante. Era incapaz de entender um caráter tão diferente do seu. Não acreditava na virtude simples de sua juventude; Teseu interpretava a timidez reservada como má vontade, arrogância, ressentimento reprimido e mil outras loucuras que nem passavam pela mente de Hipólito. Isso dizia mais sobre o coração petrificado de Teseu, impossibilitado de reconhecer outro tão puro. Mas durante as semanas seguintes, enquanto Teseu observava desconfiado e permanentemente vigilante, e Hipólito continuava a cuidar com calma de seus cavalos – alimentando-os com o feno que colhia afetuosamente, escovando suas crinas em ondas grossas e lustrosas, arrancando qualquer espinho que ousasse espetar sua carne e espantando as moscas que os irritavam –, ele começou a ver que não havia qualquer malícia oculta no filho, que ele não escondia um desejo secreto de depor o pai e tomar o reino para si.

Um dia ficamos observando-o juntos, Teseu e eu, enquanto ele cavalgava seu mais belo garanhão pelos campos. Era um animal enorme e branco, com músculos imensos se retesando nos flancos. Vi o modo como Hipólito guiava aquela criatura grande e poderosa com toques gentis – não estalava o chicote nem gritava nas orelhas dele como eu vira Teseu fazer tantas vezes com seus corcéis, reduzindo-os a sombras acovardadas de si mesmos, as bocas espumando de medo e exaustão. Hipólito curvava a cabeça em direção ao pescoço liso do cavalo e murmurava em seu ouvido, e ele se movia feito água sob o toque experiente de seus dedos. Começou com um trote controlado, acelerando o passo até que o cavalo

estivesse voando como uma águia sob seu corpo, correndo pela pura alegria do exercício e para agradar seu amado mestre.

Eu podia observá-lo por horas, muito depois de Teseu ficar entediado e sair andando atrás de vinho ou de algum de seus cavalariços para jogar cinco marias. Fiquei perto do estábulo vendo Hipólito voltar de seu passeio, reparando como ele enchia um cocho de água e apoiava a mão carinhosamente nas costas do cavalo enquanto o animal bebia à vontade. Vi como os cavalos inclinavam o longo pescoço em direção a ele e viravam a cabeça sob suas mãos para que ele lhes fizesse carinho nas orelhas; o modo como eles apoiavam o focinho comprido em seu ombro, encantados por estarem próximos dele.

Mesmo assim, ele e Teseu se deram muito bem. Surpreendentemente bem para duas pessoas tão diferentes. Eu não conseguia imaginar que assuntos poderiam ter um com o outro, mas com frequência os via mergulhados em conversas profundas. Ficava frustrada por eu mesma falar tão pouco com Hipólito. Queria muito ouvir dele sobre o tempo passado com a mãe amazona e o que havia aprendido, pois ele parecia maduro para a idade. Mas toda vez que eu tentava vencer sua timidez e descobrir mais sobre ele, talvez até mesmo romper o exterior sério e por vezes taciturno que ele apresentava ao mundo, encontrar o calor que eu tinha certeza de que existia dentro dele, lá estava Teseu – se gabando de alguma missão épica que havia realizado, certo de que Hipólito ia querer saber tudo sobre isso. Como Hipólito aguentava, não consigo nem imaginar.

Finalmente, escapuli até o estábulo certa manhã bem cedo, antes de Teseu acordar. A alvorada começava a clarear o céu no leste,

colorindo-o com um brilho rosa suave. Como eu já esperava, Hipólito estava ali entre os animais. No silêncio adormecido daquela hora, seu tom tranquilo e os pequenos relinchos satisfeitos dos cavalos em resposta eram os únicos sons que se escutavam.

Fiquei parada por alguns instantes, assistindo à cena. Ainda não conseguia acreditar em como ele era bondoso com seus cavalos. Pensei que, se ele achasse que estava sozinho, talvez eu ouvisse uma ameaça ou um tom áspero – alguma brutalidade encoberta pela manhã que explicaria a calma submissão dos animais pelo resto do dia. Mas não havia nada disso. Ele conversava livremente com eles, palavras sem sentido na maior parte do tempo, uma rapsódia de devoção, e em resposta os bichos balançavam as enormes cabeças para ele e fechavam os olhos em êxtase enquanto ele lhes acariciava o focinho e fazia cócegas atrás das orelhas, como se fossem potrinhos adoráveis.

Hipólito não parecia mesmo estar escondendo nada. Ele constituía uma dessas raridades – um homem que era exatamente quem parecia ser. Era tão incrível que eu não podia deixar de olhar, maravilhada.

Eu havia me esgueirado até ali e achado que seria eu a assustá-lo, mas devo ter me perdido em algum tipo de devaneio porque foi o pigarro dele que me fez voltar à realidade com um salto, e percebi os olhos dele fixos em mim.

— Minha rainha — disse ele respeitosamente. — O que a traz ao estábulo tão cedo assim?

Fui pega de surpresa, e por um segundo não sabia o que dizer.

— Não conseguia dormir — acabei respondendo, o que era verdade. Passara horas acordada, esperando para ver os primeiros

raios de luz anunciando a aurora.

Ele deu de ombros. A resposta obviamente havia sido suficiente, e ele não precisava saber mais. Sua natureza era tão simples, pensei. Ele não precisava recorrer a conversas desnecessárias, a lisonjas ou bajulações, e nem buscava qualquer tipo de benefício. Só fazia uma pergunta quando realmente desejava saber a resposta.

— E você? — perguntei. — Teve o sono perturbado? Sua cama é desconfortável ou alguma coisa o está incomodando? É só falar, e eu peço a alguém para resolver o que quer que seja.

Ele deu uma risadinha.

— Não, obrigado — disse ele. — Não preciso de uma cama.

— Como assim? — perguntei. — Você está em nosso melhor quarto de hóspedes; está dormindo no chão frio de mármore? Ou amazonas não precisam de sono?

Ele pareceu confuso.

— Por que não precisaríamos?

Sorri para ele, encantada com sua perplexidade sincera.

— Foi só uma brincadeira, Hipólito — falei. — Embora eu às vezes me pergunte se você é humano como o resto de nós. Suas histórias sobre as amazonas me parecem tão mágicas e impressionantes, talvez vocês sejam outro tipo de criaturas.

— Somos mortais — respondeu ele. O rosto dele pareceu encoberto por um segundo. — Eu só escolho não dormir num palácio. Prefiro ficar perto dos meus cavalos.

Olhei ao redor do estábulo. Era um barracão simples com paredes nuas e chão de pedra; não chegava aos pés do mármore tingido do palácio, adornado com afrescos, mosaicos e tapeçarias finas.

— Mas onde…? — comecei, e então vi um estrado com palha num canto. — Sério? — perguntei, uma risada me subindo pela garganta, apesar de não achar exatamente engraçado; na verdade, era algo tão incomum que eu nem sabia direito o que pensar.

— Acho mais confortável do que qualquer cama com travesseiros — disse ele. Estava agora de costas para mim.

Eu me perguntei se ele estava constrangido e me apressei para tranquilizá-lo.

— Claro, você pode fazer o que achar melhor — falei. — Este é o seu lar, e não desejo nada além do seu conforto. Se você está feliz no estábulo… — E parei de falar.

— Não pretendo ofender você nem meu pai de forma alguma — disse ele. — Só prefiro ficar ao ar livre. — Ele começou a escovar a crina do cavalo ao seu lado, que bufou suavemente, feliz com o toque.

— Fique tranquilo, não estamos ofendidos — falei. — Seu pai não se importaria nem se você resolvesse dormir no telhado. Ele não liga a mínima para etiqueta, posso lhe garantir.

— Fico feliz — respondeu. — É uma das coisas de que mais gosto nele.

Hesitei, e então mudei de assunto. Não queria trazer meu marido para aquele estábulo silencioso onde Hipólito e eu conversávamos a sós.

— Mas a sua futura esposa talvez fique incomodada se você achar melhor dormir com os cavalos do que ao lado dela — falei. Esperava que uma provocação leve o deixasse mais solto. Ele parecia tão tenso, tão reservado em minha presença. Eu queria

muito ajudar aquele rapaz sério a relaxar, queria ver um sorriso se abrindo em seu rosto ou ouvi-lo rir.

— Não vou me casar — disse ele seco.

Começou a levar o grande garanhão branco em direção às portas do estábulo. Tive que dar um passo rápido para o lado para sair do caminho.

— Certamente ainda é cedo para afirmar esse tipo de coisa! — protestei, querendo que nossa conversa não acabasse de forma tão abrupta. — Você acabou de sair da sua ilha, ainda não viu o que o mundo tem a lhe oferecer.

Ele jogou a cabeça. Seu cabelo reluzia na luz baixa. Devia ser tão macio ao toque, pensei.

— Dediquei minha vida a Ártemis — disse ele. — Em homenagem à deusa virgem, permanecerei casto. Agora preciso ir cavalgar com este aqui, rainha Fedra, pois ele está ansioso para correr.

Balbuciei qualquer coisa, tentando achar uma resposta, mas em um segundo ele já tinha tomado impulso para as costas do cavalo e estava se afastando de mim num galope lento, deixando-me absorver aquela estranha revelação. Hipólito, filho do luxurioso Teseu, tinha jurado castidade? Sabia que ele não era como o pai em todos os outros aspectos, mas isso, devo confessar, me surpreendeu. Que jovem forte e bonito, com riquezas e privilégios a seus pés, escolheria uma vida tão solitária nas colinas em honra da fria e insensível Ártemis? Eu não conseguia entender.

Eu sabia que ele renunciava à glória e à conquista. Hipólito não tinha sido criado com as histórias que alimentam homens como Teseu. Nenhum Héracles musculoso havia se deitado sobre o sofá

no salão das amazonas, gabando-se de ter derrotado e assassinado e gravado seu nome na história para acender um fogo devorador no jovem Hipólito ou despertar um apetite voraz que jamais seria saciado. Hipólito fora criado por mulheres – mulheres ferozes e poderosas, sim, mas que matavam apenas para se defender. As amazonas não tinham o ímpeto de invadir terras remotas nem de governar reinos distantes, e não transmitiram ao filho pequeno os hábitos violentos do pai. Mas eu não teria pensado que isso resultaria numa vida de solidão. Não conseguia enxergar por que ele escolheria permanecer solteiro – a menos que já houvesse uma mulher que ele amava e não podia ter. Parei de repente. Isso com certeza explicaria a estranha decisão, não? Se ele tivesse se apaixonado, e soubesse que não podia ser correspondido, talvez decidisse afundar sua paixão nas águas geladas onde os seguidores de Ártemis se banhavam sozinhos, para tentar aplacar as chamas ardentes.

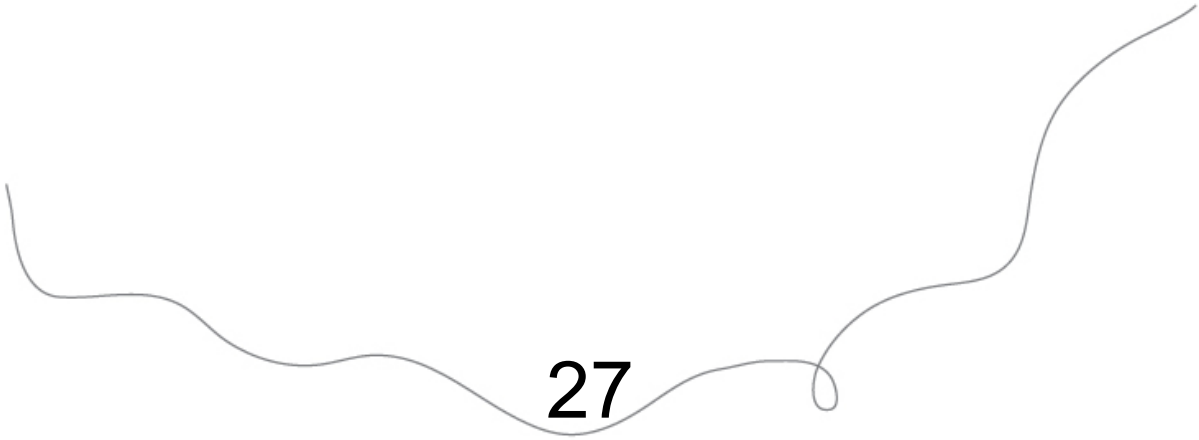
Uma mulher que ele acreditava ser inalcançável. Era uma teoria. Andei até as portas por onde ele havia saído tão de repente, sem dizer mais uma palavra, subitamente ansioso para não estar mais na minha presença. Antes que ele acabasse falando demais? Pensei sobre isso enquanto meus olhos miravam o horizonte. Ele já tinha se transformado numa figura minúscula no ponto mais distante, galopando até o vale lá embaixo. Eu nunca tinha sido muito afeita a cavalos, mas ao observá-lo desaparecer naquele momento, fiquei me perguntando como seria aquele tipo de liberdade. Lá no fundo, senti um eco da Fedra que já tinha sido um dia – uma garota cheia de fogo e determinação, uma garota que empunhara o bastão de Teseu naquela fatídica noite em Cnossos, cujas repercussões se

espalharam por todos os cantos da minha vida. Uma garota cujo espírito eu acreditava ter sido completamente apagado pelo casamento e pela maternidade.

Eu já não suportava a proximidade de Teseu mesmo antes de descobrir a totalidade de sua traição. Odiava-o por ter abandonado minha irmã, por ter me abandonado, pelas mentiras, por tudo. Mas agora eu achava todos os seus gestos irritantes; seu falatório me soava chato e interminável. Só de pensar que eu já tinha me agarrado a cada uma de suas palavras ou olhado dentro de seus olhos verdes e pensado que ele era tão belo, empolgante, nobre! Que vergonha da minha tolice. Olhava para meus filhos e estremecia ao ver em seus rostos a protuberância do queixo de Teseu ou o contorno de seu perfil.

Quanto mais conhecia Hipólito – por mais breves que tivessem sido nossas conversas, eu sentia que o conhecia, que conseguia ver seu interior –, mais enxergava o que um homem poderia ser. E todo o meu ressentimento contra Teseu fervilhava numa torrente de ódio. Eu não tinha paz em minha alma, sono em minha cama ou consolo na risada de meus filhos.

Não era capaz de corrigir os erros – tantos erros – que ele cometera durante todos os anos do nosso casamento e antes dele. Mas eu podia fazer alguma coisa com as informações que obtivera havia tanto tempo e tinha medo de usar. Podia ao menos navegar até Naxos e visitar minha irmã.



27

Ariadne

O vento mudou de direção, uma brisa fresca que agora soprava para o mar enquanto Éolo conduzia suas correntes de ar de acordo com seus caprichos. Trouxe com ele os aromas entrelaçados de lilás e tomilho, pesados e inebriantes. Taurópolo se contorcia e chorava alto, batendo a testa pequena e dura contra o meu peito. Afrouxei o vestido para poder alimentá-lo e, após um momento, voltamos a ter paz.

O que era aquilo na voz de Fedra? A suavidade com que dizia o nome de Hipólito. O ar sonhador quando ela se virou para olhar o horizonte, na direção de Atenas. Seu rosto se iluminou e ela não olhou para mim, de tão absorta em sua visão interna. Dava para ver que ela não estava mais no caminho do penhasco com a irmã, mas perdidamente desamparada em algum lugar de onde eu não tinha esperanças de conseguir resgatá-la.

Suas palavras me chamaram atenção, porém mais preocupante ainda era a mudança de tom. Quando ela falava de Minos e Teseu, suas palavras saíam misturadas com um desprezo amargo; a acidez do desdém contaminando cada palavra. Agora, ao me contar sobre a chegada do enteado a Atenas, sua voz parecia o mel mais delicado. Doces, suaves e viscosas, as palavras fluíam uma após a outra; inevitáveis e incontroláveis.

— Fedra — intervim finalmente, em busca das palavras. Taurópolo sacudiu a cabeça para trás, o leite escorrendo pelo queixo. Desajeitada, tentei limpá-lo com a ponta do xale para deixá-lo mais confortável, mas meus dedos estavam pesados e confusos. Tinha que tomar muito cuidado com as palavras seguintes que diria a ela, mas falhei, distraída com o bebê em meu peito, e a sabedoria de irmã mais velha que eu buscava não veio. — Você fala de Hipólito com tanto… parece que você talvez se sinta como algo mais do que uma mãe… — Parei de falar, a parte final permaneceu não dita, embora eu sentisse as palavras soando altas e claras no ar à nossa volta.

— Ah, Ariadne! — Ela soava impaciente com a minha estupidez e lentidão. — O que é que eu sei sobre o amor? Quando Teseu chegou a Creta, eu era uma criança. Fiquei deslumbrada com a ilusão que ele projetava, mas depois entendi quem ele era de verdade, e meu coração permaneceu puro e intocado. Até a vinda de Hipólito, eu não sabia como meu coração poderia ficar preenchido e abundante. Ele é tudo que Teseu não é. Ele é sério onde Teseu é descuidado, carinhoso onde Teseu é frio. E tão virtuoso, ao contrário do pai vil e degenerado!

O tom passional da voz dela destruiu qualquer resposta que eu poderia dar antes mesmo de conseguir formular uma até o fim. Fedra se achava tão diferente da garota que eu deixara para trás, mas eu reconhecia aquela convicção de aço, tão obstinada quanto sempre havia sido. Ela tirou o cabelo do rosto, enrolando os cachos com a mão, só por um segundo parecendo insegura quanto ao que dizer.

— Ele é devoto de Ártemis — continuou após um momento. — Caça com a lança e o arco e dedica todas as suas presas a ela. Assim como a deusa, ele jurou permanecer casto. Temos isso em comum, pois nunca conheci o amor, então no coração e na alma também sou tão pura quanto ele. Poderíamos nos descobrir como se fosse a primeira vez; ir ao encontro um do outro como o desabrochar da juventude.

Ela parecia igual ao que sempre tinha sido; o queixo projetado de forma teimosa e desafiadora era tão familiar que meu coração se apertava dolorosamente ao vê-lo. Mas o brilho intenso do sol revelava a discreta flacidez da pele e as leves, mas inegáveis, linhas que saíam do canto de seus olhos. Ainda era linda, mas os longos anos de um casamento infeliz – com o pai daquele jovem tão nobre – estavam impressos em seu rosto. Eu me perguntei como ela não era capaz de enxergar que a situação era obviamente desfavorável. Como podia ser tão cega quanto à história que contava?

Ela riu, um ganido breve e sem alegria, e balançou a cabeça de leve.

— Ou pelo menos foi o que tentei lhe dizer; uma, duas, três vezes! As palavras endureciam em minha boca, se transformavam em pedras duras que eu não conseguia dizer de jeito nenhum. Em vez disso, pedi para ir caçar com ele… Eu que nunca empunhei uma

lança na vida! Por Hipólito, eu seria capaz de enfrentar a floresta e correr até as montanhas com uma matilha a meus pés. Eu me sinto como uma de suas bacantes, perdida no prazer da perseguição, sem nenhuma preocupação me impedindo e sem pensar em como uma rainha deveria se portar sempre de modo digno e apropriado. Se ele me levasse com ele, ao ar livre, talvez Hipólito e eu poderíamos encontrar algum lugar distante dos olhares intrometidos, onde eu poderia abrir meu coração para ele. Como Afrodite com seu belo Adônis, eu sonhava que fôssemos encontrar um lugar isolado para descansarmos juntos da caçada. Sabia como Eos, a deusa da alvorada, havia escapulido tantas vezes do marido velho para se encontrar com o jovem e belo Céfalo na floresta.

Levei um susto. Fedra sempre havia sido direta. Mas dizer aquelas coisas tão abertamente!

Seu lábio se curvou enquanto ela observava a minha expressão.

— Você me olha com uma espécie de horror, irmã querida, mas estou apenas olhando para os deuses e o que eles fizeram. Não estou sugerindo nada tão baixo, tão perverso ou tão depravado quanto o que Teseu fez milhares de vezes, e mesmo assim ele é celebrado aonde quer que vá como um herói! Você mesma, por mais chocada que pareça a respeito dos meus devaneios amorosos, foi para a cama com Teseu por vontade própria, aqui mesmo nesta ilha, ainda que não fosse esposa dele. Não sei como ousa me julgar. Sou movida apenas pela devoção profunda e verdadeira a um homem muito mais nobre e virtuoso do que qualquer outro que você já tenha conhecido; você, que se casou com um deus conhecido pela devassidão e bebedeira, cujas seguidoras abandonam os maridos e filhos e partem desafiando os pais para se perderem no frenesi dos

ritos de Dioniso, escondidas aqui nas montanhas onde ninguém vê suas perversidades imundas.

As palavras dela me atingiram como um choque de água gelada.

— Não é assim como você diz! — protestei. Expulsei da mente a imagem das bacantes lavando as túnicas ensanguentadas. Não queria pensar nisso; o que Fedra sugeria não podia ser verdade. — Os rituais são privados e sagrados, é verdade, mas não do jeito que você está insinuando. Qualquer baixeza de que sejam acusadas vem da mente suja dos acusadores, não… Eu não… — Minhas palavras estavam embaralhadas, defensivas, confusas. — Fedra, pense só no que você está dizendo! O rapaz não passa de um garoto, que jurou castidade a Ártemis e é leal ao pai. Certamente não será seduzido a abandonar tudo que mais preza pela própria madrasta. Você consegue ver, não consegue, que isso é um absurdo?

Escolha errada de palavras. Percebi no instante em que falei. Um rubor surgiu nas bochechas de minha irmã, tingindo-as de um vermelho intenso. Não era minha intenção ridicularizá-la, mas me dei conta de que ela veria desse modo.

Ela jogou a cabeça para trás.

— Absurdo? — cuspiu. — Absurdo é eu vir até aqui, para ver você, em busca de algum tipo de ajuda. Você, tão complacente aqui em seu exílio que nem sabe quem é o seu marido! Um deus! Nós duas conhecemos muito bem os deuses, Ariadne. O que há de absurdo no meu amor, nas minhas esperanças? Eu ainda sou jovem. Minha cintura não alargou, meu rosto mal foi marcado pela idade. Já não tenho mais nenhum pirralho berrando no meu peito — e nesse momento ela me lançou um olhar fulminante, analisando meu corpo de cima a baixo —, ocupando a minha mente com assuntos banais e

domésticos. Ele pode até ser meu enteado, mas olhe de novo para os nossos deuses, para Zeus entronado no monte Olimpo tendo a própria irmã, Hera, como esposa… — Ela fez uma pausa e recuperou o fôlego. Por um instante, o silêncio soou alto entre nós, e então ela continuou, num tom mais baixo. — Você se preocupa com coisas simples — disse ela. — Consigo entender. Você ficou aqui, vivendo como uma dona de casa por todos esses anos. Existe um mundo além de Naxos; você não compreende como ele mudou. Já esqueceu o que é uma cidade. Você se lembra de Creta, de como a nossa própria mãe seduziu um touro selvagem. Nenhum humano poderá resistir a mim, a neta do sol!

Balancei a cabeça, exasperada.

— É na nossa mãe que estou pensando quando digo para você não fazer isso! Nunca vou esquecer as provocações, os cochichos que surgiam como uma maré imunda ao nosso redor. Lembro como todos nos tornamos grotescos pelo que ela tinha feito; os sorrisinhos maldosos, as risadas abafadas e até coisa pior. É isso que deseja para si mesma? Não aprendeu nada com a nossa infância? — Mas eu via que ela não estava ouvindo uma palavra sequer.

— Vim aqui pedir a proteção do seu marido — disse ela. — Imaginei que ele não me julgaria. Já ouvi falar o bastante sobre as danças que ele conduz pelo mundo para saber que o que proponho não é nada que poderia, entre todos os deuses, ofender justo a *ele*. Esperava encontrar um lugar seguro para mim e Hipólito aqui em Naxos, a salvo da vingança de Teseu. Mas vejo que não há refúgio para nós neste lugar.

— Não faça isso, Fedra — implorei. Dessa vez, não tentei suavizar as palavras para proteger os sentimentos dela. — Hipólito

não irá com você. Sim, você é linda, mas é a esposa do pai dele, e nada do que disse até agora sugere qualquer esperança de que você poderia desviá-lo do caminho da castidade. Ele não quer você, Fedra, nem a humilhação que uma união dessas traria. Ele encontrou o pai; não vai querer perdê-lo de forma tão vergonhosa. Se não for por ele, pense em seus próprios filhos! Como eles suportariam a infâmia se você…

Vi o rosto dela se contorcer com uma emoção que não fui capaz de identificar. Lágrimas brotavam de seus olhos e ela se virou abruptamente. As palavras duras que havíamos dito pairavam entre nós, e desejei desesperadamente poder recomeçar aquela conversa. Mas fiz um esforço inútil para encontrar as palavras certas para dizer e não consegui pensar em nada antes que ela voltasse a se virar, seu rosto suave e inexpressivo outra vez.

— São filhos de Teseu — disse ela. A amargura havia sumido de seu tom, e ela parecia muito cansada. — Não vejo nada de mim neles… Não os compreendo. Eu nunca deveria ter me casado com ele, e se não fosse por isso, eles jamais teriam existido.

Recuei.

— Mas com certeza não é isso que você deseja — falei.

Minha mente girava com aquele pensamento. Imaginara que os filhos seriam uma grande fonte de conforto para ela, que ela os amasse ainda mais por serem tudo o que tinha; que ela olhasse para eles e visse que o casamento infeliz ao menos lhe trouxera algo de bom.

Ela suspirou. Havia um vazio em seus olhos que me horrorizava. Fedra costumava ser tão vigorosa e cheia de vida durante a nossa

infância juntas. Seu desespero era algo que eu nunca imaginara que veria.

— Quem poderia adivinhar? — disse ela. — Eu achava que você era tão sortuda de ter sido escolhida por Teseu, mas no fim das contas a sorte foi ter sido abandonada por ele. — Ela tentou abrir um sorriso, e estremeci ao ver como era falso. — Você tem uma vida que a faz feliz — continuou ela. — Acho que não consegue imaginar nenhuma outra. Você vive aqui desde os dezoito anos. Eu governo a cidade mais poderosa da Grécia. Nossas experiências são mais diferentes do que eu imaginava. — Seu tom ficou mais ríspido, afiado outra vez. — Agradeço pela hospitalidade oferecida à minha tripulação, mas precisamos retornar imediatamente a Atenas.

Balancei a cabeça com força.

— Fique por uma noite — pedi. — Se não por mim, ao menos em respeito aos seus homens. Deixe-os descansar, temos camas suficientes. Logo ficará escuro; não os exponha ao risco do mar aberto.

Ela crispou os lábios tentando traçar o caminho do sol, analisando a verdade do que eu havia dito. Vi que ela ansiava pelo retorno a Atenas, determinada naquela empreitada tola e destrutiva. Mas ainda que ignorasse todo o resto que eu dissera, nem ela poderia negar que a noite cairia muito antes de alcançarem a costa.

Ela não queria mais falar sobre Hipólito, e não fiz outra tentativa. Fedra e seus homens descansaram durante as curtas horas de escuridão e içaram as velas quando os primeiros raios da alvorada surgiram no céu noturno. Na penumbra enevoada da praia, abracei-a e implorei de novo que ela mudasse de ideia.

— Teseu foi embora outra vez, em mais uma de suas missões estúpidas — disse ela. — É a minha chance; não pretendo deixá-la passar.

Mesmo na escuridão da madrugada, era impossível não perceber seu queixo projetado com determinação. Abaixei os braços que enlaçavam o pescoço dela e dei um passo para trás.

— Então eu lhe desejo sorte — falei. Estava sendo sincera, embora não houvesse esperança nem fé por trás das minhas palavras. — E saiba que existe sempre um espaço seguro para você aqui, um lar para você em Naxos.

Não conseguia imaginar aquilo acabando de qualquer outro jeito que não fosse em desastre, humilhação, desespero. Todos os erros da nossa infância repetidos naquele desejo monstruosamente inapropriado. Mas ela não enxergava, e eu não podia obrigá-la a ver. Observei-a navegando para longe, mantendo os olhos fixos no horizonte até muito depois de ela ter desaparecido. Eu me perguntei se algum dia veria minha irmã de novo.

28

Fedra

Agradeci a todos os deuses pela agilidade dos ventos. Somente quando as ondas passaram por nós e a joia brilhante de Naxos encolheu e se reduziu a um pontinho no horizonte foi que senti a torrente escaldante de humilhação começar a diminuir um pouco.

Ariadne podia fingir – abrigada pelo óbvio conforto trazido pela maternidade e pela fachada idílica de sua preciosa ilha, tão isolada do resto do mundo –, sim, ela podia fingir ter esquecido as verdades que ambas aprendêramos em Cnossos, mas eu sabia que ela estava mentindo para si mesma. Notei que ela tinha feito uma troca: agia como se sua vida fosse perfeita e fazia vista grossa, protegendo a si mesma de qualquer coisa que provasse que não era, e assim conseguia dormir à noite.

Como se não tivéssemos aprendido, morando com nossa mãe destruída e sua cria monstruosa, que tudo que uma mulher pode fazer neste mundo é pegar dele o que deseja e esmagar aqueles que

ficarem em seu caminho antes que tenham tempo de trucidá-la como acontecera com Pasífae. Eu tinha aceitado carregar o peso da culpa por tantos anos; culpa por ter sido a irmã que sobreviveu, que se casou com o herói e construiu uma vida suportável, acreditando que Ariadne estava morta. O tempo todo, ela estava saltitando por Naxos, de mãos dadas com seu amante divino.

Rangi os dentes de frustração, querendo que o navio chegasse mais rápido a minha casa. Agora já podia deixar aquela culpa de lado, isso era um fato. Estava cansada de pagar o preço: os jovens que morriam para que pudéssemos manter nosso poder em Creta; o marido que eu aguentava para poder me vestir com luxo e beber vinho de cálices incrustados com pedrarias; o desejo que eu tentava aplacar para manter minha respeitabilidade e a boa opinião sobre mim de pessoas com as quais não me importava.

Hipólito me trouxera uma explosão de clareza – a dádiva de ver como a minha vida realmente era. O fato de Ariadne não ser capaz de enxergar a sua era motivo para ter pena dela. O mundo sabia o que acontecia naqueles rituais ao luar em Naxos, e isso era motivo de choque – a mesma condenação que nos queimava de vergonha em Creta. Ela talvez pensasse que era um preço justo a se pagar por uma vida de bem-aventuranças. Mas então como ela ousava me julgar?

Queria bater os pés e gritar em direção ao céu encoberto, apesar de saber que seria ridículo. Eu também havia mentido para mim mesma; dissera a mim mesma que Teseu era um homem como qualquer outro, de modo que eu devia tentar fazer o melhor da minha situação. Hipólito tinha me mostrado a existência de um outro tipo de

vida. A possibilidade de um mundo em que a bondade reinava, não a brutalidade nem a ganância ou o egoísmo.

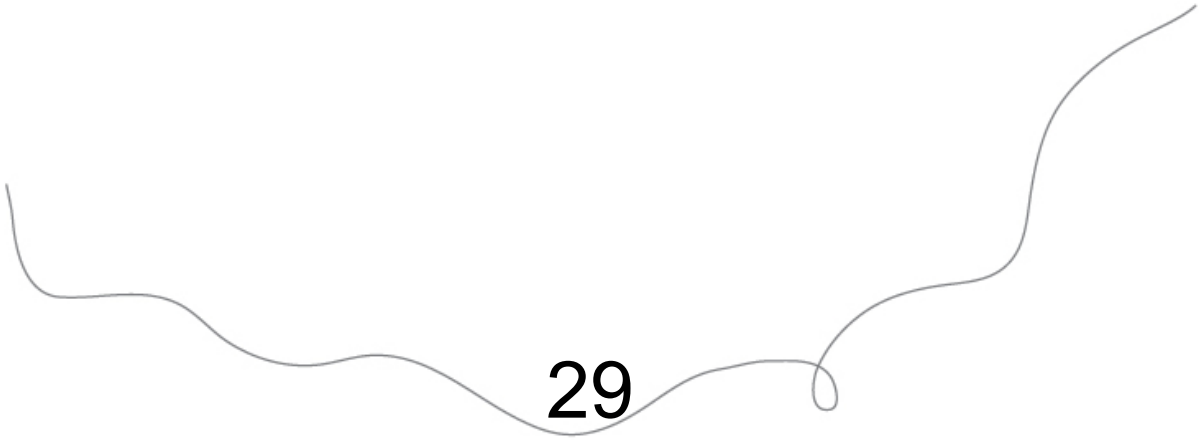
E quanto à crueldade de minha irmã ao descartar a chance de que ele sentisse o mesmo por mim… meu coração acelerou. Não podia ser. Simplesmente não era possível que aquela paixão, um amor tão puro e forte como aquele, não ocorresse dos dois lados. Talvez Hipólito não tivesse pensado nisso por ser tão ingênuo, tão modesto. Mas quando eu falasse com ele – quando retornasse a Atenas e lhe oferecesse um futuro comigo e com seus cavalos, longe do mundo da política e das regras sufocantes, um mundo como aquele de onde ele viera, um mundo que teríamos que construir sozinhos – eu sabia, no fundo do coração, que ele também sentiria o mesmo.

Então Naxos estava fechada para nós – não fazia diferença. Eu não queria mesmo participar do que acontecia naquelas florestas. Não importava para onde fôssemos, desde que fosse para bem longe de Atenas e de Teseu, e da vida à qual jamais suportaria voltar. Não era mais capaz de recolher os cacos e continuar tentando me equilibrar entre o dever e o ódio.

Quando a costa ateniense começou a se materializar a distância, uma sensação de calma voltou a me invadir. Eu não precisava da ajuda de Ariadne. Nunca tinha precisado. Longe de me desanimar, ela apenas me deixara mais resoluta do que nunca.

Naquela noite, eu me banharia com os óleos aromáticos mais finos, aproveitaria ao máximo os luxos que logo abandonaria de bom grado. Se Hipólito estivesse fora numa caçada, o que acontecia frequentemente, eu esperaria pelo retorno dele e não deixaria que as

palavras morressem em minha garganta outra vez. Havia redescoberto minha coragem. Não ia deixá-la escapar agora.



29

Ariadne

A visita de Fedra a Naxos, por mais breve e dolorosa que tivesse sido, deixou para trás uma farpa persistente. Eu não conseguia tirar da cabeça tudo que ela tinha dito, não importava quanto tentasse esquecer. Viera até mim em busca de um lugar seguro para ela e Hipólito, mas não havia pensado em Naxos por minha causa. Ela mesma admitia ter buscado a casa de Dioniso, por acreditar que ali era um lugar para transgressores e que nunca recusaríamos uma dupla de pecadores como eles. O que ela estava sugerindo – a união entre madrasta e enteado – era uma coisa hedionda para mim, e eu não acreditava que o resto do mundo encarasse aquele arranjo com o otimismo que ela imaginava. Se fosse assim mesmo, por que ela teria precisado vir até a ilha? Mas por que dissera aquelas palavras sobre Dioniso? *Você nem sabe quem é o seu marido.*

Era verdade que as mulheres vinham até ali aos montes para escapar das amarras de casamentos infelizes, isso eu não podia

negar. Mas não traziam amantes consigo; vinham para viver em paz e harmonia entre mulheres sedentas de uma liberdade que não podiam encontrar em outro lugar. O que Fedra tinha sugerido sobre os rituais nas montanhas? Eu via as bacantes subindo pelo caminho na colina ao pôr do sol, com flores trançadas no cabelo solto e jarros de vinho equilibrados em direção ao céu. Sempre tivera tanta confiança na pureza e na doce inocência de seus ritos, acreditando que bebiam o vinho e entregavam a alma a suas alegrias inebriantes, estreitando os laços de amor e amizade entre si. Quando Fedra falou sobre a situação, contaminou as palavras com insinuações escandalosas. Descreveu a dança que Dioniso conduzia pelo mundo como se fosse uma baderna de imoralidade e depravação que ele ia deixando pelo caminho. Eu sabia que não era assim. Tinha certeza de que os homens raivosos e amargos que minhas bacantes deixavam para trás falavam coisas desse tipo, e fiquei surpresa ao ver que ela acreditava em suas palavras injustas mesmo sabendo como essas narrativas podiam ser mentirosas e cruéis. E ela própria poderia ser vítima dessas fofocas lascivas se resolvesse levar seus planos a cabo.

Eu sabia que não podia ser verdade. Mas também não conseguia esquecer o modo como ela descrevera minha vida em Naxos, o encolhimento do meu mundo. Ela tinha razão ao dizer que eu não sabia como as coisas haviam mudado lá fora, e era verdade que eu não fazia ideia de onde Dioniso ia e por quê. Desde que ela viera a Naxos, minha paz perfeita havia rachado, e as pequenas dúvidas que ela deixara para trás me importunavam como um coro minúsculo em minha mente, projetado diante da cena das bacantes no riacho vermelho de sangue, uma imagem que eu não conseguia esquecer.

Quando Dioniso voltou outra vez, eu me peguei observando-o com mais atenção. O deus travesso com jeito de garoto que viera ao meu resgate tantos anos antes havia mudado um pouco naquele tempo. Deuses não envelhecem; sua encantadora aparência dourada permanecia a mesma, mas eu via uma diferença em seus olhos. Já não cintilavam com o mesmo deleite. Raramente falávamos sobre o mundo exterior, exceto pelas historinhas engraçadas e esclarecedoras sobre terras exóticas e costumes estrangeiros. Mas agora ele falava mais sobre os lugares que tinha visitado, e uma nota de irritação contaminava sua voz enquanto ele me contava sobre os lugares que não o cultuavam. Lugares onde não prensavam as uvas, onde não erguiam seus copos em honra a Dioniso, aquele que dá o vinho. Lugares onde chegavam mesmo a condenar seu consumo, falando com desconfiança sobre seus efeitos inebriantes.

Olhei para ele procurando algum sinal da deidade impulsiva que concedera a Midas seu desejo tolo e depois rapidamente voltara atrás. Agora ele estava falando sobre o monte Olimpo, de onde acabara de vir, e fiquei esperando os comentários mordazes; as descrições que ele fazia dos outros deuses e as risadas maldosas provocadas por sua decadência, seu caráter tedioso e suas preocupações mesquinhas. Ele estava me contando sobre uma conversa que tivera com Zeus, e imaginei que a qualquer momento ele fosse ridicularizar a dignidade séria de seu poderoso pai e debochar de seu porte pomposo.

— Fui reclamar, já que ele também é pai de Perseu, e com certeza devia ser capaz de dar conta do próprio filho…

O tom petulante na voz de Dioniso me pegou de surpresa. Nunca o escutara falar daquele jeito.

— O que quer dizer? — perguntei.

Ele fez uma careta mal-humorada.

— Você não prestou atenção em nada que eu falei — foi sua resposta. — Agora quer que eu repita tudo? — Deu um suspiro pesado. — Venha — disse ele, pegando o pequeno Taurópolo adormecido em meus braços, como sempre, porque eu nunca conseguia pousá- -lo em algum lugar sem provocar uma gritaria terrível, e desde a visita perturbadora de Fedra não tinha forças para encarar o choro.

Dioniso embalou o filhinho em seus braços. Se outra pessoa tivesse tentado mexer com o bebê enquanto dormia, sentiria a força de sua fúria pequenina, mas todos os meus filhos eram anjos com o pai imortal. Taurópolo se aconchegou na dobra do cotovelo do pai, esticou um braço gorducho para fora dos cueiros e deixou-o cair no peito de Dioniso. Seus dedinhos abertos sobre a túnica branca chamaram minha atenção, e tive que me obrigar a voltar minha atenção de volta ao que Dioniso estava dizendo.

— Meu meio-irmão mortal, Perseu — disse ele. — O matador da Górgona com seus cavalos alados que se acha o maioral. Ele não permite que meus santuários sejam construídos em sua cidade, Argos. Proíbe o meu culto em seus domínios e impede que as mulheres argivas subam as montanhas para praticar meus ritos. Nós dois temos o mesmo pai imortal; ele deveria se ajoelhar diante do irmão mais velho, mas em vez disso me despreza, e Zeus permite que isso aconteça!

Perseu. Nascido de Dânae, cujo pai a aprisionara numa torre alta sem telhado, para que nenhum pretendente a alcançasse. Sozinha dia após dia, tendo apenas um círculo de céu azul lá no alto para

onde olhar. Só um pai muito tolo para alardear aos céus um prêmio tão tentador. Zeus não enfrentou concorrência quando desceu pelas paredes da prisão circular sob a forma de milhares de gotas douradas. Perseu. Matador de monstros e governante de Argos. Sentava-se ao trono, inconteste, com seu monstruoso escudo exibindo a cabeça de Medusa, que transformava em pedra qualquer possível rival com um único olhar.

— O que Zeus disse quando você reclamou? — perguntei. Não estava interessada nas crenças de Perseu. Por mim, ele podia desprezar Dioniso à vontade. Não queria que ele viesse até ali, atrás dos favores do irmão.

— Que não vai intervir. — Os lábios crispados de Dioniso me alertaram para não perguntar mais. — Desde que seus próprios altares estejam abarrotados de oferendas, ele não está nem aí para o altar dos outros. Disse que eu devia ir buscar seguidores em outro lugar; que o mundo é vasto e repleto de adoradores dispostos se eu for atrás deles.

— Você sempre teve prazer em viajar para buscá-los — falei com calma.

O lampejo sombrio em seus olhos, que não me era familiar, parecia ameaçador como uma cobra no meio da folhagem.

— Estou exausto de viajar — respondeu ele com rispidez. — E se o meu próprio irmão me desdenha, por que estranhos que nunca ouviram falar de mim em terras bárbaras cairiam de joelhos?

Desde quando meu marido exigia que alguém caísse de joelhos? Ele sempre havia estimulado seus seguidores a dançarem. Não sei o que eu teria dito a seguir, pois fui interrompida pela chegada ruidosa de Estáfilo e Toas. Dando gritinhos satisfeitos pelo retorno tão

aguardado do pai, os dois se jogaram nos braços dele, subindo por seu corpo. Taurópolo deu seus guinchos de protesto, mas os irmãos não prestaram atenção a ele em meio à alegria. O rosto de Dioniso estava dourado e sorridente outra vez, e vi o semblante de meus filhos se abrindo como flores ao sol. Por alguns instantes barulhentos, eles se converteram numa confusão de braços e pernas, cabelos e beijos, e meu coração pulsava com uma doçura quase dolorosa ao ver a cena.

Depois que se instalaram junto ao pai, Estáfilo com os membros compridos de um menino de oito anos tentando caber debaixo de um braço, Toas acomodado debaixo do outro, Taurópolo ainda aconchegado contra seu peito, os três o observavam arrebatados, exigindo histórias dos lugares em que Dioniso estivera. Como sempre, ele obedeceu, contando-lhes sobre os poderosos dragões da terra distante da Cólquida, onde até mesmo os touros exalavam fogo, sobre as serpentes marinhas que se erguiam de suas cavernas rochosas, sobre as regiões selvagens habitadas por canibais e onde os ciclopes pastoreavam vastos rebanhos de ovelhas gigantes. Os meninos se apegavam a cada palavra que ele dizia, até que consegui achar um espaço para dar notícias nossas também.

— Recebemos uma visita enquanto você estava fora — falei quando ele já ia começando outra história sobre algum lugar distante. — Minha irmã, Fedra, veio até a nossa costa em busca de ajuda.

Um breve lampejo de interesse em seus olhos. Mas dava para ver que não tinha grande importância para ele.

— Fedra, casada há muitos anos com aquele príncipe de quem você me falou. — Meu tom era ácido.

Agora ele lembrava.

— Ah — disse ele, constrangido por um segundo. — Sim, Fedra. O que ela está achando da vida ao lado do heroico Teseu? É tudo que ela sonhava?

Eu estava ciente das crianças. Não podia dizer tudo que começava a borbulhar em meu peito.

— Acho que não — respondi. — Crianças, corram agora até em casa e avisem do retorno de seu pai para que as bacantes preparem o banquete. — Não dei espaço para seus protestos e incentivei os mais velhos a irem na frente. Quando voltei a me virar para Dioniso, ele estava com aquele novo olhar desafiador que eu não tinha visto antes, e senti minha impaciência aumentando. — Por que você mentiu para mim? — exigi saber. — Por que não me contou que era para Teseu que ela estava prometida?

Aquele lânguido dar de ombros. A indiferença que eu sempre amara agora me irritava de uma forma insuportável.

— Você ia ficar chateada — respondeu ele. — E não havia nada que você pudesse ter feito para evitar. Eu disse a verdade: Fedra estava feliz. Mais que feliz. Ela tinha tudo que queria; tudo com que sonhara em Creta, ouvindo as histórias dele com você.

— Ela não sabia como ele era! — gritei. — Não sabia o que ele tinha feito de verdade.

Dioniso balançava Taurópolo com gentileza. Eu nunca tinha duvidado dele. Não até Fedra navegar até ali sob uma bandeira ateniense e plantar suas sementes de desconfiança. Ele estava me encarando.

— Não teria feito diferença — disse ele em voz baixa. — Fedra estava apaixonada por Teseu, talvez mais do que você jamais

estivera. E ela tinha segurança em Atenas, muito mais do que teria em Creta. Minos tinha partido em sua missão tola de encontrar Dédalo, e a paz havia sido restaurada. Achei que tudo tinha se resolvido de forma muito melhor do que o esperado. Não contei tudo porque não queria lhe causar um segundo que fosse de preocupação. Mas pela expressão em seu rosto, vejo que Fedra caiu na real. De que maneira ele a decepcionou?

Hesitei. Lembrei-me de Fedra ainda garota, o brilho suave de seus olhos no salão de banquete em Cnossos, fixos em um prisioneiro acorrentado com um olhar verde e gélido. Ela teria sido desencorajada se soubesse como ele havia me abandonado? Ou ele teria dado um jeito de convencê-la, persuadi-la, encantá-la de alguma forma? A mulher orgulhosa, impetuosa e passional que substituíra aquela garotinha determinada não quisera ouvir minhas palavras sensatas mesmo agora. Teria ouvido naquela época? Eu estava desconfortável. Percebi que já conhecia meu marido havia mais tempo do que conhecera minha irmã.

— O filho dele, Hipólito, foi morar com eles em Atenas — comecei. Não queria falar sobre a paixão inapropriada de minha irmã, mas não sabia como evitar.

— Hipólito — disse Dioniso. — Ártemis se gaba a respeito dele. Um seguidor dedicado, de fato. Ele jurou permanecer casto, o oposto do pai. Devo dizer que herdou muito mais da amazona que do herói. Um belo jovem. Um filho muito melhor do que Teseu merece.

— Acho que Fedra concordaria com isso — falei. Não precisei dizer mais nada. Dioniso era capaz de compreender muito bem o meu tom de voz. Seus olhos se arregalaram. Pensei ter visto um

lampejo de divertimento em seu rosto. Mas certamente não o perdoaria se ele tivesse sido mais explícito.

— Então o coração dela está fadado a outra campanha fracassada — disse ele.

Eu me sentia derrotada, e sem dúvida o sentimento aparecia em meu rosto, ainda que ele não tivesse o dom da percepção divina. Dioniso me envolveu com o braço. Por alguns minutos silenciosos, observamos Taurópolo, que dormia satisfeito.

— Mortais — suspirou ele. Apoiou a bochecha contra o meu cabelo. — Costumam ser tão teimosos, tão determinados a não aceitar a razão. Todo mundo deveria viver com a mesma tranquilidade com que vivemos em Naxos, em vez de ficar inventando essas armadilhas infinitas em que se enroscar. As pessoas são a causa do próprio sofrimento, e ainda assim se recusam a enxergar. Revoltam-se contra os deuses durante todo o dia, para na calada da noite implorarem a compaixão deles. Mas não conseguem ver como seria simples tornarem as próprias vidas melhores.

Eu não estava acostumada a escutar palavras tão queixosas de um Dioniso sempre otimista e infatigável. E o tempo todo, como um tambor incessante em minha mente, as palavras de Fedra: *Você nem sabe quem é o seu marido.*

Eu tinha sido crédula e obediente. Achava que esse era o modo certo de agir; o caminho da paz e da felicidade. A satisfação doméstica que se instalara em nossa ilha feito uma névoa dourada fazia daquele lugar nosso paraíso particular, e eu realmente acreditava que Dioniso preferia estar em nossa companhia do que refestelado num trono no monte Olimpo. Achava que o nosso amor

era muito mais valioso para ele do que a adoração de milhares de seguidoras fanáticas de seu culto. Ainda acreditava nisso. Mas pela primeira vez me perguntei se aquilo era mesmo o bastante para satisfazer um deus.

Quando Dioniso me encontrou em Naxos, eu estava pronta para aceitar minha morte. Tinha feito um balanço da minha vida e chegado à conclusão de que as vidas atenienses que salvara por todos os anos vindouros valiam mais que a minha própria existência, e eu sabia que isso era justo. Agora eu tinha cinco filhos, meus meninos, radiantes de curiosidade e inocência. Cinco raios de luz que iluminavam meu mundo com uma alegria deslumbrante. Não havia preço que pudesse ser pago por eles, nenhuma nobre transação que pudesse ser feita, nenhuma recompensa que jamais chegaria perto de justificar a ideia de sacrificar uma lasca que fosse do conforto deles. Se Dioniso estava inquieto, cabia a mim garantir que isso não atrapalhasse a felicidade deles.

Observamos juntos o pôr do sol, como já havíamos feito tantas vezes antes, seus braços envolvendo a mim e ao nosso bebê, cálidos e protetores como sempre. Mas eu tinha decidido que descobriria mais. Seguiria as bacantes para ver o que faziam; observaria os ritos sagrados de Dioniso nas montanhas e saberia quem ele e suas seguidoras realmente eram. Esperava e acreditava poder provar que Fedra estava errada.

Como sempre, fizemos um banquete para celebrar o retorno dele. Travessas de bode assado fumegavam no centro da mesa comprida, as azeitonas brilhavam em pilhas altas e, obviamente, o vinho fluía à vontade. Os dois meninos mais velhos acompanhavam cada palavra do pai enquanto as crianças mais novas enlaçavam os braços no

pescoço de Dioniso, se amontoavam em seu colo e a certa altura apoiavam os rostos sonolentos em seu ombro e começavam a bocejar. Fiquei ali sentada, mais atenta que de costume, mas nada parecia diferente do comportamento habitual dele. Será que eu tinha permitido que as palavras de Fedra adquirissem mais significado do que mereciam?

Como sempre, fui colocar as crianças para dormir e, enquanto eu estava fora, meu marido e suas bacantes escapuliram da casa. Eu sabia que tinham tomado o caminho através da floresta; o caminho que Dioniso me mostrara anos antes quando chegamos a Naxos, que conduzia até uma clareira na encosta da montanha. O círculo pesado da lua o iluminava naquela noite, mas a lua era a única testemunha do que quer que fosse que acontecia lá.

Andei pelos cômodos vazios de nossa casa. Sendo mãe de crianças pequenas, o silêncio da noite sempre havia sido um luxo para mim, mas agora eu me sentia profundamente sozinha. Peguei-me diante da porta, o ar noturno suave contra a minha pele, meus olhos analisando o aclive que levava até a floresta. Desejei poder ver através daquele emaranhado de árvores, até onde as bacantes estariam cantando enquanto andavam atrás de meu marido.

Olhei de volta para os cômodos, o brilho dourado de uma miríade de velas derramando-se pela escuridão que se estendia à frente. Atrás de mim ficava o nosso santuário, onde nossos filhos dormiam tão tranquilamente. À minha frente… eu não sabia. Naxos não era minha durante a noite. Pertencia a Dioniso, e eu me sentia uma invasora adentrando a terra macia para além dos limites de nossos muros. Como as coisas tinham chegado a esse ponto? Quando tudo tinha mudado sem que eu percebesse?

Fiquei ali parada, indecisa. Eu iria agora, como havia me prometido? De algum modo, aquela promessa parecera tão mais fácil à luz do dia. *Não haveria nada para ver*, eu disse a mim mesma. Por um segundo, vi de novo o sangue manchando a água cristalina do rio. Os rostos das bacantes, inexpressivos, enquanto elas esfregavam as vestes, a espuma carmesim se agitando em volta de suas mãos. Balancei a cabeça, tentando afastar aquela imagem. Então dei um passo atrás, para o piso familiar de minha casa.

Estava decidido. Não naquela noite. Eu não iria naquela noite.

Enfrentei longas horas insones até a aurora, me perguntando quando ele voltaria. Quando ele finalmente entrou suavemente em nossos aposentos, seus pés imortais silenciosos sobre o piso de mármore, fiz um esforço para identificar, à luz fraca, qualquer mudança nele. Busquei as palavras para lhe fazer perguntas, mas elas não me vieram.

O sono dele foi imperturbável, mas eu me levantei cedo, antes mesmo de as crianças acordarem. Escapuli até lá fora, a beleza fresca de Naxos renovada ao raiar do dia. Sentia a umidade da terra debaixo das sandálias ao percorrer o caminho em direção à floresta escura e silenciosa.

O que estava procurando? Eu não sabia. Em meu coração, queria acreditar que tudo estaria igual, que tudo estaria como o esperado. Que a floresta conhecida não guardasse nenhum segredo, nenhuma escuridão oculta em minha ilha de luz e alegria. Para que a

inquietação trazida por Fedra fosse aplacada e minha fé no contentamento de Dioniso fosse restaurada.

Ouvi primeiro a respiração entrecortada, antes de vê-las. Uma rouquidão trêmula e cortante que a princípio soava mais animalesca que humana. Como uma presa aterrorizada tentando se esconder após uma perseguição frenética pela floresta. Não me viram enquanto desciam, aos tropeços, o declive que vinha em minha direção. As bacantes conheciam cada centímetro da floresta – deslizavam por ela com graça e leveza –, mas aquelas duas pareciam atordoadas, como se de repente tivessem se visto em terreno desconhecido. Agarravam-se ao braço uma da outra em busca de apoio, e eu conseguia ver dali as barras rasgadas das túnicas e os coágulos vermelhos manchando as saias.

Com o coração pulsando nos ouvidos, recuei, para trás do tronco retorcido de um enorme cedro. O aroma familiar invadiu minha garganta; eu o inalei, seu volume sólido me ancorando enquanto eu observava o avanço atrapalhado das duas.

Ao passarem perto de mim, notei que suas bochechas alvas estavam sujas de terra e lágrimas. Pensei na respiração ritmada de Dioniso quando o deixei adormecido, seu semblante plácido e relaxado. Ele tinha largado aquelas mulheres na floresta? Eram praticamente garotas; garotas que haviam fugido da crueldade e do sofrimento para vir até aqui, um local de refúgio.

Que preço meu marido cobrava pela segurança delas? O que tinha acontecido ali antes que ele voltasse para mim? Eu ousaria perguntar a elas o que seu deus lhes exigia na floresta deserta sob a luz da lua?

Talvez alguma coisa tivesse acontecido após a partida de Dioniso. Um ataque de algum animal, uma besta de algum tipo que as surpreendera quando elas ficaram para trás em relação ao grupo. Eu deveria perguntar a elas; segui-las e ajudá-las. Estremecendo para sair daquela perplexidade congelada, fiz menção de fazer isso, mas ao dar um passo à frente, vi outras bacantes de um ponto mais à frente no caminho correndo até elas, abraçando-as e afastando-as dali.

Fiquei observando-as irem embora. Se lhes perguntasse o que tinha acontecido, Dioniso ficaria sabendo. O único jeito de ter certeza era fazer o que eu deveria ter feito na noite anterior. Sabia que não tinha escolha, precisava segui-las e ver com meus próprios olhos.

30

Naquela noite, fizemos mais um banquete que se estendeu até altas horas, e nossos filhos mais novos adormeceram nos braços do pai. Os cílios dos meninos se espalhavam pela pele macia das bochechas arredondadas enquanto eles ficavam ali embolados no colo dele. Dioniso me olhou do outro lado da mesa daquele jeito cúmplice e silencioso que tínhamos um com o outro, e inclinou de leve a cabeça quando ambos nos levantamos. Carregou os meninos com facilidade. Parecia-se tanto com um homem em momentos como aquele, o rosto levemente corado do vinho e das risadas, que eu quase esquecia que ele era um deus, até vê-lo andando sem dificuldade com os três meninos no colo. Movia-se com tanta suavidade que nenhum deles sequer se mexia. Segui-o até o quarto escuro, onde ele os acomodou gentilmente sobre os estrados macios. A lua cortava uma linha de prata nos ladrilhos do piso. Senti o ar frio soprando de leve no rosto. Ele deu um passo para trás de

mim, bloqueando por um instante a luz das tochas acesas, e então saiu.

Pela janela, vi seus contornos contra o brilho prateado do luar. Uma longa procissão serpenteava a encosta da montanha. As saias brancas de tecido fino flutuavam; os cabelos soltos e o murmurar baixo das canções que a brisa me trazia em fragmentos.

A casa estava vazia. Enopião e Latromis já tinham ido para a cama. O único som eram os pequenos suspiros das crianças adormecidas. Eu sabia que Taurópolo logo acordaria com um choro estridente de fome estilhaçando o silêncio. Se eu fosse segui-las, tinha que ser agora.

Ninguém ousaria violar a santidade da casa de Dioniso. Nem mesmo uma besta da floresta que rondasse a área, um javali furioso ou um lobo faminto, cruzaria nossos limites. A proteção divina recaía sobre cada batente de porta, cada janela. Mantinha-nos seguros quando ele estava longe além das ondas, ou quando saía à noite para as encostas da montanha com suas bacantes. Mesmo assim, hesitei em deixar as crianças sozinhas na escuridão. A distância, ouvi o marulho do mar contra as rochas e o grito penoso de uma coruja que se lamentava para as estrelas.

Se fosse só pelo que Fedra dissera, eu poderia ter ignorado como uma fofoca maldosa. A garota esperta e cheia de esperanças com quem eu compartilhara minha infância em Creta havia se consumido até um monte amargo de cinzas, e suas palavras não passariam de restos chamuscados de raiva soprando no vento. Ela julgava todos os homens com base em Teseu. Como poderia ser diferente? Mas o riacho ensanguentado, as bacantes chorando na floresta… E de alguma forma, misturando-se a tudo isso, eu me lembrava da faísca

nos olhos de Dioniso quando ele falava dos altares de outros deuses abarrotados de oferendas enquanto ele era desprezado. Aquela imagem não me deixava em paz. Seria raiva? Ressentimento? Ou a chama da inveja, crua e enlouquecedora?

Não havia o que decidir. Virei-me num movimento súbito. Seria rápido; Taurópolo nem ia perceber minha ausência. Enrolei um xale nos ombros enquanto saía apressada de casa, silenciosa como um fantasma. As bacantes agora já iam longe, mas eu podia seguir o caminho serpenteante que subia a montanha, e os carvalhos retorcidos que flanqueavam a trilha me dariam boa cobertura quando eu me aproximasse. O ar da noite estava mais frio e cortante do que eu esperava, e meu coração batia acelerado, acompanhando o ritmo de meus passos ligeiros.

Nos primeiros dias, eu me sentava ao lado de Dioniso na clareira enquanto as bacantes cantavam e faziam as libações. Não conseguia identificar quando isso tinha mudado. Verdade, quando Enopião nasceu, eu ficava sempre com o bebê – e Latromis veio logo depois. Quando a noite caía, eu estava balançando algum bebê no colo, meus olhos pesados de sono, e não escalando uma montanha para beber vinho de um cálice dourado. Mas eu sempre sentira que poderia ter acompanhado meu marido, que minha presença era bem-vinda.

Agora eu sentia os arrepios frios do nervosismo; que se eu fosse pega ele ficaria furioso, e não sabia quando nem por que isso tinha acontecido. Onde estava a Ariadne ousada que havia embarcado no navio de Teseu, que abandonara sua vida antiga em chamas, com o futuro ainda por desvendar? A garota que abrira o Labirinto, a mulher que havia usado o diadema de Dioniso, a mãe que buscara até a

última reserva de força no corpo para trazer seus filhos ao mundo? Como eu tinha me tornado insegura quanto ao meu direito de subir aquelas colinas da minha própria ilha, onde eu governava ao lado de um deus? Por que me esgueirava tão furtivamente por entre as árvores, em vez de andar com confiança até meu lugar de direito ao lado do meu marido?

Eu estava dividida: ansiosa para chegar à clareira e finalmente descobrir tudo, mas igualmente tomada pela ansiedade de que Taurópolo fosse acordar e perceber que eu não estava lá. Talvez fosse por isso que minhas entranhas se contorciam de pânico. Talvez fosse simplesmente o meu instinto materno, impelindo-me a retornar para perto de meus filhos adormecidos, nada mais.

O canto das bacantes soava alto e claro agora, acompanhado do compasso ritmado de um tambor, que batia grave e incansável; a abertura por entre as árvores estava logo à frente, banhada pelo luar. Por trás da canção dos tambores, eu ouvia outro barulho, um balido. Parecia tanto com o choro de um bebê que levei um susto, achando que devia ser Taurópolo, mas o som continuou e eu percebi que era mais animal que humano. Uma cabrita, com tufos jovens de pelagem lisa e macia. Vi o filhote sendo erguido no meio do círculo de mulheres enquanto me aproximava, a mão apoiada no tronco ancestral de carvalho para me equilibrar.

Ele teria percebido que eu estava ali, com certeza, se não estivesse tão arrebatado e absorto pelos procedimentos. Seus ombros estavam cobertos por uma pesada pele animal; a mão segurava um grande chifre curvo de osso branco, manchado com linhas compridas de um líquido grosso e vermelho. O aroma doce e inebriante do vinho pesava no ar. Uma coroa de louros estava

pousada num ângulo torto sobre seus cachos dourados. Seus olhos inexpressivos sob a luz do luar estavam fixos na cabrita cujos gritos apavorados ficavam cada vez mais altos e estridentes.

Eu nunca tinha visto meu marido gaiato, meu deus-garoto travesso, daquele jeito. Não conseguia desviar o olhar de seu rosto. Nas bordas do meu campo de visão, via os círculos brancos do rosto das bacantes, os vazios profundos de seus olhos, as aberturas cavernosas de suas bocas. A batida dos tambores estava agora instável, à medida que ia ficando mais frenética e selvagem. Já não era uma canção o que vertia de seus lábios; parecia-se mais com um uivo longo e ondulante. Aquelas mulheres, que cuidavam do jardim ao meu lado todos os dias, que davam uvas ao pequeno Toas quando ele puxava a barra de suas saias com os dedos já manchados de roxo, cujas risadas ecoavam por toda a minha ilha, agora se assemelhavam a modelos sinistros de si mesmas, esculpidas em cera sem muita habilidade, de modo que seus traços pareciam distorcidos e estranhamente vagos.

Recuei horrorizada. Não reconhecia nada naquela clareira, naqueles ritos, naquela figura no centro de tudo, com os braços erguidos para o céu como se fosse ele quem estivesse arrancando a cacofonia de guinchos dissonantes das gargantas delas. Eu não queria ver mais nada. Minhas palmas estavam escorregadias contra o tronco, a pele formigava frenética e meu coração batia forte, mais acelerado que os tambores. Estava desesperada com a ideia de não ser vista, embora não soubesse se alguém ali seria capaz de enxergar alguma coisa através do véu de loucura que parecia ter baixado sobre todo o grupo. Mais do que tudo, eu sabia que não

queria ser tragada para dentro daquele círculo, que não queria me juntar a elas e esquecer quem eu era.

Pensei em meus garotos dormindo quentinhos, aconchegados uns aos outros entre os travesseiros recheados com penas, e desejei envolvê-los em meus braços outra vez. Ordenei minhas pernas trêmulas como borracha a se moverem, mas elas se recusaram a obedecer.

Não pude evitar a visão do que veio a seguir.

Uma das bacantes estava segurando a cabrita no alto. Do círculo de gemidos surgiu um punho branco segurando uma das patas que se debatia furiosamente. Depois outra mão, e outra. Elas seguraram o animal com força, dedos magros agarrando cada um dos membros e afundando no couro, torcendo os tufos de pelos. O bicho gritava; um som rasgado e interminável que pensei que fosse fazer minha cabeça explodir.

Um baque surdo no silêncio repentino, abrupto. Uma ruptura suave, um rasgão grudento.

Nenhum balido mais.

Minhas mãos cobriam os olhos, embora eu conseguisse ver a cena se desenrolando na escuridão por trás das pálpebras. Senti a bile subindo ácida e cortante pela garganta. Engoli-a de volta, rezando para que meu corpo não me entregasse. Não ousei olhar outra vez, mas não ia ficar me escondendo atrás dos meus próprios braços. Se alguém me visse, eu ficaria de pé. Dei um suspiro longo e silencioso e forcei minhas mãos trêmulas a descerem até as laterais do meu corpo.

Olhei.

Dioniso estava de pé sobre os restos sangrentos e estraçalhados da cabrita. Seu rosto escavado feito mármore. As bacantes, que segundos antes se contorciam e gritavam, agora estavam imóveis e silenciosas. O único movimento na clareira era o sangue escorrendo devagar por seus braços e bochechas, tão grosso e escuro que era quase preto. Seus rostos agora ganhavam forma. Ao lado de Dioniso estava Eufrosina, recém-chegada à costa de Naxos. Eu me lembrava dela no dia anterior, saindo com um passo leve do bote a remo, o cabelo brilhando como madeira polida e as bochechas marcadas por covinhas quando sorria. Agora seu cabelo pendia em mechas longas e embaraçadas. O único ruído que eu escutava era o de sua respiração suave.

Dioniso falou. Um som selvagem, primitivo. Palavras que eu nunca ouvira antes, estranhas e ríspidas.

Ouvi um gemido e enfiei a mão na boca, com medo de que tivesse saído de mim e eu fosse descoberta. Mas não fui eu que dei aquele pequeno choramingo. Era impossível, mas aos pés de Dioniso, os ligamentos dispersos de pelos e tendões estavam se virando e se movendo e, diante dos meus olhos, eles se agruparam na forma indiscutível de uma cabrita. Inteira, nova, fresca, ela se pôs de pé num salto, os cascos batendo incertos na rocha. A pelagem era do branco mais puro, intacta e imaculada como neve virgem.

A estranha tensão no círculo relaxou. Vi as bacantes se soltarem, relaxarem os ombros e começarem a se virar umas para as outras. Espirais de risadas, afiadas por um tom de insanidade, se erguiam no ar parado da noite.

Era a minha chance de sair correndo antes que elas saíssem da clareira. Eu desceria em silêncio pela colina e ninguém jamais

saberia que eu estivera ali. Enterraria o rosto no volume morno e suave de meus filhos adormecidos e tentaria esquecer o que tinha visto. Mas antes de fugir, olhei mais uma vez. Ele estava ali parado, imóvel no meio do círculo. Seu rosto impassível enquanto observava a pequena cabrita saltitando a seus pés. Uma friagem pegajosa comprimiu meu coração.

Corri de volta para casa, o mais rápido que meus pés conseguiram me levar.

31

Fiquei olhando meus filhos dormirem naquela noite até o contorno róseo do amanhecer no horizonte queimar meus olhos pesados. Observei seus tórax diminutos se moverem para cima e para baixo, e os sonhos tremulantes se desenrolarem por trás das pálpebras macias. Pensei no Minotauro, perseguindo ratos no estábulo durante a infância. Eu me lembrava dos guinchos agudos das presas quando ele atacava e das entranhas se contorcendo e se espalhando pelo piso de terra escura. Pensei na carne se rasgando e nos ossos sendo arrancados das articulações e no sangue encharcando os vestidos brancos e finos que as bacantes usavam. Pensei nos tendões e cartilagens e na feiura esquálida e fétida do mundo. Arrastei os nós dos dedos pela região dolorida ao redor dos olhos, me perguntando se algum dia conseguiria fechá-los de novo sem ver o rosto rígido e absorto de Dioniso sob aquela luz fria de prata.

As crianças acordaram, clamando pelo desjejum, por carinhos, por seus brinquedos favoritos. Apesar do cansaço que pesava feito chumbo, recebi com boa vontade seu falatório e suas exigências. Mais do que qualquer coisa, eu me agarrei à sensação de seus braços enroscados em meu pescoço e inalei aquele aroma especial do topo de suas cabeças, o cheiro doce dos meus bebês. Depois da refeição, Estáfilo foi até o olival nos fundos da casa para brincar de caçada, enquanto Toas se ocupava procurando gravetos com que bater nos troncos das árvores para fazer um barulho que agradava somente a ele mesmo. Prendi Taurópolo junto ao peito e fui colher uvas dos ramos pesados no vinhedo. Costumava ser uma tarefa agradável, mas hoje o fedor adocicado me fazia estremecer com a memória do ar fermentado da clareira na noite anterior. Nuvens pesadas e de aspecto ameaçador começavam a se juntar no horizonte, e a atmosfera parecia prestes a explodir de calor. Fui puxando os cachos para baixo e enchendo meu cesto até perceber que estava sendo observada.

Já não havia nenhum traço da esbórnia. A pele dela estava limpa e sem manchas, o cabelo não mais embaraçado com nós escuros. Mas hoje também não havia covinhas; seu rosto estava sério. Sua aparência era tão jovem – talvez tivesse a mesma idade que eu quando cheguei a Naxos. Parecia ter sido há tanto tempo.

— Eufrosina? — foi uma pergunta hesitante, embora eu tivesse certeza de que era ela. Seu nome significava alegria ou júbilo. Soara apropriado quando eu a vira chegar, toda sorridente. Eu não tinha certeza de qual nome abarcaria a máscara lisa e inexpressiva que havia transformado seus traços na noite anterior.

Ela confirmou com a cabeça. Parecia insegura, sem saber direito como se aproximar de mim. Eu me perguntei se ela sabia o que eu tinha visto. Fiquei pensando por que ela tinha vindo até a ilha. Teria sido a atração pelo sangue e pelo êxtase das madrugadas na floresta que a fizera navegar através das águas azuis e cintilantes?

Perguntei-me por que ela estava ali agora, no vinhedo. Uma onda de cansaço crescia dentro de mim, e passei a mão pelos olhos, desejando poder me deitar e dormir. Não estava no clima para conversar, e a relutância dela de falar estava piorando o meu humor já irritado.

— Eu estava pensando… — ela começou e parou.

— Por favor, diga — falei, a impaciência certamente transparecendo na minha voz. Vi que os olhos dela se arregalaram um pouco. Dei um suspiro. Fiz um gesto indicando o toco de uma árvore, largo e plano, já liso pelo uso. — Vamos nos sentar um pouco. O dia está quente e dormi pouco na noite passada. Você descansou bem?

O silêncio se abateu sobre nós. Ela não respondeu, mas se sentou ao meu lado. Segurava com o punho um pedaço embolado da saia. Percebi que ela tinha medo de mim. Eu era a esposa de Dioniso, claro, e ela não queria me deixar irritada. Será que pensava que a minha fúria levaria Dioniso a reduzi-la a cinzas? Como se eu tivesse o rancor vingativo de Hera, e Dioniso, a ferocidade inflamada de Zeus. Não éramos como eles; sempre havíamos dito um ao outro que não, e eu havia me acomodado ao conforto daquela crença.

— Acho que a vi ontem à noite… um lampejo do seu cabelo, entre as árvores — começou ela hesitante.

Respirei fundo. Então eu tinha sido vista, ainda que fosse apenas um fragmento de memória em meio ao frenesi. E agora aquela pobre garota não sabia o que fazer caso se visse bem no meio de uma discussão entre um deus e a esposa dele.

— Então, por que está vindo falar comigo e não com meu marido? — perguntei.

Ela me olhou.

— Você não participa dos rituais.

— Não são do meu gosto — respondi. — Mas eu ficaria feliz se você não mencionasse isso para Dioniso.

— Não vou contar — respondeu ela na mesma hora.

Apesar de estar um pouco irritada com a presença dela e de não ter entendido ainda por que tinha vindo me procurar, havia uma coisa que eu queria saber. A pergunta me consumia por dentro; eu precisava saber por que alguém que parecia tão doce e inocente como ela acharia prazeroso o que eu tinha visto na clareira. Então pedi a ela para me dizer o que a trouxera a Naxos, por que abandonara sua vida para seguir os passos dourados de meu marido divino.

— Eu morava em Atenas — disse ela. — Minha família era pobre; mal tínhamos o suficiente para comer todos os dias. Uma colheita malsucedida, um inverno rigoroso, meu pai sempre dizia que seria o nosso fim. Ele rezava a Deméter para que nossas plantações miseráveis crescessem e garantissem o nosso sustento. Quando fiz dezesseis anos, ele disse que eu iria me casar e deixar de ser um fardo para ele, embora só os céus soubessem onde ele iria encontrar dotes suficientes para convencer algum homem a ficar comigo. O marido que ele escolheu tinha olhos frios como pedra. Não gostei

dele e chorei, mas minha mãe estava exausta e não tinha qualquer palavra de consolo, pois os anos longos e difíceis lhe haviam consumido toda a bondade. Não ousei mostrar a meu pai qualquer sinal de discordância; sabia quais seriam as consequências. Então nos casamos e eu esperava que, quando tivesse um filho, ao menos teria algo para amar. Meu útero inchou e eu sentia o bebê chutando quando pousava a mão nele. Sabia que aquela pequena vida estava se comunicando comigo, dizendo que mal podia esperar até sair para os meus braços. Não tive medo quando o trabalho de parto começou. Foi longo e difícil, mas eu não sentia nada além de empolgação. Quando puseram minha filha em meus braços… Não consigo nem descrever.

Eu sabia mesmo sem a descrição. Lembrava-me da doçura extraordinária de segurar meus recém-nascidos pela primeira vez. Eu me perguntei o que teria acontecido com a filha dela.

— Levei a bebê até meu marido, para mostrar a ele aquele pequeno milagre perfeito que a nossa união sem alegria havia criado. — A expressão nos olhos dela me fez abaixar o olhar, com medo de testemunhar algo intenso demais. — “Uma menina”, ele disse, “o que eu vou fazer com uma menina? Largue-a numa encosta qualquer, não passa de uma boca inútil para alimentar.” — O rosto dela se contorceu. — Eles a arrancaram de meus braços mesmo depois que gritei. Ela chorava e eu berrava, mas eles a levaram embora e eu gritei mais ainda até que o mundo inteiro ficou escuro ao meu redor. Passei dias apagada, e a essa altura minha bebê já estava morta havia muito tempo em alguma encosta deserta, mas eu ouvia o choro dela aonde quer que fosse, não importava o que fizesse. O choro só silenciou quando embarquei naquele bote e vim

para Naxos. Eu mesma empunhei os remos, dei cada impulso. Quando cheguei à costa, foi a primeira vez que me senti feliz, exceto por aquele único instante perfeito quando segurei minha filha. Sorria tanto que achei que meu rosto fosse se rasgar ao meio.

Soltei um suspiro longo e trêmulo. Voltei a ver o rosto dela inexpressivo na clareira. O filhote trazido de volta à vida diante de seus olhos. Entendi como ela esperava que Dioniso a recompensasse por seus serviços. Eu me sentia nauseada e vazia e muito, muito cansada.

A luz havia desaparecido completamente do céu, nuvens escuras se agrupando acima de nós. Eu não conseguia encontrar palavras para dizer àquela mulher desesperada, esperançosa e iludida.

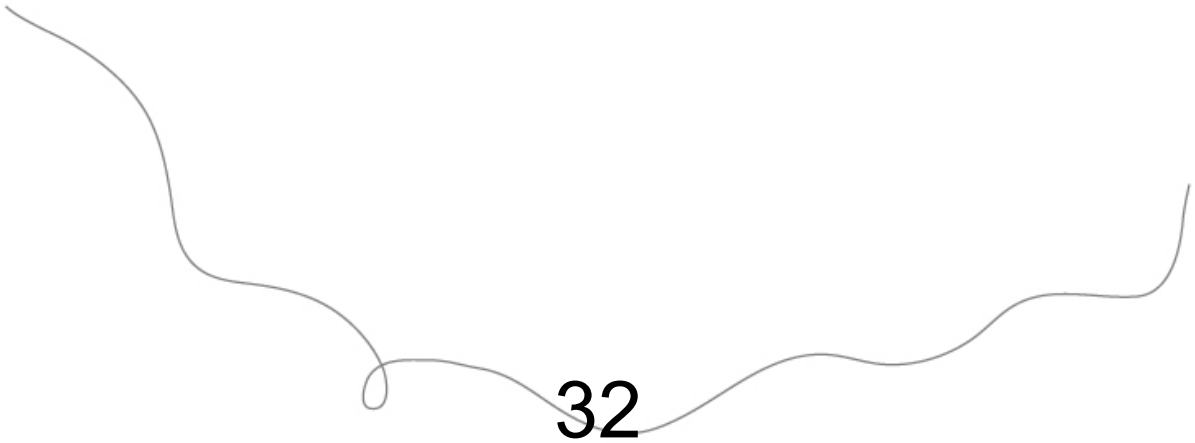
— Então fico feliz por você ter vindo aqui — foi tudo que consegui falar.

Peguei a mão dela. Apertei-a entre as minhas. O horror tão corriqueiro da história dela tinha me deixado arrasada. Não conseguia conceber como um ser humano podia ser capaz de olhar para o rosto de uma mãe e fazer o que tinham feito com ela e sua bebê. Mas eu sabia que isso acontecia todos os dias. E os deuses seguiam com seus banquetes, saboreando até o último fiapo de fumaça que subia dos altares, alimentados pelo desespero como o dela; tantas súplicas de agonia aos céus pedindo o fim do sofrimento. O monte Olimpo devia reverberar até o topo de seus pilares dourados com o barulho da miséria humana. Mas Dioniso me dissera que o único som que ecoava naqueles salões eram as conversas autocentradas dos imortais.

— Também fico feliz — respondeu ela. Apertou minhas mãos de volta e depois soltou os dedos do meu enlace.

Não assisti à procissão subindo o caminho das montanhas naquela noite. Em vez disso, fiquei deitada ao lado de meus filhos pensando na minha sorte, todos eles unidos bem junto ao meu coração.

Quando acordei no dia seguinte, estava decidida. Iria a Atenas. Já havia deixado Fedra uma vez. Não a abandonaria de novo.



32

Assim que minha decisão foi tomada, fiquei ansiosa pela partida.

— Mas não entendo por que você quer ir atrás dela. — Dioniso franzia a testa deitado em minha cama enquanto eu catava meus pertences, todas as coisas que precisaria levar comigo.

Quando fiz as malas para ir embora de Creta, viajava leve nas asas do amor. Além do mais, não tinha filhos naquela época. Eu não podia ir sem Taurópolo; ele era novo demais. Mas a logística de uma viagem marítima com um bebê estava me tirando dos eixos.

— Ela deixou bem claro como se sentia quando foi embora daqui — continuou Dioniso.

— Mais um motivo para me apressar — respondi cortante. — Não quero deixar as coisas desse jeito. Não quero que os sentimentos ruins cresçam, fiquem estagnados e se consolidem.

— Você acha que vai conseguir fazê-la mudar de ideia, mas não vai — disse ele.

A irritação brotou dentro do meu peito.

— Como você pode ter certeza? — Não lhe dei chance de responder. — Além disso, o importante é tentar, não importa o resultado.

Ele bufou.

— Era melhor você ficar aqui, com as crianças.

Parti para o ataque.

— Falar é muito fácil! Mas você mesmo não segue o próprio conselho!

Seus olhos se acenderam de surpresa, mas eu já não conseguia mais parar.

— Você está sempre para lá e para cá. Fazendo de tudo para aumentar sua fama, apesar de antigamente dizer que não se importava com essas coisas. A busca pela glória era coisa dos outros deuses, ou pior, dos heróis de estimação deles. Agora você some sempre que lhe dá na telha e me deixa aqui sem saber para onde foi, o que está fazendo, quando vai voltar!

Minha respiração estava acelerada; todos os pensamentos que giravam em minha cabeça desde a visita de Fedra, desde o sacrifício da cabrita, todos eles transbordando sem que eu conseguisse controlar as palavras.

— Você nunca disse que se incomodava com as minhas viagens — apontou ele. Seus olhos estavam calmos, mas sua boca se apertava numa linha fina muito diferente do habitual sorrisinho brincalhão.

— Você nunca perguntou se eu me incomodava — respondi. — Nem se eu gostaria de ir com você. Eu me pergunto por quê.

Ao ouvir isso, ele se sentou ereto.

— Você nunca quis vir comigo!

— Podemos ficar horas dando voltas nessa discussão – resmunguei. — Mas agora é a minha vez de ir embora. E eu vou.

Dei meia-volta, pronta para sair dali, mas ele segurou meu ombro com delicadeza.

— Não vou impedi-la — disse ele. — Só quero protegê-la da dor. E Fedra… ela está seguindo uma direção que nunca vi antes. Não vai acabar bem.

Lutei contra os sentimentos em meu peito. Engoli as coisas que não tinha tempo para dizer naquela hora. Peguei a mão dele.

— Então com certeza você entende que eu preciso fazer tudo o que puder para ajudá-la antes que seja tarde demais.

Ele não disse que já era tarde demais. Fiquei grata ao menos por isso.

Dioniso ficou de pé na costa com os quatro meninos mais velhos acenando para nós na partida. Agarrei Taurópolo enquanto o enorme navio agitava a água, com medo de que ele escorregasse de meus braços, mas ele acenou com o pequeno punho gorducho por nós dois.

A embarcação de Dioniso navegava veloz e suave. Não demoramos a chegar a Atenas, apesar de ter parecido uma eternidade. Fedra devia ter excelentes sentinelas, pois já estava no ancoradouro esperando por mim antes mesmo de aportarmos.

Abriu aquele sorriso fino que não lhe chegava aos olhos.

— Ariadne — disse ela, enquanto eu descia do navio para o cais que rangia.

— Fedra! — Corri para cumprimentá-la.

— O que a traz aqui em tão pouco tempo? — perguntou ela.

Cheguei mais perto dela e sussurrei, para que o grupo ali reunido não nos ouvisse.

— Não queria deixar as coisas daquele jeito.

Ela deu de ombros.

— Bom, você é bem-vinda em Atenas, minha irmã — disse ela, embora seu tom de voz sugerisse o contrário. — Venha. É uma subida bastante íngreme até o palácio. Você talvez esteja fora de forma desde Cnossos.

Eu me vi mais desconcertada do que esperava pelo barulho e movimento do porto. Não era só com a subida dos muitos lances de escada que eu estava desacostumada, mas também com aquela multidão agitada e barulhenta depois de tantos anos na calma silenciosa de Naxos. Deveria ter acompanhado Dioniso em algumas de suas viagens. Eu me abandonara a um sonho idílico e agora me via jogada de volta no mundo abruptamente, lutando contra uma maré que ameaçava me levar embora. Fiquei feliz por Taurópolo estar preso bem firme junto ao meu corpo.

A multidão se abria para Fedra, obviamente. Fiquei perto da sombra dela, me perguntando como havíamos chegado àquele ponto. Quando alcançamos o topo, ela se virou para mim de repente.

— Se você veio para me dar mais sermão… — começou ela.

Levantei as duas mãos.

— Prometo, não é por isso que estou aqui.

Ela relaxou um pouco.

— Ótimo. Porque Teseu ainda não voltou, e pretendo conversar com Hipólito hoje mesmo, à tarde.

Fiquei aliviada por Teseu não estar na corte. Esperei um segundo, depois escolhi as palavras com cuidado.

— Como você espera que ele reaja?

Ela afastou o cabelo do rosto.

— Não é possível sentir uma coisa assim, ter esse tipo de conexão com alguém, ter a certeza que eu tenho em cada nervo do meu corpo, e isso não ser recíproco. Ele também sente o mesmo, eu sei que ele deve sentir.

Era como se eu estivesse atravessando um lago congelado, como Dioniso me descrevera de uma das terras distantes que havia visitado. Cada passo devia ser dado com muita delicadeza, ou o gelo quebraria sob meus pés e me tragaria para as profundezas geladas.

— Não estou aqui para julgá-la, Fedra, juro. Só para lhe dizer que já me senti exatamente assim a respeito de Teseu… e ele me largou para morrer.

— Hipólito não é como o pai. — Ela fez uma pausa. — É por isso que eu o amo.

Estava tão obstinada, tão teimosa recusando-se a escutar. Mas fiquei feliz por estar ali justo no dia que ela tinha escolhido para declarar sua paixão. Mais tarde, talvez ela se sentisse inclinada a vir até mim, quando a chama da humilhação começasse a arder.

Fomos até a sombra no pátio do palácio. Fedra me convidou a sentar-me em um dos sofás e disse que buscaria uvas e água para me revigorar da viagem. Afrouxei os tecidos que prendiam Taurópolo a mim e o deixei ficar de pé em meu colo, segurando-o com firmeza. Seus olhos grandes e escuros observavam o entorno pouco familiar.

Um movimento perto de uma das pilastras ornamentadas atraiu minha atenção. Um jovem deu um passo à frente. Era exatamente como Fedra o havia descrito. Alto, elegante, forte e exalando vitalidade. Aproximou-se com timidez, mas de maneira educada. Eu me perguntei como Teseu havia gerado um filho de temperamento tão doce.

— Você deve ser Hipólito — falei. — Sou Ariadne, irmã de Fedra.

— Claro — respondeu ele. — Então, na verdade, você é minha tia.

— Ah… é, acho que… — hesitei, confusa.

O sorriso dele vacilou. Dava para ver que ele estava preocupado de ter cruzado algum limite de intimidade, mas esse não era o problema, de forma alguma. Se ele me via como uma tia, devia ver Fedra como uma mãe. Fechei os olhos por um segundo, desejando com muita força que ela desistisse do sonho desenganado.

Fedra voltou apressada por entre as pilastras com uma travessa de uvas. Quando viu Hipólito parado à minha frente, recuou um pouco.

— Ah… estou vendo… estou vendo que você conheceu minha irmã — disse ela.

Como ele não era capaz de enxergar, eu não fazia nem ideia. Ou era extraordinariamente ingênuo ou um excelente ator. Diante de meus olhos, ela se tornou a garota de treze anos que eu me lembrava de ter visto assistindo ao triunfo de Teseu na arena de luta em Creta; seus olhos estavam redondos de admiração e seus dedos tremiam – sim, tremiam! – em volta da travessa de prata que agora oscilava como um barco nas ondas agitadas.

Hipólito podia até não ter notado, mas eu apostava que os criados de Fedra, os agregados e os parasitas tinham. Eu ficaria surpresa se ela não voltasse a ser alvo das fofocas palacianas.

— Está indo para o estábulo? — perguntou trêmula.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Mais tarde irei até lá também — respondeu ela. Seu rosto havia corado até as raízes do cabelo dourado.

— Adeus — disse ele, ainda parecendo não ter notado nada. Acenou com a cabeça para mim. — Adeus, tia Ariadne.

Assim que ele saiu, a gentileza do comportamento dela voltou imediatamente à frieza áspera que havia demonstrado comigo antes. Ela me olhou feio, como se me desafiasse a dizer alguma coisa.

Comi as uvas. Talvez fosse melhor que ela declarasse logo seus sentimentos por ele, por mais doloroso que fosse. Assim que tudo estivesse às claras, poderíamos ir embora de Atenas juntas, de preferência antes do retorno de Teseu.

Acomodei Taurópolo para a soneca da tarde. Os cômodos do palácio eram arejados e luxuosos, com uma abundância de almofadas macias. Quando por fim o rosto dele relaxou no sono e eu ousei me afastar devagarinho, encontrei o pátio vazio. Pelo visto ela tinha ido embora, determinada a perseguir seus sonhos tolos.

A tarde foi passando e Fedra não voltava. Comecei a andar de um lado para o outro do pátio, espiando pelos corredores e por entre as colunas de mármore. Não conseguia conter uma faísca de curiosidade. Eu já achara no passado que aquele palácio seria meu lar. Que tipo de vida teria vivido ali, casada com Teseu? Fechei os olhos e Naxos surgiu à minha frente, com suas vastas enseadas cor de esmeralda, os picos cinza-azulados das montanhas

desaparecendo na neblina. Escutei o riso de meus filhos ecoando pelas rochas; vi meu marido correndo pela areia em minha direção.

De repente, um estouro de berrantes começou a tocar no porto lá embaixo. Um instante depois, o choro de Taurópolo me chamou, e me apressei a tirá-lo do ninho confortável, deliciada com o toque macio de seu rosto pressionado contra meu pescoço enquanto ele ia abandonando o sono.

Carreguei-o de volta comigo. Os corredores pareciam tão silenciosos, tão vazios para um palácio real. Fiquei me perguntando onde estavam todos, o que o toque dos berrantes significava. Taurópolo estendeu a mão para tocar os afrescos vívidos que cobriam as paredes: Atena e sua oliveira, Posêidon com sua fonte salina, o nascimento de uma grande cidade exibido com orgulho. Fui sussurrando as histórias no ouvido do bebê enquanto andávamos de volta para o pátio. De repente, parei.

Havia alguém ali, mas não era Fedra.

33

Fedra

A chegada de Ariadne me deixou desconcertada. Espero ter parecido calma, sob controle na frente dela; que ela não tenha visto o turbilhão que me faz girar impotente, como se eu estivesse no olho de um furacão.

Naveguei de volta até aqui com tanta confiança e determinação. Hipólito tinha ido caçar quando da minha chegada, mas aguardei com uma paciência tranquila e segura o retorno dele. Jurei que aproveitaria o momento, mas minha coragem se esvaiu mais uma vez. E agora ela está aqui e eu ainda não falei. Sei que ela vai tentar me persuadir de novo, não importa o que diga. Não acho que consigo escutá-la. Não aguentarei ouvir as palavras dela.

Então. Ela me obrigou a isso. Tem que ser hoje.

Meus dedos tremem demais para pegar os pentes de prata, para arrumar o cabelo. Tudo bem. Hipólito vai preferir as mechas soltas, tenho certeza.

Agora. Enquanto ela está distraída com aquele bebê. Tem que ser agora.

Sinto que não são minhas pernas que me carregam para fora do quarto, para fora do palácio. Todo o meu futuro, meu destino, se apresenta à minha frente, basta apenas que eu dê um passo em direção a ele.

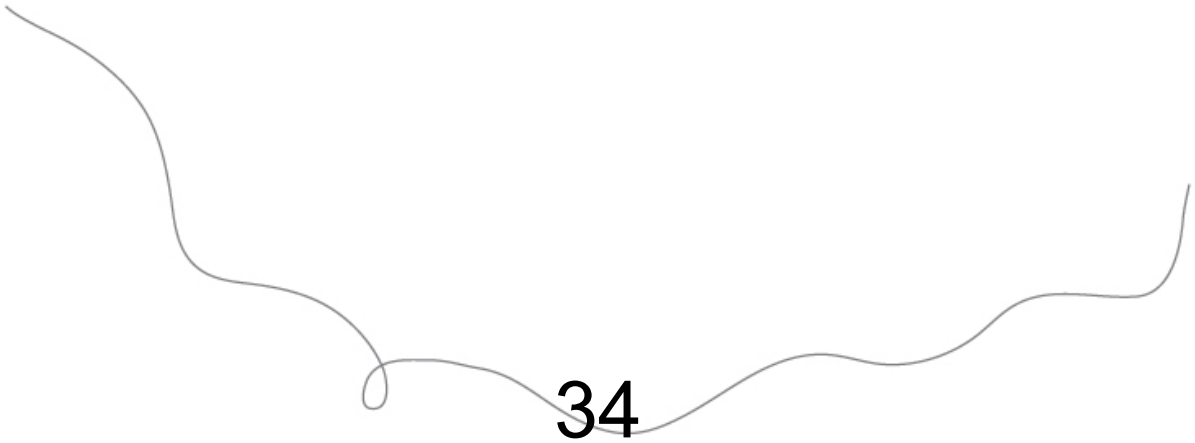
Ele está lá, no estábulo. Claro que está. Os deuses estão comigo – a bela e ousada Afrodite deve ter me sorrido, pois ele está sozinho e não há mais ninguém por perto. Posso tê-lo só para mim e, num instante, terei tudo. Digo a mim mesma que talvez tenhamos de ir embora no navio de Ariadne no fim das contas; talvez a chegada dela tenha sido mesmo fortuita.

Ele está surpreso de me ver. A expressão séria permanece em seu rosto. Desejo tanto fazê-lo sorrir, vê-lo relaxar perto de mim, sentir seu calor suave me trazer de volta à vida como uma flor que se ergue em direção ao sol. Quando ele se vira para me encarar, emoldurado pela luz fraca do estábulo atrás dele, perco o pudor e seguro seu braço. A preocupação no rosto dele – vejo que está aflito por mim.

— Hipólito — digo arfando, a respiração acelerada e as palavras que preciso dizer saindo todas juntas. — Hipólito, precisamos conversar… imediatamente!

Ele franze o rosto, dá um passo para trás, confuso, mas seguro firme em seu braço. Sua pele está quente sob meus dedos e agora eu me obrigo a encará-lo.

Com os olhos dele sobre mim, sinto a agitação que me jogava em todas as direções de repente se acalmar. No silêncio que se segue, finalmente sou capaz de abrir a boca e falar.



34

Ariadne

Ele se virou para me encarar. O choque estampado em seu rosto resplandecia. Deu um passo para trás, e por um momento pareceu que iria cair.

Quinze anos tinham se passado desde que nos víramos pela última vez. Eu adormecera nos braços dele e acordara com as cinzas já frias, numa aurora desolada.

— Eu estava me perguntando quando você viria — disse ele, sua voz saindo um pouco estrangulada.

Apesar das palavras mordazes que Fedra tinha a dizer sobre o marido, vi que o tempo não tinha sido muito cruel com ele. Continuava forte; seus músculos ainda em relevo suave na carne, o cabelo grosso. E os olhos, claro, do mesmo verde penetrante de sempre.

Quantas vezes, nos primeiros dias em Naxos, eu não sonhara com aquele momento? Tantas coisas pensei que diria a ele, gritaria

para ele, exigiria dele. Mas quando abri a boca, nenhuma delas parecia ter mais qualquer importância.

— Você está bem? — perguntou ele. — Ouvi dizer… fiquei sabendo do seu casamento. — Seus olhos relancearam para o bebê em meus braços.

Olhei firme para ele.

— E eu fiquei sabendo do seu. No fim das contas, uma princesa de Creta foi aceitável para Atenas.

Ele engoliu em seco.

— Talvez meu povo fosse mais misericordioso do que eu pensava.

Será que ele realmente havia me deixado por achar que eu seria rejeitada por Atenas? Percebi que não me importava. Dei mais um passo em direção ao pátio.

— Estou aqui para ver Fedra — falei. — Não quero reviver o passado.

Ele ficou visivelmente aliviado.

— E onde está a minha esposa? Não havia ninguém no porto quando cheguei.

Dei de ombros.

— Foi dar um passeio, talvez? Eu não sei. Ela deve estar de volta daqui a pouco, sem dúvida. — Fui vaga de propósito, esperando que ele não me fizesse mais perguntas. A última coisa que eu queria era que ele fosse procurar por ela. Eu esperava que ela não aparentasse estar tão arrasada quando voltasse.

Uma brisa fria soprou, e estremeci. Teseu olhou para algum ponto atrás de mim, como se tentasse escutar alguma coisa. Um segundo depois, ouvi também. Um som agudo e entrecortado, ondulando pelo

ar a certa distância. Quando a brisa mudou de direção, o barulho desapareceu, depois voltou.

Ele ficou tenso.

— O que foi isso? — perguntei, mas ele não respondeu.

O som ficou mais alto. Era um pranto. Uma procissão fúnebre, talvez. O choro cortava o ar, o timbre estridente do desespero feminino. Um arrepio foi rastejando pela minha espinha. Não era Fedra; uma única pessoa não seria capaz de fazer um coro como aquele.

— Venha — disse Teseu.

Segui-o, atravessando de volta o grande arco para a vasta extensão dos jardins do palácio. Os uivos aumentaram em volume e intensidade a ponto de eu achar que minha cabeça iria explodir.

E então nós as vimos. As criadas cuja ausência eu tinha notado, todas juntas serpenteando pelo gramado como uma cobra gritando de desespero. As bocas escancaradas, mãos se agarrando aos cabelos e às roupas, e enquanto isso a estranha cacofonia ia ficando cada vez mais alta. Taurópolo choramingava.

Teseu correu em direção a elas.

— O que está acontecendo?

Ao vê-lo, algumas gritaram mais alto. Outras se jogaram no chão.

Minha pele formigava de medo; eu queria que aquilo acabasse. Procurei entre os rostos das mulheres transtornadas, mas não encontrei Fedra.

A mulher – praticamente uma garota – que estava na frente do grupo entregou um pedaço de papel amassado para Teseu. Uma carta? Devia ser de Fedra. Será que ela já tinha fugido? Seria a notícia de sua deserção? Meu coração deu um salto doloroso. Ela

tinha conseguido? Fugira com Hipólito, afinal? Será que tinha conseguido vencer a reserva e a relutância dele, e os dois já tinham ido embora de Atenas? Fiquei triste por ela não se despedir; por não buscar mais o refúgio de Naxos, porque isso só poderia ser culpa minha. Mesmo assim, se ela estava livre de Teseu, era só o que importava.

A cor foi sumindo do rosto de Teseu enquanto ele lia o papel. Com um grito de angústia, amassou-o com o punho e jogou-o no chão, avançando violentamente na direção de onde as mulheres chorosas tinham vindo.

Fui tomada de pânico. Se ele os alcançasse, só os deuses sabiam o que faria com os dois. Fiquei atrapalhada com Taurópolo, meus dedos trêmulos e desajeitados.

— Por favor — falei para a jovem que tinha entregado o bilhete a Teseu. — Por favor, cuide dele. — Passei o bebê para ela. Ele berrou quando o soltei, seus gritos em harmonia com o timbre das mulheres enquanto eu suspendia a saia para correr, parando apenas para pegar a carta que Teseu havia jogado no chão.

O céu estava ficando cinza, o sol poente perdido atrás das nuvens, mas eu via o contorno de Teseu, a essa altura surpreendentemente longe. Lancei-me atrás dele pela terra macia, sem o peso de uma criança em meu quadril. A respiração me queimava nos pulmões, minhas pernas gritando por um descanso, mas eu estava decidida a alcançá-lo.

Ele havia parado perto de um pequeno bosque. Diminuí o passo para uma caminhada, meus arquejos entrecortados soando altos no silêncio dali. Não consegui ver seu rosto.

— Teseu? — chamei. Eu esperava que, se Fedra e Hipólito estivessem em algum lugar ali perto, escutassem a minha voz e fossem alertados da presença dele.

Ele se virou. Eu já o vira empolgado por um propósito glorioso, no êxtase da vitória quando saiu do Labirinto, já vira seu rosto transbordando de uma intimidade carinhosa que jamais imaginei ser falsa. Mas nunca o vira arrasado. Seu rosto desmoronou, desabou sobre si mesmo.

— Não olhe — ele me avisou.

Não entendi. Achei que ele não queria que eu o visse num momento de fraqueza.

Não desviei o olhar.

Nas noites seguintes, a visão não me abandonaria, por mais que eu rezasse e implorasse para que ela desaparecesse.

35

Fedra

A princípio, penso que Hipólito não está entendendo. Minhas palavras foram claras, mas acho que ele não esperava por isso, então solto seu braço e dou um passo para trás, dando-lhe um momento para absorver nossa liberdade recém-descoberta e a alegria que está tão perto do nosso alcance.

Seu rosto, no entanto… Observo o semblante franzido, não de alegria, mas de alguma outra coisa. Uma espiral de medo começa a surgir dentro de mim.

— Sei que você se preocupa com seu pai — começo, tentando apaziguar suas preocupações. — Nada mais natural…

— Não estou preocupado com meu pai — diz ele por fim. — Minha preocupação é com você, rainha Fedra. Tenho medo de que você tenha perdido completamente o juízo.

Congelo. Não era o que eu esperava. Achei que ele ficaria surpreso, talvez até aflito e indeciso enquanto se debatesse com a

ideia da traição, mas nem isso pensei que fosse durar muito. Afinal, eu levara apenas alguns momentos em Creta, tantos anos antes, para escolher seguir Teseu e desafiar tudo que meu pai estimava. Mal chegara a ser uma decisão. Por que Hipólito agora parece tão triste, tão enfurecido, tão… enojado?

Minha pele começa a formigar. Não pode ser. Como num sonho, forço meus lábios secos a se moverem, a falarem outra vez.

— O que o amor tem a ver com o juízo? — digo rouca.

Ele balança a cabeça com força. Afasta-se de mim.

— Eu a vejo como uma mãe aqui em Atenas — sussurra.

A humilhação, ardente e escarlate, me inunda. Voei até aqui nas asas do amor, confiando que elas nos levariam embora juntos. A imagem há muito distante de Ícaro pisca em minha mente. Sinto-me velha e ridícula parada aqui. Sou uma tola que devia ter percebido isso, e de repente não suporto mais sua presença, assim como ele não suporta a minha.

Ele fica eriçado de repulsa, de aversão por mim.

E agora vejo tão claramente. O amor que eu tanto havia alimentado por ele era exatamente aquilo: uma loucura.

Hipólito passa por mim de forma brusca e eu não olho enquanto ele vai embora. Estou plantada no chão. Se eu me mover, isso será real. Se eu der um único passo, será um passo em direção a um futuro que saiu totalmente do prumo, e sobre o qual não tenho qualquer esperança de retomar o controle.

Todos os dias, durante meses, sonhei em fugir com Hipólito. Por que eu, Fedra de Cnossos e de Atenas, depositei minha fé num homem? Quando deveria ter percebido que o que desejava de verdade era ir embora.

Já não posso voltar para aquela outra vida. Deixo os pensamentos correrem pela mente – esposa de Teseu, uma rainha solitária, mãe de crianças que mal conheço. Não é a vida que eu deveria ter tido, sei disso com toda a ferocidade que confundi com amor.

Mas o que fazer agora? Hipólito é jovem, e os jovens são impetuosos, precipitados. Eu sei bem. O pânico em seus olhos – aposto que nada em sua vida simples o preparou para um momento desses. Agora vejo que, obviamente, ele não suspeitava dos sentimentos que eu nutria. Nem por um segundo. Sua honestidade não lhe permitia imaginar que alguém pudesse esconder a verdade dele.

Sua honestidade. Simples e virtuosa. Levo a mão à boca, cobrindo essa boca tola que deixou escapar tamanho desastre.

Hipólito não vai manter segredo nem por um instante. Assim que vir o pai, contará tudo a ele, e isso é certo como dois e dois são quatro.

Só os deuses sabem o que Teseu fez durante suas andanças pelo mundo ao longo dos anos de nosso casamento. Mas se ele souber que tive um lampejo sequer de atração por outro homem – e não um homem qualquer, seu próprio filho. O horror da situação me engolfa de repente. Minha visão fica escura, tropeço e cambaleio, buscando apoio na parede rústica do estábulo para me manter de pé.

Preciso impedi-lo. Preciso impedir Hipólito, implorar que me proteja. Ele não compreende a desonestidade, eu sei disso, mas conhece a compaixão. É gentil até o último fio de cabelo. E se eu me lançar a seus pés, alegar ter sido possuída por alguma loucura, uma

insanidade? Ou que estava brincando com ele, testando sua lealdade de alguma forma? Se ele souber o que o pai dele fará comigo – não pensaria nisso sozinho, não é capaz de imaginar tais coisas –, se eu lhe disser, com certeza não me condenará à fúria de Teseu. E se não por compaixão a mim, e quanto aos meus filhos? Lembro-me muito bem da vergonha de uma mãe adúltera recaindo sobre a nossa família. Agora meus filhos devem sofrer o mesmo?

Minhas pernas fraquejam, mas tenho que correr. Correr para alcançá-lo. Tropeço até a porta, mas ele já foi embora – poderia estar em qualquer lugar nas colinas. Se tiver saído com um dos cavalos do pasto, pode estar a quilômetros de distância.

Olho ao redor, dominada pelo terror e pela confusão. Talvez se eu correr de volta até o palácio, até Ariadne, talvez possamos fugir juntas? Percebo que coloquei minha irmã em perigo também. Porque se Teseu retornar e encontrar Hipólito antes de mim… Afinal, no passado ele não teve escrúpulos ao deixar Ariadne morrer. Eu a atraí para a tempestade iminente da fúria dele, aqui, longe de seu protetor imortal; ela está sozinha e vulnerável por minha causa.

Pego um pedaço de papiro de uma prateleira na parede do estábulo. Um inventário dos cavalos; não me dou ao trabalho de ler. Mas se Hipólito voltar ao estábulo antes de mim, posso deixar uma carta para ele implorando por minha vida.

Só chego a escrever o nome dele no papiro antes de amassá-lo com o punho e enfiá-lo debaixo do cinto. Uma carta, se for encontrada, vai me condenar mais do que as palavras de Hipólito jamais poderiam. Vou queimá-la.

Vou até o lado de fora, minha cabeça se debatendo de um lado para o outro, entre a vista do palácio ao longe, as colinas distantes e

o bosque nas proximidades. Para onde ir? O que fazer? Tenho vontade de me rasgar, arrancar minha própria pele – e junto com ela, me livrar da dor e da humilhação que me enlouquecem.

Por um momento penso que podemos fugir, Ariadne e eu, que posso ir procurá-la. Se for preciso, eu mesma empunharei os remos do navio dela, qualquer coisa para escapar daqui.

Mas é tarde demais. Tarde demais para mim. Pois escuto o som que encheu meu coração de pavor todas as vezes que soou pelas planícies de Atenas, desde a primeira vez que Teseu partiu pelo mar.

Primeiro, a nota longa de um único berrante, acompanhada depois por outra e outra até um coro triunfante ecoar pelas paredes de rocha que nos aprisionam aqui. O anúncio de que o rei retornou a salvo.

Teseu está de volta. Minha chance de escapar se foi.

As lágrimas escorrem pelo meu rosto e um gemido primitivo que não reconheço me escapa da garganta. Nenhum sinal de Hipólito. Até onde sei, ele pode estar no palácio agora, prestes a contar tudo.

Em uma direção, há vales desertos e as montanhas mais além. Se correr para lá, serei estraçalhada por feras selvagens. Ou Teseu e Hipólito montarão seus cavalos e virão atrás de mim. Não admito ser caçada como uma criatura indefesa, agarrando-me às pedras e tentando escutar o barulho dos cascos. Na outra direção, o palácio se ergue sobre a rocha, e não me permito pensar o que poderia me aguardar ali. Minhas esperanças mais íntimas, os sonhos equivocados que deixei correrem soltos anunciados ao mundo, expostos ao escárnio e ao julgamento de todos aqueles sobre os quais reinei até agora. Como não exultariam com a minha ruína.

Uma mulher desgraçada é o melhor entretenimento que conhecem; já vi isso antes, em Creta. Não deixarei que aconteça comigo.

Não tenho para onde ir. Por um segundo, penso em me esconder debaixo da palha no estábulo, como uma criança que acredita estar segura só de fechar os olhos com bastante força. Mas eu sabia, desde criança, que não existe qualquer defesa contra um monstro.

Alguma coisa no estábulo capta minha atenção. Puxo o ar trêmula e profundamente enquanto tento organizar os pensamentos. Aquela pode ser minha única perspectiva de escapar desse pesadelo em que me meti…

Olho de relance para o bosque denso do outro lado. O horror crescente que me consumiu devagar até aqui começa a se dissolver, substituído por algo mais sólido. Algo mais certeiro.

Uma saída. É minha única esperança agora.

36

Ariadne

Ouvi primeiro a corda estalando. O bosque estava quieto e um vento silencioso soprava nos ramos das árvores, fazendo as folhas balançarem. Apenas uma forma oscilava atrás dele, diferente das demais. Ele levantou o braço para me impedir, mas avancei como se estivesse num sonho.

O rosto dela estava inchado. Enegrecido. Eu me virei assim que percebi o que estava olhando, mas a imagem de minha irmã – rígida envolta no laço que pendia do galho acima – já estava queimada em minha retina.

— Hipólito — rosnou Teseu. — O nome de Hipólito estava no bilhete.

— Tire ela dali — sibilei. Seu peso balançava nauseante. Eu não podia suportar.

— Meu filho — disse Teseu. — Ele fez isso.

Pelo canto do olho, vi figuras se aproximando de nós. Rapazes, talvez cavalariços. Não Hipólito.

— Tire ela dali — repeti.

Vi seus rostos se contorcerem quando contemplaram a cena, o choque congelando-os por um segundo. Em seguida, um deles levou a mão ao quadril em busca de uma faca, foi em direção às árvores, os outros atrás dele.

Não fiquei olhando.

Teseu andava de um lado para o outro, segurando o próprio cabelo.

— O que você quer dizer? — forcei as palavras, lutando contra o horror tenebroso que se erguia para me engolir. — Hipólito fez isso com ela? Como pode ser?

Ele rangeu os dentes.

— O bilhete. Tem o nome dele. “Hipólito”, é o que diz. Minha pobre Fedra inocente. Não foi capaz de escrever o que ele fez com ela, mas eu sei.

Atrás de mim, o rangido da corda havia parado. Obriguei-me a olhar de novo. Com uma delicadeza que me trouxe gratidão em meio àquele pesadelo, os cavalariços amparavam o corpo dela, pousando-o sobre o chão, a corda esfiapada balançando de forma grotesca com a brisa.

— O que você sabe? — arfei.

— Você sabe o que os homens fazem — respondeu ele com a voz sombria.

Fiz um esforço para desdobrar o papel, para que minhas mãos o segurassem com firmeza e meus olhos focalizassem os rodopios de sua caligrafia feminina.

— Diz aqui… só diz o nome dele — falei. — Não diz que ele fez alguma coisa com ela.

Ele balançou a cabeça. Eu via a ira fumegando em seus olhos, inflamada pelo desespero.

— Ela não conseguiu escrever, não conseguiu dar nome ao que ele fez, mas ele deve ter feito. Por que mais… por que mais ela iria pegar uma corda do estábulo e fazer isso…?

Abaixei a cabeça. Não queria traí-la, mas não podia deixá-lo acreditar que seu filho era um monstro.

— Ela estava apaixonada por ele — sussurrei. — E acho que ele não a amava. Ele deve ter dito isso a ela. Só isso. — Fechei os olhos para não ver a reação dele.

— Rá! — disparou ele.

Meus olhos se abriram de susto.

— Ariadne, você não conhece os homens. É claro que ele a violou; ela não seria capaz de uma coisa dessas a menos que ele a tivesse feito perder a cabeça. Eu sei disso.

Será que ele podia estar certo? Que ela tinha confessado seu amor e ele havia entendido como um convite para fazer com ela o que bem entendesse? Será que a promessa de castidade não passava de uma fachada, o tipo de mentira que seu pai teria contado para convencer uma mulher de sua bondade, quando na verdade havia um animal violento por baixo de tudo aquilo? Será que Fedra havia mudado de ideia, tentado em vão se esquivar dele?

Pelo que Fedra me dissera sobre Hipólito, não me parecia o caso. Eu não conseguia associar o jovem tímido que conhecera tão rapidamente no pátio com o que Teseu estava dizendo. Temi que ele julgasse o filho segundo seus próprios valores.

— Teseu, seu filho não é como você — falei. Não me importava se minhas palavras fossem duras. — Fedra não escreveu nada que sugira isso. Estou dizendo, ela estava apaixonada, planejava contar a ele hoje.

— Então ele entendeu como um convite! — urrou Teseu.

— Por quê? — gritei de volta. — Quando foi que seu filho já sequestrou uma mulher, levou-a para algum lugar e largou os restos para trás sem pensar duas vezes? Ele foi educado pela mãe, não pelo pai!

Teseu balançou a cabeça.

— Você continua tão idiota quanto no dia em que a deixei em Naxos.

Agora era a minha fúria que crescia. Eu estava satisfeita com isso; qualquer coisa que não a cratera aberta dentro de mim desde que vira o corpo dela pendurado.

— O idiota é você — sibilei para ele. — Cego para tudo que acontece à sua volta. Fedra passou anos de infelicidade ao seu lado; eu fico feliz por você ter fugido de mim. Preferia ter apodrecido naquela praia do que acabar casada com você. Só gostaria de ter podido salvá-la também.

Ele andou na minha direção. Pensei por um segundo que fosse me bater, mas ele me empurrou para o lado, passando com raiva pelo corpo de Fedra, e afastou-se de todos nós.

Os cavalariços estavam me encarando. Aquele que havia cortado a corda abriu a boca para falar, mas não conseguiu encontrar as palavras.

— Conseguem carregá-la de volta ao palácio? — perguntei. Meu rosto estava formigando, minha voz fraca.

O rapaz assentiu com a cabeça; deu um passo à frente, como se fosse me consolar, depois pensou melhor.

— Vamos levá-la — garantiu ele. — Mas Teseu…

— Vocês precisam alertar Hipólito — falei mecanicamente. — Contem-lhe o que o pai está pensando dele, façam com que ele fuja.

O horror estava estampado no rosto do rapaz.

— Hipólito saiu para cavalgar pela praia — disse ele.

— Para que lado fica a praia? — perguntei.

Eu já sabia antes mesmo de ouvir a resposta.

— Fica na direção em que Teseu foi. — Ele torcia as mãos. Não devia ser muito mais velho do que a idade de Fedra quando fui embora de Creta.

— Leve o corpo dela — eu disse a ele, depois saí correndo outra vez.

Uma chuva forte começou a cair do céu agora tingido de um amarelo lúgubre. O chão sob meus pés apressados parecia tremer, um estrondo terrível gemia das rochas à medida que eu me aproximava da praia; uma extensão longa e desolada de areia sob o céu monstruoso. Ao longe, avistei uma figura jovem montada a cavalo, a criatura imensa derrapando apavorada, galopando fora de controle em direção a Teseu, que estava parado no centro da faixa de areia com os braços abertos para o mar.

— Poderoso pai, Posêidon — gritava ele por cima do rugido das ondas. — Vingue minha esposa inocente; puna meu filho bastardo por esse crime sujo e depravado!

O mar agitado se ergueu como se tivesse ouvido a prece. O garanhão soltava relinchos frenéticos, desesperados, seus cascos batendo na areia, a uma distância próxima o bastante agora para

que eu visse a saliva espumando em seu focinho e o pânico nos olhos de Hipólito enquanto ele puxava as rédeas.

— Teseu, pare! — berrei o mais alto que consegui. Senti o gosto de sangue no fundo da garganta. — Você está enganado, Teseu, não faça isso!

Era tarde demais; ele estava muito além do meu alcance, perdido na desesperada sede de vingança.

Uma onda se ergueu por trás do jovem cavaleiro e seu cavalo aterrorizado; uma enorme parede verde de água quebrou sobre ele, fazendo as pernas do cavalo cederem sob o corpo. Eles rolaram pela massa violenta de água, um emaranhado de membros partidos. No lugar onde eu estava, a água chegou assobiando por meus tornozelos, um choque frio na pele. Sua força havia derrubado Teseu, mas quando a onda recuou de novo para o mar, ele sentou-se ofegante na areia.

Hipólito estava destruído e indefeso, preso pelas rédeas de couro. O cavalo caído não se movia, a poucos passos de distância. Debaixo de ambos, uma mancha escura se espalhava.

As nuvens se abriram e a terra se acalmou; a raiva de Posêidon havia passado.

Apenas horas antes, eu tinha abraçado Fedra. Ainda que ela tivesse ficado dura e inflexível em meus braços, estava também tão cheia de vida e determinação. O que poderia ter mudado dentro dela? Sua paixão e vitalidade extintas pelo laço de uma corda que ela mesma atou.

Onde estava a verdade? Hipólito tinha mesmo feito aquilo que Teseu supunha, revelando-se não ser melhor que o pai errático, saqueador e mentiroso? Ou simplesmente a recusara, como eu

havia dito que ele faria? O que quer que fosse, ficaria sem solução agora, pois somente os dois sabiam o que tinha acontecido.

Deixei Teseu ali onde estava, imóvel, olhando para seu garoto mutilado. Não havia mais palavras; nada mais a ser dito entre nós.

No palácio, um trabalho silencioso estava em andamento. As mulheres já tinham começado a limpar o corpo de Fedra, untando-a com óleos, preparando-a para o funeral. Meus olhos queimavam com as lágrimas que se recusavam a cair e minha garganta estava seca e arranhada demais para falar, mas anunciei com a voz rouca que Hipólito também estava morto. Abaixei a cabeça para não ter que ver seus rostos. Envolvi meu bebê com os braços e tremi com os soluços que não conseguia botar para fora. Queria ir embora antes que Teseu retornasse; não passaria mais uma noite em Atenas.

Não sei dizer como foi a viagem de volta, muda sob as estrelas. Só queria chegar em casa, queria nunca ter ido àquele lugar para início de conversa. Quando aportamos em Naxos, mantive a cabeça baixa, sem forças para ver um possível sinal de reprovação no rosto de Dioniso – ou pior, um lembrete de que ele me dissera que aquela viagem só poderia acabar em desastre.

Reconheci seu peso, o formato do ombro encostado no meu, o toque de seu braço em minhas costas. Mesmo assim, não levantei a cabeça. Queria que o mundo voltasse ao que era antes da visita de Fedra, antes de eu tomar conhecimento de qualquer coisa.

Ele foi andando ao meu lado, sem dizer nada. Quando Taurópolo ficou inquieto, se contorceu e chorou, ele o pegou para confortá-lo. Manteve o braço me envolvendo, mas não tentou me obrigar a falar até que, por fim, virei o rosto para ele.

Ele parecia tão familiar, tão igual. Nenhum resquício do deus selvagem da floresta queimando nas profundezas de seus olhos. Nada além de acolhimento, amor e preocupação. Foi então que as lágrimas finalmente transbordaram e eu chorei – soluços longos e dolorosos que chacoalhavam meus ossos e comprimiam o ar em meus pulmões.

PARTE IV

37

Meu marido me deixou falar sem interrupções, e contei-lhe tudo o que tinha acontecido. Ele só escutou. Depois me deixou dormir, um sono longo e pesado, misericordiosamente sem sonhos.

No dia seguinte, ele me levou de volta até a praia onde sempre costumávamos caminhar, em tempos mais felizes.

— Se eu soubesse o que ia acontecer, nunca teria deixado você ir — disse ele.

Balancei a cabeça.

— Não faz diferença.

Dioniso me olhou com atenção.

— Você estava na clareira aquela noite — disse ele.

Será que ele sabia o tempo todo? Confirmei com a cabeça.

— Aquilo deixou você assustada? — perguntou. — Ainda deixa? É por isso que está me evitando agora?

Eu estava com os braços ao redor do corpo como se pudesse me manter inteira. Não havia percebido que estava me afastando dele, mas agora notava que sim.

Ele não esperou uma resposta.

— Sei que pode parecer… — ele ficou procurando a palavra, um olimpiano momentaneamente desconcertado. — Perturbador — completou. — Para alguém que está de fora, talvez pareça uma coisa bárbara.

Eu me perguntei como havia me tornado alguém de fora. Achei que formávamos um círculo perfeito, eu e ele, com nossos filhos firmemente seguros no enlace protetor de nossos braços. Quando ele havia escapulido? Como eu não notara isso acontecendo?

— Os rituais de sangue — disse ele, e sua voz se prolongou nas palavras, saboreando-as como uma boa safra. Olhou de relance para mim, viu minha repulsa. — O que fazemos não é uma dança da morte — disse ele. Sua voz estava mais franca agora, os dedos segurando meus braços. — A cabra… ela morre para poder viver. Para eu poder trazê-la de volta. Gostaria de poder explicar para você, Ariadne, gostaria que você pudesse ver! — Ele parecia um garoto outra vez, o deus juvenil que havia saltado do barco anos antes, os golfinhos ariscos mergulhando nas ondas atrás dele, tão cheio de alegria e de uma exultação inocente. — Todos os deuses com seus truques, com o raio, as sandálias aladas, os arcos de prata e tudo mais, qual deles é capaz de segurar a morte nas mãos e restaurar a vida? Qual deles consegue renovar uma coisa que se dissolve em fumaça fria diante de seus olhos e fazê-la respirar, morna e vigorosa outra vez? Só eu, Ariadne, só eu me equilibro sobre essa delicada linha oscilando entre a morte e a vida. Só eu

consigo mergulhar no exato instante em que a vida abandona o corpo ainda quente e restaurá-lo à vitalidade de antes, como se o sopro vital nunca tivesse ido a lugar nenhum.

A imagem de Fedra balançando lenta e pesada em um galho faiscou entre nós por um instante.

— Não posso fazer nada depois que o corpo esfria — admitiu ele. — Quando a alma já foi totalmente embora e está a caminho do reino de Hades, não consigo pegá-la de volta. É somente no momento final, enquanto a última pulsação de vida continua a fluir, que consigo redirecioná-la. Se eu fosse capaz de trazer outra alma daquele reino frio e úmido, confie em mim, Ariadne, eu traria sua irmã de volta para você. Isso não é possível, do contrário eu faria por você.

Acreditei nele. E fiquei feliz pelo menos por isso.

— De todos os olimpianos, só eu tenho esse poder — repetiu ele. — É uma grandeza de que eles não podem se gabar. E as minhas seguidoras, minhas bacantes… para elas, é algo muito além da imaginação. Elas são atraídas em maior número do que antes. Conforme a notícia de que Dioniso pode trazer os mortos de volta à vida se espalhar, elas virão até mim aos milhares…

Ele fez uma pausa. Eu sabia que ele estava olhando para um ponto além de mim, para os altares defumados, para os sacrifícios, as preces e as canções em todas as grandes cidades que iam brotando no vasto mundo fora da nossa ilha. Era um chamariz poderoso, de fato. Não tive forças para apontar que aquilo era um truque vazio. As pessoas todas se juntariam para venerar Dioniso com a esperança de que ele fosse trazer seus mortos de volta, eu sabia disso. Mas seus amados irmãos e irmãs, os adorados filhos e

filhas, os pais queridos continuariam habitando o domínio implacável de Hades. Tudo que meu marido tinha a lhes oferecer era uma cabra ressuscitada, restaurada à integridade poucos momentos depois de a terem feito em pedaços com as próprias mãos.

No passado, talvez eu tivesse falado isso para ele. Mas algo me dizia que ele não estaria disposto a me ouvir agora. Assim como Fedra, que permanecera impassível enquanto eu lhe falava a verdade indigesta.

Mal saberia por onde começar.

— Não gostei disso — falei com a voz fraca. Sem energia. Sem utilidade.

— Então não nos siga de novo — respondeu ele. Não havia maldade em seu tom.

Deixei que ele me ajudasse a ficar de pé. Andamos juntos de volta a casa, onde nossos outros filhos estavam brincando. Caminhávamos lado a lado, e talvez ele tenha achado que estávamos mais próximos do que nunca. Mas eu sabia que um abismo se abrira entre nós, e eu não achava que ele seria capaz de transpô-lo.

Não sabia nem se eu gostaria de tentar.

Em Naxos, a vida se arrastava. A alegria simples da nossa existência tinha sido destruída, mas descobri que era surpreendentemente fácil seguir em frente como antes. Dioniso e eu ainda ríamos, ainda conversávamos, embora nunca sobre o que eu tinha visto, nem

sobre os deuses. As crianças continuavam crescendo. As bacantes cantavam todos os dias sob a luz do sol e serpenteavam montanha acima sob o manto da escuridão.

Dioniso ia e vinha, como sempre havia feito, só que agora eu não pedia para ouvir histórias do que ele tinha visto ou escutado. Já não ansiava pelas notícias dos acontecimentos além-mar. Tampouco me dava ao trabalho de perguntar por que ele nunca pensava em me levar com ele.

O humor dele estava mais leve; isso era certo. O poder recém-descoberto lhe trouxera adoradores, como previsto, e ele não voltava mais de suas viagens insolente e mal-humorado. Em vez disso, retornava como o antigo Dioniso – animado e rindo à toa.

Às vezes, nas horas silenciosas da noite, eu abria os olhos na escuridão e via aqueles rostos retorcidos e de olhos vazios na clareira, ouvia o gemido insólito de seu canto. No fundo da cena, Fedra girava para lá e para cá pendurada na corda, o rugido do mar a distância. Então eu despertava e saía para a bruma que pairava sobre a praia antes da alvorada, e ficava andando de um lado para o outro até o sol nascente consumir aquela imagem.

Na clara luz do dia, eu era capaz de raciocinar. O ritual não fazia mal a ninguém – o animal sobrevivia sem um arranhão, e pela manhã tudo estava resolvido. Não identificava qualquer traço de crueldade nas bacantes enquanto elas vagavam por nossos campos ao longo do dia. Eu me perguntava se isso contribuía para seu temperamento gentil. O ritual era uma materialização assustadora da raiva e do sofrimento que haviam levado tantas delas até ali; elas gritavam e dançavam em seu frenesi ensanguentado durante a noite para que pudessem viver com serenidade durante o dia. Dioniso não

devolvera a bebê de Eufrosina; os ossos de sua filha ainda jaziam no local onde ela morrera, sozinha, sem que ninguém ouvisse seus gritos. Quando pensava nisso, conseguia ver como seria possível encontrar alguma satisfação naquele uivo compartilhado de êxtase visceral, enquanto elas rasgavam pele e músculos até o coração pulsante da criatura, perdidas juntas na loucura, liberando a dor e a frustração em guinchos agudos. Quem era eu, mãe de cinco filhos saudáveis, para julgar o sofrimento de outra mulher? Talvez o culto ao meu marido fosse um antídoto para aquelas perdas, que de outra forma teriam de ser suportadas em silêncio.

Encontramos uma espécie de paz, Dioniso, eu e as bacantes. Fazíamos vista grossa e contornávamos os constrangimentos com um silêncio desajeitado, sem admitir o que estávamos evitando e por quê. Funcionou. Mas eu respirava com mais facilidade quando ele estava longe, quando eu podia retomar as praias, as florestas e o silêncio calmo sob a grande lua prateada.

No entanto, o problema das mulheres argivas continuava incomodando Dioniso. Ele ainda ardia de ressentimento pela hipocrisia do meio-irmão mortal, que mantinha sua posição contra o culto do vinho.

— Mas não me surpreende — falei para ele certa noite, depois de mais uma reclamação sobre a afronta resoluta da cidade de Argos.

O aroma do jasmim pairava no ar, denso e sensual, vindo do coração da ilha e vagando sobre a arrebentação tranquila. Dioniso não parecia notar a beleza ao redor. Costumava se deleitar com tudo aquilo quando retornava dos desertos arenosos ou das cidades nauseabundas. Jogava a cabeça para trás e inspirava o ar fresco e imaculado de Naxos, declarando-se pleno e satisfeito, inebriado com

a brisa aromática. Agora ele chutava a areia sob os pés, tentando mover uma pedra enterrada bem fundo. Sua testa perfeita estava franzida.

— O que não surpreende? A arrogância ou a desobediência dele? — resmungou.

— Nenhuma das duas. Ambas. Qualquer uma.

Vi que o dedão dele tinha atingido a pedra. Um homem mortal teria se encolhido, agarrado o pé, pulado num pé só em uma pantomima de aflição. Um hematoma teria desabrochado como uma vívida flor verde e amarela sobre a pele. Dioniso mirou e deu outro golpe. Uma rachadura finíssima ziguezagueou pela superfície áspera da pedra.

— Um homem que empunha um escudo como aquele desconhece o significado de respeito.

Sempre que Dioniso levantava o assunto de Perseu, eu pensava em Medusa. Era capaz de ver a poderosa espada do herói cortando o ar, cintilando sob a luz do sol, enquanto ele olhava de relance para o reflexo dela no escudo e mirava no ponto vulnerável da garganta. Medusa, cujo único crime tinha sido o orgulho estúpido do lindo cabelo. Pensei em seu rosto transfigurado, contorcido e monstruoso, agora congelado num grito mudo e infinito naquele mesmo escudo. Dizia-se que estátuas de pedra ladeavam os muros ao redor de Argos; caretas de terror captadas para sempre no instante em que Perseu brandiu aquele poderoso disco diante dos pobres criminosos, delinquentes ou inimigos que o ofenderam.

— A história da Górgona desagrada você — observou Dioniso. — Por que ela lhe causa tanta repulsa?

Quando conversamos pela primeira vez sobre Pasífae e Sêmele, ele não tivera dificuldade para ler os sentimentos estampados em meu rosto. Soubera como eu me sentia porque também sentia o mesmo. Por que agora ele não sabia?

— Medusa foi transformada num monstro para pagar pelo crime de Posêidon — recordei-lhe. — Agora um homem fica exibindo a cabeça dela, lúgubre e grotesca, para punir seus inimigos. Todos se encolhem diante dela. Mas os altares de Posêidon ainda ardem com oferendas.

— Perseu usou Medusa como seu pai usou o Minotauro — Dioniso falou num tom baixo.

Virei a cabeça, surpresa. Então ele lembrava. Pegou minha mão. Sua palma estava quente e seca em comparação à minha. Senti o espaço entre nós diminuindo um pouco.

— Minos encontrou seu castigo numa corte distante, a justiça foi feita por estranhos. Não devia ter sido assim. Eu mesmo devia ter lhes servido a justiça merecida, tanto a ele quanto a Teseu, pelo que fizeram.

Eu nunca havia desejado vingança; estar livre dos dois já era suficiente. Fiquei imaginando se a cabeça decepada de Medusa ainda conseguia pensar e sentir, afixada para sempre no escudo de seu conquistador, para trazer a ele prestígio e vitória aonde quer que fosse. Que vingança poderia saciar a sede dela? O que seria o bastante para apagar a fúria incandescente que devia consumi-la o tempo todo se ela fosse capaz de ver como ele a exibia feito um troféu, fazendo os homens tremerem diante dele, e não diante dela.

— Qual foi a sua discórdia com o rei de Creta e o príncipe de Atenas? — perguntei. — Eles não fizeram mal a você. Teseu me

trouxe para cá e me deixou para você, então talvez você devesse ser grato a ele. — Dei uma risada. Não parecia algo que eu diria. — Mas Perseu… Perseu é seu irmão mais novo. Você tem razão; ele tinha que lhe mostrar alguma deferência. E pelas mãos de quem ele devia ser punido se não pelas suas?

Era mentira. Eu não estava nem aí se Perseu proibia o culto a Dioniso. Por mim, as cabras argivas podiam continuar em paz. Mas eu gostava da ideia de que Dioniso pudesse obrigar Perseu a ter um pouco de humildade. Se conseguisse tirar dele aquele escudo repulsivo, quem sabe finalmente dar algum descanso à donzela monstruosa…

Ele entrelaçou os dedos nos meus. Quando sorriu, senti que as coisas estavam voltando a se encaixar.

— E se nós embarcarmos numa aventura argiva? — sugeriu ele. Seus olhos transbordavam a velha alegria. — Você disse que queria me acompanhar em minhas viagens, agora é a hora. Talvez possamos mostrar o que ele nega ao próprio povo quando proíbe os meus rituais.

Não perguntei o que ele queria dizer com aquilo. Mas concordei mesmo assim. Portanto, como eu poderia me eximir da responsabilidade pelo que ele fez?

Naquela noite, uma tempestade se abateu sobre Naxos. O céu foi tomado por nuvens ameaçadoras e Éolo lançou ventos violentos por toda a ilha, que sacudiram os ciprestes e as videiras, envergando até

mesmo os carvalhos mais imponentes da montanha, derrubando-os com estrondo e fazendo voar lascas de madeira. Os raios piscavam em lâminas vívidas de um branco brilhante, e os trovões rugiam como uma besta faminta.

Aconcheguei bem os meninos e contei-lhes histórias, protegidos pelas almofadas macias que empilhamos à nossa volta. Falei sobre as ninfas gentis de Nysa que tinham criado o pai deles. E sobre as hordas de amazonas que corriam livres e soltas, capazes de disparar uma flecha com precisão mortal do lombo de um cavalo arisco, mulheres cuja habilidade com a lança era incomparável. Finalmente, apesar da chuva forte que batia sem parar nas paredes de pedra, eles adormeceram. Quando tomei coragem de soltar o braço que envolvia seus corpinhos, andei devagar até a janela de onde tantas vezes ficara observando a procissão dionisíaca subindo a montanha. Nenhuma bacante caminhava por Naxos naquela noite. A clareira estaria vazia. Somente as árvores e a tempestade.

Eu me perguntei o que Dioniso planejava fazer em Argos, mas confesso que meus pensamentos foram vagos e desinteressados. Supus que haveria alguma demonstração de força, para provar sua superioridade sobre o irmão teimoso e inflexível. O que seria exatamente, eu não conseguia imaginar. Esse tipo de coisa era mais a praia dos outros olimpianos; os deuses de quem Dioniso sempre tinha desdenhado. Como ele agiria, eu não saberia dizer ao certo.

Pela manhã, a tempestade havia passado. Quando acordamos, comemos figos e mel debaixo do sol fraco, depois caminhamos pela praia, inspirando longas lufadas de ar fresco. Um bom dia para navegar.

As crianças ficaram apreensivas com mais uma partida minha – e desta vez também acompanhada do pai delas. Elas estavam acostumadas a sempre terem minha presença por perto. Deixei até mesmo Taurópolo; ele agora já tinha idade suficiente para suportar minha ausência sob os cuidados das bacantes.

Foi difícil para mim. Eu não sabia o que esperar, mas não ousaria expor meus meninos à visão aterradora de cabritas sendo despedaçadas.

— Não se preocupem, vocês ficarão bem cuidados — garanti a eles.

Dioniso os beijou e os balançou em seus braços, depois os proclamou como os bravos guardiões de Naxos enquanto estivéssemos fora.

Eles assistiram à nossa partida, com as poucas bacantes que ficaram para trás. As outras foram conosco. Os enormes ramos de hera pesavam no mastro, e as cristas brancas das ondas brilhavam. Dioniso me deu a mão. Pela primeira vez desde a morte de Fedra, senti um fio de esperança.

38

Meu primeiro vislumbre da península do Peloponeso provocou certa empolgação. A visita desastrosa a Atenas havia embotado meu gosto florescente por viagens, mas eu estava feliz por conhecer um lugar novo, sem qualquer traço da minha história. Um lugar imaculado pela minha família e pela má sorte que nos perseguia.

Não navegamos diretamente até a cidade. Não tínhamos as boas-vindas do rei ali; eu sabia que não deveria esperar por elas. Em vez disso, ancoramos o navio numa enseada tranquila, rodeada apenas pelas montanhas.

— Vamos andando daqui? — perguntei a Dioniso, surpresa.

Ele sorriu.

— Iremos com humildade — falou. — Não pretendo deixar meu irmão abismado com uma mostra da minha divindade. Ainda não. Para um rei, até que ele é um homem de gostos surpreendentemente simples.

Era agradável estar ao ar livre, com o aroma fresco das árvores e do sal no ar.

— É assim que funciona quando você viaja? — perguntei. — Sem carruagens, sem voos?

Ele deu de ombros.

— Às vezes. Mas o melhor jeito de explorar o mundo é a pé. Os deuses perdem tanta coisa, voando pelos céus ou galopando por aí no lombo de animais. Gosto de conhecer uma região, sentir as diferenças. Se alguém me largasse vendado numa dúzia de lugares na Terra, eu seria capaz de identificar onde estava só pela sensação da brisa na pele.

Fácil falar quando você é um deus, pensei. Mas apesar de amar Naxos, eu me perguntei por que não fizera aquilo antes.

Já tínhamos andado por cerca de uma hora quando a vi assomando a distância. Uma estátua colossal, seu contorno contra o céu. Era possível enxergar o ouro e o marfim cintilando à luz do sol. Conforme nos aproximávamos, eu ia vendo mais detalhes. O rosto altivo, o arco dos cachos fechados repousando sob a coroa brilhante. Olhos bem abertos que nos encaravam, frios e austeros. As ondulações do véu de noiva entalhadas pelas costas. Uma das mãos segurava uma imensa romã esculpida, que devia ter o tamanho da minha cabeça. Eu nunca tinha visto uma estátua tão grande, tão detalhada, tão gloriosa. Estava postada diante de seu templo: Hera, a rainha dos olimpianos. Perseguidora do meu marido. Lancei um olhar para Dioniso. Seu rosto estava cuidadosamente inexpressivo.

— Uma obra-prima, não acha? — perguntou ele.

Eu não conseguia nem imaginar quanto devia ter custado, os meses ou anos de trabalho envolvidos na produção de uma peça

daquelas. Somente um rei poderia pagar por isso; somente a patrona imortal de uma grande cidade poderia ser honrada daquela forma. A alegria simples que eu sentira andando por aquele lugar novo agora começava a minguar.

Mas não tive nem tempo de ficar pensando na estátua, pois assim que contornamos a enseada seguinte, a muralha da cidade se ergueu à nossa frente. No topo, vi os guardas fazendo a patrulha. Meu coração ficou mais apertado, imaginando que tipo de confronto nos aguardava.

Dioniso ficou parado no pé da muralha. Colocou as mãos em concha ao redor da boca e gritou:

— Perseu!

Eu sabia que muros não significavam nada para ele; que ele estava jogando um jogo, sem revelar totalmente sua mão para o irmão mortal. Talvez tivesse a intenção de provocá-lo: *Olha, eu vim aqui até a sua muralha como um de vocês, mas todos sabem que não sou. Cuidado com a forma como me trata, porque você pode acabar descobrindo quão poderoso eu realmente sou*.

Um silêncio, muito breve, antes que as enormes portas de bronze se abrissem. Consegui identificar Perseu pela coroa e pelo grande escudo redondo preso ao quadril. A peça estava coberta com um tecido roxo e quadrado. Assim como Dioniso, ele também mantinha seu poder oculto. Os guardas abriram caminho em volta dele, as lanças batendo no chão em uníssono quando se postaram em posição de sentido.

— Dioniso — disse ele, e pensei ter identificado uma nota de cansaço em sua voz. — Você vem de novo à minha cidade. Por quê?

— Essas são as boas-vindas que dá ao seu irmão? — Dioniso sorriu. — Você é um filho de Zeus; com certeza sabe que não deve desprezar o costume sagrado da hospitalidade, não é mesmo?

— Você já abusou dela no passado. — Perseu falava de forma ponderada. — Já disse da última vez que os portões da minha cidade permaneceriam fechados para você e, mesmo assim, aqui está você de novo. — Ele passou os olhos por nós e parou quando me viu. — Trouxe sua mulher? — perguntou surpreso.

Dioniso apertou de leve o meu braço, indicando que eu deveria falar. Fiquei pensando o que estávamos fazendo ali, na verdade.

— De fato sou Ariadne, esposa de Dioniso — respondi.

Perseu fez um aceno educado com a cabeça.

— Peço-lhe desculpas pela falta de modos. Não tenho qualquer intenção de ofendê-la, minha senhora.

— Então por que seus portões estão fechados para o meu marido, seu irmão? — perguntei.

Eu achava que ia detestar Perseu. Mais um herói igual a todos os outros – filho de um deus poderoso, conquistador de monstros, indiferente às consequências de seus atos. Será que ele se importava com o que tinha acontecido com Medusa? Ou simplesmente desfrutava da superioridade que a cabeça roubada dela lhe proporcionava? Ele parecia tão inesperadamente calmo; não o tolo arrogante que eu tinha imaginado.

— Seu marido lembrou a todos nós que sou, de fato, um filho de Zeus — respondeu. — Assim como ele, nasci de uma união vergonhosa, um terrível insulto à lealdade de Hera. Sei como nos ver é sofrido para ela, provas vivas das tentações que levaram seu grande marido a se desviar. — Ele lançou um olhar frio para Dioniso.

— Mas ao contrário de você, meu irmão, não fico esfregando isso na cara dela para intensificar sua aflição. Eu me redimi com a deusa. Construí uma estátua imponente e um templo onde fazemos sacrifícios em homenagem a ela. Hera tem olhado por mim com bondade. Perdoou meu nascimento e agraciou nossa cidade com sua proteção.

Foi então que vi. Perseu, filho de Zeus, mas desprovido de divindade para garantir-lhe proteção contra a fúria de Hera. Nem mesmo Dioniso tinha sido capaz de enfrentar os tormentos dela. Que chance Perseu teria? Eu entendia o medo dele. Ela poderia ter reduzido aquela cidade a pó com um movimento dos dedos, ou até pior. Bastava olhar para os outros infelizes nascidos das transgressões de Zeus. Sangue, aflição, perda e morte se acumulavam ao redor deles. De fato, bastaria olhar para o céu noturno e ver alguns deles congelados ali para sempre.

Então Perseu tivera de escolher entre ofender Hera e ofender Dioniso. Um terrível dilema para um homem mortal. Dava para perceber o esforço em seus olhos enquanto ele tentava tão implacavelmente nos afastar. Dioniso devia ficar furioso de ver como Hera tinha um apelo muito mais poderoso que o dele. Agora eu entendia por que Perseu tinha sido uma pedra em seu sapato; uma irritação da qual ele não conseguia se livrar. Uma batalha que ele não suportava perder.

Dioniso bufou alto.

— Aquela megera velha e ciumenta — disse ele. — Achei que você tinha mais coragem, matador de Górgona.

Perseu se encolheu.

— Você blasfema às portas da minha cidade. Isso não será tolerado.

— E a sua blasfêmia contra mim? — Dioniso argumentou, num tom leve de provocação. — Seu próprio irmão, um deus com poder sobre a vida e a morte.

Perseu franziu as sobrancelhas. Vi a raiva queimando dentro dele, mas ao mesmo tempo ele parecia exausto.

— Você não tem tal poder — disse ele. — Seus seguidores são um bando de bêbados, excluídos da sociedade decorosa. Pessoas decentes não querem seu vinho, sua decadência, seus vícios. Seu culto é uma mancha na humanidade. O povo de Argos jamais se sujeitará a você.

O riso de escárnio sumiu dos olhos de Dioniso. Acima de nós, o céu ficou branco por um instante.

— Você fala com sinceridade — disse ele, a voz baixa. — Permita- -me responder à altura. Vai se arrepender dessas palavras, Perseu de Argos. Você contraria um deus do Olimpo e vira as costas para o próprio irmão. Desdenha do vinho e da verdade que ele traz. Seus insultos são fracos e mesquinhos, assim como você, mas a intenção por trás deles cala fundo. Eu lhe asseguro, a hora vai chegar em que você desejará nunca ter falado.

Os guardas tinham mudado de posição, fechando o cerco ao redor de Perseu, e já estavam todos marchando de volta em direção às enormes portas brilhantes. Quando as alcançaram, Perseu se virou, incapaz de manter a frustração sob controle.

— Vá embora, Dioniso! — gritou ele através do espaço entre nós. Seu berro ecoou nos muros altos, nas montanhas, ressoando por

toda a planície. As portas se fecharam atrás deles, e o clangor alto do metal me fez dar um pulo.

Meu rosto estava em chamas. Por que eu tinha vindo tomar parte naquilo? Havia acreditado nas histórias de Dioniso sobre a arrogância de Perseu. Havia pensado nele como mais um Teseu. Não estava preparada para sua calma dignidade e seu tormento. Não o perdoava pela insolência do escudo, mas não podia deixar de simpatizar com o dilema em que fora lançado pelo ego de Dioniso.

A caminhada de volta para o navio pareceu mais longa; um silêncio espinhoso entre nós. Foi só quando chegamos à privacidade da nossa embarcação, longe dos ouvidos das bacantes, que me virei para falar com ele. Sabia que ele jamais admitiria nada na frente de suas seguidoras, mas eu esperava conseguir argumentar com ele a sós.

— Vamos embora — implorei a ele, assim que fechamos a porta.

Ele fez uma careta, serviu uma taça de vinho e deu um longo gole.

— Por que eu iria embora? Eu disse que vínhamos até aqui para ensinar uma lição ao meu irmão tolo e pomposo. Você acha que ele já aprendeu?

— Acho que ele já aprendeu o suficiente sobre os deuses — retruquei. — Você deseja mesmo atrair a fúria de Hera sobre ele? Se ela devastar Argos, você não ficará mais rico em seguidores. Deixe-os em paz. Vamos para outro lugar.

— Outro lugar não serve. — Ele engoliu o resto do vinho, serviu mais uma taça. — Quero Argos. Ele vai se submeter a mim. É o que ele me deve!

Deslizei a mão pelo cabelo, sujo da poeira das planícies perto da muralha da cidade.

— E o que você deve a nós? — perguntei.

Ele levantou os olhos.

— Como assim?

— Você tem cinco filhos e uma esposa em Naxos — falei. — Todos nós envelhecemos, dia após dia. Você sabe disso e mesmo assim nos abandona o tempo todo. Por que persegue o amor do mundo quando só nos terá pelo breve tempo de nossas vidas? Por que você precisa forçar uma cidade à submissão enquanto a infância de seus filhos se dissolve como pó, reduzida a memórias que você deixa de lado?

Ele ficou calado por um bom tempo. Serviu mais vinho e bebeu com uma urgência silenciosa; um ímpeto que eu nunca tinha notado.

— Você não entende o que significa ser um deus — disse ele por fim.

— Significa que você terá uma eternidade depois que tivermos partido. Talvez devesse pensar nisso — falei com calma.

Ele levantou a cabeça de volta para mim num movimento rápido.

— É só nisso que eu penso! — Ficou de pé, alto demais para o espaço apertado, parecendo de repente uma criatura enjaulada e inquieta, testando seus limites. — Ser um deus e amar mortais se resume a assistir à morte deles. Sei muito bem disso. Toda vez que vejo meus filhos aprenderem uma nova habilidade ou uma nova palavra, darem mais um passo para longe de nós, vejo suas sombras vagando pelos salões do Hades daqui a muitos anos, fora do meu alcance. Você também, um dia, não será mais que cinzas e fumaça. — O tom passional na voz dele se acalmou um pouco, mas as

palavras continuavam duras. — Vai me culpar por querer conquistar o amor de milhares de mortais em vez disso; por querer ser adorado por uma cidade e não pela carne frágil e mortal de uma consorte?

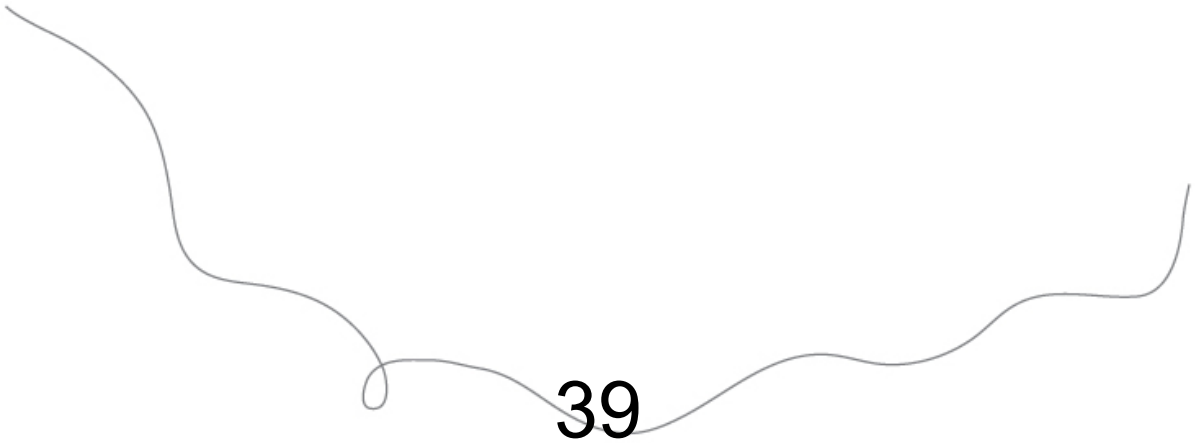
Virei o rosto para o outro lado. Não ia deixar que ele visse as lágrimas em meus olhos.

— Você sempre soube disso — lembrei-lhe. — Já me disse certa vez que uma vida de amor justificava a perda.

— Eu era um tolo — disse ele.

Finalmente, ele estava sendo honesto. Ouvi o barulho da chuva e o som líquido de mais vinho sendo servido na taça. Eu já sabia que o perdera, talvez antes mesmo daquela noite na floresta. Mas não sabia que a perda o destruía tanto quanto a mim, se não mais.

Eu havia me apaixonado por sua vulnerabilidade tantos anos antes. Achava que isso o tornava diferente de todos os outros homens e deuses. Mas era sua infelicidade que me deixava desconfortável agora. Porque se havia uma coisa que eu tinha aprendido, era que a dor de um deus podia ser perigosa.



39

Ele içou as velas novamente e meu coração ficou mais leve. Por um momento achei que estávamos indo para casa. Estava enganada. Ele desviou o curso para a enseada principal de Argos, bem em frente à cidade onde Perseu o menosprezara. Depois foi embora, atravessando a arrebentação, gritando para as paredes vazias. Chamou as mulheres argivas, sua voz ribombando pela enseada. Do convés do navio, vi que elas se reuniam como pássaros no topo da muralha da cidade.

— Mulheres de Argos! — bradou ele. Sua voz era rica, suave, derramando-se como creme quando ele abriu os braços para elas. — Seu deus está chamando! Ouçam minhas palavras, pois preciso de todas vocês. — Um sorriso perpassou seu rosto, cálido e expansivo, os olhos com aquele glorioso brilho de travessura que eu lembrava do primeiro dia em que ele chegou a Naxos, logo após a derrota dos

marinheiros escravagistas, explodindo de alegria e totalmente irresistível.

Atentas e cautelosas, elas ficaram olhando para ele. Ninguém se movia.

Ele continuou, mas achei ter percebido uma leve hesitação por baixo do comportamento exuberante.

— Vocês agora têm a chance de agradar a um deus do Olimpo — disse ele. — Não lhes peço nada, apenas que venham até mim e escutem. O que seu rei lhes contou sobre mim está errado. Não existe pecado nem desgraça em seguir um deus poderoso. Venham comigo e aprendam os mistérios dionisíacos. Se quiserem ir embora, não as impedirei. Desejo apenas compartilhar a glória com todas, jovens ou idosas, a ninguém serão negadas as maravilhas de meus ritos! Os segredos que tenho para dividir com vocês, a chave para a vida e a morte… venham agora e estarão sob a minha proteção.

Elas certamente não tinham deixado de notar a ameaça implícita naquelas palavras estranhamente distorcidas.

Eu me senti tão fria e desamparada ao observá-lo pedir que uma centena de mulheres o seguisse. Uma pontada de vergonha fustigou a desolação que eu experimentava. O que eu faria agora que meu marido-deus estava sedento pela companhia de todas as mulheres do mundo; agora que o amor que tínhamos construído juntos só parecia lhe causar dor?

Mesmo assim, as mulheres argivas não se moveram em direção a ele, e o medo palpitou em meu peito. Por mais que eu quisesse que elas continuassem onde estavam – na esperança de que ele fosse desistir e ir embora, deixá-las em paz –, uma certeza funesta crescia dentro de mim. Ele não iria embora.

— Sigam-me! — gritou para elas. — Abandonem seus pais, seus maridos, seus opressores tirânicos! Venham para a floresta com as minhas bacantes; descubram o que podem se tornar quando forem verdadeiramente livres!

Temi que ele estivesse possuído por uma loucura. Acima dele, elas balançavam as cabeças, viravam as costas. Vi qual era o plano dele: atrair as mulheres para fora da cidade e introduzi-las em seus mistérios. Ele achava que Perseu seria forçado a aceitar seu culto se quisesse as mulheres de volta.

Mas não estava funcionando. Dava para ver que elas não queriam ir. Em grupos, elas foram retornando para a segurança de suas casas. Ele agora berrava para ninguém.

Dioniso virou as costas para a cidade. Vi o rosto dele, estranhamente inexpressivo. Levantou o cajado com a ponta de hera em direção ao céu e depois bateu-o com força no chão. Estremeci. Seus lábios se abriram revelando os dentes, e agora era a linguagem antiga e indecifrável que saía de sua boca.

Primeiro apareceram as serpentes, desenrolando-se em grandes voltas vindas da floresta. Sibilavam em coro, como ondas quebrando ou chuva caindo. O céu escureceu acima de nós, e tudo foi banhado por um brilho lívido.

Agora as mulheres se apresentavam, saindo num grande fluxo pelas portas de bronze. Eu as via rolando pelo chão, agarrando a cabeça como se o crânio fosse explodir. Uivavam de dor atormentadas, longos balbucios sem sentido escapavam de suas bocas. Estavam ensandecidas, feito animais.

Pensei nos piratas, tombando no convés em suas novas formas estranhas de golfinhos. Imaginei com horror se ele pretendia

transfigurar as mulheres. Mas parecia que apenas suas mentes, e não os corpos, estavam sendo atingidas. Elas rangeram os dentes e gemeram juntas e foram se levantando do chão. E numa grande onda, eu as vi se movendo como um corpo só para dentro da cidade. O barulho monstruoso de sua procissão chorosa me lembrou das mulheres de Atenas com seu lamento estridente por Fedra. Senti um vazio nauseante se formar no estômago e tive ânsia, rios de lágrimas apavoradas escorrendo pelo meu rosto.

A intenção dele era levá-las à loucura? Seria essa a lição que ensinaria a todos? Fiquei olhando para ele, rodeado pelas serpentes inquietas que havia convocado, os uivos inumanos das mulheres reverberando pelo céu. Eu não conseguia mais assistir à cena. Pressionei a mão contra a boca, fugi para as cabines abaixo do convés, onde as bacantes estavam reunidas, mudas de terror. Seus rostos me diziam que aquela fúria liberada por Dioniso era desconhecida para elas; alguma mudança ocorrera nele, e minha frágil esperança de que elas talvez soubessem como acalmá-lo murchou.

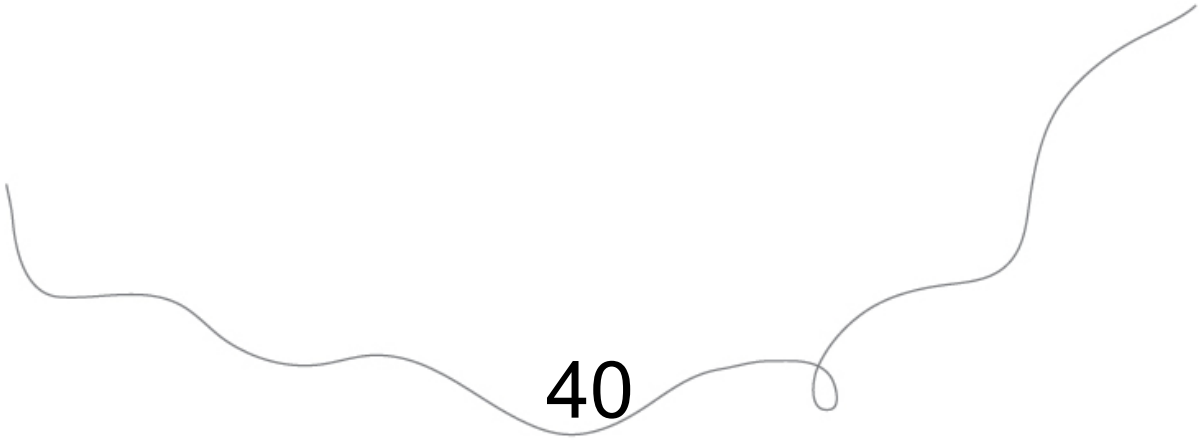
— O que nós podemos fazer? — perguntei desesperada.

Sob o barulho horripilante dos gritos das mulheres, escutei um outro som. Um coro de balidos fracos e agudos.

Eu já tinha visto uma cabra ser destroçada no frenesi do ritual. Quando fechava os olhos, ainda via as mãos em volta das pernas frágeis. Escutava os gritos impotentes. Via os rostos ausentes e inexpressivos das mulheres fechando o cerco. Amaldiçoei minha covardia, mas não consegui me obrigar a sair do navio, a assistir àquela selvageria outra vez, reencenada de novo e de novo.

Fiquei com as bacantes, nossas mãos entrelaçadas com força.

Esperamos até tudo acabar.



40

Não sei quanto tempo se passou até o barulho se extinguir por completo. Os guinchos ensandecidos que martelavam minha cabeça como num pesadelo deram lugar a um canto sombrio que fez minha pele descolar dos ossos, e a isso se seguiram uivos de uma alegria insana. Por fim, o choro. Fraco a princípio, depois aumentando como a chuva.

E então o silêncio.

Olhei para as mulheres assustadas que se agrupavam ao meu redor. Tinham vindo até Dioniso, até Naxos, buscando proteção. Uma vida de paz, longe daqueles que tentavam tornar suas vidas miseráveis e atormentadas. Não era para aquilo que tinham nos procurado. Dentro do peito, senti uma raiva contra meu marido se solidificar. Ele nos mantinha soluçando de medo na escuridão do navio enquanto lançava seus truques perversos sobre as mulheres argivas. Elas não haviam lhe feito nada a não ser recusá-lo.

Eu não deixaria que isso acontecesse outra vez. Pus-me de pé, cambaleei até o convés do navio, inspirei o bem-vindo ar lá de cima. Virei-me para encarar a cidade.

A brisa estava leve e fresca; as nuvens acima de nós prometiam uma chuva regeneradora para limpar o mundo. Nada de serpentes, nada de tempestades, nada de deuses loucos erguendo cajados em direção ao céu para vinganças terríveis. Nada de mulheres. As imensas portas de bronze da cidade estavam fechadas; seus segredos trancados a sete chaves lá dentro.

E na praia, um rapaz de cabelos dourados, parado na areia com ar despreocupado, igual ao que era no dia em que bati os olhos nele pela primeira vez. Assim seria até que os mares se consumissem em ebulição e o domo do céu desabasse sobre a terra.

Ele ergueu os olhos para mim. Não fui capaz de ler ali o que ele tinha feito.

E então ele estava diante de mim, no navio. Como uma estátua de si mesmo, seu rosto não revelava nada. Não consegui me aproximar dele.

Um único berro monstruoso rasgou o silêncio. A muralha da cidade ainda estava de pé, lisa e imperturbável, mas agora outro berro se seguia a ele, e mais outro; gritos altos e o barulho de metal se chocando chegou a nós.

— O que está acontecendo lá dentro? — perguntei a ele.

Ele sorriu, um esgar estranho da boca, quase uma careta.

— Acredito que estejam se preparando para lutar.

— Por quê? — Eu não podia acreditar que estávamos tendo aquela conversa tão calmamente. Queria agarrá-lo pela túnica,

sacudi-lo até obter respostas, mas não sabia se ainda seria capaz de tocá-lo outra vez.

Por um segundo, a delicadeza de seu rosto se partiu, desmontou numa tristeza que sumiu quase no mesmo instante em que a vi.

Ele suspirou.

— Perseu vai querer se vingar de mim. — Parecia se tratar de uma pequena inconveniência.

Forcei-me a dar um passo trêmulo em sua direção.

— Pelo *quê*? — perguntei. — Dioniso, o que você fez?

Ele fez um movimento rápido, pegou meu cotovelo, me conduziu mais para o interior do navio. Estremeci ao toque de seus dedos em meu braço. Ele era um estranho para mim agora, como se alguém tivesse derramado outro homem no molde de meu marido. Eu não sabia o que ele estava pensando.

Empurrou para trás os cachos dourados que lhe caíam sobre a testa.

— Não era minha intenção…

Meu coração batia forte e dolorosamente.

— Um exército está vindo atrás de nós? Me diga.

— O exército de Perseu não é nada para mim — apressou-se a dizer. — Fique aqui, vou mantê-los afastados.

Engoli a relutância em tocá-lo, o instinto de me encolher dele, e tomei seu rosto nas mãos. Ele poderia ter me espantado como uma mosca, mas estava hesitante. Parecia tão jovem, seu rosto emoldurado por minhas mãos espalmadas, o sol brilhando atrás dele. Era como um menino pego numa travessura, uma mistura de culpa e rebeldia em sua expressão.

— Perseu está irritado, fazendo uma grande cena. Eu devia saber que ele faria isso. Vou lidar com a situação, ele não vai nos causar nenhum mal de fato. Mas é melhor você ficar aqui, fora de vista, enquanto eu o acalmo.

Era tão ridículo que eu quase caí na gargalhada – mas realmente, se havia alguém capaz de acalmar um exército de soldados raivosos, só podia mesmo ser Dioniso. Ele era famoso pelo dom do relaxamento, uma leve embriaguez dos sentidos, uma felicidade reconfortante, a alegria da boa companhia. Fiquei me perguntando como ele tinha conseguido provocar a ira de uma cidade que agora estava decidida a se vingar de nós. E se ele não conseguisse dissuadi-los? Anos antes, em Creta, eu ouvira Teseu dizer a Fedra que ela não gostaria de ter um exército à sua porta se soubesse o que os exércitos faziam.

— Dioniso, me diga por quê. — Eu havia gerado os filhos dele, havia lhe dedicado anos da minha vida. Merecia uma explicação agora que ele trazia uma guerra em minha direção, e ele sabia disso.

Ele soltou minhas mãos, afastou-se de mim.

— Chamei as mulheres — disse ele, como se eu não tivesse visto quando isso aconteceu. — Elas rejeitaram minhas palavras, meu convite ao culto. Repetiram o que Perseu havia dito, viraram as costas, alegaram que não beberiam vinho, que a bebida era suja e lhes traria somente vergonha e depravação. Disseram que não queriam meus ritos; recusaram tudo que eu poderia lhes mostrar. Insistiram em se manter obedientes a seus homens… — Ele fez uma pausa. — Fiquei com raiva.

— Então fez com que elas enlouquecessem, como Hera fez com você quando o expulsou do Olimpo — falei arfando.

Ele me olhou de relance.

— Você viu o que eu fiz. Invoquei meu pai, Zeus, e então as mulheres vieram até mim. Não sabiam o que estavam fazendo. Eu lhes mostraria meu poder, o êxtase. Provaria a elas… — Ele parou.

— As cabras? — arrisquei.

Ele balançou a cabeça.

— As mulheres voltaram para dentro dos muros da cidade, o véu da loucura cegando-as para os próprios atos. Não trouxeram cabras. — Ele desviou o olhar.

Minhas unhas afundaram na palma da mão enquanto eu esperava.

— Eu sempre as trazia de volta. Depois do frenesi, eu sempre conseguia restaurá-las, inteiras e ilesas. É o presente que eu trago.

A náusea se revirava em meu estômago.

— O que elas trouxeram para você?

Um abismo se expandia entre nós. Ele balançou a cabeça como se estivesse exasperado, como se aquilo fosse uma confusão perturbadora.

— Elas me trouxeram seus bebês.

Aquele não podia ser o meu marido. Não podia ser o deus gentil e atormentado pelo qual eu me apaixonara. Dioniso conhecia a doçura de ter os corpos macios dos filhos aninhados em seus braços. Conhecia sua preciosa e indescritível fragilidade. Balancei a cabeça com força. Não. Não podia ser.

— Trazer uma vida humana de volta desse limiar… — disse ele. — Não foi a mesma coisa. Algumas diferenças, talvez, no encantamento… Eu não sei. Mas assim que o frenesi terminou, não fui capaz de lhes devolver os filhos.

Pasífae. Sêmele. Medusa. Agora uma centena de mães enlutadas. O preço que pagávamos pelo ressentimento, pela luxúria e ganância dos homens arrogantes era a nossa dor, clara e reluzente como a lâmina de uma faca recém-afiada. Dioniso já me parecera o melhor homem de todos, mas agora eu o via pelo que realmente era, igual ao mais poderoso dos deuses. Ou ao mais reles dos mortais.

Atrás de mim, as bacantes soluçavam sem que eu tivesse notado a aproximação delas. O som baixo do desespero das mulheres se perdia em meio ao bramido abafado do exército que vinha da cidade, a horda vingativa que Dioniso esperava pacificar. Pensei no que eu faria se alguém arrancasse um único fio de cabelo de um dos meus filhos. Ele havia assassinado as crianças de toda uma cidade. Nem mesmo a língua dourada de um olimpiano poderia encontrar palavras que aplacassem a revolta causada por tamanha atrocidade.

Eu não conseguia chorar por aquelas mães. A magnitude, o imenso abismo da agonia delas era algo que eu não era capaz nem de conceber. Lágrimas seriam inúteis, um insulto a um sofrimento mais profundo do que a fossa mais funda do oceano. A paz frágil de Naxos se sustentava porque eu dizia a mim mesma que meu marido oferecia um refúgio às mulheres injustiçadas do mundo, uma válvula de escape para sua dor. Mas ele havia finalmente ultrapassado o pai disparador de raios e o tio estremecedor de terra: nem mesmo eles tinham jamais devastado tantas mulheres de uma vez. Em termos de desgosto, Dioniso agora poderia se autoproclamar o maior de todos os deuses. Poderia medir a própria glória pelo tormento feminino e alardear sua lenda pelos céus como o conquistador de criancinhas, destruidor dos inocentes.

Enormes gotas douradas estavam começando a cair do céu, pingando em meu rosto virado para cima. Esfriando a pele e clareando a mente. Pensei em Eufrosina. Sua perda era tão grande quanto a de qualquer mãe enlutada, mas ela havia encontrado consolo em Naxos, ainda que não tivesse recuperado a filha. Mesmo sem a onda de angústia que Dioniso derramara sobre Argos, tantas outras mulheres logo estariam desesperadamente necessitadas de um refúgio como aquele. Mas elas não o encontrariam enquanto Dioniso governasse a nossa ilha, nem se Naxos fosse reduzida a cinzas pelo exército de Perseu, pois eu sabia que, se Dioniso não conseguisse contê-los, eles iriam atrás do que lhes era devido. Meus cinco filhos estavam em Naxos. Os filhos de Dioniso.

Escutei o clangor do bronze. As portas da cidade escancaradas. O rugido dos soldados avançando sobre nós.

Minha mente estava cristalina: clara, dura, brilhante.

— Vá — falei rapidamente para Dioniso. — Detenha-os; faça o que puder. Mas não os machuque. E quando terminar aqui, você vai embora. Espalhe seu culto perverso onde quiser. Mas deixe Naxos para mim e para as mulheres.

Ele olhou para mim. Não respondeu. E então sumiu.

Virei-me ofegante para as bacantes.

— Vou tentar fazer um apelo em nome da paz — falei rapidamente para elas. — Irei até Perseu pedir a misericórdia dele. Somos mulheres e crianças e não lhe fizemos nada. A culpa é toda de Dioniso. Não iremos pagar o preço pelo que ele fez. Prometerei a Perseu: Naxos não será mais lar de rituais sangrentos e sacrifícios. Seremos apenas nós, mulheres e crianças, e não ameaçaremos ninguém.

Vi em seus olhos que elas aceitavam. Mas vi também que duvidavam de que eu fosse conseguir.

Eu me virei e vi o movimento dos soldados cruzando a praia como uma maré escura e viscosa. Dioniso marchava em direção às armaduras pretas dos soldados, um deus dourado e imponente. Um verdadeiro olimpiano, afinal.

Acima do tropel dos homens, parado no topo da colina atrás deles, o inconfundível Perseu. Seu escudo brilhava prateado na chuva, descoberto para revelar a visão monstruosa de Medusa gritando no metal em que fora fixada para sempre. Eu tinha que agir naquele momento, rápido, antes que ele ordenasse o ataque. Precisava fazer meu discurso antes que meu marido causasse ainda mais confusão, sem jamais lhe ocorrer que seriam as mulheres que sofreriam por isso, mais uma vez.

Cerrei os dentes. Eu não tinha armadura, nenhuma proteção. Precisava ir agora ou seria tarde demais.

Subi desajeitada na amurada do navio e pulei lá embaixo, na arrebentação congelante. Venci o caminho com dificuldade, os olhos fixos na figura de Perseu.

Dioniso começou a falar, sua voz divina ribombando pela enseada.

— Argivos, esta é sua única chance! Abaixem as armas antes de avançarem contra seu deus. Eu lhes concederei misericórdia como meus seguidores.

Ele continuou com seu discurso grandiloquente enquanto eu corria o mais rápido que conseguia, olhando somente para Perseu. Não podia me permitir pensar naquele exército chegando a Naxos, no terror no rosto de meus filhos.

Eu estava beirando as tropas, lutando para abrir caminho entre a massa de soldados argivos, me esgueirando entre as pesadas placas de bronze presas a cada um dos enormes peitorais musculosos. Ouvia o alvoroço, as frases pela metade à medida que o peso deles me pressionava, sufocando o ar em meus pulmões. Já não sentia a chuva no rosto, só a respiração pesada dos homens ao meu redor, seus rostos bloqueando a luz do céu, até que tropecei, ofegante, para um providencial espaço vazio.

O sopé da colina. Comecei a escalar a encosta. Os arbustos dispersos e espinhosos arranhavam minha pele enquanto eu subia. Dava para ver Perseu lá em cima, a subida ficando mais plana sob meus pés conforme eu chegava mais perto, mas ele não me viu. Estava tão perto dele que conseguia ouvir as serpentes sibilando e se contorcendo na cabeça da Górgona presa ao escudo, mas por baixo disso escutei o som de uma voz feminina.

Havia uma mulher ao lado de Perseu, mais alta que ele. Vi um lampejo de sua coroa quando ela virou a cabeça, sussurrando no ouvido dele. Seus braços nus reluziam, alvos.

Desacelerei, fiquei olhando. Os olhos de Perseu estavam vidrados e vazios enquanto ele a escutava.

Ela levantou a cabeça, deu um passo e se afastou dele. Um sorriso satisfeito faiscou no belo rosto da mulher. Vi quando ela virou a cabeça na direção de Dioniso, o ódio irradiando de seus olhos grandes. E então ela olhou diretamente para mim, deslumbrante e presunçosa. Hera. Claro que ela estaria na batalha por sua cidade. O antigo pesadelo se formou à minha volta, atordoando-me por um momento enquanto eu sentia, mais uma vez, o peso sufocante daquele olhar.

Perseu jogou a cabeça para trás, soltou um longo grito de guerra. Dioniso levantou a cabeça, e enxerguei o choque em seu rosto quando ele me viu parada ali. Abaixo de nós, o clamor do bronze batendo; o grito de resposta dos homens reverberava enquanto eles avançavam contra meu marido.

Eu estava tão próxima de Perseu. Lembrei como ele havia me olhado através da planície pouco antes, o instante de compreensão que se passara entre nós. Abri a boca, as palavras de negociação prontas para sair dos meus lábios. Mas apesar de seus olhos estarem pousados em mim, seu olhar vidrado permanecia cego. Qualquer que fosse a visão tecida por Hera, detinha toda sua atenção, cegava-o para mim. Estendi os braços em direção a ele, tentando desesperadamente impedi-lo, arrancá-lo do transe, mas ele andou para a frente. Ergueu a enorme espada, pronto para mergulhar na batalha lá embaixo, e dei um passo para o lado bem no momento em que ele puxou o grande disco de prata que trazia na lateral do corpo. Olhei diretamente para o escudo antes de conseguir virar a cabeça, em cheio no rosto contorcido ali no centro.

Os olhos dela fixos nos meus. Achava que seriam verdes, como a fria pele reptiliana que se agitava em sua cabeça. Mas eram azuis: um céu sem nuvens, um oceano plácido. Um poço inesgotável de mágoa; uma melancolia safírica surpreendentemente delicada. O trovão da batalha foi emudecendo até um zumbido fraco, mais distante a cada segundo. Pensei que devia tentar ficar de pé, mas minhas pernas estavam tão pesadas. Em algum lugar muito distante, um feixe de chama dourada queimou na borda do meu campo de visão, mas minha cabeça não se movia para que eu pudesse ver.

Enquanto a lenta maré pétrea inundava meu corpo, fria e paralisante, ele se moveu e surgiu à minha frente. Já não havia som, e minha boca estava congelada num formato tolo de susto. Não consegui dizer seu nome, mas na vagarosa pulsação da minha mente, sabia quem era.

Notei, com um salto de espanto quase imperceptível, que ele estava chorando.

— Ariadne — disse ele. Seus dedos contornaram a superfície plana do meu rosto, mas eu já não sentia seu toque.

Eu sabia que não havia mais luta ao nosso redor e que, de algum jeito, ele me suspendera para longe de tudo. Por trás do rosto dele, somente o vazio do céu. Ele estava falando de novo, mas eu não ouvia nada. Pressionou o rosto contra o meu: pedra fria contra a carne imortal. A dor que ele sentia. Permeando a paralisia que se espalhava por minha mente. Eu sentia a angústia, o pulsar entrecortado de sua dor. O luto de um deus. Foi quando eu soube; não havia nada que ele pudesse fazer. Em algum lugar na bruma espessa dos pensamentos, evoquei a imagem do rosto de meus filhos; trouxe-os para o primeiro plano de minha visão que desaparecia e vi todos nós juntos mais uma vez, como já estivéramos.

O intervalo de uma dezena de batimentos que se extinguiam. Nosso último abraço.

Então Dioniso se afastou de mim, um olhar resoluto abrandando seu semblante, suavizando a expressão aflita no rosto que eu conhecia tão bem.

Agitou a mão com um gesto que eu já vira no passado, apenas uma vez. Anos antes, aquele movimento lançara meu diadema

nupcial numa espiral em direção ao céu. Eu havia pensado que o diadema estava perdido nas profundezas do mar, mas ele me dissera para olhar para cima, dentro da noite, onde eu o veria queimando por toda a eternidade.

Não conseguia escutar o que ele estava dizendo, mas só podia ser uma coisa.

Adeus.

Meus olhos o encaravam inexpressivos, mas torci para que ele tivesse ouvido a minha resposta quando o sangue pulsando dentro de mim endureceu e congelou, e o último lampejo da minha mente se transformou em pedra.

Epílogo

Flutuo num breu de nanquim. Um minúsculo ponto de luz visto de onde você está, mas incandescente como uma chama. Explodo em vida quando Hélio conduz sua carruagem para além do horizonte, a joia cintilante no centro do diadema. Meus pensamentos agora são lentos e pesados, ressoando no coração profundo da eternidade, mas vejo a completude da vida abaixo de mim.

Meus filhos foram criados, assim como o pai antes deles, por bacantes gentis. Sem terem sido amaldiçoados com o fardo do sangue imortal, são tranquilos e indiferentes aos anseios pela glória. Levam vidas pacatas e triviais – o maior presente que poderiam ter recebido. Quando a hora deles chegar, Hermes os guiará gentilmente até aquela costa escura, onde passarão para o reino de Hades sem arrependimentos nem aspirações por uma fama lendária. Dioniso deixou Naxos para eles e para as bacantes depois que negociou a paz com Perseu e fez grandes reparações aos argivos. Os dois irmãos seguiram com sua rivalidade, mas não houve mais

derramamento de sangue, e a disputa pela supremacia esfriou. Dioniso assumiu seu lugar no monte Olimpo e nossa ilha ficou para as mulheres.

Daqui de cima, vagando pela escuridão infinita, ouço as preces delas: das mulheres de Naxos, de Creta, de Atenas e Argos e dos cantos mais remotos do mundo. Elas recorrem a mim quando as contrações se aproximam, quando lutam na maior das batalhas humanas, quando reúnem cada gota de determinação que têm para trazer outra luz ao universo; apelam a mim pela segurança de seus bebês, quentes e úmidos em seus braços. E daqui, no domo escuro do céu noturno, eu as escuto. Lanço minha luz sobre elas e as banho com um brilho inextinguível, convocando-as a compartilhar essa nossa força incansável.

Agradecimentos

Escrever isto parece uma tarefa quase impossível – não sei por onde começar a agradecer às várias pessoas que, como eu percebi, são necessárias para trazer um livro ao mundo. Vou começar com um profundo pedido de desculpas a quem quer que eu tenha deixado de fora! Acontece que, apesar de ter imaginado muitas versões de agradecimentos em inúmeros sonhos e devaneios, na hora de escrevê-los é difícil encontrar as palavras para expressar minha gratidão de forma adequada.

Em primeiro lugar, tenho que agradecer à minha agente incrível, Juliet Mushens. Ela viu o potencial do meu rascunho em nossa primeira reunião e me ajudou com a visão e as ferramentas necessárias para transformá-lo. Não é um exagero dizer que ela transformou a minha vida também.

Sou muitíssimo grata à equipe maravilhosa da Wildfire Books. É um grande privilégio trabalhar com pessoas tão dedicadas e apaixonadas por livros. Minha editora, Kate Stephenson, é afiada e inspiradora, e tive a sorte inacreditável de ela ter dado seu toque mágico a *Ariadne*. Minha editora nos Estados Unidos, Caroline Bleeke, da Flatiron Books, é igualmente incrível, e me sinto honrada por ter tido mulheres tão talentosas intercedendo por meu livro.

Agradeço também a Shan Morley Jones, que fez a preparação do texto e cuja atenção meticulosa aos detalhes é impressionante. Quero agradecer ainda à equipe de Licenciamento de Direitos por ter levado *Ariadne* para o mundo inteiro.

Eu queria escrever um mito grego que trouxesse as mulheres para o primeiro plano, por isso preciso reconhecer as tantas mulheres marcantes e inspiradoras da minha vida. As mulheres do Honley English Department (Caroline, Rachel, Sarah, Suriana, Claire, Emma, Lucinda e Nicole) acreditaram em mim e me apoiaram durante anos. Aprendi demais com todas elas e sou muito grata por tê-las em minha vida. Do mesmo modo, tenho sorte por ter amigos e amigas de infância, da escola, do trabalho ou de grupos de mães que sempre me encorajaram a escrever.

Um agradecimento especial a Bee, que acompanhou do outro lado do oceano Atlântico cada passo da jornada de *Ariadne*, e a Clare, Fiona, Johanna, Jo e Sean por todos os anos de amizade.

Ariadne é um livro centrado na sororidade. No centro da minha vida está o relacionamento com as minhas irmãs, Sally e Catherine, que são fontes constantes de consolo, sabedoria, risadas e amor.

Também tive a grande sorte de me casar com um homem cuja família maravilhosa me dá muito apoio. Sou grata especialmente à minha sogra, Lynne, por tudo – sem esquecer da *petite maison*, na Normandia, onde o final de *Ariadne* foi escrito.

Meus pais, Tom e Angela, tiveram uma fé inabalável em mim, e o amor e o apoio deles sempre me sustentaram.

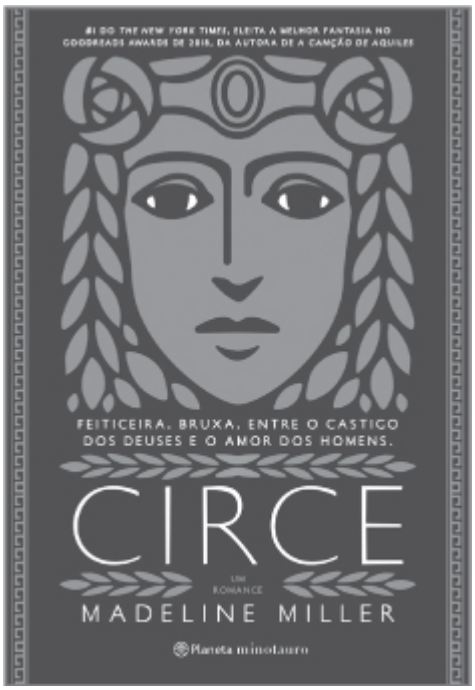
Finalmente, obrigada ao Alex, por não ser nada como os homens deste livro e por ser tudo de que eu preciso.

Sobre a autora

O fascínio pela mitologia da Grécia Antiga, que a acompanha por toda a vida, levou Jennifer Saint a cursar Estudos Clássicos no King's College, em Londres. Nos treze anos seguintes, deu aulas de Inglês e compartilhou com seus alunos a paixão pela literatura e pela escrita criativa. *Ariadne* é seu primeiro romance, e ela já está escrevendo um segundo livro baseado em outro mito antigo.

LEIA TAMBÉM

CIRCE, de Madeline Miller



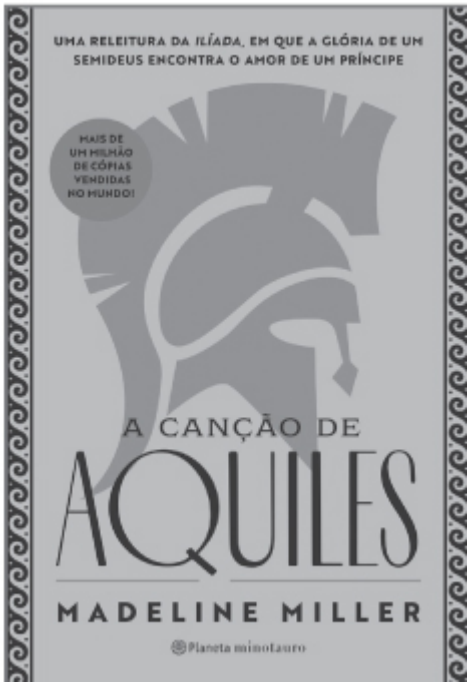
Na casa do grande Hélio, divindade do Sol e o mais poderoso da raça dos titãs, nasce uma menina. Circe é uma garotinha estranha: não parece ter herdado uma fração sequer do enorme poder de seu pai, muito menos da beleza estonteante de sua mãe, a ninfa Perseis. Deslocada entre deuses e seus pares, os titãs, Circe procura companhia no mundo dos homens, onde enfim descobre possuir o poder da feitiçaria, sendo capaz de transformar seus rivais em monstros e de aterrorizar os próprios deuses.

Sentindo-se ameaçado, Zeus decide bani-la a uma ilha deserta, onde Circe aprimora suas habilidades de bruxa, domando perigosas feras e cruzando caminho com as mais famosas figuras de toda a mitologia grega: o engenhoso Dédalo e Ícaro, seu filho imprudente, a sanguinária Medeia, o terrível Minotauro e, é claro, Odisseu.

E os perigos são muitos para uma mulher condenada a viver sozinha em uma ilha isolada. Para proteger o que mais ama, Circe deverá usar toda a sua força e decidir, de uma vez por todas, se pertence ao reino dos deuses ou ao dos mortais que ela aprendeu a amar.

Personagens vívidos e extremamente cativantes, aliados a uma linguagem fascinante e um suspense de tirar o fôlego, fazem de Circe um triunfo da ficção, um épico repleto de dramas familiares, intrigas palacianas, amor e perda. Acima de tudo, é uma celebração da força indomável de uma mulher em meio a um mundo comandado pelos homens.

A CANÇÃO DE AQUILES, de Madeline Miller



Grécia Antiga, o lar de deuses e reis. Pátroclo, um jovem e tímido príncipe, acaba exilado no reino de Fítia, após um acontecimento trágico. Em seu novo lar, longe de tudo o que conhecia, ele encontra Aquiles – filho do rei e da deusa Tétis.

Aquiles é tudo o que Pátroclo não é: extraordinário em todos os sentidos, belo e com um futuro brilhante já delimitado por uma profecia. Mesmo com essas diferenças, eles desenvolvem uma conexão profunda e se tornam inseparáveis. Durante anos, passam a vida assim, lado a lado, crescendo juntos. E, quando se tornam jovens adultos, esse relacionamento muda para algo ainda mais intenso.

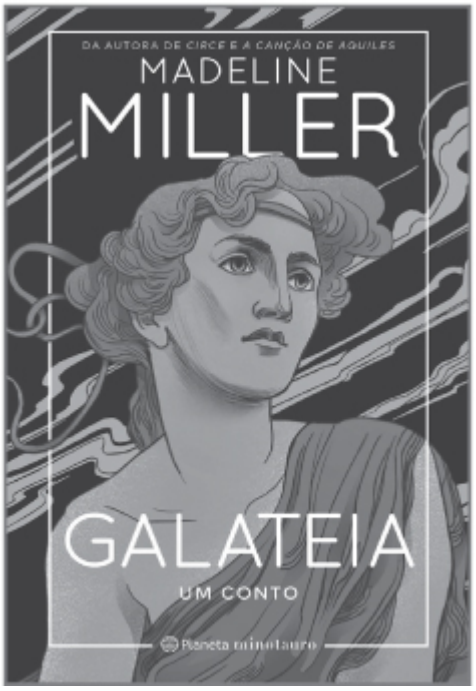
A vida idílica que levam é interrompida quando surge a notícia de que Helena de Esparta foi raptada e que os homens gregos devem partir imediatamente para Troia a fim de libertá-la. Aquiles vê nessa guerra a oportunidade perfeita para enfim cumprir seu destino

heroico e decide deixar para trás a corte e seguir para a batalha. Pátroclo, movido pelo amor que sente por Aquiles, o acompanha.

No entanto, mal sabem eles que, além de glória e amor, o destino também tem reservado uma grande dose de sacrifícios.

Baseada na *Ilíada* de Homero, *A canção de Aquiles* já encantou centenas de milhares de leitores ao redor do mundo. É uma história sobre o poder do amor e a força do destino, mas também das grandes batalhas entre deuses e reis, de paz e glória, de fama eterna e dos segredos do coração humano.

GALATEIA, de Madeline Miller



Neste conto, a autora Madeline Miller faz uma releitura feminista e corajosa do mito grego de Pigmalião, o hábil escultor que se apaixona por sua obra-prima em mármore: Galateia.

Uma prisão no topo de um penhasco. Dentro dela, uma mulher é monitorada dia e noite por médicos e enfermeiros. Repetidamente, e sem que ela saiba quando, um homem a visita. Quando ele vem, a mulher deve se transformar em pedra... e, então, voltar à vida em suas mãos.

Neste conto, Madeline Miller faz uma releitura corajosa do mito grego de Pigmalião, o hábil escultor que se apaixona por sua obra-prima em mármore: Galateia. Pela graça de uma deusa, Galateia ganha vida e, na versão de Miller, casa-se depois com Pigmalião – mas, quando ela começa a seguir seu próprio caminho e não pode mais suportar as tentativas de controle e o ciúme do marido, acaba submetida a um destino cruel.

Galateia deseja a liberdade. Ela elabora um plano. E, fria e dura como pedra, ela irá colocá-lo em prática.

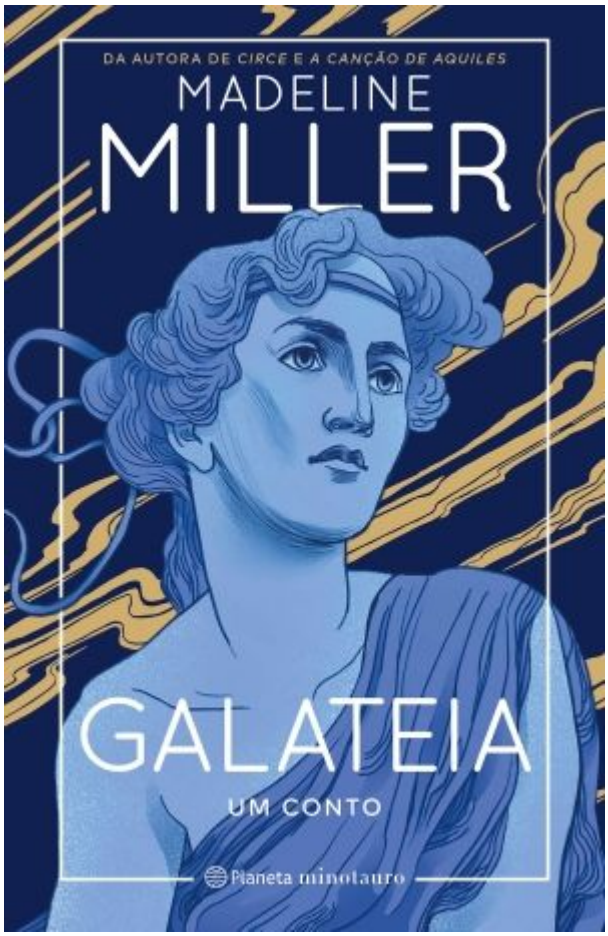
© Katie Byram Photography

JENNIFER SAINT cresceu lendo mitologia grega e sempre foi atraída pelas histórias “não contadas”, aquelas escondidas nos mitos. Depois de trabalhar por treze anos como professora de inglês, decidiu dedicar-se à escrita de *Ariadne*, recontando o mito do confronto entre Teseu, príncipe e herói de Atenas, e o temível Minotauro na perspectiva da mulher que permitiu que esse confronto final acontecesse. Atualmente, Jennifer Saint é autora em tempo integral, morando em Yorkshire, Inglaterra, com o marido e dois filhos.

planetaminotauro
PlanetaLivrosBR
Planetadelivrosbrasil
PlanetadeLivrosBrasil

planetadelivros.com.br
Planetadelivrosbrasil

#acreditamosnoslivros


DA AUTORA DE *CIRCE* E *A CANÇÃO DE AQUILES*
MADELINE
MILLER
GALATEIA
UM CONTO
Planeta minotauro

Galateia

Miller, Madeline

9786555358179

96 páginas

Compre agora e leia

Neste conto, a autora best-seller de *Circe* e *A canção de Aquiles* Madeline Miller, faz uma releitura feminista e corajosa do mito grego de Pigmalião, o hábil escultor que se apaixona por sua obra-prima em mármore: Galateia.

Uma prisão no topo de um penhasco. Dentro dela, uma mulher é monitorada dia e noite por médicos e enfermeiros. Repetidamente, e sem que ela saiba quando, um homem a visita. Quando ele vem, a mulher deve se transformar em pedra... e, então, voltar à vida em suas mãos.

Neste conto, Madeline Miller faz uma releitura corajosa do mito grego de Pigmalião, o hábil escultor que se apaixona por sua obra-prima em mármore: Galateia. Pela graça de uma deusa, Galateia ganha vida e, na versão de Miller, casa-se depois com Pigmalião – mas, quando ela começa a seguir seu próprio caminho e não pode mais suportar as tentativas de controle e o ciúme do marido, acaba submetida a um destino cruel.

Galateia deseja a liberdade. Ela elabora um plano. E, fria e dura como pedra, ela irá colocá-lo em prática.

Compre agora e leia

GRISHAVERSO
SOMBRA E OSSOS
NETFLIX
UMA SÉRIE ORIGINAL DA NETFLIX
LEIGH BARDUGO
Planeta
minotauro

SOMBRA E OSSOS

Bardugo, Leigh
9786555352955
288 páginas

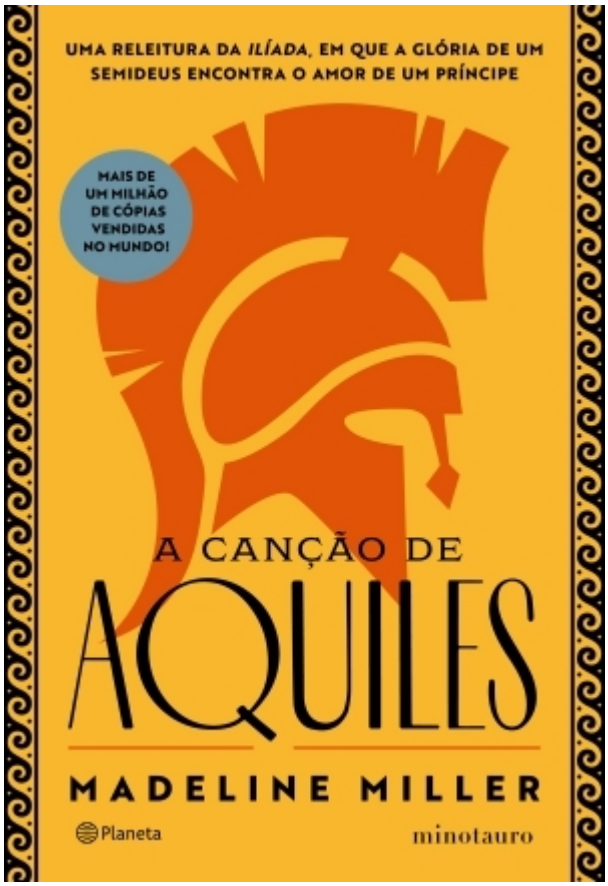
Compre agora e leia

O clássico do Universo YA em uma nova edição
Em um país dividido pela Dobra das Sombras – uma faixa de terra povoada por monstros sombrios – e no qual a corte real está repleta de pessoas com poderes mágicos, Alina Starkov pode se considerar uma garota comum. Seus dias consistem em trabalhar como cartógrafa no Exército e em tentar esconder de seu melhor amigo, Maly, o que sente por ele.
Quando Maly é gravemente ferido por um dos monstros que vivem na Dobra, Alina, desesperada, descobre que é muito mais forte do que pensava: ela é consegue invocar o poder da luz, a única coisa capaz de acabar com a Dobra das Sombras e reunificar Ravka de uma vez por todas.
Por conta disso, Alina é enviada ao Palácio para ser treinada como parte de um grupo de guerreiros com habilidades extraordinárias, os Grishas. Sob os cuidados do Darkling, o Grisha mais poderoso de todos, Alina terá que aprender a

lidar com seus novos poderes, navegar pelas perigosas intrigas da corte e sobreviver a ameaças vindas de todos os lados.
***

"A trilogia Grisha faz uma releitura, brilhante e com ares épicos, da história russa; é a junção de Anna Kariênina com magia. [...] Bardugo cria uma aventura de primeira linha, com romance envolvente e um mistério intrigante!"
– RICK RIORDAN
"Diferente de tudo o que já li."
– VERONICA ROTH

Compre agora e leia


UMA RELEITURA DA *ILÍADA*, EM QUE A GLÓRIA DE UM SEMIDEUS ENCONTRA O AMOR DE UM PRÍNCIPE
MAIS DE UM MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS NO MUNDO!
A CANÇÃO DE
AQUILES
MADELINE MILLER
Planeta
minotauro

A canção de Aquiles

Miller, Madeline

9786555354263

336 páginas

Compre agora e leia

Quando a glória de um semideus encontra o amor de um príncipe. Sucesso internacional, com mais de um milhão de cópias vendidas, em nova edição!

MAIS DE 30 SEMANAS CONSECUTIVAS NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO THE NEW YORK TIMES

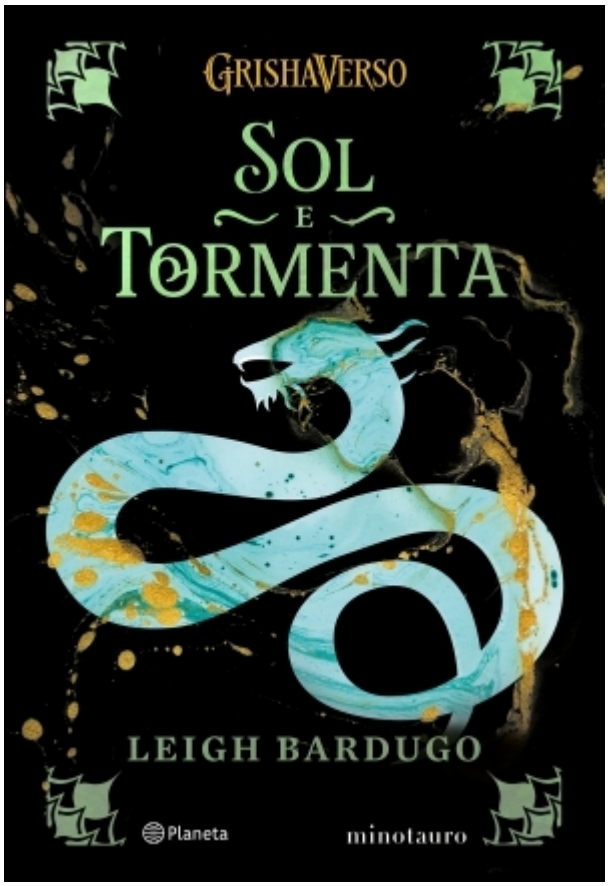
Grécia Antiga, o lar de deuses e reis. Pátroclo, um jovem e tímido príncipe, acaba exilado no reino de Fítia, após um acontecimento trágico. Em seu novo lar, longe de tudo o que conhecia, ele encontra Aquiles – filho do rei e da deusa Tétis. Aquiles é tudo o que Pátroclo não é: extraordinário em todos os sentidos, belo e com um futuro brilhante já delimitado por uma profecia. Mesmo com essas diferenças, eles desenvolvem uma conexão profunda e se tornam inseparáveis. Durante anos, passam a vida assim, lado a lado, crescendo juntos. E, quando se tornam jovens adultos, esse relacionamento muda para algo ainda mais intenso. A vida idílica que levam é interrompida quando surge a notícia de que Helena de Esparta foi raptada e que os homens

gregos devem partir imediatamente para Troia a fim de libertá-la. Aquiles vê nessa guerra a oportunidade perfeita para enfim cumprir seu destino heroico e decide deixar para trás a corte e seguir para a batalha. Pátroclo, movido pelo amor que sente por Aquiles, o acompanha. No entanto, mal sabem eles que, além de glória e amor, o destino também tem reservado uma grande dose de sacrifícios.

Baseada na Ilíada de Homero, **A Canção de Aquiles** já encantou centenas de milhares de leitores ao redor do mundo. É uma história sobre o poder do amor e a força do destino, mas também das grandes batalhas entre deuses e reis, de paz e glória, de fama eterna e dos segredos do coração humano.

"Miller se mantém fiel aos mitos gregos e ao trabalho de Homero ao mesmo
tempo em que preenche as lacunas da história de maneira criativa e convincente.
Ela traça a amizade e o suposto romance entre Pátroclo e Aquiles de maneira
a destacar o lado humano da guerra de Troia."
– RICK RIORDAN

Compre agora e leia


GRISHAVERSO
SOL
E
TORMENTA
LEIGH BARDUGO
Planeta
minotauro

SOL E TORMENTA

Bardugo, Leigh

9786555353372

352 páginas

Compre agora e leia

Segundo volume da trilogia Sombra e ossos, que inspirou a série da Netflix

O boi sente o jugo, mas será que o pássaro sente o peso de suas asas?

Na aguardada continuação de Sombra e Ossos, Alina e Maly precisam fugir das garras do Darkling após o terrível confronto na Dobra das Sombras.Apesar de finalmente ter se reunido com a pessoa mais importante de sua vida e de se ver livre do controle de Darkling e das pressões da corte, Alina está atormentada pela culpa depois dos acontecimentos na Dobra. Mas não há tempo para reflexões quando o seu principal objetivo é sobreviver. Nessa fuga frenética, em que precisa correr por sua vida e pelo destino de seu país, a Conjuradora do Sol acaba encontrando aliados – e inimigos – em figuras que nunca imaginou, como no corsário misterioso que é muito mais do que aparenta ser.Por sua vez, o Darkling está mais poderoso e determinado do que nunca. Com um novo poder assustador

e extremamente perigoso, ele não irá poupar esforços para encontrar Alina e conquistar o trono de Ravka. O cerco está se fechando.

Compre agora e leia

GRISHAVERSO
RUÍNA
E
ASCENSÃO
LEIGH BARDUGO
Planeta
minotauro

RUÍNA E ASCENSÃO

Bardugo, Leigh

9786555353730

336 páginas

Compre agora e leia

Terceiro volume da trilogia Sombra e ossos, que inspirou a série da Netflix "Não estou arruinada. Eu sou a ruína." Após o seu embate com o Darkling, Alina Starkov se vê encurralada no subsolo, tentando recuperar as forças para salvar Ravka das garras de seu oponente. Sob a proteção e a vigilância do Apparat, Alina atinge outro status – agora não é somente a Conjuradora do Sol, mas sim uma Santa que carrega em seus ombros a esperança de fiéis que rezam por um futuro mais brilhante. No entanto, invocar a luz nunca foi tão difícil. Com o futuro do país em suas mãos, Alina partirá em busca do terceiro amplificador de Morozova, o mitológico pássaro de fogo, com o objetivo de derrotar o Darkling e libertar Ravka de uma vez por todas. Eletrizante do começo ao fim, Ruína e Ascensão é a conclusão impecável da aclamada trilogia Sombra e Ossos, que inspirou a megaprodução da Netflix.

Compre agora e leia